

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMG

ALEXANDRE SILVA NOGUEIRA

**A EMERGÊNCIA DE UM CAMPO DE  
ATIVISMO DE DIREITA NO BRASIL: uma  
análise a partir do caso de Belo Horizonte-MG  
(2013 – 2019)**

Belo Horizonte - MG, 2022

ALEXANDRE SILVA NOGUEIRA

**A EMERGÊNCIA DE UM CAMPO DE ATIVISMO DE DIREITA NO  
BRASIL: uma análise a partir do caso de Belo Horizonte-MG (2013 – 2019)**

Tese de Doutorado defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Dimitri Fazito de A. Rezende.

Coorientador: Prof. Dr. Silvio Segundo Salej Higgins.

BELO HORIZONTE - MG, 2022

301 N778e 2022	<p>Nogueira, Alexandre Silva.</p> <p>A emergência de um campo de ativismo de direita no Brasil [manuscrito] : uma análise a partir do caso de Belo Horizonte-MG (2013 – 2019) / Alexandre Silva Nogueira. - 2022.</p> <p>253 f. : il.</p> <p>Orientador: Dimitri Fazito de A. Rezende. Coorientador: Silvio Segundo Salej Higgins.</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia</p> <p>1. Sociologia – Teses. 2. Ciência política – Filosofia – Teses. 3. Direita e esquerda (Ciência política) – Teses. 4. Movimentos sociais – Teses. I. Rezende, Dimitri Fazito de Almeida.. II. Higgins, Silvio Salej. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.</p>
----------------------	--



**PPGS UFMG**  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia | FAFICH

## **ATA DA DEFESA DE TESE**

### **ALEXANDRE SILVA NOGUEIRA**

Aos 17 (dezessete) dias do mês de Maio de 2022 (dois mil e vinte e dois), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Tese de Doutorado, intitulada: **“A emergência de um campo de ativismo de direita no Brasil: análise a partir do caso de Belo Horizonte-MG (2013-2019).”** A banca foi composta pelos (as) professores (as) doutores (as) **Dimitri Fazito de Almeida Rezende** (Orientador – DSO/UFMG), **Silvio Segundo Salej Higgins** (DSO/UFMG), **Antônio Carlos Andrade Ribeiro** (UFOP), **Marcus Abílio Gomes Pereira** (UFMG) e **Camila Rocha de Oliveira** (CEBRAP). Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação ( **X** )

Reprovação da Tese ( )

Para constar foi lavrada a presente ata, datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 03 de Maio de 2022.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** DIMITRI FAZITO DE ALMEIDA REZENDE  
Data: 30/05/2022 09:58:54-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

**Prof. Dr. Dimitri Fazito de Almeida Rezende** (Orientador – DSO/UFMG)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** SILVIO SEGUNDO SALEJ HIGGINS  
Data: 31/05/2022 10:27:29-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

**Prof. Dr. Silvio Segundo Salej Higgins** (DSO/UFMG)



# PPGS UFMG

Programa de Pós-Graduação em Sociologia | FAFICH



Documento assinado digitalmente  
ANTONIO CARLOS ANDRADE RIBEIRO  
Data: 30/05/2022 15:33:59-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

**Prof. Dr. Antônio Carlos Andrade Ribeiro (UFOP)**

**Prof. Dr. Marcus Abílio Gomes Pereira (UFMG)**

DocuSigned by:  
*Camila Rocha Rocha*  
418677D41D4A4FB.

**Prof. Dr. Camila Rocha de Oliveira (CEBRAP)**

*À minha avó, Francisca,  
minha mãe, Terezinha,  
minha tia, Ana, e meus irmãos,  
Alana, Amaury e Adelaine.*

# Agradecimentos

Dedico essa tese principalmente à minha avó e minha mãe, duas guerreiras que criaram eu e meus irmãos sozinhas em meio a tantas dificuldades. Minha avó sempre fazia questão de dizer que ela que tinha me matriculado na escola e que tinha me levado no meu primeiro dia de aula. Queria me ver num lugar que ela nunca pôde frequentar. Ao finalizar esta tese eu terminei de alguma forma essa trajetória que eu comecei com ela, mas sem que ela estivesse mais do meu lado. Acho que ficaria feliz se visse o neto virar doutor.

Além da minha mãe e minha avó, dedico também aos meus irmãos, Alana, Amaury e Adelaine. Deixo também um agradecimento aos meus queridos colegas de pós-graduação, do Mestrado e Doutorado, com os quais tive diálogos prazerosos e produtivos na saudosa salinha do CESAP, e que muito me ajudaram no término desta jornada. Agradeço, por fim, aos meus orientadores, Dimitri Fazito e Silvio Salej, pelos ensinamentos e apoio ao longo de toda a pós-graduação em Sociologia.

*“A função da Sociologia, como a de todas as ciências,  
é revelar o que está escondido.”*

Pierre Bourdieu

# Resumo

Nos últimos anos presenciou-se em Belo Horizonte a formação de uma cena de ativismo de direita bastante dinâmica que não existia na cidade antes do ano de 2013. Essa cena de ativismo é formada por uma série de movimentos sociais e ativistas individuais que têm ajudado a construir grandes protestos de rua na cidade e que também lutam por suas bandeiras nas mídias sociais e nos espaços institucionais de representação política. Esta tese tem como objetivo explicar a formação e a estrutura desse novo espaço de ativismo de direita. Ele não é uma exclusividade de Belo Horizonte, mas é parte do fenômeno mais amplo que tem sido chamado na literatura de “nova direita brasileira”. Vamos analisar a constituição desse espaço por meio das lentes de uma teoria de campos específica: a Teoria dos Campos de Ação Estratégica. Um campo de ação estratégica é uma mesoformação social em que atores individuais e coletivos coexistem competindo e cooperando a partir do compartilhamento de certos tipos de conhecimentos sobre o funcionamento desse espaço. Investigamos aqui os mecanismos sociais por trás do processo de formação desse espaço de ativismo de direita, assim como o papel que determinado tipo de ator social (os atores estratégicos) cumpre nesse processo. Procuramos também entender as identidades e valores que guiam as ações dos atores dessa nova direita, assim como o tipo de lógica de funcionamento do campo a que a dinâmica de relações entre esses atores deu origem. Os dados para essa análise vieram de observações participantes, entrevistas com lideranças, aplicação de questionários sociométricos e *webscraping* de mídias sociais. Os resultados das análises mostram que, ao contrário do que pressupõe a TCAE, o campo de ativismo da nova direita em BH se desenvolveu a partir de ondas de expansão, cada onda trazendo um conjunto diferente de atores e posições ao campo. Nesse processo de expansão percebe-se a influência dos três mecanismos postulados pela TCAE, a Atribuição de oportunidades, a Ação coletiva inovadora e a Apropriação social. Mas além desses, percebe-se também um quarto mecanismo, não pressuposto pela teoria, a Divisão Organizacional. Identificamos, por meio de Observação Participante e dos dados relacionais, os principais atores estratégicos (lideranças) do campo e mostramos como o papel desses atores na construção do campo variou conforme a fase de expansão do mesmo. Os dados também permitiram desenvolver um diálogo com a literatura nacional sobre o desenvolvimento da nova direita. Esses dados não negam a fotografia colocada pela literatura, mas acrescentam novos detalhes a ela, mostrando como a nova direita é composta também por novíssimos elementos, que não tem origens em (ou não tiveram contato com) antigos espaços de ativismo de direita brasileiros. Um segundo ponto desse debate com a literatura nacional tem a ver com o amálgama ideológico que seria uma característica da nova direita. Nossos dados mostram (1) que esse amálgama não é homogêneo entre os atores, mas desigual, instável e conflitivo; (2) com uma preponderância de elementos do conservadorismo no campo.

**Palavras-chave:** nova direita; campos de ação estratégica; movimentos sociais; trajetórias  
ativistas; redes sociais; discursos;

# Abstract

In recent years, Belo Horizonte has witnessed the formation of a very dynamic right-wing activism scene that did not exist in the city before 2013. This activism scene is formed by a series of social movements and individual activists that have helped to build large street protests in the city and who also fight for their banners on social media and in institutional spaces of political representation. This thesis aims to explain the formation and structure of this new space of right-wing activism. It is not unique to Belo Horizonte, but is part of the broader phenomenon that has been called in the literature the “new Brazilian right”. We will analyze the constitution of this space through the lens of a specific field theory: the Theory of Strategic Action Fields. A field of strategic action is a social mesoformation in which individual and collective actors coexist, compete and cooperate based on the sharing of certain types of knowledge about the functioning of this space. Here, we investigate the social mechanisms behind the process of formation of this space of right-wing activism, as well as the role that a certain type of social actor (strategic actors) plays in this process. We also seek to understand the identities and values that guide the actions of the actors of this new right, as well as the type of logic of the field’s functioning to which the dynamics of relations between these actors gave rise. Data for this analysis came from participant observations, interviews with leaders, application of sociometric questionnaires and social media *webscraping*. The results of the analyzes show that, contrary to what the TCAE assumes, the field of activism of the new right in BH developed from waves of expansion, each wave bringing a different set of actors and positions to the field. In this expansion process, the influence of the three mechanisms postulated by the TCAE, the Attribution of Opportunities, Innovative Collective Action and Social Appropriation, can be perceived. But in addition to these, a fourth mechanism is also perceived, not presupposed by the theory, the Organizational Division. We identified, through Participant Observation and relational data, the main strategic actors (leadership) in the field and we showed how the role of these actors in the construction of the field varied according to the expansion phase of the field. The data also made it possible to develop a dialogue with the national literature on the development of the new right. These data do not deny the photograph posed by the literature, but add new details to it, showing how the new right is also composed of brand new elements, which do not have their origins in (or have not had contact with) old spaces of Brazilian right activism. A second point of this debate with the national literature has to do with the ideological amalgamation that would be a characteristic of the new right. Our data show (1) that this amalgamation is not homogeneous among the actors, but unequal, unstable and conflicting; (2) with a preponderance of elements of conservatism in the field.

**Keywords:** new right; fields of strategic action; social movements; activist trajectories; social networks; speeches;

# Résumé

Ces dernières années, Belo Horizonte a été témoin de la formation d'une scène d'activisme de droite très dynamique qui n'existait pas dans la ville avant 2013. Cette scène d'activisme est formée par une série de mouvements sociaux et d'activistes individuels qui ont contribué à construire de grandes rues manifestations dans la ville et qui se battent également pour leurs banderoles sur les réseaux sociaux et dans les espaces institutionnels de représentation politique. Cette thèse vise à expliquer la formation et la structuration de ce nouvel espace du militantisme de droite. Elle n'est pas propre à Belo Horizonte, mais fait partie d'un phénomène plus large qui a été appelé dans la littérature la « nouvelle droite brésilienne ». Nous analyserons la constitution de cet espace à travers le prisme d'une théorie des champs spécifique : la Théorie des Champs d'Action Stratégiques. Un champ d'action stratégique est une mésoformation sociale dans laquelle des acteurs individuels et collectifs coexistent, s'affrontent et coopèrent sur la base du partage de certains types de connaissances sur le fonctionnement de cet espace. Ici, nous étudions les mécanismes sociaux derrière le processus de formation de cet espace d'activisme de droite, ainsi que le rôle qu'un certain type d'acteur social (acteurs stratégiques) joue dans ce processus. Nous cherchons également à comprendre les identités et les valeurs qui guident les actions des acteurs de ce nouveau droit, ainsi que le type de logique de fonctionnement du champ auquel la dynamique des relations entre ces acteurs a donné lieu. Les données de cette analyse proviennent d'observations de participants, d'entretiens avec des dirigeants, de l'application de questionnaires sociométriques et de réseaux sociaux *webscraping*. Les résultats des analyses montrent que, contrairement à ce que suppose le TCAE, le champ d'activisme de la nouvelle droite en BH s'est développé à partir de vagues d'expansion, chaque vague apportant un ensemble différent d'acteurs et de positions sur le terrain. Dans ce processus d'expansion, on perçoit l'influence des trois mécanismes postulés par la TCAE, Attribution des Opportunités, Action Collective Innovante et Appropriation Sociale. Mais en plus de ceux-ci, un quatrième mécanisme est également perçu, non présumé par la théorie, la division organisationnelle. Nous avons identifié, à travers l'Observation Participante et des données relationnelles, les principaux acteurs stratégiques (leadership) dans le domaine et nous avons montré comment le rôle de ces acteurs dans la construction du domaine variait selon la phase d'expansion du domaine. Les données ont également permis de développer un dialogue avec la littérature nationale sur le développement du nouveau droit. Ces données ne nient pas la photographie posée par la littérature, mais y ajoutent de nouveaux détails, montrant comment le nouveau droit est également composé d'éléments inédits, qui n'ont pas leur origine (ou n'ont pas eu de contact avec) d'anciens espaces de Activisme de droite brésilienne. Un deuxième point de ce débat avec la littérature nationale a trait à l'amalgame idéologique qui serait une caractéristique de la nouvelle droite. Nos données

montrent (1) que cet amalgame n'est pas homogène entre les acteurs, mais inégal, instable et conflictuel; (2) avec une prépondérance d'éléments de conservatisme dans le domaine.

**Mots-clés** : nouveau droit ; domaines d'action stratégique ; mouvements sociaux ; trajectoires militantes ; réseaux sociaux ; discours ;

# Resumen

En los últimos años, Belo Horizonte ha sido testigo de la formación de una escena de activismo de derecha muy dinámica que no existía en la ciudad antes de 2013. Esta escena de activismo está formada por una serie de movimientos sociales y activistas individuales que han ayudado a construir grandes calles, protestas en la ciudad y que también luchan por sus banderas en las redes sociales y en los espacios institucionales de representación política. Esta tesis pretende explicar la formación y estructura de este nuevo espacio de militancia de derecha. No es exclusivo de Belo Horizonte, sino que forma parte de un fenómeno más amplio que se ha denominado en la literatura la “nueva derecha brasileña”. Analizaremos la constitución de este espacio a través del lente de una teoría de campo específica: la Teoría de los Campos de Acción Estratégicos. Un campo de acción estratégica es una mesoformación social en la que conviven actores individuales y colectivos, compitiendo y cooperando a partir del intercambio de ciertos tipos de conocimientos sobre el funcionamiento de este espacio. Aquí investigamos los mecanismos sociales detrás del proceso de formación de este espacio de activismo de derecha, así como el papel que juega cierto tipo de actor social (actores estratégicos) en este proceso. También buscamos comprender las identidades y valores que orientan las acciones de los actores de este nuevo derecho, así como el tipo de lógica de funcionamiento del campo a la que dio lugar la dinámica de relaciones entre estos actores. Los datos para este análisis provinieron de observaciones de participantes, entrevistas con líderes, aplicación de cuestionarios sociométricos y redes sociales *webscraping*. Los resultados de los análisis muestran que, contrario a lo que asume el TCAE, el campo de activismo de la nueva derecha en BH se desarrolló a partir de oleadas de expansión, trayendo cada oleada un conjunto diferente de actores y posiciones al campo. En este proceso de expansión se percibe la influencia de los tres mecanismos postulados por el TCAE, la Atribución de Oportunidades, la Acción Colectiva Innovadora y la Apropiación Social. Pero además de estos, también se percibe un cuarto mecanismo, no presupuestado por la teoría, la División Organizacional. Identificamos, a través de la Observación Participante y datos relacionales, los principales actores estratégicos (liderazgo) en el campo y mostramos cómo el papel de estos actores en la construcción del campo varió según la fase de expansión del campo. Los datos también permitieron desarrollar un diálogo con la literatura nacional sobre el desarrollo del nuevo derecho. Estos datos no desmienten la fotografía que plantea la literatura, pero le agregan nuevos detalles, mostrando cómo el nuevo derecho también está compuesto por elementos flamantes, que no tienen su origen (o no han tenido contacto) con viejos espacios de Activismo de derecha brasileño. Un segundo punto de este debate con la literatura nacional tiene que ver con la amalgama ideológica que sería característica de la nueva derecha. Nuestros datos muestran (1) que esta amalgama no es homogénea

entre los actores, sino desigual, inestable y conflictiva; (2) con una preponderancia de elementos de conservadurismo en el campo.

**Palabras clave:** nueva derecha; campos de acción estratégica; movimientos sociales; trayectorias activistas; redes sociales; discursos;

# Lista de ilustrações

Figura 1 – Esquema teórico: Fundação dos Campos de Ação Estratégica . . . . .	45
Figura 2 – Operacionalização da pesquisa e metodologia . . . . .	57
Figura 3 – Os três eventos históricos que estavam no centro das mudanças históricas que geraram oportunidades políticas para os atores envolvidos na construção do novo campo de ativismo de direita . . . . .	65
Figura 4 – Polarização política no Facebook (Dados de Pablo Ortellado e Márcio Moretto Ribeiro na Revista Galileu) . . . . .	74
Figura 5 – Rede com palavras que coocorrem pelo menos 20 vezes nas <i>timelines</i> dos movimentos antes de 7 de Abril de 2018 . . . . .	138
Figura 6 – Nuvem de palavras nas <i>timelines</i> dos movimentos antes de 7 de Abril de 2018 . . . . .	139
Figura 7 – Rede com palavras que coocorrem pelo menos 20 vezes na <i>timeline</i> dos movimentos entre 7 de Abril e 31 de Dezembro de 2018 . . . . .	140
Figura 8 – Nuvem de palavras na <i>timeline</i> dos movimentos entre 7 de Abril e 31 de Dezembro de 2018 . . . . .	141
Figura 9 – Rede com palavras que coocorrem pelo menos 50 vezes nas <i>timelines</i> dos movimentos entre 1 de Janeiro e Setembro de 2019: rede feita a partir do total de postagens feitas no período. . . . .	142
Figura 10 – Rede com palavras que coocorrem pelo menos 20 vezes nas <i>timelines</i> dos movimentos entre 1 de Janeiro e Setembro de 2019: rede feita a partir de uma amostra aleatória de 2.729 postagens do período. . . . .	143
Figura 11 – Nuvem de palavras nas <i>timelines</i> dos movimentos entre 1 de Janeiro e Setembro de 2019: nuvem feita a partir de uma amostra aleatória de 2.729 postagens do período. . . . .	144
Figura 12 – Manifestantes na marcha de Março de 2014 (Marcha da Família com Deus pela Liberdade) em Belo Horizonte-MG. . . . .	151
Figura 13 – Jovens com camisas do “Direita Minas” em ato na Escola “Estadual Central”, em Outubro de 2016. . . . .	151
Figura 14 – Caminhão com lideranças do movimento Direita Minas . . . . .	152
Figura 15 – Barraca do movimento MBL-Minas . . . . .	153
Figura 16 – Caminhão com lideranças do Vem Pra Rua-Minas . . . . .	154
Figura 17 – Manifestantes com o tradicional bandeirão do Brasil. É comum que durante os protestos os manifestantes deem a volta na Praça da Liberdade embaixo do bandeirão. . . . .	155
Figura 18 – Pessoas ao lado do palco do movimento Bros . . . . .	156
Figura 19 – Lideranças do Bros falam para o público. . . . .	157

Figura 20 – Manifestantes cantam o hino nacional ao final de um protesto. . . . .	158
Figura 21 – Cartaz com as logomarcas de vários movimentos. . . . .	159
Figura 22 – Caminhão com lideranças do movimento monarquista . . . . .	160
Figura 23 – Caminhão com lideranças do movimento Patriotas. . . . .	161
Figura 24 – Bandeira do movimento Pró-Libertas no coreto da Praça da Liberdade. . . . .	162
Figura 25 – Barraca com ativistas do Partido Novo e do movimento Desperta Já . . . . .	163
Figura 26 – Bandeira do movimento Direita BH. . . . .	164
Figura 27 – Manifestantes em um protesto na Praça da Liberdade. . . . .	165
Figura 28 – Membros do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira participam de um protesto do campo. . . . .	166
Figura 29 – Barraca do movimento Pró-Libertas. . . . .	167
Figura 30 – Cartaz de protesto contra o STF. . . . .	168
Figura 31 – Bandeira do movimento Bros. . . . .	169
Figura 32 – Cartaz de protesto com logomarca do Partido Novo. . . . .	170
Figura 33 – Barraca com membros de um movimento a favor da Polícia Federal. . . . .	171
Figura 34 – Rede de palavras que coocorrem pelo menos 50 vezes na descrição dos perfis . . . . .	183
Figura 35 – Rede de palavras coocorrentes em 50 ou mais perfis de seguidores dos movimentos: tamanho dos nodos de acordo com o grau de centralidade ( <i>weighted degree</i> ). . . . .	183
Figura 36 – Nuvem de palavras: texto no perfil dos seguidores do Direita Minas . . . . .	184
Figura 37 – Nuvem de palavras: texto no perfil dos seguidores do Conservadores em Ação . . . . .	184
Figura 38 – Nuvem de palavras: texto no perfil dos seguidores do Vem Pra Rua - Minas . . . . .	185
Figura 39 – Nuvem de palavras: texto no perfil dos seguidores do Mulheres da Inconfidência . . . . .	185
Figura 40 – Nuvem de palavras: texto no perfil dos seguidores do MBL-Minas . . . . .	186
Figura 41 – Nuvem de palavras: texto no perfil dos seguidores do Partido Novo . . . . .	186
Figura 42 – Os cinco tipos de <i>brokers</i> segundo Gould e Fernandez (1989) . . . . .	194
Figura 43 – Rede de lideranças sem os laços fracos e valorada pela frequência de citação dos laços: Tamanho do nodo de acordo com o valor de Grau de centralidade . . . . .	196
Figura 44 – Rede de lideranças: nodos agrupados em comunidades a partir do método de Louvain. . . . .	198

# Lista de tabelas

Tabela 1 – Tabela com os 10 laços mais valorados contendo a palavra “direita” . . .	185
Tabela 2 – Tabela com os scores de <i>Brokerage Role</i> na rede sem laços fracos . . .	195

# Lista de abreviaturas e siglas

ABI	Associação Brasileira de Imprensa
OAS	Construtora OAS S.A.
API	Application Programming Interface
BH	Belo Horizonte
BROS	Brasileiro.Bros
CEA	Conservadores em Ação
CGU	Controladoria Geral da União
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CSS	Cognitive Social Structures
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DERSA	Desenvolvimento Rodoviários S/A
DM	Direita Minas
EPL	Estudantes Pela Liberdade
EUA	Estados Unidos da América
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IPEA	Instituto de Pesquisas Aplicadas
MBC	Movimento Brasil Conservador
MBL	Movimento Brasil Livre
MCC	Movimento Contra Corrupção
MG	Minas Gerais
MI	Mulheres da Inconfidência
MP	Ministério Público
MPL	Movimento Passe Livre
MST	Movimentos Sem Terra

MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
ONG	Organização Não Governamental
PAC	Partido Conservador
PCO	Partido da Causa Operária
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PSDB	Partido Social Democrata Brasileiro
PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT	Partido dos Trabalhadores
STF	Supremo Tribunal Federal
TCAE	Teorias dos Campos de Ação Estratégica
TCU	Tribunal de Contas da União
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UTC	UTC Engenharia
VPR	Vem Pra Rua

# Lista de símbolos

$\alpha$	Letra grega Alpha
$\lambda$	Letra grega Lambda
$\psi$	Letra grega Psi
$\beta$	Letra grega Beta
$\omega$	Letra grega Omega
$\gamma$	Letra grega Gamma
$\sim$	Similar

# Sumário

1	INTRODUÇÃO . . . . .	26
I	ABERTURA	31
2	ALICERCES TEÓRICOS . . . . .	32
2.1	Introdução . . . . .	32
2.2	O que já foi dito sobre a organização do novo espaço de ativismo de direita? . . . . .	36
2.3	Em busca de um modelo teórico que explique a organização da nova direita em BH . . . . .	41
2.4	A TCAE: esquema teórico . . . . .	44
2.5	Estabilização e configuração interna do campo . . . . .	48
2.6	Perguntas de pesquisa . . . . .	50
2.7	Metodologia e operacionalização da pesquisa . . . . .	55
II	A CENA NACIONAL	62
3	A “NOVA DIREITA” E A HISTÓRIA RECENTE DO BRASIL	63
3.1	Por uma sociologia histórica dos campos de ativismo político	63
3.2	Junho de 2013 . . . . .	65
3.2.1	A Nova Direita e Junho de 2013 . . . . .	70
3.3	A Lava-Jato . . . . .	77
3.3.1	A nova direita e a Lava-Jato . . . . .	80
3.4	Mudanças nos campos econômicos, nas relações de classe e a crise econômica de 2015 . . . . .	81
3.4.1	A nova direita e a classe C . . . . .	82
3.4.2	A nova direita e a classe média brasileira . . . . .	88
III	A CENA EM BELO HORIZONTE	95
4	ATORES ESTRATÉGICOS, TRAJETÓRIAS ATIVISTAS E A CONSTRUÇÃO DO CAMPO EM BELO HORIZONTE . .	96
4.1	Cláudio . . . . .	98
4.2	Marcela Valente . . . . .	109
4.3	Silas . . . . .	113

4.4	Cristiano . . . . .	120
4.5	Dirceu . . . . .	127
4.6	Discussão . . . . .	131
4.6.1	Os atores estratégicos e as origens do campo . . . . .	131
4.6.2	Diferentes tipos de atores estratégicos e formas de construir o campo . . . . .	133
4.6.2.1	Os discursos formulados pelos atores estratégicos . . . . .	135
4.6.2.2	Atores estratégicos e habilidades sociais . . . . .	139
4.6.2.3	A influência de antigos campos de ativismo de direita sobre a atuação dos atores estratégicos . . . . .	141
4.6.3	Mecanismos sociais . . . . .	145
5	<b>ESTABILIZAÇÃO DO CAMPO: LÓGICA DE FUNCIONAMENTO, CONSENSOS E IDENTIDADES EMERGENTES .</b>	<b>172</b>
5.1	Um campo estável? Consensos e conflitos sobre valores, normas e pertencimento ao campo . . . . .	172
5.2	Identidades e estabilização do campo . . . . .	176
5.3	Lógica de funcionamento: relações de cooperação e competição entre os atores do campo . . . . .	186
5.3.1	O instrumento de coleta . . . . .	191
5.3.2	As relações de cooperação e a lógica de funcionamento do campo	193
6	<b>CONCLUSÃO . . . . .</b>	<b>200</b>
	<b>REFERÊNCIAS . . . . .</b>	<b>208</b>
	<b>APÊNDICES . . . . .</b>	<b>213</b>
	<b>APÊNDICE A – CÓDIGO EM R PARA CAPTURA DE DADOS DO TWITTER . . . . .</b>	<b>214</b>
	<b>APÊNDICE B – CÓDIGO EM R PARA CONSTRUÇÃO DAS REDES DE PALAVRA . . . . .</b>	<b>219</b>
	<b>APÊNDICE C – CÓDIGO EM R PARA O ESCALONAMENTO IDEOLÓGICO E CONSTRUÇÃO DE NUVENS DE PALAVRA . . . . .</b>	<b>227</b>

**APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO COM PERGUNTAS PARA  
GUIAR ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA 240**

**D.0.1 Roteiro com perguntas orientadoras: . . . . . 240**

**APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO SOCIOMÉTRICO . . . . 242**

**E.0.1 1 - Geradores de nomes: . . . . . 242**

**E.0.2 2 - Questão para obter informações sobre as relações entre os  
alteres . . . . . 243**

**E.0.3 3 - Interpretador de nomes . . . . . 243**

**Índice . . . . . 244**

# 1 Introdução

Esta tese objetiva explicar o surgimento e a configuração interna de um novo espaço de ativismo de direita que apareceu em Belo Horizonte após 2013. Esse não é um fenômeno circunscrito a esta cidade, ele aconteceu em todo o país. Esse espaço de ativismo de direita é composto por uma série de movimentos sociais, lideranças e seguidores dos movimentos. Esses atores têm atuado conjuntamente nos últimos anos, construindo grandes protestos de rua na cidade. Eles também atuaram nas mídias sociais. Apesar de terem projetos e ideologias diferentes, eles possuem pautas comuns e agiram de maneira coordenada em vários momentos nos últimos anos.

Esse objeto de estudo faz parte, mas não é a mesma coisa, do que tem sido chamado de nova direita. A nova direita, tal como tem sido apresentada na literatura, é um fenômeno amplo. Os estudos sobre o assunto têm falado de pautas da nova direita, partidos e candidatos da nova direita, protestos da nova direita, movimentos da nova direita, etc. Mas nosso foco aqui é sobre o processo em que os atores dessa nova direita se organizaram enquanto movimentos sociais que fazem ativismo de rua e construíram um espaço de ativismo próprio, no qual eles interagem constantemente, às vezes disputando e às vezes colaborando entre si. Esse processo pode ser melhor entendido se visto como um outro estágio da nova direita, no qual ativistas individuais deixaram de militar apenas nas mídias sociais e passaram a se organizar na forma de movimentos sociais com capacidade para o ativismo de rua. Em Belo Horizonte esses movimentos começaram em 2014. Eles foram bastante atuantes durante a campanha pelo impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff e na campanha que ajudou a eleger o atual presidente Jair Bolsonaro. Os principais movimentos desse espaço de ativismo na cidade são o MBL Minas, Vem Pra Rua Minas, Direita Minas, Patriotas, Brasileiros.Bros, Brava Gente Brasileira, Mulheres da Inconfidência, Pró-Libertas, Conservadores em Ação e Direita BH. Participaram desse espaço também partidos, como o Partido Novo, grupos de monarquistas, organizações como o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, dentre outros grupos de ativismo menores.

A pesquisa aqui realizada tem o formato de um estudo de caso. Mas, apesar do foco em Belo Horizonte, um estudo de caso desse tipo pode fornecer evidências sobre como esse fenômeno se manifestou a nível nacional. Nosso marco temporal vai de Junho de 2013 ao final de 2019. Como veremos, o surgimento desse campo se dá a partir de Junho de 2013.

Comecei a conceber a existência desse espaço quando iniciei um trabalho de campo nos protestos de direita que estavam acontecendo em Belo Horizonte em meados de 2017. Acompanhando esses protestos, que se davam principalmente na Praça da Liberdade, em

BH, percebi a existência de alguns movimentos sociais ou grupos de ativistas, que se sempre se repetiam ao longo das manifestações. Logo ficou claro que essas manifestações não eram fruto de uma dinâmica descentralizada de difusão de chamadas para protestos nas mídias sociais, ou algo do tipo. Elas eram chamadas e organizadas por alguns movimentos sociais de direita locais, que aparentavam ser bem estruturados.

Esse espaço de ativismo é uma novidade na cena do ativismo belohorizontino - e na cena do ativismo brasileiro. Ele não existia antes de 2014. Um diferencial desse espaço em relação a qualquer outra experiência de ativismo de direita que existiu na cidade - e no Brasil - nas últimas décadas é o fato de que seus membros conseguem construir grandes protestos de rua, como se viu nos protestos pelo impeachment da ex-presidente Dilma e nas manifestações a favor do governo Bolsonaro. Outro diferencial desse espaço de ativismo é que seus membros desenvolveram uma identidade específica de “direita”, algo bem incomum no país até pouco tempo atrás. Eles se percebem como uma direita diferente da direita que existia no país, são uma “direita de verdade”, melhor, uma “nova direita”. A quantidade de seguidores e a capacidade de influenciar a opinião pública também são aspectos que diferenciam esse espaço de ativismo de outros espaços de ativismo de direita que existiram anteriormente. Em nenhum momento das últimas décadas as pautas e narrativas de direita foram tão fortes como foram nos últimos seis anos.

Os membros desse novo espaço de ativismo possuem algumas pautas em comum, principalmente a luta contra a corrupção e o anti-petismo/anti-esquerdismo. Mas também expressam projetos/pautas que são peculiares a determinados atores e não a outros, como a defesa da Ditadura Militar. Esses atores também possuem uma estética comum, baseada em cores e símbolos nacionais.

Nesta tese vamos tentar entender como esse espaço emergiu e como ele se estrutura internamente. Para isso, vamos usar de uma teoria de campos específica, a chamada Teoria dos Campos de Ação Estratégica, proposta por [Fligstein e McAdam \(2012\)](#).

Central nessa teoria é o conceito de “Campo de Ação Estratégica”. Um campo de ação estratégica é uma ordem social de nível intermediário em que atores coletivos (grupos, organizações, instituições, etc.) e indivíduos interagem constantemente, tendo em vista certos conhecimentos compartilhados que ditam o que está em disputa no campo, o que é permitido e o que não é permitido fazer, qual a posição de cada ator e como interpretar a realidade do campo. Os campos de ação estratégica são espaços de competição, mas também de colaboração.

A criação desses campos é levada à cabo, principalmente, por atores estratégicos, aqueles atores com a habilidade de ler os interesses vigentes em um contexto social e de, com base nessa leitura, formular discursos que moldam a visão de mundo dos demais atores de forma a fazê-los cooperar em uma via específica. Esses atores são fundamentais na construção dos atores coletivos do campo (os grupos, instituições, organizações, etc) e

na construção do espaço em que esses atores coletivos operam (ou seja, o próprio campo). As ações dos atores estratégicos compõem os três mecanismos sociais que estão por trás do processo de emergência dos campos: apropriação social (o uso de redes pessoais e bases organizacionais para mobilizar apoiadores); atribuição de oportunidades (leitura e uso de eventos externos e internos ao campo enquanto oportunidades); e ação coletiva inovadora (a elaboração de formas de ação coletiva inovadoras que têm a capacidade de atrair novos membros).

Com base nesses conceitos, trataremos o objeto de estudo desta tese enquanto um “novo campo de ativismo de direita”. Os atores coletivos desse campo são movimentos sociais de direita e os atores estratégicos são as lideranças da nova direita em Belo Horizonte. A partir desse modelo teórico, elaboramos nosso primeiro conjunto de questões de pesquisa, que versa sobre o processo de formação desse espaço de ativismo: Como se deu a emergência desse espaço de ativismo da nova direita em Belo Horizonte? Mais especificamente, buscaremos entender quais mecanismos explicam o processo de emergência desse espaço e como as lideranças - atores estratégicos - da nova direita em BH participaram de sua construção.

Ao tentar responder essas questões, vamos averiguar a ideia colocada pela literatura acerca da origem da nova direita, a qual diz que a nova direita e os movimentos que a compõem teriam suas origens em antigos espaços de ativismo digital - “contra-públicos” - de direita no Brasil dos anos 2000. Segundo Rocha (2018), esses espaços existiam na forma de comunidades virtuais do Orkut, em que se debatiam temas ligados ao conservadorismo e ao ultraliberalismo. Fazia também parte desse ambiente paralelo de debate político *think tanks* voltadas para a disseminação dos valores do liberalismo. Pois bem, será que a organização da nova direita em Belo Horizonte - na forma de um campo de ativismo formado por movimentos sociais com capacidade para o ativismo de rua - teve influências desses antigos espaços de ativismo de direita? E em que medida se deram essas influências? Em outros termos, será que na trajetória das lideranças e dos movimentos do campo na cidade há influências desses antigos campos de ativismo? Para responder essa questão vamos analisar a trajetória das lideranças - ou atores estratégicos - que ajudaram a construir os movimentos da nova direita em BH. Na medida que essas lideranças são os principais envolvidos na edificação dos movimentos do campo, é em suas trajetórias que vamos encontrar os dados para responder essas questões.

A segundo conjunto de questões que procuramos responder aqui está relacionada à configuração interna e às condições de estabilidade do campo: quais as dinâmicas de conflito e de cooperação existentes os atores dessa nova direita e quais normas e éticas guiam as interações entre eles no campo? Esse espaço de ativismo é bastante complexo. Dele participam movimentos diversos, com pautas e projetos bem diferentes: ativistas pró-vida, intervencionistas, libertários, simpatizantes da causa monarquista, membros de

partidos políticos, etc. Nesse sentido, é fundamental entender as condições que garantiram a existência desse campo enquanto tal: quais regras e normas ditam as interações entre os atores, como se dá as relações entre eles, quais suas diferenças, quais conflitos existem, etc?

Nessa parte, vamos analisar também um aspecto importante para a configuração das relações entre os atores do campo: as identidades coletivas que povoam o campo. Como se dá o “amalgama ideológico” entre conservadorismo moral e ultraliberalismo econômico - bem resumido na figura do “conservador nos costumes e liberal na economia” - que a literatura tem colocado como uma das bases para a existência da nova direita (ROCHA, 2018)? Essa base identitária comum possibilitaria a união entre movimentos e ativistas das duas principais correntes ideológicas da direita, a dos liberais (ou ultraliberais) e a dos conservadores. Vamos tentar entender como se dá esse “amalgama ideológico” e o quanto ele impacta a estabilidade do campo, quer dizer, o quanto ele impacta nas relações entre os atores e na formação de consensos entre esses atores acerca das regras e valores que ditam o funcionamento do campo. Espera-se que esse “amalgama” seja um facilitador das relações entre os diferentes movimentos e ativistas, reduzindo os conflitos e permitindo uma estabilidade do campo, na medida em que os atores passam a atuar a partir de uma base ideológica e identitária comum.

Para responder essas questões usamos de várias técnicas de coleta e análise de dados. A fim de entender o papel dos atores estratégicos no processo de construção/emergência do campo, realizamos entrevistas e “estudos de trajetórias” das principais lideranças do campo em Belo Horizonte. Usamos também dados de Observação Participante dos protestos promovidos pelo campo. Essa Observação Participante cobriu os eventos de protesto da direita que aconteceram em BH entre meados de 2017 e o início de 2020.

Já para responder as questões sobre a configuração interna do campo, coletamos, por meio da aplicação de questionário sociométrico, dados das relações de cooperação existentes entre as principais lideranças do campo em BH. A aplicação desse questionário, assim como da entrevista que visava coletar dados das trajetórias das lideranças, teve o consentimento das lideranças entrevistadas. Elas foram devidamente esclarecidas sobre os objetivos da pesquisa, a qual foi aprovada pelo COEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da UFMG.

Usamos também de técnicas de *webscraping* para raspar dados sobre presença do campo no mundo virtual, particularmente no Twitter. Com esses dados em mãos, usamos de uma série de métricas e algoritmos de Análise de Redes Sociais e de Análise Automatizada de Conteúdo para entender as identidades e valores políticos dos seguidores do campo nas mídias sociais.

Esta tese está dividida em três atos - além desta introdução: Ato 1 (Abertura), com o capítulo 2; Ato 2 (A cena nacional), com o capítulo 3; e o Ato 3 (A cena em Belo Horizonte), com os capítulos 4 e 5. O capítulo 2 trata das bases teóricas da pesquisa.

---

Nele, apresentamos o que a literatura tem dito sobre a nova direita e mostramos como ainda faltam pesquisas que expliquem a faceta da nova direita analisada nesta tese: ou seja, seu desenvolvimento na forma de um espaço organizado de ativismo, constituído por movimentos sociais bem estruturados com capacidade para fazer ativismo de rua. Nesse capítulo também detalhamos a Teoria dos Campos de Ação Estratégica (TCAE) e mostramos como ela oferece um modelo teórico que pode ajudar a entender como esse novo espaço de ativismo da nova direita em Belo Horizonte se formou e como ele se encontra estruturado internamente. Apresentamos também as perguntas de pesquisa que almejamos responder.

No capítulo seguinte, apresentamos o contexto histórico mais amplo em que se insere o surgimento e a estruturação da nova direita na forma de espaços organizados de ativismo. Nesse sentido, mostramos como três eventos históricos - os protestos de Junho de 2013, a Lava-Jato e a crise econômica de 2015 - se combinaram com outras mudanças ou tendências societárias, gerando as oportunidades que foram fundamentais para a criação/emergência desse novo campo de ativismo de direita. O argumento central é de que a crise de legitimidade do sistema político e, principalmente, da esquerda petista iniciada em Junho de 2013 foi aprofundada com a Lava-Jato e a crise econômica de 2015. Em um contexto de crise crescente e ampliada, envolvendo principalmente os campos e atores da esquerda, os discursos e atores da nova direita tiveram mais chances de serem aceitos pela opinião pública.

No capítulo 4 voltamos o foco para o surgimento da nova direita em Belo Horizonte. Usamos os dados coletados por meio de entrevistas, da observação participante dos protestos e da leitura de jornais de notícia, para descrever o processo de construção desse novo campo de ativismo em BH. Analisamos as trajetórias das principais lideranças do campo na cidade, enfatizando a atuação delas na criação desse espaço. Mostramos também como as ações desses atores compõem os mecanismos sociais que explicam o processo de emergência do campo.

No capítulo 5 investigamos a configuração interna do campo: as dinâmicas relacionais entre os atores, as identidades coletivas que emergiram no campo e as regras e éticas que ajudam a definir a dinâmica relacional do campo. Com os dados obtidos através da aplicação do questionário sociométrico, analisamos as relações de cooperação entre lideranças/movimentos sociais. Já os dados coletados do Twitter são usados para entender os discursos que embasam a identidade política dos atores.

**Parte I**  
**Abertura**

## 2 Alicerces teóricos

*“...Naquele império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava uma cidade inteira, e o mapa do Império uma Província inteira. Com o tempo, estes Mapas Desmedidos não bastaram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império que tinha o Tamanho do Império e coincidia com ele ponto por ponto. Menos Dedicadas ao Estudo da Cartografia, as gerações seguintes decidiram que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade entregaram-no às Inclemências do sol e dos Invernos. Nos Desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas.*

*Suárez Miranda: Viajes de Varones Prudentes, libro cuarto, capítulo XIV, Lérida, 1658.”*

– Jorge Luís Borges, *Sobre o Rigor na Ciência*

*“1. Todo mapa em escala um por um traz sempre uma representação infiel do território. 2. No momento em que empreende a realização do mapa, o império se torna irrepresentável. [...] Corolário terceiro: todo mapa um por um do império determina o fim do império enquanto tal e, portanto, é mapa de um território que não é um império.”*

– Umberto Eco, *Da Impossibilidade de Construir a Carta do Império em Escala Um Por Um*

### 2.1 Introdução

Para melhor entender o objeto de estudo desta tese, faz bem descrevermos dois momentos diferentes da história recente da cidade de Belo Horizonte. Como se verá, esses momentos podem muito bem ser generalizados para o nível nacional. O primeiro momento se dá em Junho de 2013 e nos meses que sucederam Junho. Em Belo Horizonte, como em todo o Brasil, Junho foi marcado por grandes protestos de rua. Os protestos começaram pequenos e localizados, quer dizer, baseados em pautas específicas e levados a cabo por atores políticos pontuais, atores periféricos do campo da esquerda brasileira. As pautas iniciais giravam em torno de problemas urbanos, como os problemas envolvendo o

transporte público nas grandes cidades e as obras para a Copa do Mundo de 2014. Aos poucos, os protestos foram crescendo e à medida que cresciam iam aparecendo novas pautas e novos atores. Em meio a essa multiplicidade de atores estavam black blocs, jovens ativistas de movimentos estudantis e juventudes partidárias, movimentos sociais tradicionais, sindicatos, ocupações urbanas, etc. Mas estavam presentes também pessoas que não tinham nenhuma experiência com protestos de rua, e nem eram ligadas a grupos de ativismo. Em algum momento das manifestações começou a emergir entre determinados manifestantes um padrão estético cuja base eram as cores da bandeira do Brasil. Dentro desse agrupamento de atores começou a aparecer também um padrão discursivo que girava em torno de pautas anti-petistas e de críticas ao governo federal. Além disso, circulavam nesse meio discursos relacionados à luta contra a corrupção e à redução de impostos, misturados a pautas mais amplas ligadas a melhorias nos serviços públicos, redução do preço das tarifas de ônibus, etc. Não dava para separar de maneira clara esse grupo de atores dos demais manifestantes. O governo Dilma, por exemplo, era o alvo principal de boa parte dos manifestantes, inclusive de alguns com viés de esquerda.

De toda forma, em Junho foi possível identificar os primeiros traços de uma “nova direita” nas ruas de Belo Horizonte. E o mesmo aconteceu no restante do país. Foi também o momento inicial de uma polarização política que ganharia força nos anos seguintes. Aqueles atores com discurso mais anti-governo e anti-PT chegaram mesmo a entrar em conflito com manifestantes ligados aos partidos e movimentos tradicionais da esquerda. Os gritos contra os partidos políticos foram uma constante nas manifestações.

Um fato interessante é que esses atores que usavam da estética “verde e amarela” e que defendiam pautas anti-PT e anti-governo Dilma, não participaram dos protestos de maneira organizada. Ou seja, apesar das páginas de Facebook fazendo o chamamento para os protestos, sua participação não era mediada por coletivos organizados ou movimentos sociais. Não havia sequer uma identidade coletiva bem definida entre eles. Já se percebia que esses atores tinham um posicionamento mais à direita, mas a ideia de uma “nova direita” ainda não estava presente. Era uma multidão sem uma forma definida, sem fronteiras muito claras, composta por indivíduos que coordenavam suas ações a partir de algumas semelhanças discursivas e estéticas.

Mas, se durante os protestos esses atores não formaram laços sociais estáveis nem instâncias de coordenação das ações - ou seja, movimentos sociais ou grupos de ativismo organizados -, nas redes sociais a coisa se deu de modo diferente. Durante e após as manifestações de Junho, páginas e grupos de Facebook com perfil de direita começaram a serem criados ou a expandirem de tamanho, ganhando novos seguidores. Esses perfis também começaram a se distanciar das páginas e grupos mais à esquerda, trazendo a polarização vista nas ruas para dentro das redes sociais. Ou seja: um espaço ampliado de ativismo virtual de direita começou a se formar nas mídias sociais logo após os protestos

de Junho<sup>1</sup>. De alguma maneira, a “participação ativista” dos atores que seguiam a estética “verde e amarela” migrou das ruas para as redes, e aí permaneceu durante algum tempo.

Agora vejamos o segundo momento, que se dá cinco anos depois, em 2018. Belo Horizonte ainda presencia protestos de rua. Mas agora os protestos acontecem de maneira diferente. Os atores, movimentos sociais e partidos políticos mais à esquerda não compartilham mais as ruas com os atores que seguem a estética “verde e amarela” e os discursos “anti-petista”. Esse último tipo de ator desenvolveu um espaço próprio de ativismo. Eles usam mesmo um espaço físico de ativismo que lhes é bem peculiar: a Praça da Liberdade. Nesse espaço, eles se reúnem para manifestar a favor de causas como a luta contra a corrupção, a prisão do ex-presidente Lula, etc. Dois anos antes eles lotaram a praça em várias ocasiões para exigir o impeachment da ex-Presidenta Dilma. Não dá para saber se essas pessoas são as mesmas que estavam nas ruas em Junho de 2013 de “verde e amarelo”. O que dá para dizer com certeza é que o que há de comum entre esses dois conjuntos de atores (os de 2013 e os de 2018) são a estética “patriótica” e as pautas anti-petista e anti-corrupção.

O mais curioso é que agora esses atores não atuam mais como uma multidão descentralizada, sem lideranças, sem instâncias de coordenação. Os protestos na Praça da Liberdade são convocados por uma série de organizações de movimentos sociais: Direita Minas, Patriotas, MBL-Minas, Vem Pra Rua-Minas, Brasileiros.Bros, Mulheres da Inconfidência, Brava Gente, Partido Novo, entre outros. Essas organizações são bem variadas em tamanho, inclinações ideológicas e formas de atuação, mas compartilham algumas pautas políticas e repertórios de ação. Elas também agem de maneira coordenada (planejam conjuntamente protestos e outras ações), apesar de existirem enquanto atores coletivos independentes. Elas também professam uma identidade política comum: seus membros se consideram de direita, uma direita diferenciada, que não se assemelha com a direita partidária que prevaleceu no país nos anos anteriores. Suas lideranças, por sinal, se conhecem e parecem interagir bastante.

Mas nenhuma dessas organizações de movimento social existia em 2013. Elas foram criadas depois das Jornadas de Junho. São novos atores políticos, que se relacionam nas ruas e também nas mídias sociais e que funcionam como referências para ativistas individuais e seguidores anônimos que se identificam com pautas de direita. Em suma, tais atores coletivos constituíram um espaço próprio de ativismo, que não existia antes de 2013 em Belo Horizonte. O objetivo desta tese é entender justamente essa mudança do “momento um” para o “momento dois”: entender como esse novo espaço de ativismo de direita surgiu na cidade entre 2013 e final de 2019 e também como esse espaço se encontra estruturado internamente. Trata-se de explicar o processo de organização de

---

<sup>1</sup> Páginas e grupos de direita já existiam nas mídias sociais antes de Junho de 2013, mas a partir dessa data essas páginas cresceram de influência e passaram a agregar novos perfis, formando um espaço virtual novo de ativismo de direita.

um campo de ativismo político, um processo em que atores que atuaram inicialmente nas ruas sem instâncias de coordenação claras, sem um projeto e uma identidade coletiva bem delineados e que continuaram a se relacionar posteriormente apenas pelas mídias sociais, passaram - depois de alguns anos - a se relacionar de maneira estável, na internet e nas ruas, a partir da mediação de movimentos sociais que têm capacidade para construir protestos nos espaços públicos físicos.

Assim, nesse processo de organização desse espaço de ativismo duas tendências são evidentes num primeiro momento. Primeiro, a saída dos sujeitos das mídias sociais para as ruas, quer dizer, a criação de uma dinâmica de ativismo que integra as ruas e as redes virtuais. Segundo, a constituição de movimentos sociais estáveis que têm capacidade de mobilizar recursos e pessoas e de construir protestos de rua. A criação de movimentos sociais em moldes tradicionais <sup>2</sup> foi importante para a consolidação/organização desse espaço de ativismo, pois permitiu que os atores desse espaço adquirissem estruturas e capacidades mais sustentáveis para a construção de processos de ativismo, tanto nas ruas como nas mídias sociais.

Mas o processo de organização desse espaço vai além disso: percebe-se que tanto os atores coletivos quanto os ativistas individuais criaram um ambiente de socialização compartilhado, um espaço (que é virtual e físico) em que eles interagem constantemente, formando relações sociais aparentemente estáveis, que servem como base para a elaboração e execução de estratégias compartilhadas de defesa de determinadas pautas; assim como para o fortalecimento de identidades políticas comuns.

A proposta desta tese é analisar os desdobramentos da nova direita em Belo Horizonte que levaram à formação desse tipo de espaço de ativismo. O surgimento e expansão da nova direita tem sido objeto de estudo de uma série de publicações acadêmicas. Vamos rever algumas dessas publicações nas próximas páginas, dando destaque àquelas que de alguma forma contribuíram para a explicação dessa faceta específica do fenômeno da nova direita: sua transformação em um espaço organizado de ativismo composto por movimentos sociais e militantes individuais, os quais se relacionam de maneira estável visando defender pautas comuns através de práticas ativistas que envolvem as ruas e as mídias sociais.

---

<sup>2</sup> Quando falamos de movimentos sociais tradicionais, estamos falando de Organizações de Movimento Social (OMS). Esse último conceito é bastante conhecido na literatura sobre movimentos sociais (ARMSTRONG; BARTLEY, 2007). Uma Organização de Movimento Social é um coletivo cujas regras sobre participação e funções internas dos membros estão em alguma medida formalizadas. As relações hierárquicas dentro de uma organização também costumam ser mais formalizadas do que em outras formas mais flexíveis de ação coletiva.

## 2.2 O que já foi dito sobre a organização do novo espaço de ativismo de direita?

O primeiro trabalho a falar do surgimento de um novo espaço de ativismo de direita no Brasil a partir dos protestos de Junho de 2013 foi “*Changing repertoires and partisan ambivalence in the new brazilian protest*”, de Alonso e Mische (2016). Nesse texto, as autoras analisam a formação de dois campos políticos durante as Jornadas de Junho: o “campo patriota” e o “campo autonomista”. Para Alonso & Mische (2016), o “campo patriota” é caracterizado por possuir um repertório de ação próprio, com perfil nacionalista e patriótico, e ser guiado por pautas comuns, como a luta contra a corrupção, o anti-petismo e, em certos casos, a defesa de um Estado mínimo. Junho é o ponto de partida para se entender o surgimento desse campo. Junho foi uma “arena de protestos”. Nessa arena, o demarcador fundamental das diferenças entre os atores é o repertório de ação usado por cada um deles. Mas, além dos repertórios, as autoras também citam o posicionamento dos atores frente ao governo e as pautas mobilizadas nos protestos como critérios de separação dos campos.

No campo autonomista imperou um repertório de ação que se inspirava nos protestos de Seattle e no movimento anti-globalização do início dos anos 2000: políticas pré-figurativas, presença de *black blocks* e a prática de ação-direta, etc.<sup>3</sup>. Do outro lado dos protestos de Junho estavam os atores que pertenciam ao “campo patriota”, utilizando de repertórios e performances de tons mais nacionalistas: bandeiras do Brasil, cores verde e amarela, discursos de chamamento para os protestos com referências nacionalistas, etc. As performances e símbolos desse campo tinham sua origem em outros dois ciclos de protesto da história recente do Brasil: as “Diretas Já” e o “Fora Collor”. Além das diferenças nos repertórios, as diferenças nos discursos também opunham os atores dos dois campos. Os atores do campo patriota tinham um posicionamento mais claramente anti-PT e davam mais ênfase à pauta anti-corrupção. Alinhado a esse discurso anti-governo (do PT) estavam pautas mais (ultra)liberais, como o “enxugamento” do Estado, menos impostos e maior eficiência do gasto público.

O que Alonso & Mische (2016) chamam de “campo patriota” é o momento inicial da nova direita. Mas nesse momento inicial a nova direita não existia ainda enquanto um espaço organizado de ativismo. Seus principais atores coletivos/movimentos sociais organizados (Vem Pra Rua, MBL, Revoltados Online, Nas Ruas, etc.) ainda não haviam surgido. Na verdade, os atores do campo patriota que estavam nas ruas em 2013 ainda não mobilizavam de maneira unificada uma identidade de “direita”. Sequer o conceito de “nova

<sup>3</sup> As autoras incluem nesse campo também o repertório socialista, que fazia referências a elementos clássicos da esquerda latino-americana: bandeiras vermelhas, presença de movimentos sociais, formas de organização mais hierárquicas. Mas esse repertório era minoritário dentro da dinâmica geral dos protestos. Em trabalho posterior, Alonso (2016) trata o repertório socialista como fazendo parte de um campo próprio, o “campo socialista”.

direita” era usado àquela época pela mídia e outros veículos que analisavam o fenômeno. Daí também o foco do artigo de Alonso & Mische sobre a estética, os repertórios de ação e as pautas políticas desses sujeitos e não sobre as identidades, a formação de atores coletivos organizados, as dinâmicas relacionais e as regras dentro do campo. As autoras estavam analisando um espaço social desorganizado, que viria a se tornar um campo organizado de ativismo somente a partir de meados de 2014 <sup>4</sup>.

Enfim, o trabalho de Alonso & Mische (2016) não explica como a multidão que seguia uma estética “patriota” deu lugar a um espaço organizado de ativismo, repleto de movimentos sociais que se orientam a partir de uma identidade coletiva comum. Afinal, em Junho de 2013 o campo patriota ainda não existia nessa forma, era apenas um embrião do que viria a ser o novo campo de ativismo de direita. O objetivo desta tese é justamente entender os desdobramentos do campo patriota tal como ele se apresentava em 2013. Entendemos que em 2013 esse campo ainda não era plenamente um campo, mas um espaço social desorganizado em início de estruturação. Olhando para Belo Horizonte, nos perguntamos: como uma massa de indivíduos, que foi às ruas em Junho, com alguns repertórios de ação e pautas em comum se tornaram um campo de ativismo organizado, composto por movimentos sociais estruturados e entrosados, com capacidade para construir protestos de rua de maneira estável ao longo do tempo e mobilizados a partir de identidades políticas comuns?

Outro trabalho importante sobre o desenvolvimento e organização da nova direita é de Rocha (2018). Em sua tese, Rocha (2020) afirma que as origens da nova direita estão em contra-públicos digitais criados durante os anos 2000. Esses contra-públicos tomavam a forma de comunidades na mídia social Orkut. Um contra-público é um espaço de debate marginalizado em relação à esfera pública dominante de uma sociedade. Os membros desses espaços marginais atuam a partir de identidades, performances e discursos que são bastante disruptivos em relação à cultura política predominante na esfera pública. Para Rocha (2020), as comunidades do Orkut dos anos 2000, em que nasceram alguns dos discursos e atores da nova direita, funcionariam como contra-públicos. Os perfis típicos dessas comunidades eram os seguidores do escritor Olavo de Carvalho ou pessoas que defendiam ideias ultraliberais e anarco-capitalistas, ou figuras que circulavam em ambos os grupos. A nova direita seria fruto de um “amalgama” de ideias desses dois grupos: do conservadorismo moral e do ultraliberalismo econômico. A autora mostra, por meio de uma reconstrução histórica, como os atores envolvidos nas comunidades do Orkut se

<sup>4</sup> É curioso que Alonso & Mische (2016) mobilizam o conceito de campo e também a Teoria dos Campos de Ação Estratégica (TCAE) em sua análise. Mas essa teoria não é explorada em seus pormenores: habilidade social, ação estratégica, ator estratégico, função existencial do social, etc.; nenhum desses conceitos da teoria é mobilizado. A TCAE não é empregada para explicar o processo de emergência do campo patriota. O foco fica no conceito de “campo de ação estratégica”, o qual é empregado com a finalidade de pensar a posição dos manifestantes tendo em vista os múltiplos repertórios de ação e pautas presentes nos protestos.

transformaram ao longo do tempo, o que culminou na participação deles na campanha pelo impeachment e na eleição de Jair Bolsonaro como Presidente da República. Apesar de descrever um pouco da história dos vários atores envolvidos nesse processo, o foco da análise é sobre os atores dos contra-públicos ultraliberais, os quais tiveram maior sucesso em se organizar, criando *think tanks* e partidos (ou proto-partidos) políticos.

A tese de Rocha é inovadora e joga luz sobre um processo até então não conhecido: as raízes da nova direita em comunidades virtuais dos anos 2000. Entretanto, a análise não traz um modelo teórico que explique como, a partir de 2013, a nova direita veio a se tornar um espaço organizado de ativismo formado por movimentos sociais com capacidade para o ativismo de rua; nem traz um detalhamento sobre a organicidade desse espaço, quer dizer, um detalhamento sobre a lógica de relações sociais existente entre os atores coletivos (movimentos sociais) que ocupam esse espaço e sobre as regras e discursos que guiam essas relações. A bem verdade, esse não é o objetivo da autora.

Apesar disso, o trabalho traz alguns questionamentos importantes para esta tese. Qual a relação entre os atores dos contra-públicos virtuais dos anos 2000 e os atores da nova direita que surgiram apenas a partir de 2013 e que não tinham nenhuma experiência de ativismo até então? Olhando para o caso de Belo Horizonte, percebemos que a maioria (se não todos) os atores coletivos (movimentos sociais) da nova direita na cidade surgiram apenas depois de Junho de 2013. E não apenas os atores coletivos: o próprio espaço de atuação desses atores, as relações sociais, repertórios de ação, regras e identidades que povoam esse campo não existiam na cidade (nem nas mídias sociais) antes de Junho de 2013. Isso mostra que este é um fenômeno diferente daquele analisado por Rocha (2017; 2020). Não devemos achar, entretanto, que não exista relação entre esses antigos contra-públicos virtuais e o aparecimento do novo campo de ativismo de direita em Belo Horizonte. Na verdade, o importante aqui é entender como os novos atores surgiram, como eles foram influenciados e/ou se relacionaram com os antigos atores (os que se originaram nas comunidades virtuais do Orkut) e como ambos atuaram para criar esse novo espaço.

Além de Rocha (2018) e Alonso e Mische (2016), outros trabalhos também analisaram o processo de estruturação da nova direita. Um primeiro grupo desses trabalhos se debruçou sobre a organicidade da nova direita nas redes/mídias sociais. Salles (2017), por exemplo, analisou uma rede de 522 páginas do Facebook ligadas à nova direita. Usando algoritmos de modularidade, o autor encontrou a presença de 7 clusters de atores: liberais/libertarianos, Fora PT/Manifestações, Políticos do DEM, MBL, Fora PT/Pró-polícia, Conservadores e Políticos do PSDB. Análise semelhante foi realizada por Ortellado, Solano e Ribeiro (2016). Os autores construíram uma rede com as 400 páginas sobre temas políticos no Facebook que mais tinham engajamento. Essa rede estava dividida em dois pólos e o pólo à direita, chamado pelos autores de “campo anti-petista”, continha 4 clusters: Um cluster anti-corrupção, formado por páginas como o MBL, Movimento Contra

a Corrupção, Vem Pra Rua, De Boas na Opressão e Partido Anti-PT; um cluster liberal e pró-estado mínimo, em que se destacavam as páginas do Partido Novo, o Socialista de Iphone, Bolsonaro Zuero 3.0 e os Institutos Mises e Liberal; um cluster pró-polícia, que continha páginas como a Amigos da Rota, Sargento Fahur, Coronel Telhada, Major Olimpo e Sargento Alexandre; e um cluster de partidos e políticos tradicionais da direita, como a página da Deputada Ana Amélia e a página Conversa Com os Brasileiros. Outro trabalho nessa linha é o de [Albuquerque, Carvalho e Jr \(2015\)](#). Ao estudar uma rede com 500 páginas da nova direita no Facebook - denominada “rede anti-petista” -, os autores encontraram a existência de 6 clusters: um primeiro cluster mais genérico, que forma o centro da rede, composto por páginas ligadas a figuras importantes da nova direita como Jair Bolsonaro, Olavo de Carvalho, Danilo Gentili e Rachel Sheherazade; além desse, tem-se o cluster ultra-liberal, o cluster anticorrupção, o cluster “troll” (composto por canais de humor que usam de memes e piadas para criticar a esquerda), o cluster antidemocrático (composto por páginas pró-intervenção militar) e o cluster institucional (que inclui a revista Veja e os perfis de Reinaldo Azevedo e Aécio Neves, por exemplo).

Esses trabalhos dão um passo a mais no sentido de entender a nova direita enquanto um espaço organizado de ativismo político. E isso precisamente porque eles tentam pensar as estruturas de relações sociais em que estão imersos os atores desse campo, desvendando assim as posições, proximidades e distanciamentos entre eles. Essas análises, entretanto, se detêm em uma dimensão meramente descritiva da estrutura relacional desse espaço de ativismo, sem procurar entender como essa estrutura relacional emergiu, quais mecanismos e processos estão por trás disso e como os atores participaram desse processo. Mas, acima de tudo, esses trabalhos têm o defeito de se limitarem ao mundo virtual, ao padrão de relacionamentos de páginas e perfis nas mídias sociais. Eles não se preocupam com os laços e ações coordenadas que os atores desse campo desenvolveram para além das mídias sociais. Ou seja, com o fato de que parte desses atores desenvolveram um espaço de ativismo que é também um espaço de interação face-a-face. Eles criaram estruturas de mobilização de recursos e capacidade de construção de ação coletiva, ganhando vida enquanto movimentos sociais orgânicos, que tecem relações entre si e coordenam ações a partir de interesses comuns.

Um segundo grupo de trabalhos se debruçou sobre os aspectos discursivos e ideológicos da nova direita. [Dias \(2017\)](#), por exemplo, estudou a atuação de cinco movimentos sociais da nova direita (MBL, VPR, Revoltados Online, Nas Ruas e Movimento Endireita Brasil) no Facebook, analisando os diferentes enquadramentos interpretativos gerados por eles nas redes: enquadramentos diagnósticos, prognósticos e motivacionais. Há também aquelas publicações que investigaram os discursos e opiniões dos atores que participaram dos protestos promovidos pela nova direita desde final de 2014. São pesquisas baseadas em *surveys* e também em técnicas qualitativas. Destacam-se aqui os trabalhos de [Ortellado e Solano \(2016\)](#), [Ortellado, Solano e Moretto \(2017\)](#), [Kalil \(2018\)](#) e [Telles \(2016\)](#). Outro

subgrupo de trabalhos focou nos formadores de opinião ou na intelectualidade que inspira e cria narrativas para os atores da nova direita. [Messenberg \(2017\)](#) analisou a cosmovisão de 10 formadores de opinião (Movimento Brasil Livre, Vem Pra Rua, Fernando Holiday, Kim Kataguiri, Olavo de Carvalho, Reinaldo Azevedo, Felipe Moura Brasil, Rachel Sheherazade, Marco Feliciano, Jair Bolsonaro) dos manifestantes da nova direita que foram às ruas em 2015. Enquanto [Chaloub e Perlatto \(2016\)](#) estudaram a expansão da influência dos “intelectuais” da nova direita - Olavo de Carvalho e Luis Felipe Pondé, Reinaldo Azevedo, Rodrigo Constantino, Guilherme Fiuza, Diogo Mainardi, etc.

Esses trabalhos focam em um aspecto certamente importante para o processo de estruturação do ativismo da nova direita: seus discursos e valores políticos. Mas é necessário entender como esses discursos e valores se ligaram a outros mecanismos e processos que tornaram possível o surgimento de um espaço de ativismo de direita constituído por movimentos sociais de rua. Entender a formação desse espaço organizado de ativismo passa por entender como movimentos sociais são criados, como atores mobilizam recursos e constroem ação coletiva, etc. Esse é um processo que corta a dimensão discursiva, mas que vai além dela. Entre nossos objetivos aqui está o de ligar a dimensão dos discursos da nova direita ao processo mais amplo de organização desse espaço de ativismo em BH.

Há ainda um terceiro grupo de trabalhos que se dedicou a entender a relação entre nova direita e ativismo de rua, focando na participação dos atores da nova direita no ciclo de protestos que teve lugar no Brasil nos últimos anos. [Pinto \(2017\)](#), por exemplo, investigou como o discurso da nova direita ganhou hegemonia societária ao longo dos protestos de 2013, 2014 e 2015. Em Junho de 2013 as pautas e discursos de direita estavam dispersas entre uma multitude de outros discursos. Com a perda de capacidade do PT em dar “sentido à vida política”, ocorreu um vácuo discursivo, no sentido de não existir um ator com capacidade para elaborar discursos hegemônicos. Nos protestos de 2014 o vazio discursivo começou a ser preenchido pelos atores da nova direita. O sentimento anti-Dilma e anti-PT passou a ocupar o lugar de “significante vazio”, articulando todos os outros sentimentos e discursos acerca dos problemas do país. Isso culminou nas pautas “Fora Dilma/Impeachment da Dilma” dos protestos de 2015, momento em que a fragmentação discursiva deu lugar a uma hegemonia discursiva da nova direita. Já [Gohn \(2017\)](#) e [Tatagiba, Trindade e Teixeira \(2015\)](#) não focaram especificamente na relação entre a nova direita e o ciclo de protestos recente. Mas seus trabalhos mostram como esse ciclo foi importante para o surgimento e amadurecimento dos atores da nova direita. [Tatagiba, Trindade e Teixeira \(2015\)](#) estudaram os principais protestos com perfil de direita que aconteceram em São Paulo entre 2007 e 2015. Apesar das diferenças no tamanho, frequência e atores presentes, o que uniu esses protestos foi o foco anti-PT e anti-corrupção.

O artigo de [Pinto \(2017\)](#) descreve bem a estruturação dos discursos da nova direita ao longo dos protestos. Já os trabalhos de [Tatagiba, Trindade e Teixeira \(2015\)](#), [Gohn](#)

(2017) e Tatagiba e Galvão (2019) apresentam um retrato acurado dos protestos da nova direita ou da participação desta no ciclo de protestos recente. Mas nenhum desses trabalhos explica como, à medida que o ciclo de protestos ia crescendo, a nova direita ia também se organizando, com: a criação e expansão de movimentos sociais, aumento da interação e das ações coordenadas entre esses movimentos, e criação de identidades e fronteiras internas que delimitavam um espaço próprio de atuação.

## 2.3 Em busca de um modelo teórico que explique a organização da nova direita em BH

Os trabalhos revisados acima trazem algumas novidades em relação ao fenômeno do ativismo da nova direita. Entretanto, nenhum deles aborda a faceta específica da nova direita que queremos explicar aqui: o processo de estruturação da nova direita enquanto um espaço de ativismo político organizado, composto por atores coletivos (ou movimentos sociais), em constante interação e com capacidade de construir grandes protestos de rua. Para sanar essa lacuna na literatura, propomos aqui uma pesquisa desse processo de estruturação da nova direita. Defendemos que uma explicação desse fenômeno deve conseguir dar conta de pensar os espaços de ativismo político para além dos movimentos sociais individuais. Quer dizer, é necessário explicar tanto a emergência dos movimentos sociais, quanto a emergência do espaço em que esses atores coletivos atuam.

É nesse sentido que recorreremos à Teoria dos Campos de Ação Estratégica como um modelo teórico que pode nos ajudar a desenvolver um *frame* analítico para entender o surgimento e configuração desse espaço de ativismo em Belo Horizonte. A Teoria dos Campos de Ação Estratégica, ou TCAE, é a vertente mais recente das teorias de campos desenvolvidas na Sociologia (FLIGSTEIN; MCADAM, 2012). Para entender essa teoria precisamos entender, primeiro, o conceito de campo que ela contempla. Um Campo de Ação Estratégica conforma uma ordem social de nível intermediário dentro de uma sociedade<sup>5</sup>. Os campos são compostos por atores coletivos - grupos, organizações, movimentos sociais, etc - e individuais.

Um tipo de ator fundamental no contexto do surgimento e das mudanças dos campos são os atores estratégicos - ou “empreendedores institucionais”; atores dotados de muita habilidade social e que usam essas habilidades para construir ação coletiva. Habilidade social é a capacidade de promover cooperação; ela implica que os atores consigam ler os interesses e identidade vigentes em um contexto social, e consigam formular discursos e narrativas que dialogam ou transformam esses interesses e identidades, incentivando os

<sup>5</sup> Em determinadas situações, um campo também pode existir, usando da comparação empregada por Fligstein e McAdam (2012), na forma de uma “matryoshka” - a tradicional boneca russa -, quer dizer como campos dentro de campos, formando uma ordem social hierárquica.

demais atores a se engajarem em uma ação coletiva específica. Esse processo será detalhado mais adiante.

Uma das premissas do conceito de “Campo de Ação Estratégica” é que os campos constituem “arenas socialmente construídas em que atores com recursos variados disputam vantagens” (FLIGSTEIN; MCADAM, 2012). O primeiro elemento do conceito – campos como construções sociais – chama atenção para o caráter subjetivo e situacional da existência de um campo, e o segundo – campos como arena em que atores disputam vantagens – para a natureza conflitiva e desigual do mesmo. Um campo é socialmente construído em três sentidos. Primeiro, a pertença a um campo não pode ser estabelecida em termos puramente objetivos. É, antes, um critério subjetivo, baseado no reconhecimento dos demais atores, que estabelece a afiliação de um ator a determinado campo. Segundo, as fronteiras de um campo são variáveis segundo critérios situacionais, tendo em vista os problemas e interesses que estão em jogo em cada circunstância. Terceiro, e último, campos são socialmente construídos no sentido de que eles são estruturados a partir do compartilhamento ou percepção generalizada de certos significados e conhecimentos. Esses conhecimentos compartilhados versam sobre o que está em disputa no campo, a posição dos atores, as regras de funcionamento do campo e as formas de se interpretar (enquadramentos interpretativos) as ações dos demais atores.

Bem, mas por que usar a TCAE e o conceito de Campo de Ação Estratégica nesta tese? Nosso objetivo aqui é aplicar a TCAE para explicar o caso da estruturação da cena do ativismo da nova direita em Belo Horizonte. Esse espaço de ativismo constituído pela nova direita em Belo Horizonte é composto por uma série de movimentos sociais liderados por ativistas individuais, que cumprem função semelhante aos “atores estratégicos”. Esses movimentos possuem divergências, mas também possuem laços de colaboração e dialogam entre si na maior parte do tempo. Suas ações se tornaram interdependentes. Suas lideranças atuam visando mobilizar apoiadores e novos membros. Elas competem, mas também cooperam. Como mostram Fligstein e McAdam (2012), fenômenos como esse são passíveis de serem estudados a partir da Teoria dos Campos de Ação Estratégica:

Os fenômenos sociais nos quais atores autoconscientes se esforçam para organizar grupos para fins coletivos incluem a política institucional, religião, movimentos sociais, a economia na qual empresas e governos criam mercados e o setor sem fins lucrativos das economias capitalistas. Todas essas arenas de ação contêm atores que buscam construir instituições que orientem suas interações a fim de que possam realizar seus interesses existenciais e materiais. Esses atores desejam criar novos espaços sociais onde seus grupos possam dominar ou prosperar. Em todos esses terrenos empíricos, observamos regras organizacionais formais, leis e práticas informais sendo usadas para orientar a interação. Agora, é claro, os objetivos dos atores são muito diferentes dentro dos estados, dos mercados, da religião, do setor sem fins lucrativos e dos movimentos sociais. Mas, em todas essas arenas, vemos atores se esforçando para obter cooperação dentro de seus grupos e para estabilizar as interações entre os grupos. (Fligstein & McAdam, 2012, p.54)

O conceito de campo de ação estratégica permite capturar o caráter organizado da multiplicidade de atores que emergiu na cena do ativismo de direita na cidade nos últimos anos. Esses atores não agiam de maneira isolada nem suas ações eram independentes em termos de interesse e leitura estratégica. Eles desenvolveram um espaço comum de atuação, um espaço de sociabilidades ativistas, em que movimentos sociais - e outros tipos de organizações - e ativistas individuais interagem constantemente para defender pautas conjuntas. A TCAE e o conceito de campo de ação estratégica proporcionam um aparato conceitual e teórico que facilita a formulação de uma explicação sobre como esse tipo de espaço social surge, se estabiliza e como ele se transforma ao longo do tempo. Os detalhes desse aparato teórico ficarão claros mais adiante.

E por que não usar das teorias clássicas de movimentos sociais para explicar o processo de organização da nova direita? As teorias de movimentos sociais, como a Teoria do Processo Político e Teoria da Mobilização de Recursos, focam no surgimento e expansão de movimentos sociais ou de organizações de movimentos sociais. São teorias que se aplicam ao processo de formação de atores coletivos específicos. No nosso caso, não queremos explicar a formação de movimentos sociais ou organizações de movimentos sociais específicas da nova direita, mas entender o processo pelo qual esses atores constituíram um ambiente de ativismo próprio, um espaço organizado em que eles atuam levando em conta as ações uns dos outros.

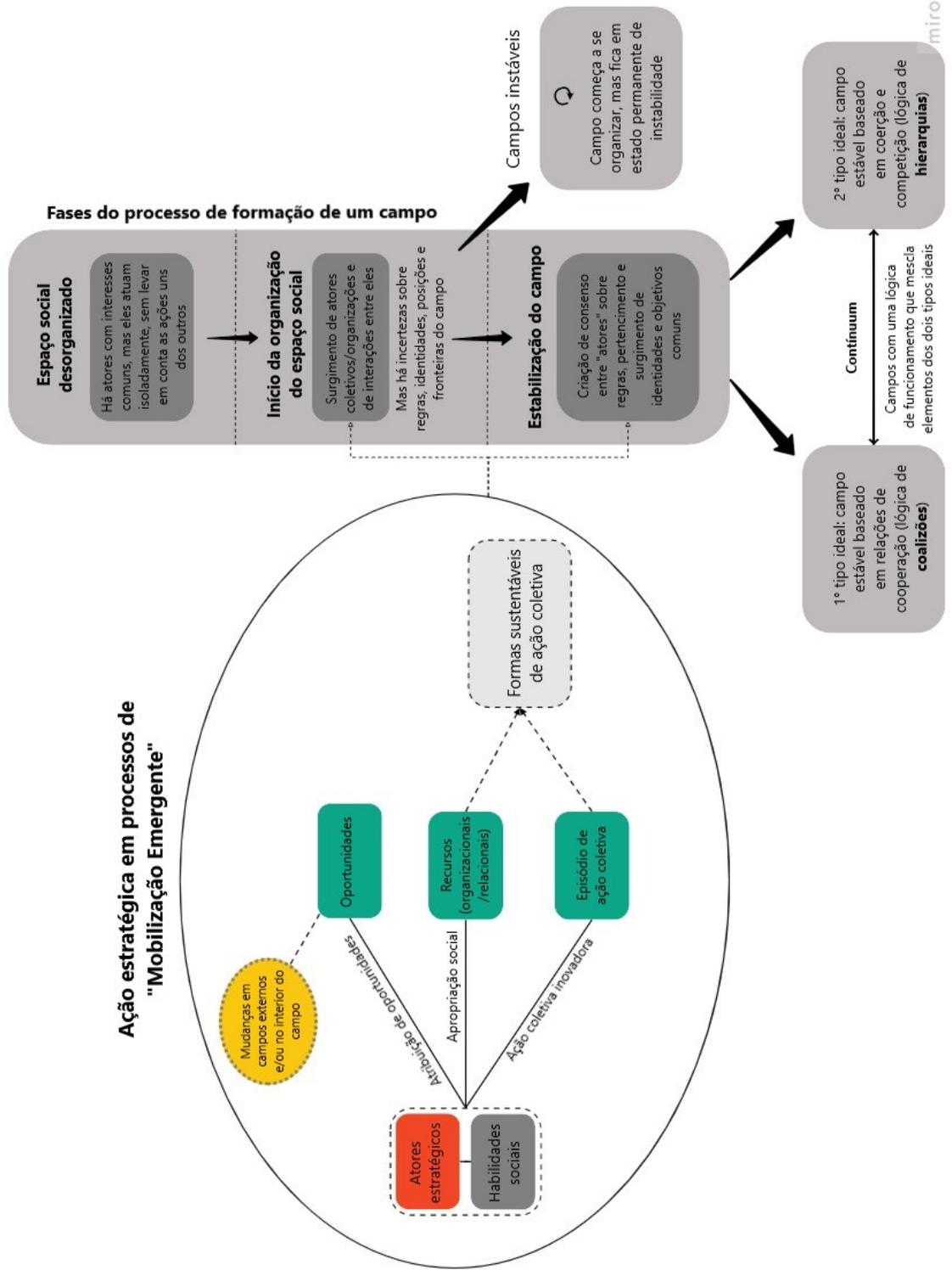
Outra questão importante é por que, dentre as teorias de campo existentes, usar justamente a TCAE. Comparada com as outras duas principais teorias de campo existentes nas Ciências Sociais, as teorias de campo bourdieusiana e neo-institucionalista, a TCAE é mais adequada para lidar com fenômenos de ação coletiva, principalmente aqueles ligados ao mundo do ativismo político. Ela aborda a formação de um campo como um processo de ação coletiva. O principal objetivo dos atores engajados nesse processo é alcançar a cooperação de outros atores. Os atores mais habilidosos politicamente podem ler o ambiente, compreender os interesses vigentes, formular novos discursos e enquadramentos interpretativos e influenciar o comportamento dos demais, contribuindo para a criação de novos atores coletivos/organizações e para a estruturação do espaço em que esses atores coletivos atuam. Nesse sentido, a TCAE propõe uma série de conceitos para abarcar os desafios subjacentes à construção de ação coletiva: habilidade social, enquadramentos interpretativos, oportunidades, estruturas organizacionais, identidade coletiva e “função existencial do social”. Muitos desses conceitos são provenientes do campo de estudos de movimentos sociais, especificamente da Teoria do Processo Político. Essa influência das teorias de movimentos sociais dá à TCAE ferramentas analíticas mais adequadas para tratar dos processos de ação coletiva.

## 2.4 A TCAE: esquema teórico

Na última seção apresentamos rapidamente a TCAE e o conceito de campo que ela engloba. Nesta seção vamos detalhar um pouco mais dessa teoria, focando nos conceitos, elementos e mecanismos que ela invoca para explicar o processo de emergência dos campos. Para facilitar o entendimento da TCAE e a posterior construção de perguntas e hipóteses de pesquisa a partir dessa teoria, construímos um esquema teórico-conceitual que detalha as relações entre os principais elementos e processos que compõem a TCAE. Vamos usar essa teoria para explicar tanto o surgimento de um novo espaço de ativismo de direita na cidade de Belo Horizonte (um campo de ativismo político) assim como a conformação interna desse espaço. Nesse sentido, o que nos interessa aqui é principalmente a forma como a TCAE aborda o processo de formação dos campos e a configuração que os campos tomam depois que emergem. De forma geral, a TCAE se divide em três partes, cada uma tratando de uma fase dos campos: emergência, estabilização e mudanças dos campos. Focaremos nas duas primeiras partes - emergência e estabilização dos campos - já que nosso objetivo é entender como um “novo campo de ativismo de direita” se formou em Belo Horizonte.

Na parte direita do esquema abaixo, estão as fases do processo de formação de um campo. Em cada quadrante tem-se as dimensões e elementos que caracterizam a respectiva fase da formação do campo. Na parte esquerda do esquema (dentro do círculo) estão as relações entre os elementos e mecanismos que compõem o principal processo social por trás do momento de formação de um campo: os processos de “Mobilização emergente”.

Figura 1 – Esquema teórico: Fundação dos Campos de Ação Estratégica



Fonte: Autoria própria.

Como se vê no esquema acima, o surgimento de um campo se dá a partir de uma dinâmica em que um espaço social desorganizado ganha algum nível de organização. Um espaço desorganizado significa que existem atores com interesses comuns, mas esses atores não agem levando em conta as ações e interesses uns dos outros. Eles atuam de maneira isolada. O processo de organização do campo começa quando dois ou mais desses atores percebem que existem oportunidades para que seus interesses possam ser realizados. Essas oportunidades alteram as possibilidades de ação dos atores de um espaço social ainda desorganizado, de forma que se torna possível que eles alcancem alguns de seus objetivos. No caso de campos em início de formação, as oportunidades costumam vir de mudanças que ocorrem em outros campos societários. Muitas oportunidades surgem de mudanças em campos mais centrais na sociedade, como é o caso do Estado. A TCAE afirma que os campos estão interligados por várias formas de relações de dependência e que alguns campos, como os campos do Estado, são mais centrais (quer dizer, possuem mais laços com outros campos) do que outros. Quando esses campos mais centrais entram em crise eles podem provocar mudanças em uma multiplicidade de outros campos, disparando oportunidades que são aproveitadas por atores habilidosos localizados em espaços sociais desorganizados.

No processo de formação de um campo um elemento chave são os atores estratégicos. Esse tipo de ator age como um promotor de ação coletiva. No contexto de emergência dos campos, eles equivalem aos “empreendedores institucionais” de certas vertentes do Neoinstitucionalismo; eles constroem e direcionam os grupos, organizações, instituições que constituem os campos. Os atores estratégicos são atores dotados de muita “habilidade social”. Habilidade social é a capacidade, distribuída normalmente na sociedade, que alguns atores possuem de fazer uma leitura dos interesses e ideias vigentes em um contexto qualquer e de usar os dados dessa leitura, mais os recursos disponíveis, para construir e disseminar discursos e enquadramentos capazes de mudar os interesses e identidade dos demais atores, a ponto de fazê-los cooperar em uma via específica. Habilidade social é, em suma, a capacidade de estimular a cooperação, capacidade de construir ação coletiva.

Nesse ponto é bom esclarecermos um fato ainda não trazido à luz sobre a TCAE, o fato de ela ser uma teoria flexível o suficiente para tratar daqueles aspectos não tão estratégicos ou não tão instrumentais da ação humana. O termo “ação estratégica” que ela carrega no título é, dessa forma, um tanto traiçoeiro. No cerne da TCAE está uma preocupação com uma dimensão mais existencial da ação coletiva. A noção de ação estratégica fala do comportamento tipicamente voltado para a conquista de controle em um contexto social qualquer (WHITE, 2008). Conduzir a ação do outro, ou melhor, fazê-lo cooperar em determinada via, é uma das formas de se alcançar tal controle. Mas como fazer isso - como induzir cooperação? A resposta tem duas bases principais: por um lado, a cooperação está fincada em interesses compartilhados, o que inclui interesses por benefícios materiais; por outro lado, ela está baseada na nossa necessidade de conferir

sentido para a existência, necessidade essa que é saciada por meio da filiação a grupos e identidades coletivas. As pessoas desenvolvem atividades conjuntas, se filiam a grupos e identidades coletivas, não só visando status ou recursos materiais, mas também procurando sentido para sua existência - a isso a TCAE chama de “função existencial do social”. Essa necessidade de explicações, de narrativas que deem sentido ao mundo e à nossa presença nele é usada pelos atores estratégicos (empreendedores institucionais) para alcançar a cooperação dos demais atores de um determinado contexto social. Habilidade social é justamente a capacidade de formular essas narrativas e explicações, as quais mudam os interesses e identidades dos demais atores a ponto de fazê-los cooperar com uma causa específica. Como afirmam Fligstein & McAdam (2012, p.15),

“A cooperação geralmente está fundada em uma combinação de interesses compartilhados e identidade coletiva comum. As pessoas se juntam a grupos e cooperam por recompensas materiais limitadas, mas também pelos benefícios existenciais que um senso de significado e associação proporciona (Fligstein & McAdam, 2012, p.15)

Mas a habilidade social não é o único requisito para os atores estratégicos buscarem a cooperação dos demais atores. A emergência de um campo, segundo a TCAE, se assemelha aos processos típicos de mobilização que acontecem em movimentos sociais; as “mobilizações emergentes”. Esse tipo de mobilização, cujo produto final é a cooperação estável entre determinado número de atores, depende da existência de três mecanismos sociais: a atribuição de oportunidades, a apropriação social e a “ação coletiva inovadora”. Essa referência a mecanismos faz da TCAE uma teoria que, implicitamente, traz elementos de uma Sociologia Analítica, ou seja, elementos de uma Sociologia baseada em mecanismos sociais. Isso apesar do fato de ambas as perspectivas - as teorias de campos e a noção de mecanismos sociais - terem origens bastante diferentes, diria até opostas.

Tanto nos momentos de emergência como de mudança dos campos, os atores devem ser capazes de enxergar e usar os efeitos de eventos e mudanças em outros campos societários enquanto oportunidades. Esse é o mecanismo de “atribuição de oportunidades”. A continuação do processo de mobilização exige que os atores também tenham acesso a recursos organizacionais/relacionais (“Apropriação social”). Os atores estratégicos usam desses recursos para difundir suas narrativas e para apoiar de maneira sustentável dinâmicas inovadoras de ação coletiva. Nesse processo eles criam e difundem discursos e narrativas, os quais moldam os interesses, visões de mundo e a identidade dos outros atores. Às vezes, esses discursos e narrativas apenas dialogam, e não chegam a mudar o interesse e as identidades dos demais atores. O diálogo com os interesses dos atores é um caminho importante para atraí-los para uma ação coletiva específica.

As experiências de ação coletiva inovadora quebram com as relações sociais típicas em que os atores estão imersos no seu dia-a-dia. Na verdade, o mecanismo de Ação Coletiva

Inovadora é mais importante, segundo a TCAE, nos momentos de transformação do campo. Mas ele também está presente nos momentos de emergência do campo. A ação coletiva inovadora tem a capacidade de atrair novos atores para o espaço que está se formando, ela tira os atores da rotina e faz eles interagirem a partir de um novo padrão relacional. Para que os episódios de ação coletiva inovadora não terminem em nada, os atores estratégicos necessitam de recursos para tornar a cooperação entre os demais atores mais sustentável. Quando essa combinação entre “ação coletiva inovadora” e “apropriação social” de recursos leva à formação de interações sustentáveis ao longo do tempo entre os atores, podemos falar da existência do campo.

“A criação ou *apropriação de veículos organizacionais* suficientes para lançar e sustentar *ação coletiva inovadora* deve ocorrer para que o processo de formação do campo tenha lugar. A formação do campo acontece quando essa sequência dinâmica resulta em uma interação sustentada entre dois ou mais atores intencionados em ocupar um espaço social previamente desorganizado (Fligstein & McAdam, 2012, p.92)

## 2.5 Estabilização e configuração interna do campo

O indicador de que os atores compõem um novo campo é o grau em que eles agem levando em conta uns aos outros. Com o tempo surge uma consciência de que eles pertencem a um espaço comum. O passo seguinte na organização do campo é a emergência de um entendimento compartilhado sobre as regras que guiam o comportamento dos atores, as posições de cada um e sobre o pertencimento ao campo. Nesse momento emergem também enquadramentos comuns, que dão aos atores uma visão semelhante sobre o funcionamento do campo e o significado das ações dos demais membros. Esse processo é o início da estabilização do campo. Isso significa que os conflitos sobre como o campo funciona, quais as normas e objetivos do mesmo e quem são os atores dominantes, diminuem drasticamente. Alcança-se certo consenso sobre o papel e posição de cada ator no campo. As relações se tornam mais estáveis e as disputas se dão dentro de normas aceitas pela maioria dos participantes do espaço em questão.

Um elemento importante para o surgimento de um consenso generalizado em torno de regras, fronteiras e do pertencimento ao campo é a formação de identidades coletivas. Identidades “se referem a conjuntos de significados que os atores possuem e que definem quem eles são e o que desejam em uma determinada situação” (Fligstein & McAdam, 2012, p.47). Por mais que um campo seja um espaço de disputas e que os atores tenham interesses diferentes, é de se esperar que se formem alguns interesses e elementos identitários comuns a todos os atores do campo. As identidades coletivas são uma das bases para a cooperação. Identidades definem os diferentes grupos e posições de um campo. Nesse sentido, as identidades coletivas tem duas faces. Identidades coletivas generalizadas ajudam a promover o consenso e a estabilidade do campo. Mas identidades

de facções ou organizações específicas estão na origem do conflito e da competição entre esses atores coletivos. Enfim, analisar as dinâmicas de identidade coletiva é fundamental para o entendimento dos conflitos e do processo de estabilização do campo.

A costura fina que leva à formação de identidades e interesses comuns é levada a cabo por atores estratégicos, segundo a TCAE. Eles usam suas habilidades sociais para promover cooperação entre os demais membros do campo. Nesse sentido, campos já estabilizados podem, a depender das relações sociais prevalecentes, ter seu funcionamento baseado em duas lógicas diferentes: ou uma lógica baseada na dominação hierárquica de um ator sobre os demais; ou uma lógica baseada na coalizão política entre os principais atores do campo. Essas duas lógicas de funcionamento são tipos ideais. No primeiro tipo ideal, os campos estão assentados principalmente em relações de coerção e/ou relações de competição. Os atores com mais recursos e mais bem posicionados no campo se sobressaem aos demais e começam a ditar as regras, papéis e enquadramentos dominantes no campo. Já no segundo tipo ideal, os campos estão assentados em relações de cooperação. Nesse caso, o consenso sobre o funcionamento do campo emerge a partir de alianças baseadas nos interesses e identidades comuns entre os atores.

Há a possibilidade também de emergirem campos que estão situados entre esses dois tipos ideais. Na verdade, isso é o mais comum. Pode ser, por exemplo, que dois ou mais atores cooperem entre si para formar uma coalizão e em seguida entrem em uma relação de coerção ou competição com outros grupos de atores, mantendo uma relação hierárquica com esses grupos posteriormente. As coalizões e hierarquias também podem existir simultaneamente. Um ator, com mais recursos e poder, pode imperar em um campo a partir da formação de uma coalizão com atores menos poderosos. Além disso, é bom pontuar que a competição é uma dinâmica comum em quase todos os campos, sendo menos aparente em campos estáveis e que se baseiam em uma lógica de coalizões.

É comum também que os campos não se estabilizem e permaneçam em um estado constante de instabilidade. Nesse caso, o consenso sobre normas, objetivos, posições e fronteiras do campo não chega a ser alcançado. As relações sociais dentro do campo também não chegam a ficar estáveis por muito tempo. Nenhum ator tem recursos ou capacidade para se impor sobre os demais; e também não se formam coalizões visando produzir concordância generalizada em relação ao funcionamento do campo.

Fligstein & McAdam (2012) também citam outros dois elementos importantes para a formação e estabilização dos campos: a emergência de Unidades de Governança Interna e a atuação do Estado. As unidades de governança interna são instâncias criadas dentro dos campos com a função de estabelecer e fazer cumprir critérios para a governança do campo. Mas, segundo Fligstein & McAdam (2012), essas unidades de governança interna não existiriam em campos informais, sendo encontradas apenas em campos mais formais, como aqueles localizados dentro do Estado. Como o campo aqui analisado tem um caráter

informal, não incluímos as Unidades de Governança Interna em nosso modelo analítico. Os autores também citam as facilitações que o Estado promove para a consolidação de outros campos. Essas facilitações vão desde o estímulo direto à formação de outros campos, até a regulamentação de certas atividades sociais, o que cria incentivos para a emergência de novos campos.

## 2.6 Perguntas de pesquisa

Nosso objetivo aqui é usar a TCAE como modelo teórico para explicar o caso da estruturação da cena do ativismo da nova direita em Belo Horizonte. A TCAE vai funcionar como uma primeira lente para enxergar esse fenômeno. Ela também vai nos servir de guia para pensar as perguntas de pesquisa que conduzem este trabalho. Ao longo dos próximos capítulos e ao final da tese vamos averiguar o quanto essa teoria ajuda a explicar fenômenos como o aqui estudado, ou seja, espaços organizados de ativismo político, formados por movimentos sociais com capacidade para fazer ativismo de rua.

Um pressuposto central da TCAE é o de que os campos emergem a partir da ação de atores dotados de muita habilidade social. Essa parte da TCAE permite que a teoria lide bem com a questão do papel da agência no processo de surgimento e mudança dos campos. Por um lado, um campo é resultado de mudanças estruturais que costumam surgir em outros campos. Essas mudanças aparecem para os atores estratégicos como oportunidades. Por outro lado, o campo é fruto da ação dos atores estratégicos, ou seja, dos atores com capacidade de ler uma situação e, com base nessa leitura e nos recursos disponíveis, formular discursos que mudam os interesses e as identidades dos demais atores, fazendo eles cooperarem em uma determinada direção.

No caso de um campo de ativismo, entendemos que os atores estratégicos são as lideranças dos movimentos sociais e grupos de ativismo. Partimos do pressuposto aqui que o espaço de ativismo de direita que se formou em Belo Horizonte a partir de 2013 se comporta como um campo de ação estratégica. Nesse campo, diversos movimentos e ativistas atuaram visando defender pautas e ideologias de direita. Assim, ao tentar aplicar a TCAE para entender como esse espaço de ativismo surgiu, nossa primeira tarefa é encontrar os atores estratégicos do campo, entender seus perfis e trajetórias e como eles atuaram ao longo dos últimos anos. Esses atores foram responsáveis pela criação dos principais movimentos do campo no período analisado; movimentos como: MBL-Minas, Vem Pra Rua - Minas, Brasileiros.Bros, Direita Minas, Brava Gente, Patriotas, etc.

Nossa primeira questão aqui é sobre quem são os atores estratégicos na nova direita belorizontina e como eles alcançaram esse papel. Estamos interessados em entender o perfil desses atores - os tipos de atores estratégicos presentes no campo - e também suas origens, quer dizer, como eles vieram a desenvolver suas habilidades sociais, como eles passaram a

assumir essa função no campo. Já quando falamos em estudar a atuação desses atores, estamos basicamente querendo entender como eles atuaram na criação dos movimentos sociais, dos protestos e do ambiente mais amplo de interação da nova direita em BH: Quais movimentos eles criaram? Como eles mobilizaram recursos nesse processo? Quais discursos e enquadramentos interpretativos eles formularam para mobilizar apoiadores? Como eles usaram os eventos e mudanças no ambiente político mais amplo a seu favor? Quais inovações em matéria de ação coletiva eles promoveram?

Ao analisar a trajetória dos atores estratégicos podemos também testar a ideia colocada pela literatura de que o surgimento da nova direita é fruto do desenvolvimento de espaços de ativismo que já existiam no país desde os anos 2000. Segundo Rocha (2017), esses antigos espaços de ativismo existiam na forma de comunidades no Orkut. Alguns se desenvolveram também na forma de *think tanks* ultraliberais. Essas organizações e comunidades de ativismo de direita teriam sido a base para o surgimento da nova direita a partir de 2013. Nesse sentido, será que a origem de um espaço de ativismo organizado de direita em BH nos últimos 6 anos tem influências desses antigos contra-públicos ultraliberais e conservadores? Essa questão é importante para entendermos a real origem da nova direita organizada em BH (e no Brasil). Já sabemos que os movimentos do campo na cidade surgiram após 2013, o que indicaria a não existência de relação entre as duas experiências de direita. Mas será que não existe outro tipo de relação entre os contra-públicos virtuais de direita dos anos 2000 e a nova direita organizada de BH?

O modelo teórico que usamos aqui pressupõe que o surgimento dos campos é intermediado pela ação de atores dotados de muita habilidade social. Sendo assim, vamos investigar a influência que outros campos de ativismo exerceram sobre o surgimento da nova direita em BH a partir da análise da influência que estes campos tiveram sobre a trajetória das lideranças. Em resumo, vamos analisar se na trajetória dos atores estratégicos do campo em BH há influências de antigos campos de ativismo virtual existentes no Brasil desde os anos 2000. Essa análise vai nos permitir entender se esse campo de ativismo em Belo Horizonte é fruto do trabalho exclusivo de novos atores estratégicos, que apareceram apenas após de 2013, ou se ele se iniciou a partir da ação de atores de campos de ativismo de direita já existentes. Se o primeiro caso se confirmar, poderemos afirmar que o campo de ativismo aqui pesquisado é um espaço de ativismo completamente novo, sem relações aparentes com antigos campos de ativismo de direita - o que contrariaria alguns achados da literatura sobre nova direita no Brasil.

Pensando nisso, as primeiras questões que esta tese procura responder são:

- Questão 1: Quem são os atores estratégicos do campo em Belo Horizonte, como eles se tornaram atores estratégicos e como eles atuaram no processo de construção do campo e na construção dos atores coletivos (movimentos) do campo? A trajetória

e atuação desses atores foi influenciada por antigos campos de ativismo de direita existentes no Brasil desde os anos 2000?

Os atores estratégicos - empreendedores institucionais - são elementos centrais no processo de emergência de um campo. Mas eles não são a única peça nesse processo. Como mostram Fligstein e McAdam (2012), os atores estratégicos são meios para a efetivação dos três principais mecanismos presentes no processo de emergência dos campos: atribuição de oportunidades, apropriação social e ação coletiva inovadora. A partir desses mecanismos, eventos externos se transformam em oportunidades e os recursos disponíveis no ambiente são apropriados para a construção de formas sustentáveis de ação coletiva. Isso quer dizer que, no contexto da TCAE, os mecanismos sociais supracitados são os elementos que ligam atores estratégicos e suas habilidades sociais a oportunidades políticas, recursos e novas formas de ação coletiva; tudo isso resultando na emergência de formas estáveis de ação coletiva.

O conceito de mecanismo não é bem detalhado na TCAE. Usamos do trabalho de Kauppinen, Cantwell e Slaughter (2017), “Social mechanisms and strategic action fields: The example of the emergence of the European Research Area”, para defender que faz sentido pensar a TCAE como uma teoria de campos que usa de conceitos e elementos teóricos de uma Sociologia Analítica - ou seja, de uma abordagem baseada na ideia de mecanismo - para explicar a emergência dos campos. Em princípio, essas duas abordagens (as Teorias de campo e a abordagem por mecanismos sociais) seriam antagônicas, já que possuem bases ontológicas bem diferentes<sup>6</sup>. Os dois conceitos - campo e mecanismo - vêm da Física, mas mudaram muito desde que foram introduzidos nas Ciências Sociais, a ponto de não serem tão antagônicos nesse contexto científico específico. Em certas teorias de campo da Sociologia, é possível ligar a formação e a dinâmica interna de um campo à atuação de mecanismos sociais. Na Teoria dos Campos Organizacionais de DiMaggio e Powell (1983), por exemplo, os isomorfismos miméticos, normativos e por coerção são mecanismos que ajudam a dar forma a um campo organizacional. Da mesma maneira, na TCAE, as dinâmicas de “atribuição de oportunidades”, “apropriação social” e “ação coletiva inovadora” são mecanismos que ajudam a explicar o surgimento de um campo de ação estratégica. Assim, tendo essas contradições resolvidas, faz sentido perguntarmos

<sup>6</sup> Campo é uma metáfora importada da física. De acordo com John Levi Martin (MARTIN, 2003), o modelo ideal de teoria de campo é o “eletromagnetismo (não-relativístico) clássico”. Nessa forma primordial, a teoria dos campos tomava “a forma básica da mecânica de fluidos desenvolvida no século XVIII, na qual equações ligavam um “fluxo” - ou potencial para força transmitida - a coordenadas espaciais”, mas com o pormenor de que em um campo não existe nenhum fluido. Já a noção de mecanismo vem da Física e da Astronomia do século XVII, particularmente da mecânica clássica. A imagem ideal de uma explicação via mecanismos é a de uma máquina, em que uma engrenagem exerce uma força sobre outra engrenagem, provocando um deslocamento (movimento) nessa última. Para resumir as diferenças: a explicação por meio da noção de campo, diferente da explicação por meio da noção de mecanismos, não pressupõe que os elementos ou objetos do mundo se toquem (causem). A explicação do comportamento dos elementos na teoria de campos passa pela análise da interação entre campo e elemento.

sobre quais são e como operam os mecanismos envolvidos no processo de emergência do campo de ativismo da nova direita em Belo Horizonte. Como se dá o mecanismo de apropriação social? Quais recursos são mobilizados por meio desse mecanismo? Quais eventos se tornaram oportunidades para os atores? A formação de dinâmicas inovadoras de ação coletiva foi um mecanismo importante para o surgimento do campo em BH? Quais formas inovadoras de ação coletiva foram empregadas pelos movimentos e ativistas do campo?

Partimos da ideia de que um mecanismo social é um padrão de interação entre elementos de um contexto social que se repete em outros contextos sociais semelhantes, produzindo os mesmos efeitos (TILLY; TARROW, 2015). Por exemplo, no caso do mecanismo de Apropriação Social, esperamos encontrar a presença de atores estratégicos (1 elemento) usando de redes sociais ou bases organizacionais pré-existentes (2 elemento) para alcançar a mobilização (cooperação) de um grupo maior de atores (3 elemento) com o objetivo de realizar interesses que não são exatamente aqueles já existentes nas redes sociais e bases organizacionais utilizadas. À medida que esse padrão de interação entre esses três elementos é visto em outros contextos sociais - e produzindo efeitos semelhantes - pode-se falar da existência de um mecanismo social. Sequências semelhantes de mecanismos sociais, vistas em mais de um contexto social e produzindo os mesmos efeitos, são chamadas de processos (TILLY; TARROW, 2015). A Mobilização Emergente, nesses termos, seria um processo, fruto do encadeamento de três mecanismos: apropriação social, atribuição de oportunidades e ação coletiva inovadora. Um dos produtos desse processo é a emergência de formas estáveis de cooperação entre um determinado conjunto de atores (individuais e coletivos).

Nos perguntamos também sobre a existência de outros mecanismos importantes para explicar o surgimento de campos como aqueles aqui analisados, ou seja, campos de ativismo político. O trabalho de Kauppinen, Cantwell e Slaughter (2017), “Social mechanisms and strategic action fields: The example of the emergence of the European Research Area”, mostra como os três mecanismos usados pela TCAE não são suficientes para explicar a emergência de um campo de “pesquisa europeia”. Os autores apontam que a emergência desse tipo de campo é dependente da presença de outros mecanismos sociais, como “Formação de coalizão” - aproximação entre atores rivais -, “Desativação de fronteira” - enfraquecimento das fronteiras entre atores previamente separados - e “Redesenho organizacional” - mudança no desenho de uma organização que facilita a emergência de um novo campo. Será que esses mecanismos também são importantes no contexto de um campo de ativismo político como aquele formado pela nova direita belorizontina? Ou será que os três mecanismos colocados pela TCAE são suficientes para explicar o surgimento desse campo?

Para resumir, a segunda questão que queremos responder aqui é:

- Questão 2: Quais mecanismos tornaram possível o processo de emergência do campo (e dos atores coletivos do campo) de ativismo da nova direita em Belo Horizonte? Os mecanismos de Apropriação social, Atribuição de oportunidades e Ação coletiva inovadora são suficientes (e necessários) para explicar esse processo?

As três últimas questões têm a ver com o processo de estabilização do campo e com a configuração interna resultante desse processo. Relembrando, a TCAE diz que depois da fase de emergência do campo, vem a fase de estabilização das relações entre os membros do campo. Durante o processo de estabilização, os atores começam a criar consenso sobre as regras, as fronteiras e o pertencimento ao campo. Em alguns casos, esse consenso não se forma e o campo permanece em estado de instabilidade. Em outros, o consenso se forma, o que culmina no aparecimento de relações estáveis entre os membros do campo. Ou seja, o campo se estabiliza e uma ordem social emerge. Essa ordem pode estar localizada em um contínuo que vai de um campo idealmente baseado em uma lógica de hierarquias até um campo idealmente baseado em uma lógica de coalizões políticas. O que define a lógica de funcionamento do campo é o padrão de relações de cooperação, competição e coerção predominante nele.

Outro fator a ser analisado nos momentos de estabilização do campo são as dinâmicas de identidade. Identidades coletivas ajudam na criação de consenso em torno das normas, das fronteiras e do pertencimento ao campo. As identidades também são importantes para definir a configuração mais ampla do campo, ou seja, os padrões de relações entre os atores. As competições e cooperações entre os atores dependem da proximidade desses atores em termos de interesses e identidades. Em um campo de ativismo político, identidades são “identidades políticas”. No caso da nova direita, segundo a literatura, as identidades dos atores giram em torno de elementos que têm suas origens no conservadorismo moral e no ultraliberalismo. Alguns autores defendem que a nova direita é fruto de um amálgama ideológico entre conservadorismo moral e liberalismo economicista, que seria bem resumido na figura do “conservador-liberal” (conservador nos costumes e liberal na economia) (ROCHA, 2018). Nesse sentido, vamos investigar como se dá esse amálgama ideológico no campo de ativismo da nova direita em Belo Horizonte e qual seu impacto para a estabilização das relações entre os atores e para a formação de consensos no campo. Falta na literatura um detalhamento sobre essa suposta base identitária comum da nova direita. Será que essa mistura ideológica é composta igualmente por elementos do conservadorismo e do liberalismo econômico? Será que todos os principais atores do campo em Belo Horizonte se reconhecem a partir desse amálgama ideológico?

Para investigar a existência e os impactos desse amálgama ideológico sobre a configuração interna do campo, vamos coletar dados sobre como os diferentes atores estratégicos e seguidores do campo se identificam politicamente - sobre como eles definem o que é “ser de direita”. Com esses dados, vamos analisar como os elementos do conservadorismo e do

liberalismo são mobilizados por esses atores em suas narrativas sobre suas identidades políticas e como esses elementos afetam as interações sociais e a estabilização do campo.

Para resumir, nossas três questões aqui são:

- Questão 3: Quais consensos (ou conflitos) emergiram em torno da questão das fronteiras, do pertencimento e das regras de funcionamento do campo de ativismo da nova direita em Belo Horizonte?
- Questão 4: Quais as dinâmicas de competição, coerção e de cooperação existentes entre os atores coletivos desse campo e qual a lógica de funcionamento resultante no campo - está mais próxima de uma lógica de hierarquias ou de coalizões?
- Questão 5: Quais identidades coletivas emergiram no campo e como elas impactaram o processo de estabilização do campo? Existe uma identidade comum entre os atores da nova direita em Belo Horizonte cuja base é um amálgama de elementos do conservadorismo moral e do ultraliberalismo? E como se dá esse “amálgama”?

## 2.7 Metodologia e operacionalização da pesquisa

Para responder as perguntas colocadas acima, usaremos de uma série de técnicas de coleta e métodos de análise de dados. Dividiremos as análises em dois momentos, cada um abrangendo um processo social diferente: primeiro, o processo de emergência do campo (processos de mobilização emergente), em que os atores coletivos são criados e o espaço de interação desses atores se forma; segundo, o processo de estabilização do campo. Esses dois momentos são as fases fundamentais da dinâmica mais ampla de fundação de um campo segundo a TCAE. Os processos de emergência e estabilização do campo estão divididos em dimensões analíticas. Essa separação dos processos e dimensões encontra-se na Tabela 1 abaixo. Na tabela também estão os indicadores empíricos que usaremos para testar como se dão esses processos e dimensões no fenômeno empírico aqui estudado.

O surgimento dos campos, segundo a TCAE, acontece através de um processo de mobilização emergente. Seguindo as duas primeiras questões (Questões 1 e 2) colocadas acima, vamos analisar duas dimensões nesse processo de mobilização: uma dimensão tem a ver com a atuação dos atores estratégicos na criação do campo e dos atores coletivos (movimentos sociais) do campo; e a outra toca os mecanismos sociais por trás da criação do campo, mecanismos esses que tangenciam a ação dos atores estratégicos.

Começando da parte de cima da tabela, a primeira dimensão do processo de mobilização emergente equivale, em termos empíricos, a entender como as lideranças da nova direita em BH ajudaram a construir os primeiros movimentos do campo na cidade e como elas montaram um espaço em que esses atores coletivos e outros ativistas individuais

passaram a interagir constantemente. Essa análise leva em consideração a interação entre os atores estratégicos e outros elementos da TCAE, como recursos, discursos e narrativas, identidades e interesse, produção de cooperação, etc.

Figura 2 – Operacionalização da pesquisa e metodologia

Processo	Dimensões	Indicadores das dimensões	Dados coletados	Técnica de coleta de dados
Criação dos atores coletivos e organização do espaço social do campo; processos de mobilização emergente;	Atores estratégicos e a atuação desses atores na construção do campo e dos atores coletivos do campo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lideranças importantes dos movimentos sociais da nova direita em BH;</li> <li>- Trajetória ativista das lideranças e atuação delas no processo de construção dos movimentos, dos protestos e das relações entre os movimentos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Centralidade e papel das lideranças no campo</li> <li>- Percepção e narrativa das lideranças acerca do papel e atuação delas no processo de construção dos movimentos e dos protestos em BH</li> </ul>	Entrevistas; Observação participante;
Mecanismos sociais por trás do processo de emergência do campo	Atores estratégicos e a atuação desses atores na construção do campo e dos atores coletivos do campo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Presença de lideranças (1º elemento) usando de redes sociais ou bases organizacionais pré-existentes (2º elemento) para alcançar a mobilização (cooperação) de um grupo maior de atores (3º elemento) com o objetivo de realizar interesses que não são exatamente aqueles já existentes nas redes sociais e bases organizacionais utilizadas;</li> <li>- Presença de lideranças (1º elemento) interpretando e gerenciando mudanças em campos externos ou mudanças internas ao campo (2º elemento) como oportunidades (3º elemento) para realizar seus interesses e os interesses de seu grupo;</li> <li>- Surgimento de uma forma nova de ação coletiva (1º elemento) entre um conjunto de atores (2º elemento). Essa forma nova de ação coletiva é chamativa e altera a forma como os atores normalmente se relacionam (3º elemento);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Percepção e narrativa das lideranças acerca: do peso e uso que elas fazem dos eventos políticos; da importância de novas formas de ação coletiva; e do uso de bases organizacionais e redes sociais no processo de construção dos movimentos.</li> </ul>	Entrevistas; Observação participante; Consulta a jornais de notícia;
Consensos emergentes acerca das regras, posições, fronteiras e pertencimento ao campo	Atores estratégicos e a atuação desses atores na construção do campo e dos atores coletivos do campo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discursos sobre a maneira correta de agir no campo (regras) e sobre as fronteiras e pertencimento à "(nova) direita".</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discurso e percepção dos atores acerca das normas sociais, fronteiras e pertencimento ao campo</li> </ul>	Entrevistas; Observação participante;
Relações sociais e lógica de funcionamento do campo	Atores estratégicos e a atuação desses atores na construção do campo e dos atores coletivos do campo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Laços de cooperação entre as lideranças dos diferentes movimentos sociais do campo</li> <li>- Discursos das lideranças acerca das relações de competição que elas mantêm com outras lideranças.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dados sociométricos e qualitativos sobre as relações de cooperação, competição e coerção</li> </ul>	Entrevistas; Questionário sociométrico;
Dinâmica de identidades coletivas e seus efeitos para a estabilização e as relações entre os atores do campo	Atores estratégicos e a atuação desses atores na construção do campo e dos atores coletivos do campo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diferenças e semelhanças nos discursos dos atores acerca de como eles se enxergam politicamente (identidade política).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discursos dos atores acerca de como eles se percebem em termos de identidade e pertencimento a grupos.</li> </ul>	Entrevistas; Web scraping; 

Para captar os nomes daquelas lideranças que tiveram uma atuação semelhante a um ator estratégico, usamos do método de Observação Participante (e de consultas aos perfis dos movimentos nas mídias sociais). A observação participante dos protestos da nova direita em BH permitiu averiguar quem eram as principais lideranças do campo. Essa observação aconteceu em uma série de protestos que transcorreram na capital mineira entre meados de 2017 e início de 2020. Após identificados os atores estratégicos do campo, foram realizadas entrevistas às lideranças de alguns dos principais movimentos do campo em BH. Essas entrevistas, que lembram o que Maria Izaura Pereira de Queiroz (QUEIROZ, 1987) chamou de “depoimentos”, tinham o objetivo de captar narrativas das lideranças acerca das trajetórias delas no campo. As entrevistas (assim como a aplicação do Questionário Sociométrico, do qual falaremos adiante) foram aplicadas sob consentimento dos entrevistados. Lembrando que esta pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética da UFMG.

Analisar a trajetória desses atores é uma forma de entender como foi que eles participaram do processo de criação dos movimentos, da construção dos primeiros grandes protestos de direita em BH e de outros eventos importantes para a fundação do campo. Essa análise permitirá entender a influência que antigos campos de ativismo de direita - o que Rocha (2017) chamou de contra-públicos - tiveram sobre a estruturação da nova direita em BH. Se a afirmação colocada pela literatura estiver correta, é na trajetória dos atores estratégicos - os responsáveis pela criação do movimentos sociais da nova direita na cidade - que deveremos encontrar traços da influência desses antigos campos de ativismo de direita. Esses traços podem ser, por exemplo, a participação dos atores estratégicos em grupos e organizações de direita que se assemelham ao que (ROCHA, 2018) chamou de contra-públicos ultraliberais e conservadores criados durante os anos 2000; a influência de eventos criados por essas antigas organizações e grupos sobre a trajetória dos atores estratégicos, etc<sup>7</sup>.

A outra dimensão do processo de emergência do campo tem a ver com os mecanismos sociais por trás desse processo. Aqui vamos averiguar se os três mecanismos colocados pela TCAE - Apropriação social, Atribuição de oportunidades e Ação coletiva inovadora - estão presentes no processo de estruturação da nova direita em BH. Definimos mecanismos sociais como um padrão de interação entre elementos de um contexto social que é visível em várias situações e que possui efeitos parecidos em todas essas situações (TILLY; TARROW, 2015). Vamos usar essa ideia para investigar a presença de outros possíveis mecanismos - além dos três mecanismos citados pela TCAE - durante o processo de criação dos movimentos do campo e durante a criação de cooperação entre esses diferentes movimentos. Alguns trabalhos têm apontado que a emergência de campos de ação estratégica é dependente da presença de outros mecanismos sociais, como “Formação de coalizão”, “Desativação de

<sup>7</sup> Não consideramos aqui a influência de discursos e elementos culturais pura e simplesmente, pois traçar o caminho desses discursos é um tanto difícil.

fronteira” e “Redesenho organizacional” (KAUPPINEN; CANTWELL; SLAUGHTER, 2017).

Para averiguar a presença dos três mecanismos sociais colocados pela TCAE e de outros mecanismos, vamos combinar os dados coletados junto às lideranças por meio de entrevistas com outros dados sobre a constituição dos movimentos coletados via Observação Participante e consultas a jornais de notícia. Isso nos permitirá identificar padrões de interação entre elementos que são comuns no momento de surgimento de vários movimentos do campo. Para cada mecanismo, devemos encontrar o seguinte padrão de interação entre seus elementos constituintes:

- Apropriação social: presença de atores estratégicos (1 elemento) usando de redes sociais ou bases organizacionais pré-existentes (2 elemento) para alcançar a mobilização (cooperação) de um grupo maior de atores (3 elemento) com o objetivo de realizar interesses que não são exatamente aqueles já existentes nas redes sociais e bases organizacionais utilizadas;
- Atribuição de oportunidades: atores estratégicos (1 elemento) interpretando e manejando mudanças em campos externos ou mudanças internas ao campo (2 elemento) como oportunidades (3 elemento) para realizar seus interesses e os interesses de seu grupo;
- Ação coletiva inovadora: surgimento de uma forma nova de ação coletiva (1 elemento) entre um conjunto de atores (2 elemento). Essa forma nova de ação coletiva é chamativa - atrai novos participantes - e altera a forma como os atores normalmente se relacionam (3 elemento);

O segundo momento a ser analisado é o processo de estabilização do campo (ver primeira coluna da Tabela 1). Na verdade, essa é mais uma análise sobre a configuração interna do campo resultante do processo de estabilização. Pensando nas três últimas questões apontadas na última seção (Questões 3, 4 e 5), analisaremos três dimensões desse processo. A primeira dimensão versa sobre a formação de consensos no campo. A segunda trata das dinâmicas de identidade coletiva e seus impactos sobre a estabilização do campo. A terceira dimensão versa sobre as relações sociais e a lógica de funcionamento emergentes no campo.

No caso dos consensos, vamos usar dos relatos das lideranças para capturar a percepção dos atores acerca das regras de funcionamento, dos critérios de pertencimento e das fronteiras do campo. Já na análise das dinâmicas de identidade coletiva, usaremos da técnica de *webscraping* para capturar os discursos dos seguidores do campo nas mídias sociais acerca da identidade política deles. Com os dados em mãos usaremos do método de Análise Automatizada de Conteúdo para entender como seguidores de diferentes

movimentos do campo se enxergam politicamente e quais as bases ideológico-conceituais da identidade política desses sujeitos. Analisaremos se existe no campo uma base identitária comum enraizada na figura do “conservador-liberal”, que é fruto de um amálgama de elementos do conservadorismo moral e do ultraliberalismo. Essa base identitária comum seria um facilitador para a emergência de consensos e de relações de cooperação entre os atores do campo.

Por fim, vamos examinar a dimensão das relações sociais entre os atores e a lógica de funcionamento do campo. Aqui queremos responder a questão sobre os padrões de relações sociais que emergiram entre os atores coletivos do campo de ativismo da nova direita em BH. Para isso, vamos usar de dados coletados via entrevistas e via aplicação de questionários sociométricos junto às lideranças do campo. As entrevistas nos darão uma noção dos laços de caráter mais conflituoso (laços negativos) existentes entre as diferentes lideranças e movimentos; basicamente, laços de competição e coerção. Já os dados relacionais coletados via questionário sociométrico permitirão entender a dinâmica das relações de cooperação entre os atores. Com esses dados, construiremos uma rede em que os nodos são as principais lideranças do campo. Os laços da rede são laços de cooperação. Para analisar esses dados usaremos de algumas métricas de Análise de Redes Sociais, principalmente métricas de coesão social. Essas métricas podem mostrar o quanto as diferenças em termos de identidade e ideologias políticas influenciam nas relações de cooperação desenvolvidas pelos atores.



Neste capítulo apresentamos o objeto de pesquisa desta tese: um espaço organizado de ativismo de direita composto por uma diversidade de movimentos sociais que emergiu nos últimos anos em Belo Horizonte. Definimos nosso objetivo principal, que é explicar como esse espaço de ativismo surgiu e como ele se encontra estruturado. Mostramos, ademais, que falta na literatura especializada modelos explicativos para esse tipo de fenômeno social. A partir disso, definimos a Teoria dos Campos de Ação Estratégica como um modelo teórico que pode ser usado para entender o processo de organização da nova direita em BH. Usamos essa teoria para guiar nosso olhar sobre esse fenômeno e para guiar a construção das perguntas de pesquisa. Entendemos que o estágio de organização alcançado pela nova direita em BH pode ser entendido enquanto um processo de formação de um campo de ação estratégica; um campo específico, voltado para o ativismo político. Assim, elaboramos as questões de pesquisa pensando nos dois momentos da fundação desse campo: o momento de organização do espaço social, de criação dos atores coletivos; e o momento de estabilização do campo. No primeiro momento, nossas questões giram em torno do papel dos atores estratégicos e dos mecanismos sociais por trás do processo de emergência do campo. No segundo momento, nossas perguntas tratam dos consensos (conhecimentos compartilhados) e relações sociais aflorantes; assim como das dinâmicas de

identidades e seus efeitos sobre a estabilização do campo.

## Parte II

### A cena nacional

## 3 A “nova direita” e a história recente do Brasil

### 3.1 Por uma sociologia histórica dos campos de ativismo político

O objetivo deste capítulo é descrever os processos históricos que geraram um cenário positivo para a emergência de um “novo campo de ativismo de direita” em Belo Horizonte (e no Brasil) a partir de 2013. Vamos fazer essa análise usando dos conceitos e preceitos da TCAE. A teoria dos campos de ação estratégica diz que as oportunidades a que os atores têm acesso durante a criação e transformação dos campos estão ligadas a mudanças que ocorrem em outros campos societários. Essas mudanças tem origem em campos estatais e/ou não-estatais. Elas aumentam as chances de que certos interesses dos atores sejam realizados. No contexto do ativismo político, essas mudanças podem ser, por exemplo, uma instabilidade no regime político, a abertura do regime a novos atores ou a novas formas de demanda ou o enfraquecimento dos atores que comandam o regime. Todos esses eventos podem ser fontes de oportunidade para atores dotados de muita habilidade social. Pensando especificamente no caso de pesquisa desta tese, vamos explorar aqui as mudanças que ocorreram em alguns campos da sociedade brasileira na última década e que funcionaram como fonte de oportunidades para as lideranças do novo campo de ativismo de direita.

Essas mudanças influenciaram e foram influenciadas por determinados eventos históricos, levando, ao fim e ao cabo, ao surgimento de um contexto favorável para os atores envolvidos na construção de um novo campo de ativismo de direita. Esse contexto favorável diz respeito a um cenário em que a classe política tradicional, e principalmente a esquerda, então no poder, tiveram sua imagem abalada perante a opinião pública. Tais atores compunham, até meados da última década, o “mainstream” de nosso sistema político, o que incluía não só partidos e políticos profissionais, como também movimentos sociais, sindicatos, etc.

No centro das mudanças históricas que propiciaram as oportunidades para o surgimento e estruturação da nova direita estavam três grandes eventos: as jornadas de Junho de 2013, a Lava-Jato e a crise econômica de 2015. As chamadas “Jornadas de Junho” provocaram uma ruptura na rotina e na lógica de funcionamento de vários campos da sociedade brasileira, dos campos envolvidos nos serviços públicos (transporte, segurança pública, etc), passando pela economia, o campo midiático, os campos já existentes de ativismo político (esquerda) até o sistema político-partidário nos níveis nacional e

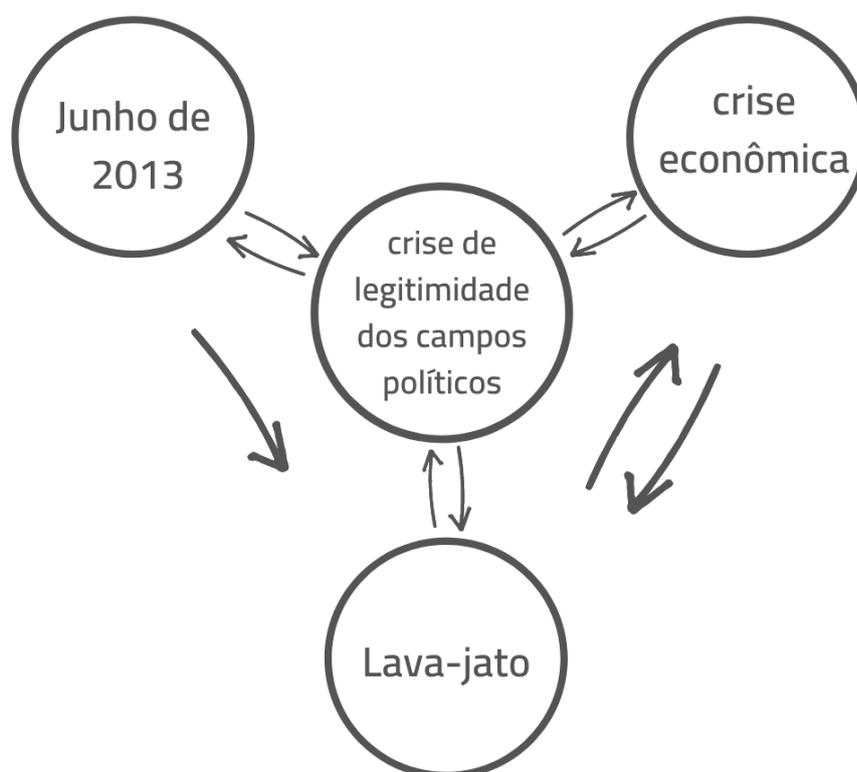
regional. Para o fenômeno que nos interessa explicar, o efeito mais importante de Junho foi provocar uma deslegitimação generalizada do sistema político, incluindo governos, partidos e os atores da sociedade civil tradicionalmente ligados aos últimos. Junto à crise de legitimidade, Junho provocou também uma certa crise de interpretação sobre os problemas e o funcionamento do país. Nesse cenário, marcado por uma insatisfação difusa com vários aspectos da sociedade brasileira, os atores se tornaram mais abertos a novos discursos e interpretações da realidade política. Nascia, então, já em Junho de 2013, uma opinião pública incomodada com a situação do país e que começava a alinhar seu descontentamento em torno de um discurso que misturava várias pautas, se destacando a anti-corrupção e o anti-petismo. Importante citar que Junho teve também a participação de outros campos de ativismo, mais alinhados a discursos de esquerda.

Outros dois eventos históricos, que se deram em campos bastante distintos, também foram fundamentais para criar oportunidades políticas para o novo campo de ativismo de direita: o surgimento da operação lava-jato e a crise econômica de 2015. Esses dois eventos não podem ser explicados sem se fazer referência a acontecimentos em outros campos de ação estratégica. No caso da operação lava-jato, por exemplo, é fundamental observar o comportamento do campo midiático para com a operação – e também para como historicamente esse campo tratou a questão da corrupção – para entendermos o grande impacto da operação junto ao sistema político e à opinião pública em geral. A lava-jato cresceu paralelamente ao novo campo de ativismo de direita e foi fundamental para dar centralidade aos dois discursos que marcaram a existência desse campo: a anti-corrupção e o anti-petismo. Por sua vez, a crise econômica de 2015 também deu oportunidades para o crescimento de uma opinião pública que poderia ser explorada pelo novo campo de ativismo de direita. Na seção sobre os efeitos da crise de 2015 vamos abordar também como esses efeitos se relacionam com o processo de ascensão da chamada classe C. Também trataremos dos efeitos que as mudanças nas condições de vida da classe média tiveram para o surgimento da nova direita.

A relação entre esses três eventos históricos e a crise de legitimidade que atingiu a classe política e, principalmente, o Partido dos Trabalhadores está representada na Figura 3, abaixo. As setas indicam relações de efeito entre os eventos. Na verdade, essas relações de efeito não se dão diretamente entre os eventos, elas são mediadas pelos campos que perfazem os eventos históricos. Por exemplo, Junho deu oportunidades para os atores dos campos constituintes da Lava-Jato. Por sua vez, a lava-jato teve influência sobre o desempenho dos campos econômicos, o que veio a piorar o cenário de crise econômica. E todos esses eventos afetaram a relação entre os vários campos políticos (partidos, movimentos sociais, governos, congresso, etc.) e os atores que eles representam (cidadãos, eleitores, etc.). Ao mesmo tempo, a crise de legitimidade dos campos políticos também retroalimentou os três eventos históricos citados, quer dizer, ela teve efeitos sobre os campos envolvidos nesses eventos históricos. Os detalhes da relação de afetação entre esses eventos históricos ficarão

mais claros nas páginas a seguir.

Figura 3 – Os três eventos históricos que estavam no centro das mudanças históricas que geraram oportunidades políticas para os atores envolvidos na construção do novo campo de ativismo de direita



Fonte: Autoria própria.

## 3.2 Junho de 2013

Se seguirmos as teorias de movimentos sociais, Junho pode ser definido como um “ciclo de protestos” (TARROW, 1993; TARROW, 2011). A noção de “ciclos de protesto” pressupõe uma fase de alta incidência do conflito político, em que setores da sociedade que costumeiramente são pouco envolvidos com a atividade política passam a tomar parte da mesma. O auge dos ciclos leva às ruas uma diversidade de atores pouco acostumados com a participação em protestos. Isso conforma o que Aristide Zolberg (ZOLBERG, 1972) chamou de “*moments of madness*”, momentos em que tudo parece possível aos olhos de

quem participa. Para Tarrow (2011, p.183), criador do conceito<sup>1</sup>, um ciclo de protesto pode ser definido como:

“uma fase de conflito acentuado que atravessa um sistema social; com uma rápida difusão da ação coletiva de setores mais mobilizados para outros menos mobilizados; com um ritmo rápido de inovação nas formas de confronto; com a criação de quadros interpretativos de ação coletiva, novos ou transformados; com uma combinação de participação organizada e não-organizada; e com sequências de fluxos intensificados de informação e de interação entre os desafiantes e as autoridades (TARROW, 2011, p. 183).”

Junho possuiu todas as características citadas acima. Os protestos se espalharam rapidamente de São Paulo para todo o país, com participação de ativistas profissionais e de manifestantes sem experiência ativista. Junho também foi palco de novas experimentações e do surgimento de novas pautas, enquadramentos, repertórios de ação e de novos atores políticos. Nesse sentido, temos todos os elementos para tratar Junho como um ciclo de protestos. Mas vamos usar esse último conceito tendo como ponto de partida a Teoria dos Campos de Ação Estratégica. Como todo ciclo de protestos, Junho teve início em um lugar específico. Isso quer dizer que Junho envolveu, no início, um conjunto de campos bastante pontual, localizados principalmente na cidade de São Paulo: o MPL, a polícia e as empresas de transporte público de São Paulo, a prefeitura desta cidade, a mídia local, etc. Mas, conforme os protestos foram crescendo, um número cada vez maior de atores e de campos foram sendo envolvidos. No auge dos protestos praticamente todos os principais campos que conformam a sociedade brasileira foram afetados: a economia, toda a classe política, governos municipais, estaduais e federal, as forças policiais de todo o país, a mídia nacional, universidades, movimentos sociais diversos, etc. Junho, portanto, não aconteceu em um só campo. Foi um conjunto de eventos que envolveu e abalou as estruturas de uma multiplicidade de campos societários. Junho também não se constituiu propriamente em um campo. Ele envolveu diversos campos - incluindo alguns campos de ativismo, a esquerda tradicional e o campo de movimentos autonomistas - e também possibilitou que se formassem os germes de um novo campo de ativismo, mas não foi um campo em si.

<sup>1</sup> O primeiro grande expoente desse conceito foi sem dúvida Sidney Tarrow (TARROW, 1993; TARROW, 2011). Ele usou o termo para definir as mudanças na cena política italiana entre meados dos anos 60 e início dos 70. Naquele momento, a Itália, assim como França e EUA, passou por um turbilhão político que ficou marcado na memória popular pelos acontecimentos de “Maio de 68”. O número de conflitos políticos no país aumentou sobremaneira; greves, marchas, ocupações e choques violentos entre manifestantes e polícia se tornaram comuns nas grandes cidades italianas. Ao comparar, então, a experiência italiana com outras similares, em momentos e lugares diferentes, Tarrow (2011) percebeu certo padrão nos conflitos políticos na modernidade ocidental. O conceito de ciclo de protestos nasce justamente para abordar essa recorrência das ondas de protesto. O termo chama atenção para a repetição de certos padrões dentro dessas ondas. Normalmente o objeto de estudo dos sociólogos políticos são movimentos sociais ou organizações de movimento específicas. Ou, quando esse objeto deixa de ser os casos específicos de movimentos sociais e passa a abarcar mudanças e períodos mais amplos, o foco é na “progressão entre as ondas de protesto”, nunca na dinâmica interna do ciclo em si. A proposta de Sidney Tarrow, portanto, foi superar essas deficiências e pensar nas estruturas e dinâmicas internas do ciclo.

Junho ainda não era Junho quando começou. O início foi pequeno, sem muito impacto. A pauta dos primeiros protestos era a redução da tarifa do transporte público. O ator que organizava os atos era o MPL (Movimento Passe Livre). No início daquele ano de 2013 outras cidades já haviam tido protestos pela redução da tarifa, como Natal<sup>2</sup> e Porto Alegre<sup>3</sup>. Os atos marcados para o início do mês de Junho aconteceriam em diferentes cidades: Goiânia, Rio de Janeiro, Natal, São Paulo<sup>4</sup>. Mas foi nesta última que Junho teve início.

O primeiro protesto em São Paulo aconteceu no dia 6 de Junho de 2013 e chegou ao fim com 15 detidos e 8 feridos. O protesto ecoou na mídia como ato de vandalismo e depredação do patrimônio liderado por grupos políticos radicais. O segundo ato, no dia 7, reuniu cerca de 5 mil manifestantes, e terminou sem incidentes violentos. Nos dias 8 e 9, sábado e domingo, os meios de comunicação reforçaram mais uma vez a tese do vandalismo e de protestos liderados por radicais e pequenos partidos de esquerda. O prefeito Fernando Haddad foi à televisão e reforçou a impossibilidade de redução da tarifa. No dia 10 o MPL ganhou um apoio importante: a juventude do PT se declarou publicamente a favor dos protestos. Membros de partidos como PSOL, PSTU, PCO e do próprio PT já estavam participando dos atos, além de movimentos de esquerda, como o MTST. A Rede Sustentabilidade, novo partido de Marina Silva, também tentava participar das manifestações. No dia 11, o DataFolha mostrou um aumento da rejeição à Haddad, de 14 para 21% (JUDENSNAIDER et al., 2017). Na Câmara Municipal, vereadores reagiram aos atos, a maioria de maneira crítica. No final da tarde do dia 11 teve início o terceiro ato. Com a participação de cerca de 15 mil pessoas, a manifestação durou seis horas e terminou com 20 presos e dois atropelados. A repressão da polícia ajudou a provocar depredações e pichações por parte dos manifestantes. No dia seguinte, dia 12, a mídia enfatizou novamente o caráter de baderna dos protestos e a violência dos manifestantes. Nas redes sociais o movimento foi no sentido contrário: manifestantes relataram a violência na ação da polícia. No dia 13 aconteceu o quarto ato, com cerca de 20 mil manifestantes. Ao longo do dia a imprensa havia enfatizado a necessidade de uma atuação mais firme da polícia. A polícia atendeu o pedido. O ato foi marcado por uma violência até então não vista em manifestações no Brasil pós-ditadura. Daí em diante tudo mudou (JUDENSNAIDER et al., 2017).

A forte violência policial nos protestos do dia 13 forçou a mídia a mudar o enquadramento dos fatos. A famosa cena do jornalista Datena reformulando as perguntas para aumentar os votos contrários aos protestos na enquete de seu programa é um indicador

<sup>2</sup> <https://noticias.ne10.uol.com.br/nordeste/noticia/2013/05/15/manifestantes-fecham-br-101-em-protesto-contr-aumento-da-passagem-de-onibus-em-natal-419262.php>

<sup>3</sup> <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/03/grupo-faz-novo-ato-contr-aumento-da-passagem-em-porto-alegre.html>

<sup>4</sup> <https://www.ebc.com.br/cidadania/2013/06/quatro-capitais-terao-protestos-contr-aumento-das-passagens-de-onibus>

do *turning point*. A pesquisa do DataFolha do dia 14 mostrou que a maior parte da população paulistana (55%) apoiava os protestos. Mas a pesquisa havia sido realizada um dia antes dos protestos (JUDENSNAIDER et al., 2017). Era tarde, a polícia já havia atendido o pedido por mais repressão. Nos jornais impressos e na televisão, a cobertura das manifestações do dia 13 enfatizou a violência das forças policiais, trazendo também os primeiros discursos sobre uma suposta difusão das pautas dos manifestantes. No final de semana, dias 15 e 16, o movimento ganhou o apoio de famosos e outros atores importantes da sociedade. Diversos eventos foram criados no Facebook chamando as pessoas para os atos da segunda-feira. Mas dessa vez as manifestações não se restringiriam à São Paulo, nem às cidades onde o MPL já estava se organizando. Foram marcados atos para dezenas de cidades do país e em mais de 27 cidades pelo mundo. Junho se tornava, a partir dali, um evento de envergadura nacional (ou global). #OGiganteAcordou e #MudaBrasil se tornaram as *hashtags* dominantes nas redes sociais (JUDENSNAIDER et al., 2017).

No dia 17, Junho se mostraria em sua plenitude. Em São Paulo, segundo o DataFolha, mais de 65 mil pessoas haviam ido às ruas; segundo membros do MPL, foram mais de 100 mil. Em Belo Horizonte, cerca de 20 mil<sup>5</sup>. No Rio de Janeiro, onde os protestos aconteciam desde a primeira semana de Junho, mais de 100 mil pessoas participaram. A revolta havia se espalhado e não poderia mais ser contida. Dali até o final do mês, os atos tomaram proporções gigantescas, e incendiaram todas as regiões do país (JUDENSNAIDER et al., 2017).

As causas de Junho não são fáceis de serem encontradas. No nível conjuntural um primeiro fator explicativo para a massificação dos protestos foram as escolhas táticas do MPL, que permitiram que um contexto histórico favorável se transformasse em uma oportunidade política. Em vez de protestos espaçados no tempo, como nos protestos de 2011, os atos de 2013 foram mais frequentes e intensos com o objetivo de parar a cidade, forçando o poder público municipal e trazendo mais visibilidade para a causa (JUDENSNAIDER et al., 2017). Outra diferença em relação a 2011 é que em 2013 as decisões estratégicas sobre os atos não seriam tomadas em foro ampliado, mas ficariam restritas ao movimento, diminuindo a possibilidade de uma interferência de atores mais ligados ao petismo sobre o andamento das manifestações. O fato do MPL ter nascido em um ciclo de lutas diferente do ciclo de lutas em que nasceu o PT<sup>6</sup> ajuda a explicar porque um movimento com perfil de esquerda como esse planejou e executou protestos tão ousados durante um governo petista na cidade de São Paulo (JUDENSNAIDER et al., 2017).

Outro fator conjuntural importante foi a própria pauta inicial das manifestações,

<sup>5</sup> <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/manifestantes-fecham-praca-sete-em-belo-horizonte.html>

<sup>6</sup> O MPL nasceu oficialmente em 2005, durante o Fórum Social Mundial (JUDENSNAIDER et al., 2017). Mas ele era fruto de lutas que se iniciaram principalmente a partir dos protestos anti-globalização, na virada dos anos 90 para os 2000.

que falava de uma questão que certamente interessava a muitas pessoas que moravam nas grandes cidades brasileiras nos idos de 2013: o transporte público. Além disso, contribuiu também para a massificação dos protestos as respostas dadas inicialmente pelos atores e campos societários mais diretamente impactados. O governo municipal, por diversas razões, não cedeu de início às exigências dos manifestantes, forçando o MPL a continuar os protestos por mais alguns dias. Parte dos atores políticos na Câmara Municipal e nos partidos se opôs aos manifestantes tratando-os como violentos. Tanto a mídia como, em menor proporção, esses últimos atores pediram uma atuação mais firme da polícia, o que se materializou na manifestação do dia 13 (JUDENSNAIDER et al., 2017).

Não se pode esquecer, além disso, que no momento dos protestos o cenário econômico começava a dar sinais de mudança. O Brasil estava em pleno emprego, é verdade, e vinha de alguns anos de bonança, marcados pela redução da pobreza, aumento real do salário mínimo e relativa queda da desigualdade. Mas no início de 2013 a economia já dava sinais de desaceleração. A Nova Matriz Econômica do governo Dilma não conseguia deslanchar e o superciclo das commodities chegava ao fim (CARVALHO, 2018). Para parte da população isso poderia significar uma quebra do processo de melhora das condições de vida. Havia, portanto, um risco às conquistas dos últimos anos. Um cenário condizente com o argumento de *Tcqueville* (1997) de que sociedades marcadas por altos níveis de injustiça social e que experimentam um processo de melhoria das condições de vida tendem a entrar mais facilmente em revolta quando percebem ameaças a essa tendência de progresso <sup>7</sup>.

Por fim, devemos citar a mudança geracional como um fator estrutural que contribuiu para a massificação dos protestos. Como mostra *Singer* (2013), as manifestações foram frequentadas principalmente por jovens <sup>8</sup> Parte desses manifestantes nunca tinha participado de protestos dessa envergadura ou mesmo de um protesto; não haviam experimentado o ciclo de protesto pelo impeachment de Collor, nem as Diretas Já. Eles também não percebiam nos governos do PT uma via de transformação social. Afinal, haviam crescido em um ambiente político marcado pela hegemonia eleitoral do partido. O PT representava o *status quo* da política. Nesse cenário, Junho apresentou uma novidade, uma possibilidade de mudança. Parte desses jovens já estava, inclusive, há algum participando de atividades de protesto ou de discussões no mundo virtual envolvendo os gastos com as obras para a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, e outras pautas

<sup>7</sup> Em “O antigo regime e a revolução”, *Tcqueville* (1997) afirma que antes da Revolução a França estava progredindo econômica e socialmente. A opressão e as injustiças sociais estavam diminuindo; “em nenhuma das épocas posteriores à Revolução, a prosperidade teve um avanço mais rápido que durante os vinte anos que a antecederam” (TCQUEVILLE, 1997, p.165). Mas a experiência de uma situação social menos opressora provoca nas pessoas uma mudança nas expectativas sobre o futuro. Diante da nova situação, qualquer sinal de retorno às penúrias do passado leva os indivíduos a agirem no sentido de buscar ainda mais mudanças positivas.

<sup>8</sup> Na manifestação do dia 20 em São Paulo, 51% dos presentes tinham entre 12 a 25 anos e 31% tinham de 26 a 35 anos. Em Belo Horizonte, na manifestação do dia 22, 55% dos presentes tinham até 25 anos e outros 29% tinham entre 26 e 39 anos (SINGER, 2013).

pouco afeitas ao campo de ativismo petista. Isso também explica a adesão empolgante desse grupo de atores aos protestos de Junho.

### 3.2.1 A Nova Direita e Junho de 2013

A conexão entre Junho e a nova direita se dá em pelo menos quatro vias. A primeira e principal tem a ver com o desgaste ou perda de legitimidade de alguns campos envolvidos no debate político. Não consideramos aqui a política como um campo, mas sim que existem diversos campos cuja lógica e existência giram em torno do debate sobre a coisa pública, ou seja, em torno da política. Esses campos estão tanto dentro quanto fora do Estado. Movimentos sociais e sindicatos, por exemplo, não estão (necessariamente) dentro do Estado. Já os governos e os partidos operam mais diretamente dentro do Estado – ou na fronteira entre os campos do Estado e os campos não-estatais.

Um dos efeitos quase imediatos de Junho foi reduzir a aprovação dos governos. Só durante os protestos, o governo Dilma perdeu 27% de aprovação<sup>9</sup>. O mesmo aconteceu com governos estaduais e municipais<sup>10</sup>. A insatisfação dos manifestantes foi dirigida em boa medida para a classe política. Mas não só os políticos tiveram sua imagem abalada. Partidos, congresso e a própria organização do regime político foram colocados em cheque. Portanto, um efeito importante das jornadas de Junho para o surgimento da nova direita foi a crise de autoridade, ou melhor, a crise de legitimidade que acometeu os campos e atores do sistema político, assim como campos não-estatais que também estão relacionados ao debate político, como os movimentos sociais que compõem o campo progressista.

O argumento aqui é de que crises desse tipo (crises de legitimidade) reduzem a confiança das pessoas nos enquadramentos e discursos promovidos pelos campos e atores envolvidos no debate político. Um pressuposto da abordagem teórica deste trabalho, a Teoria dos Campos de Ação Estratégica, é de que os seres humanos são fortes consumidores e produtores de significados (FLIGSTEIN; MCADAM, 2012). Por trás desse raciocínio está a ideia de que precisamos dar sentido às coisas. Entre os efeitos da crise provocada por Junho, esteve o aumento da incerteza dos atores sobre o funcionamento das coisas e certa rejeição dos discursos que prevalecem nos campos que compõem o Estado e o sistema político. Isso quer dizer que não existiu só uma crise de legitimidade do sistema político e dos atores que o compõem, houve também uma crise de interpretação da realidade política, uma crise das narrativas políticas vigentes. A autoridade política, e todas as crenças e regras que embasam as relações entre os campos e atores políticos mais centrais do regime e os atores representados (eleitores, cidadãos, etc.) por esses campos e atores, pode sofrer um revés nesses momentos.

<sup>9</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1303541-popularidade-de-dilma-cai-27-pontos-apos-protestos.shtml>

<sup>10</sup> <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,apos-protestos-aprovacao-a-governadores-cai-junto-com-popularidade-de-dilma,1057353>

Além da incerteza provocada pela crise de legitimidade dos campos e atores envolvidos no debate político, os protestos de Junho desorganizaram o funcionamento de uma multiplicidade de outros campos societários, aumentando ainda mais a sensação de crise. Isso fez as pessoas procurarem novos discursos e verdades que pudessem trazer sentido para o cenário de caos emergente. Nesse cenário, os discursos da nova direita forneceram um enquadramento alternativo sobre as razões da crise, os problemas do país, sobre quem eram os culpados, etc (BENFORD; SNOW, 2000).

Ainda sobre a questão da crise de legitimidade, é bom lembrar que essa crise não atingiu por igual todo o sistema político. A nível nacional, a esquerda, ou melhor, a esquerda petista, foi a força política que mais sofreu com os efeitos de Junho. Isso se explica, em parte, porque o Partido dos Trabalhadores era o partido no poder a nível federal; e o era há quase 12 anos. O PT, portanto, encarnava como nenhuma outra facção o *status quo* do regime. Era de se esperar que, em meio a uma onda de protestos que encheu os indivíduos de vontade de mudança, os discursos à direita do espectro político fossem vistos como melhores alternativas do que os discursos à esquerda. Isso não quer dizer que a direita então emergente fatalmente ganharia a disputa de narrativas, apenas que o terreno estava mais favorável à ela.

A segunda via de influência entre Junho e a nova direita também tem a ver com a relação entre os campos políticos e os atores (cidadãos) representados por eles. Trata-se do surgimento de certa vontade de mudança em parte da população brasileira. Como mostra Tarrow (2011), os ciclos são momentos que instigam nas pessoas o desejo de transformar as estruturas da sociedade. As emoções e os sentimentos só recentemente vieram a ser levados a sério pela Sociologia e pela Ciência Política nas pesquisas sobre mudança política (GOODWIN; JASPER; POLLETTA, 2012). Ciclos, revoluções, guerras civis e revoltas de todo tipo são determinadas em boa medida pelos sentimentos mobilizados nas pessoas. E esses sentimentos não desaparecem da noite para o dia. O “fogo” aceso nas pessoas em Junho não acabou em Julho de 2013. A vontade por mudança continuou após os protestos; o que também valeu para aqueles atores que tinham alguma inclinação à direita. Em resumo, os atores saíram dos protestos de Junho não só mais desconfiados do regime político, como também saíram imbuídos de um desejo maior por mudanças no cenário político. Esse desejo foi habilmente manipulado pelas lideranças da nova direita. Parte desse desejo foi, aos poucos, ganhando uma forma discursiva e relacional e se materializando em uma nova identidade política, a da nova direita.

A terceira via de influência entre Junho e a nova direita tem a ver com a capacidade de Junho de ter reverberado alguns dos discursos e estéticas que viriam a compor o novo campo de ativismo de direita: os discursos anti-corrupção, por um Estado mínimo e anti-PT; e a estética patriótica (uso das cores verde e amarelo, de bandeiras do Brasil e de camisas da seleção brasileira, etc). De certa forma, esses discursos e estéticas já existiam antes de

2013, principalmente em campos de ativismo periféricos ao sistema político (ROCHA, 2018; ALONSO; MISCHÉ, 2016). Junho deu aos atores desses campos a oportunidade para eles tornarem seus discursos mais visíveis no debate público. Sobre a questão estética, Junho propiciou que surgisse uma identidade visual entre aqueles atores que participavam dos protestos mas não tinham experiência no ativismo. Esses atores não pertenciam ao campo da esquerda clássica nem ao campo autonomista, como mostra Alonso e Mische (2016). No calor dos protestos e no embalo das mídias sociais, eles recuperaram elementos de antigos ciclos de protestos brasileiros, elementos com matizes patrióticas, que foram posteriormente se tornando a estética básica da nova direita brasileira (ALONSO; MISCHÉ, 2016).

Um dos discursos do novo campo que Junho ajudou a dar destaque foi aquele contra a corrupção. No início de Junho a pauta dos protestos estava concentrada na questão da redução da tarifa do transporte público. Mas, como acontece em todo ciclo, as pautas se expandiram à medida que os protestos cresceram. O levantamento realizado por Alonso e Mische (2016) mostra como, pelo menos, três conjuntos de pautas foram mobilizados durante o auge dos protestos: um conjunto de discursos pedindo para o restante da população se engajar nos protestos e reclamando por manifestações pacíficas; outro conjunto demandando melhores serviços públicos e proteção de direitos; e um conjunto de discursos voltados para o problema da corrupção e para a redução de impostos e do tamanho do Estado.

Esses discursos anti-corrupção, que viriam a se tornar centrais no campo posteriormente, já eram defendidos por alguns movimentos e páginas de Facebook antes de 2013. Os movimentos anti-corrupção já possuíam certa organização antes dos protestos de Junho iniciarem. Algumas reportagens de jornal mostram como esses movimentos estavam fortes em 2011 e 2012. Nas comemorações do dia 7 de Setembro, em 2011, protestos contra a corrupção foram convocados pelo Facebook e levaram cerca de 25 mil pessoas às ruas de Brasília segundo reportagem do Globo<sup>11</sup>. Os protestos também aconteceram em outras cidades<sup>12</sup>. No dia 12 de Outubro do mesmo ano os movimentos contra a corrupção organizaram outro protesto, a 2 Marcha Contra a Corrupção, contando com o apoio de entidades como a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e ABI (Associação Brasileira de Imprensa)<sup>13</sup>. As manifestações aconteceram em cerca de 25 cidades. Em Brasília, os protestos foram organizados pelo MCC (Movimento Contra a Corrupção) e no Rio de Janeiro, pelo Todos Juntos Contra a Corrupção. Em 21 de Abril de 2012 outros protestos contra a corrupção aconteceram em diversas cidades do país, também convocados pelas redes sociais<sup>14</sup>. O que isso mostra é

<sup>11</sup> <https://oglobo.globo.com/politica/manifestantes-participam-da-marcha-contracorrupcao-2702393>

<sup>12</sup> <https://veja.abril.com.br/politica/sete-de-setembro-um-dia-de-protesto-contracorrupcao/>

<sup>13</sup> [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2011/10/11/interna\\_politica,255276/redes-na-internet-organizam-marcha-contracorrupcao-nesta-quarta.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2011/10/11/interna_politica,255276/redes-na-internet-organizam-marcha-contracorrupcao-nesta-quarta.shtml)

<sup>14</sup> <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/brasil-fazem-protestos-contracorrupcao-pelo-pais-neste-sabado.html>

que já existia uma espécie de campo de ativismo voltado para o problema da corrupção no Brasil, pelo menos desde 2011.

Detalhe interessante é que os movimentos e organizações desse campo já estavam bastante organizados no Facebook desde essa época. Mas, antes dos protestos terem início, esses movimentos não estavam claramente alinhados a uma identidade de direita. Na verdade, como mostra o trabalho de Pablo Ortellado e Márcio Moretto Ribeiro, publicado na Revista Galileu<sup>15</sup> - ver Figura 4 -, as páginas desses atores no Facebook estavam próximas de páginas de movimentos tipicamente de esquerda. Imediatamente após os protestos, todavia, essas páginas passaram a se distanciar das páginas de esquerda e a se ligarem mais aos atores de direita.

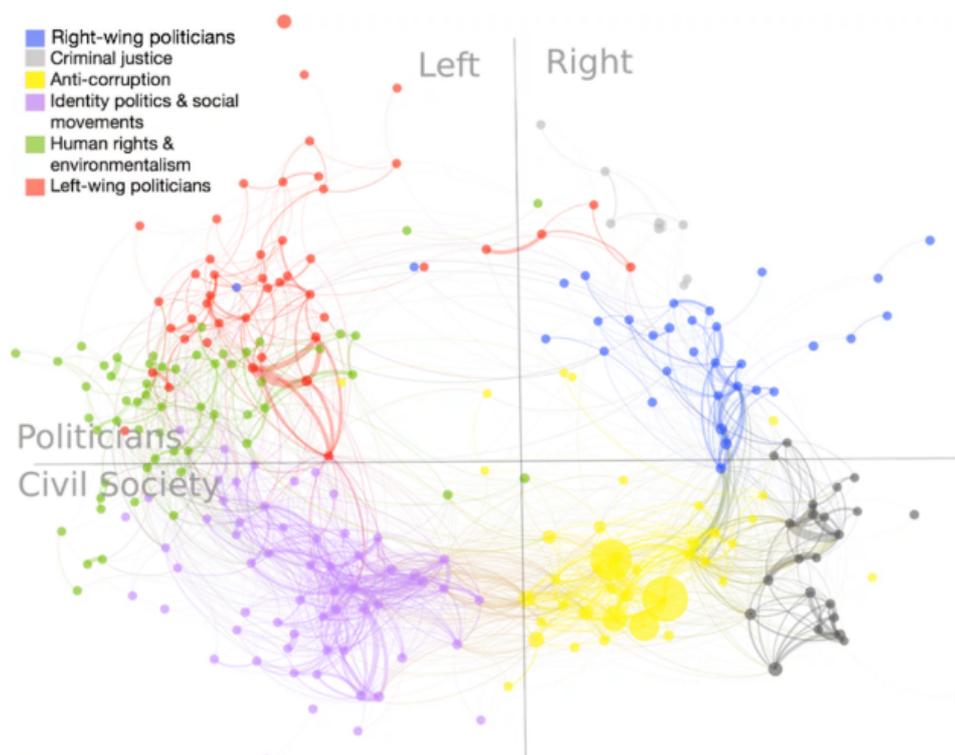
Outro ator importante para a diversificação das pautas e para dar centralidade ao tema da corrupção nos protestos foi a mídia. Como mostra Judensnaider et al. (2017), na semana do dia 15 de Junho de 2013 houve uma reviravolta na cobertura midiática dos protestos: se no início a mídia enfatizava a baderna e a violência dos manifestantes, exigindo, inclusive, maior rigor na atuação da polícia, após o protesto do dia 15, a ênfase se tornou o apoio ao direito de manifestar e a ideia de que havia uma diversificação das pautas dos manifestantes. Nesse embalo, e ainda contando com a atuação dos movimentos anti-corrupção, a questão da corrupção, foi ganhando espaço nas ruas e na opinião pública.

É importante destacar que o tema da corrupção sempre foi objeto de atenção da mídia, principalmente a partir do episódio do Mensalão do PT, em 2005. Por sinal, os protestos de Junho ocorreram pouco depois do início do julgamento do Mensalão, em 2012. A pauta da corrupção já estava, portanto, desde antes dos protestos, sendo reforçada na mídia.

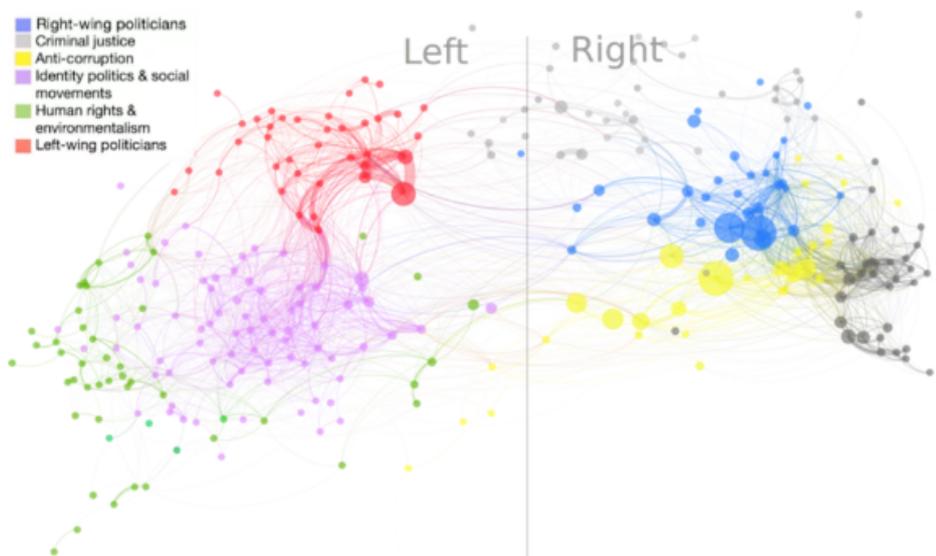
Um tema que também estava em Junho e que viria a compor o *roll* de pautas da nova direita foi a defesa de um Estado mínimo e de menos impostos. Esta era uma pauta há muito defendida por grupos e *think tanks* ultraliberais. Como mostra Rocha (2019), esses grupos têm uma longa tradição no Brasil e se renovaram a partir de meados dos anos 2000, quando começaram a se organizar pelo Orkut. Em 2013 os atores desses grupos também foram às ruas e atuaram para definir as pautas dos protestos. Um exemplo foi a criação de um perfil de Facebook chamado MBL (Movimento Brasil Livre), por ativistas do grupo liberal “Estudantes Pela Liberdade”, com a finalidade de chamar as pessoas para os protestos. Em resumo, da mesma forma que o tema da corrupção, Junho forneceu oportunidades para que esses ativistas liberais aumentassem a visibilidade de suas pautas.

A outra grande pauta da nova direita que teve lugar em Junho foi o antipetismo. Desde a fundação do PT existe no Brasil um eleitorado que pode se chamar de antipetista. Mas ele se mostrava principalmente nos períodos eleitorais e não era tão militante como se

<sup>15</sup> <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/08/graficos-mostram-polarizacao-politica-nas-redes-sociais-no-brasil.html>



(a) Antes de Junho de 2013



(b) Depois de Junho de 2013

Figura 4 – Polarização política no Facebook (Dados de Pablo Ortellado e Márcio Moretto Ribeiro na Revista Galileu)

tornou em Junho e nos anos posteriores. Durante os protestos daquele mês, manifestantes mais alinhados com a estética patriótica e os que estavam mais próximos do petismo entraram em confronto em várias lugares do país. Foi o início de uma polarização que perduraria nos anos seguintes. O antipetismo continuou a ganhar força após os protestos e foi um dos sentimentos que ajudaram a constituir o novo campo de ativismo de direita.

Em Junho nasceu também a estética do novo campo de ativismo de direita. Na verdade se tratava de símbolos, performances e repertórios de ação que já haviam sido usados em outros ciclos de protesto no Brasil. As cores do Brasil, as caras pintadas, a bandeira nacional: tudo isso já havia sido parte das Diretas Já e dos protestos pelo impeachment de Collor. E foi justamente esse uso não tão distante no tempo desses repertórios que fez eles serem usados novamente em Junho (ALONSO; MISCHÉ, 2016; TILLY; TARROW, 2015).

Junho, portanto, lançou oportunidades para que atores de campos políticos periféricos pudessem dar visibilidade aos seus discursos. É como se Junho fosse um redemoinho; e qualquer quantidade razoável de discurso jogada no meio desse redemoinho pudesse ser difundida para os outros campos e para os atores representados no sistema político. Os grupos que mais se aproveitaram dessas oportunidades foram os movimentos anti-corrupção e os militantes ultraliberais. Mas por que eventos como Junho lançam oportunidades para atores periféricos difundirem suas pautas? Isso se deve a pelo menos três fatores. Primeiro, tem-se o fato de que à medida que um ciclo cresce ele deixa de possuir qualquer instância com capacidade de controlar as pautas dos protestos. Basicamente todos passam a se sentir no direito de participar dos atos. A entrada nos protestos de indivíduos com interesses bastante diferentes e daqueles sem experiência no ativismo faz com que pautas novas sejam adicionadas ao repertório discursivo das manifestações sem muita resistência.

O segundo fator tem a ver com a visibilidade que os ciclos ganham em uma sociedade. Os ciclos e outros eventos de mesma envergadura, como guerras, revoluções, pandemias, afetam uma multiplicidade de campos societários. Por consequência, eles afetam a vida de quase todos os indivíduos de uma sociedade. Por isso as ações que acontecem no centro dos ciclos são visadas por tantos atores. Jornais, rádios, televisão, mídias digitais, todos esses veículos de comunicação se tornam meios para divulgação de informações sobre o ciclo. Nesse sentido, as pautas e discursos dos manifestantes tendem a se espalhar, obtendo maior visibilidade.

O terceiro fator tem a ver com as oportunidades que os ciclos lançam para os atores do campo midiático e para os atores mais estabelecidos no sistema político. Os ciclos sinalizam para os grupos de oposição que a facção política no poder se encontra vulnerável. Ao minarem a legitimidade das autoridades do regime, os ciclos dão a oportunidade para as facções políticas rivais se juntarem aos manifestantes com a intenção de enfraquecer ainda mais as forças que se encontram no comando do regime. Nesse processo essas

facções e atores rivais podem endossar algumas pautas, reelaborando elas de maneira a prejudicar seus adversários na arena política. Esses atores também podem reelaborar essas pautas de maneira a torná-las mais próximas de suas próprias pautas. Em ambos os casos, indiretamente, eles ajudam atores políticos periféricos a ganharem mais visibilidade para seus discursos. Há uma convergência, mesmo que provisória, entre os interesses dos atores mais estabelecidos do sistema político e da mídia e os interesses dos atores periféricos. Em Junho, parte da mídia e dos atores do sistema político, aproveitaram as manifestações para endossarem suas próprias pautas ou para reforçarem a ideia de que os protestos eram motivados por diversas pautas.

Um quarto aspecto da relação entre Junho e o novo ativismo de direita tem a ver com os efeitos de Junho sobre a lógica de funcionamento daqueles campos do Estado que lidam com a questão da corrupção. Como dito, os primeiros impactos de Junho foram sobre os campos que compõem o sistema político: partidos, congresso, governos federal, estaduais e municipais. Ao aumentar a rejeição à classe política - e ao Partido dos Trabalhadores em particular -, Junho, por um lado, deu oportunidades para que a narrativa de atores políticos periféricos ganhasse visibilidade, e, por outro, alterou a dinâmica de alianças entre as facções do sistema político e de outros campos societários, como a mídia e as elites econômicas. Esses efeitos se deram quase que imediatamente após os protestos. Outros, todavia, demoraram um pouco mais. Foi o caso dos efeitos sobre os órgãos do Estado que lidam com a questão da corrupção. Nesse caso, o impacto de Junho tem a ver com a centralidade que o tema da corrupção ganhou após os protestos. Essa centralidade fez as ações dos órgãos do Estado que lideravam a operação Lava Jato terem uma importância muito maior. Quer dizer, as ações da operação começaram a ser mais enfatizadas pelos atores que atuavam em prol da luta contra a corrupção ou que faziam algum tipo de oposição ao governo do PT: parte da mídia, movimentos contra a corrupção, grupos ativistas que começavam a se identificar como de direita e partidos de oposição ao governo. Esse foi um cenário sem dúvida favorável para algumas facções dos campos do Estado envolvidos com o combate à corrupção. Essas facções constituem aqueles atores que estavam entre o final de 2013 e início de 2014 mais engajados no conjunto de investigações que viria depois se tornar a operação Lava-Jato.

O surgimento e crescimento da operação Lava-Jato, entretanto, não têm a ver só com as oportunidades colocadas a partir de Junho de 2013. Mudanças que ocorreram dentro das instituições de *accountability* nos anos anteriores também ajudam a explicar isso. Na próxima seção procuramos descrever algumas dessas mudanças e, ao fim, mostramos como elas se combinaram aos efeitos de Junho para aprofundar a crise de legitimidade do sistema político - e dos atores políticos de esquerda -, deixando o contexto político ainda mais favorável para a expansão da nova direita.

### 3.3 A Lava-Jato

A crise de legitimidade do sistema político e a força da narrativa anti-corrupção que, nos últimos anos, tornaram o contexto político favorável à nova direita não podem ser explicados se não levarmos em conta a influência e os efeitos da operação Lava-Jato. O ponto nesta seção é descrever rapidamente a Lava-Jato, mostrar como ela se tornou possível e quais seus efeitos para o surgimento do novo campo de ativismo de direita.

A Lava-Jato é considerada a maior operação de combate à corrupção que aconteceu na história do Brasil<sup>16</sup>. O centro das investigações foram os desvios em contratos da Petrobrás com empreiteiras. As investigações abrangeram também outros órgãos federais e contratos em governos estaduais. A operação teve início oficialmente em Março de 2014, mas suas origens remontam a uma série de investigações anteriores. O começo se dá com o rastreamento de um investimento – que, suspeitava-se, tinha a finalidade de lavar dinheiro oriundo do Mensalão - na empresa Dunel Indústria e Comércio Ltda., o que levou posteriormente os investigadores a outras empresas, de propriedade de José Janene e dos doleiros Alberto Youssef e Carlos Habib Chater. O nome “Operação Lava-jato” vem do fato de que uma dessas empresas, localizada em Brasília, era um posto de combustíveis (BAPTISTA, 2017).

Até março de 2020 a operação já havia passado por 71 fases. Em 2014 foram 7 fases, com a prisão de presidentes de grandes empreiteiras - OAS, UTC e Queiroz Galvão - na última delas, em Novembro daquele ano. Em 2015 foram mais 14 fases. Em Abril o ex-tesoureiro do PT, João Vacari Neto, foi preso preventivamente depois de ter sido citado pelo doleiro Alberto Youssef em sua delação premiada. Em Junho aconteceram prisões nas construtoras Odebrecht e Andrade Gutierrez. Na 17 fase, em Agosto, José Dirceu foi preso. Sua empresa de consultoria teria recebido propinas de empresas ligadas aos desvios da Petrobrás. Em Novembro, a partir da delação de Fernando Baiano, o pecuarista e empresário José Carlos Bumlai também foi preso. Em 2016 foram 16 fases da Lava-Jato. Em Janeiro as investigações miravam o triplex do Guarujá, atribuído à família de Lula. Em Fevereiro, o marqueteiro das campanhas do PT, João Santana, foi preso. Em 4 de Março a Lava-Jato teve um dia marcante. O ex-presidente Lula foi conduzido coercitivamente para depor. Em Setembro, o ex-ministro Guido Mantega também foi preso acusado de ter repassado propina ao PT provinda do empresário Eike Batista. Na 35 fase, Omertá, o ex-ministro petista Antônio Palocci foi preso. No ano de 2017 foram 9 fases, envolvendo desde a investigação de operações financeiras da Petrobrás na África, até as prisões do ex-presidente da Petrobrás, Aldemir Bendine, do deputado Candido Vaccarezza e do ex-gerente da Transpetro, José Antônio de Jesus. Em 2018 foram mais 9 fases, incluindo investigações sobre processos de concessão rodovias federais no Pará, a participação do ex-ministro da fazenda, Delfin Netto, em esquemas de propina de construtoras, lavagem de

<sup>16</sup> <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>

dinheiro na Transpetro e a prisão do ex-governador do Paraná, Beto Richa. Em 2019 foram 12 fases. Em fevereiro aconteceram as primeiras denúncias no estado de São Paulo. Paulo Vieira de Souza, o Paulo Preto, ex-diretor da DERSA (Desenvolvimento Rodoviário) e visto como articulador de esquemas envolvendo o PSDB, é um dos acusados. Em outras fases da operação naquele ano houve também a prisão de Márcio Lobão, filho do ex-ministro Edison Lobão, acusado de estar envolvido em esquemas de corrupção na construção da hidrelétrica de Belo Monte, a investigação de funcionários do Banco do Brasil, acusados de facilitar atividades de lavagem de dinheiro, e a investigação de casos de corrupção na Suíça<sup>17</sup> (BAPTISTA, 2017).

O sucesso e a própria existência da Operação Lava-Jato têm a ver com uma série de fatores conjunturais – a crise de legitimidade da classe política desencadeada pelas Jornadas de Junho de 2013, o apoio que a operação ganhou entre os veículos da mídia tradicional, o contexto de disputas intensas nas eleições de 2014, etc – mas também têm a ver com fatores estruturais, de longo prazo, que foram gestados ao longo das últimas décadas dentro do campo das instituições e órgãos responsáveis pelo monitoramento, investigação e sanção a casos de corrupção e de improbidade administrativa no país. Esses fatores estruturais dizem respeito principalmente ao fenômeno do ativismo judicial e ao alto grau de discricionariedade e maior capacidade de ação que marcaram a atuação dos agentes responsáveis pela Operação Lava-Jato.

O aspecto do ativismo judicial presente na Lava-Jato foi bem abordado pelos trabalhos de Lynch (2017) e Rogério Arantes (ARANTES, 2007; ARANTES, 2011). Para (LYNCH, 2017), o papel desempenhado pela Lava-Jato faz parte do que o autor chama de uma “revolução judiciarista”, um movimento liderado por figuras do mundo jurídico e que visa regenerar o sistema político, este visto como um sistema corrupto, degradado e falido. O judiciarismo da Lava-Jato é mais um exemplo do que Lynch (2017) chama de “vanguardas modernizadoras”, movimentos que durante nossa história visaram regenerar a nação dado que a classe política, por ser corrupta e corrompida, não o conseguiria.

Segundo Lynch (2017), o judiciarismo, ou, como o autor também gosta de denominar, o “tenentismo togado”, voltou a se fortalecer a partir da década de 90. Para isso contou uma série de fatores: a configuração institucional da constituição de 88; a massificação do ensino jurídico; e as mudanças nas instituições jurídicas em termos de valorização das carreiras, salários, competências, etc. (LYNCH, 2017). Outro elemento central nesse processo de fortalecimento foi o surgimento do neoconstitucionalismo “como filosofia e hermenêutica jurídicas” (LYNCH, 2017, p.163).

Um fenômeno semelhante de mudança na mentalidade de alguns operadores do direito no Brasil nas últimas décadas também foi captado pelas pesquisas de Rogério

<sup>17</sup> <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/07/seis-anos-da-lava-jato-relembre-todas-as-fases-da-operacao>

Arantes (ARANTES, 2011; ARANTES, 2007). Essa mudança de mentalidade envolveu o surgimento de uma nova ideologia a que o autor denomina de “voluntarismo político”. Usando de *surveys*, entrevistas qualitativas e outras fontes, o autor afirma que essa ideologia é marcada, primeiro, por uma visão da sociedade civil como uma esfera “hiposuficiente”, ou incapaz, na defesa de seus interesses; segundo, uma visão negativa da política e dos representantes políticos; e, terceiro, a ideia da necessidade de uma atuação mais política do MP visando defender essa sociedade civil desamparada (ARANTES, 2007).

O surgimento e impacto da Operação Lava-Jato tem a ver também com mudanças de cunho legal-institucional e organizacional, as quais foram responsáveis por garantir maior autonomia e capacidade de ação aos órgãos e instituições de *accountability*. No caso do Ministério Público (MP), Arantes (2007) mostra que desde os anos 80 esta instituição adquiriu bastante autonomia e reforçou acentuadamente sua capacidade de atuação na área cível. Segundo Kerche (2018), houve uma quase-abdicação dos constituintes em relação ao MP, isso porque foi garantido ao MP uma alta dose de autonomia enquanto pouquíssimos instrumentos de *accountability* foram criados para controlar suas ações.

Entretanto, apesar de possuir grande autonomia e alto grau de discricionariedade, os agentes do MP estão (ou estavam) sujeitos a alguns poucos mecanismos que limitam seus poderes, principalmente em termos do combate à corrupção, como: o princípio da legalidade – que obriga os promotores a levarem todos os casos ao poder judiciário; o fato de que juízes e promotores pertencem a poderes diferentes; e a não responsabilidade do promotor em conduzir investigações criminais (KERCHE, 2007; KERCHE, 2018). Os dois últimos pontos funcionavam como instrumentos de *checks and balances* internos ao sistema de justiça, garantindo a máxima de que o MP acusa, o Judiciário julga e a polícia investiga (KERCHE, 2018). Esses pontos, todavia, passaram por algumas mudanças nos últimos anos, o que diminuiu os custos de transação concernentes ao combate à corrupção, permitindo à Lava-Jato alcançar o protagonismo já conhecido. Com isso, nas palavras de Kerche (2018, p.278), “houve uma migração, não necessariamente permanente, do modelo autônomo de promotoria brasileira para algo próximo do modelo independente encontrado na Itália”.

Segundo o autor, essa “migração” tem a ver com três “deslocamentos” que aconteceram recentemente no nosso sistema de justiça. Primeiro, houve um deslocamento da esfera civil para a esfera penal. Os promotores passaram a usar a ação penal, ao invés da ação civil, como principal modo de combate à corrupção<sup>18</sup> (KERCHE, 2018; ARANTES, 2011). Nesse deslocamento ajudou também a criação da Lei da Delação Premiada, que

<sup>18</sup> A ação civil era preferida pelos promotores nos casos de corrupção porque com ela não era necessário o envolvimento da polícia na fase de investigação e porque a regra do foro privilegiado não era válida para esses casos. Mas a ação civil tem aspectos negativos que retardam em demasia o cumprimento das sentenças condenatórias ou mesmo leva à sua anulação: como a possibilidade da defesa pedir vários recursos protelatórios e a possibilidade de recorrer em diversas outras instâncias da justiça (ARANTES, 2011; ARANTES, 2007).

deu aos promotores o poder de negociar o valor das penas em troca de informações sobre possíveis cúmplices. Outro fator que também ajudou foi a permissão dada pelo STF, em caráter definitivo, para que promotores possam conduzir inquéritos penais. Os outros dois deslocamentos foram: primeiro, a mudança de um modelo baseado na competição e sobreposição entre os órgãos do sistema de justiça para um modelo baseado na cooperação entre esses órgãos; e, segundo, uma mudança do protagonismo no combate à corrupção dos entes estaduais para os entes federais. A cooperação aumentou tanto entre a Polícia e o MP quanto entre MP e judiciário<sup>19</sup> (KERCHE, 2018; ARANTES, 2011). Os indícios dessa cooperação entre MP e judiciário já eram fortes, como mostra Kerche (2018), mas se avolumaram com o recente escândalo envolvendo o vazamento de mensagens dos procuradores da Lava-Jato<sup>20</sup>.

### 3.3.1 A nova direita e a Lava-Jato

Só na primeira instância de Curitiba, a Lava-Jato produziu, até Junho de 2020<sup>21</sup>, 165 condenações, 500 denúncias, 130 prisões preventivas e 163 prisões temporárias. Os valores previstos em multas compensatórias provenientes de acordos de leniência está na casa dos R\$ 12 bilhões. Esses números mostram a grandeza da operação, mas seu impacto mais importante para explicar o surgimento do novo campo de ativismo de direita talvez tenha sido o estrago que ela provocou junto à classe política. A Lava-Jato foi decisiva para produzir uma crise sem precedentes em nosso sistema político. Ela ajudou a reduzir a legitimidade da classe política tradicional, possibilitando que certos atores políticos de direita, e suas pautas e enquadramentos interpretativos, até então periféricos, pudessem ganhar notoriedade. E como os escândalos envolveram muitos nomes do principal partido de esquerda do país, o PT, houve uma oportunidade histórica para que grupos anti-esquerda conquistassem espaço no debate público frente aos tradicionais atores da esquerda. Não à toa, as pautas anti-corrupção e anti-PT foram as principais pautas mobilizadas por esses grupos durante o momento decisivo da formação do novo campo de direita - de 2015 em diante.

Esses impactos da Lava-Jato não se devem, entretanto, apenas às mudanças já citadas no campo das instituições de *accountability*. Assim, se nesse campo estavam se desenvolvendo nas últimas décadas as condições perfeitas para um fenômeno como a Lava-Jato, no campo das instituições políticas estavam sendo criadas as condições que tornariam a Lava-Jato uma bomba de “destruição institucional”. Corrupção sempre foi algo comum entre nós. A bem da verdade, nosso sistema político tem uma organização que favorece a existência desse tipo de prática. Como mostra Reis (2018, p.2), “temos um sistema difícil de

<sup>19</sup> Segundo Arantes (2011), essa nova dinâmica de cooperação não se deveu a nenhuma mudança na legislação e envolveu não só polícia, MP e judiciário, mas também agentes de órgãos como Receita Federal, Banco Central, Previdência Social, entre outros.

<sup>20</sup> <https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>

<sup>21</sup> <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/resultados>

fiscalizar (com centenas ou mesmo milhares de candidaturas individuais por circunscrição), com votação sensível a gasto de campanha e fontes de recursos fortemente concentradas”. Nessas circunstâncias, ganha eleição quem tem mais dinheiro, o que aumenta a importância da relação entre a classe política e os grandes financiadores. Naturalmente, todo sistema político desenvolve relações com os campos econômicos. Mas no nosso caso não criamos mecanismos legais que regulassem de forma satisfatória essas relações. O resultado é um sistema em que quase todo ganhador está implicado em algum esquema de favorecimento de financiadores privados. O caso das grandes empreiteiras é um exemplo.<sup>22</sup>

Nesse sentido, tínhamos duas tendências históricas, em dois campos diferentes, que tenderiam a se chocar em algum momento: por um lado, as mudanças no campo das instituições de *accountability* que favoreciam o surgimento de movimentos como o da Lava-Jato, por outro, um sistema político que estava estruturado em vias que incentivavam os atores a buscarem recursos por meios ilícitos para a disputa de eleições. O encontro dessas duas tendências históricas seria arrasador para a república - e foi. Das mudanças porque passaram o campo das instituições de *accountability* nos últimos tempos, talvez a que mais contribuiu para o efeito devastador da Lava-Jato junto ao sistema político tenha sido a “delação premiada”. Todo sistema político está assentado em “em teias de compromissos e favores” (REIS, 2018). Essas redes abrangem os principais atores de um sistema político. Por conseguinte, o efeito de um mecanismo como a delação premiada é levar as investigações a todos os principais atores do sistema. Como um efeito dominó, o uso da delação premiada na investigação de um ator político tende a afetar rapidamente todos os demais atores. Nessas condições, o sistema inteiro tende a ser visto como corrupto. Foi assim que a Lava-Jato provocou, ou melhor, aprofundou (intensamente) uma crise de legitimidade do nosso regime e da classe política que abriu as portas para os discursos de “faxina moral” da nova direita.

### 3.4 Mudanças nos campos econômicos, nas relações de classe e a crise econômica de 2015

Outro evento fundamental para a criação de oportunidades políticas a serem exploradas pelos atores engajados na construção do campo de ativismo de direita foi a crise econômica iniciada em 2015. Entretanto, não vamos analisar aqui apenas os efeitos dessa crise. E isso porque seus efeitos só podem ser entendidos se levarmos em conta também as mudanças recentes na estrutura de classes no Brasil. O argumento aqui é de

<sup>22</sup> Mas essa relação da classe política com grandes empreiteiras não é recente. Como mostra Pedro Campos (2012), as grandes empresas brasileiras do setor de construção civil cresceram, desde meados do último século, a partir de relações privilegiadas com o Estado e a classe política, formando cartéis com capacidade de influenciar nas decisões sobre investimento público em infraestrutura e nas licitações públicas.

que transformações macroeconômicas, no mercado de trabalho, em certas políticas sociais e em outras políticas públicas que afetam diretamente as chances de vida e as dinâmicas de mobilidade social criaram diferentes expectativas em diferentes setores ou extratos sociais da sociedade brasileira de forma que parte desses extratos se tornaram, particularmente a partir das mobilizações de Junho de 2013, do cenário de crise econômica pós-2014 e da narrativa criada em torno da Operação Lava-Jato, mais vulneráveis e atraídos por discursos de direita, ou seja, eles se tornaram um potencial público para o novo “campo de ativismo de direita”.

Essa análise está dividida em duas partes. Em cada parte analisamos o impacto das mudanças supracitadas sobre diferentes segmentos sociais, quer dizer, sobre diferentes classes sociais. Vamos focar nos impactos sobre dois segmentos sociais: as classes baixas, principalmente a classe C, e a classe média. Não vamos tratar aqui as classes sociais como campos. A classe é o efeito de uma inserção diferenciada dos indivíduos em alguns campos societários, principalmente nos campos econômicos. É em campos como o mercado, a escola e a família que são reproduzidas as condições de classe. Indivíduos que tem uma inserção semelhante nos vários campos econômicos pertencem a uma mesma classe social. Essa inserção semelhante nos campos econômicos e em outros campos - escola, universidade, família - tornam esses atores muito próximos em termos de chances de vida e em termos de comportamentos e de certas práticas de consumo, a ponto deles desenvolverem, em alguns casos, uma consciência dessa condição (de classe) comum.

### 3.4.1 A nova direita e a classe C

O Brasil é historicamente marcado por ser uma sociedade com altos níveis de desigualdade social e pobreza. Mas na última década presenciamos transformações importantes na condição socioeconômica daqueles que pertencem às classes mais baixas. Segundo dados do IPEA, entre 2002 e 2011 o número de indivíduos vivendo em domicílios com renda domiciliar per capita abaixo da linha de pobreza <sup>23</sup> caiu de 58.701.158 para 34.355.298 <sup>24</sup> <sup>25</sup>. Outros dados também mostram que as condições de vida, a renda e a capacidade de consumo de um amplo espectro da sociedade brasileira melhorou muito nesse período

<sup>23</sup> A linha de pobreza aqui equivale ao valor de uma cesta de alimentos que contenha o mínimo de calorias para suprir de maneira adequada uma pessoa, como recomendado pela FAO e OMS (Informações do IPEADATA <<http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx> > consultado em 09/09/2019).

<sup>24</sup> Dados do IPEADATA <<http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx> >, com base na PNAD. Consulta em 09/09/2019.

<sup>25</sup> Já de acordo com Neri (2010), usando critério da FGV (Fundação Getúlio Vargas), o número de pessoas em condição de pobreza era de 49 milhões em 2003 e passou a ser de 28,8 milhões em 2009. Uma queda significativa. Neri (2010) ainda afirma que a desigualdade social também teria diminuído entre nós. Usando de dados da PNAD e do Censo, ele mostra que nosso Gini caiu de 0,595 em 2001, para 0,554 em 2007, alcançando 0,544 em 2009. Esses resultados sobre nossa desigualdade foram posteriormente corrigidos pelos estudos de Pedro Souza, Marcelo Medeiros e equipe (SOUZA, 2016; MEDEIROS; CASTRO, 2018). Utilizando de uma nova metodologia, que combinava dados da PNAD e Censo com dados tributários, esses autores mostraram que nossa desigualdade se manteve relativamente estável durante a década de 2000.

(SOUZA; LAMOUNIER, 2010; NERI, 2010; SOUZA, 2016; POCHMANN, 2015; SINGER, 2012; SALATA; SCALON, 2012; QUADROS; GIMENEZ; ANTUNES, 2013). As distâncias entre os que estavam na parte de baixo da pirâmide de renda e aqueles que estavam na parte do meio diminuiu. Foi nesse contexto de mudança socioeconômica que surgiu a ideia de que estava emergindo no Brasil uma “nova classe média”, fruto das transformações macroeconômicas do período, do crescimento do emprego formal, do aumento real do salário mínimo e das políticas sociais e de transferência de renda (SOUZA, 2012; SINGER, 2012; NERI, 2010; SOUZA; LAMOUNIER, 2010; QUADROS; GIMENEZ; ANTUNES, 2013).

Esse processo mexeu com a estrutura de classes do país, criando novas demandas sociais e políticas que foram decisivas para o desenrolar dos maiores acontecimentos políticos dos anos posteriores. A relação entre o crescimento da classe C e o surgimento e desenvolvimento de um novo campo de ativismo político de direita não é tão visível nem tão direta em um primeiro momento. Ela é melhor entendida se a virmos em termos da relação entre um processo social que gera oportunidades políticas e um conjunto de atores que explora essas oportunidades. O que gostaria de frisar aqui, em resumo, é que a forma como se deu o processo de inclusão social e econômica que gerou a “nova classe trabalhadora” e a falta de uma narrativa “à esquerda” que explicasse para os “batalhadores” o que causou esse processo, criou um público que, a depender do contexto econômico, poderia ser atraído pelos discursos dos atores políticos e movimentos sociais de direita.

Os trabalhos de Neri (2010), Pochmann (2015), Carvalho (2018), Quadros, Gimenez e Antunes (2013), Singer (2012), mostram que o crescimento da classe C – ou o processo de formação de uma “nova classe trabalhadora” - está embasado em dois fatores principais, ambos turbinados pelo crescimento econômico do Brasil nos anos 2000: primeiro, a expansão do emprego formal; e, segundo, o aumento real do salário mínimo e da renda dos trabalhadores. Soma-se a isso as políticas de expansão do crédito ao consumo e, com um peso bem menor, as políticas sociais de transferência de renda. O crescimento do emprego formal e o aumento real do salário mínimo garantiram um maior poder de compra para os trabalhadores, particularmente para aqueles pertencentes à classe C. Essa dinâmica foi intensificada pelas políticas de expansão do crédito de consumo. De fato, o aumento do consumo durante os anos 2000 foi parte da própria política econômica dos governos Lula. Criou-se no Brasil o que podemos chamar de uma dinâmica de inclusão pela via do consumo. O fenômeno dos “rolezinhos”, que aconteceu entre o final de 2013 e início de 2014, reflete bem isso; ele representa “a ostentação em uma sociedade em que a inclusão passa pelo consumo, atividade amplamente legitimada socialmente como forma de ascensão” (PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2014, p.13).

O que é importante de se salientar aqui é o fato de que o processo de ascensão social visto no Brasil nos últimos anos estava fundado em bases pouco sólidas. As dinâmicas de

aumento do consumo e de melhoria nas condições de vida da classe C foram possíveis, principalmente, por conta do crescimento do emprego formal e do aumento do salário mínimo (QUADROS; GIMENEZ; ANTUNES, 2013; CARVALHO, 2018; NERI, 2010; POCHMANN, 2015). Esses dois processos - crescimento do emprego formal e do aumento do salário mínimo - foram sustentáveis durante certo período de tempo graças a uma situação econômica razoavelmente estável, em que o país crescia, apesar da crise econômica de 2008. Todavia, se ocorresse uma recessão ou uma diminuição nas taxas de crescimento econômico os motores do processo de ascensão social estariam ameaçados. Foi o que aconteceu a partir de 2015.

Diante de uma crise econômica os membros da nova classe C, diferentemente da classe média tradicional, não teriam os mecanismos necessários para garantir a continuação das melhoras em suas condições de vida. A classe C não tinha nem o capital cultural nem o capital social necessários para garantir um acesso privilegiado ao mercado de trabalho (SOUZA, 2012; KERSTENETZKY; UCHÔA, 2013). Agora, imagine um cenário em que um segmento gigantesco de uma sociedade historicamente muito desigual e pobre tem uma melhora acentuada de suas condições de vida, mas, de repente, se vê jogada novamente na pobreza, por conta de alguma crise econômica, e se percebe sem muitas perspectivas de sair dessa situação. Um processo desse tipo teria efeitos políticos não previsíveis, mas certamente não desprezíveis. Como mostrou Tcqueville (1997), sociedades marcadas por um nível alto de opressão social e que experimentam processos de melhoria na condição de vida das pessoas tendem a resistir a qualquer ameaça de retorno à situação de penúria experimentada no passado. Pensando nisso, não é de estranhar a advertência dada pela antropóloga Rosana Pinheiro-Machado, em um texto de 2016, logo após o início da crise econômica, em que ela reclama ao “*establishment* intelectual e político” que

*fechar os olhos para a crise e não perceber como ela tem afetado o Brasil profundo me parece um erro grave, que em nada contribui para compreender o sentimento de abandono político, a estagnação econômica, a fúria interpessoal – o que, finalmente, culmina na emergência do germe fascista e no desejo por mudança a qualquer custo. (PINHEIRO-MACHADO, 2016, p.25)*

Esse Brasil profundo, do qual faz parte a classe C ou “nova classe trabalhadora”, sofreu mais do que a classe média tradicional e a elite os efeitos da crise econômica. Em momentos de crise como esse é natural que as pessoas procurem um enquadramento interpretativo que explique e dê uma saída para seus problemas (FLIGSTEIN; MCADAM, 2012; BENFORD; SNOW, 2000). É necessário encontrar os “culpados”. Aqui entra a relação que faço entre a ascensão/queda da classe C e o desenvolvimento de um novo campo de ativismo de direita no Brasil. Nesse sentido, o baixo crescimento econômico a partir de 2013 e a crise econômica de 2015 são fundamentais para explicar as oportunidades colocadas para o campo de ativismo de direita então emergente. A crise piorou as condições

de vida das pessoas, principalmente dos segmentos mais pobres e daqueles que haviam experimentado um relativo processo de mobilidade social na última década. A crise deu força às narrativas dos atores que faziam oposição ao então governo do PT. Como o então governo federal era de esquerda, a “nova direita” e a centro-direita liberal responsabilizaram o programa econômico da esquerda pelos caos vivenciado pelas pessoas que estavam naquele momento perdendo seus empregos. Essas narrativas sobre as causas da crise econômica se misturaram àquelas sobre o problema da corrupção, chegando a criar um discurso em que a corrupção - que seria praticada principalmente pela esquerda - era a causa da crise. Nesse bojo, os discursos neoliberais, pró-Estado Mínimo, também ganharam força. Portanto, os dois discursos mais mobilizados pela nova direita em seu momento inicial, o anti-petismo/esquerdismo e o discurso anti-corrupção, foram reforçados.

Mas, além da crise econômica, a falta de uma narrativa à esquerda para explicar o processo de mobilidade experimentado pela classe C nos últimos anos, talvez seja um fator também importante para entendermos as oportunidades que a crise econômica deu para a “nova direita”. Esse problema da falta de uma narrativa à esquerda <sup>26</sup> para explicar o processo recente de ascensão social da classe C foi bem pontuado pelo sociólogo Jessé Souza, em entrevista para a revista *Época* <sup>27</sup>, em 2016, na qual diz que

a principal demanda não atendida [durante os governos do PT], para mim, foi a não construção de uma narrativa política para o processo de ascensão social das classes populares. A proposta de uma “nova classe média” de Dilma foi um tiro no pé. Primeiro é mentira, já que pertencer à classe média não significa ter renda média, mas sim ter os privilégios desde o berço que permitem a reprodução do capital cultural reconhecido, o que garante salários e prestígio diferenciais. Depois faltou dizer que ascensão social é algo gradual e nomear as fases em que isso se dá. Teria sido muito mais inteligente.

Assim, se, por um lado, os governos petistas não criaram (nem fomentaram dinâmicas participativas que poderiam fazer emergir) uma narrativa para que os sujeitos interpretassem as mudanças que estavam passando, outros campos societários estavam

<sup>26</sup> A dificuldade em construir essas narrativas tem a ver com um processo mais amplo de arrefecimento do que Ana Maria Doimo (DOIMO, 1995) chamou de “campo popular” (ou, simplesmente, “esquerda”). Tal processo começou nos anos 90, com a perda de força da teologia da libertação, das Pastorais e Comunidades Eclesiais de base, e continuou nos anos seguintes com a precarização do mundo do trabalho e consequente declínio da presença dos sindicatos na vida dos trabalhadores mais pobres. A chegada ao poder dos partidos de esquerda em várias cidades do país no final dos anos 90, e posteriormente a conquista da presidência da República, não atenuou esse processo, pelo contrário, já que o repertório de ação típico do momento inicial do “campo popular”, marcado pela “ação direta” e pela forte presença nos territórios periféricos, deu lugar a um repertório mais institucionalizado, próximo dos gabinetes. As experiências participativas fomentadas pelos governos do PT em suas primeiras gestões - conselhos, orçamentos participativos, etc. - poderiam amenizar esse processo, mas elas também perderam força.

<sup>27</sup> Artigo consultado na Revista *Época*, no dia 21/09/2019, pelo link <<https://epoca.globo.com/politica/noticia/2017/04/jesse-de-souza-nova-classe-media-de-dilma-foi-um-tiro-no-pe.html>>.

engajados no fornecimento de elementos discursivos para essa narrativa, é o caso do campo de ativismo liberal na forma de *think tanks* liberais e, principalmente, das igrejas evangélicas, influenciadas por uma teologia da prosperidade (MARIANO, Março 1996). Sob essas influências, uma parte da classe C viu a melhoria em suas condições de vida como efeito do mérito e “Presente de Deus”. Após a crise, essa narrativa, sob influência da nova direita - mas também com o auxílio de parte da grande mídia -, tomou outro sentido: “se a vida havia melhorado por conta do meu esforço e da “graça de Deus”, agora tudo estaria piorando por causa de governantes corruptos” - principalmente por causa dos governantes de esquerda.

De fato, não há como saber se as oportunidades colocadas pela crise econômica para a “nova direita” seriam menores caso o PT - e os outros partidos e movimentos de esquerda - tivessem se esforçado na elaboração de uma narrativa mais à esquerda para explicar o processo de emergência da “nova classe trabalhadora”. Pode ser que o sociólogo Bolívar Lamounier tenha tido razão quando afirmou, em 2010, em entrevista para a revista *Veja*, não acreditar

que a classe C tenha fidelidade partidária. Estamos falando de milhões de pessoas, que se inclinam na direção que lhes for mais conveniente em determinado momento. É um conjunto social que disputa no mercado, diariamente, a sua sobrevivência. Por isso, se um governo a prejudicar de alguma maneira, não terá o seu apoio, independentemente de sua coloração política.

O ponto aqui não é afirmar que a classe C realmente se alinhou ao discurso de direita - ou participou do campo de ativismo de direita - mais do que os demais segmentos societários. A ideia é tão somente sublinhar que os processos citados no último parágrafo - desde a crise econômica até a falta de uma narrativa à esquerda para explicar o processo de mobilidade social desses sujeitos -, na medida em que geraram uma opinião pública desfavorável aos governos petistas, criou oportunidades para os atores engajados na construção do campo de ativismo de direita.

Todavia, existem elementos consistentes para afirmar que, pelo menos em termos eleitorais, uma parte importante da classe C aderiu aos discursos do novo campo de ativismo de direita. Recentemente a economista Laura Carvalho<sup>28</sup>, comparando os desempenhos do PT no segundo turno das eleições de 2014 e 2018, mostrou que a maior parte dos votos válidos perdidos pelo partido entre uma eleição e outra havia sido entre os eleitores que recebem entre 2 e 5 salários mínimos, ou seja, basicamente o eleitor da classe C. Essa

<sup>28</sup> Artigo de Laura Carvalho para a Folha de São Paulo, consultado em 21/09/2019, pelo link <[https://www1.folha.uol.com.br/colunas/laura-carvalho/2018/11/a-escolha-de-antonio.shtml?fbclid=IwAR3Oc4WrMmOxRGDzEUVw\\_PRlMHmSXTKBBTfFSCCrE6ozbR3ALwyhrHjWSEg](https://www1.folha.uol.com.br/colunas/laura-carvalho/2018/11/a-escolha-de-antonio.shtml?fbclid=IwAR3Oc4WrMmOxRGDzEUVw_PRlMHmSXTKBBTfFSCCrE6ozbR3ALwyhrHjWSEg)>

perda foi bem menor tanto entre aqueles que tem curso superior e recebiam acima de dez salários mínimos quanto entre aqueles que recebiam menos de dois salários mínimos <sup>29</sup>.

De outra parte, vale citar que a aderência de indivíduos da classe C nos atos promovidos pelo campo de ativismo aqui investigado também não é irrisória. Os *surveys* aplicados pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (GPOPAI), da USP, nas manifestações de direita na cidade de São Paulo-SP entre 2015 e 2017 nos ajudam a entender melhor isso. Como as escalas de renda foram mudando ao longo dos *surveys*, vamos usar nessa análise as faixas de renda que em cada rodada da pesquisa equivalem ou se aproximam da renda familiar mensal da classe C.

Na manifestação do dia 12 de abril de 2015 <sup>30</sup>, quando a crise econômica estava começando, somente 18,6% dos presentes se encaixavam nas faixas de renda equivalentes à classe C; suas famílias recebiam entre R\$ 1.576 e R\$ 3.940 de renda mensal. Por outro lado, 73,9% dos presentes tinham acima de R\$ 3.940 de renda familiar mensal – destaque para os 20% que tinham renda familiar acima de R\$ 15.760. Uma manifestação, portanto, com perfil de classe média tradicional. No mês de Agosto daquele ano outra manifestação de direita aconteceu, no dia 16 <sup>31</sup>, e nela o percentual de membros da classe C já era de 22,4% <sup>32</sup>; enquanto a classe média tradicional – aqueles com renda familiar acima de R\$ 3.940 – compunha 70,9% dos manifestantes. Os dados para a cidade de Belo Horizonte-MG para manifestações daquele mesmo ano demonstram um cenário parecido. A pesquisa realizada pelo grupo de pesquisa Opinião Pública, da UFMG, na manifestação do dia 12 de abril de 2015 <sup>33</sup>, mostra que 22,4% dos manifestantes tinham entre 2 e 5 salários mínimos de renda

<sup>29</sup> Segundo Laura Carvalho, “A análise das pesquisas Datafolha feitas na véspera do segundo turno em 2014 e 2018 indica que a maior perda de participação do PT nos votos válidos das eleições presidenciais ocorreu entre eleitores do sexo masculino, com ensino médio, renda familiar mensal entre dois e cinco salários mínimos e faixa etária entre 35 e 45 anos. Ao contrário do que ocorreu entre 2010 e 2014, o PT perdeu muito menos participação entre eleitores com nível superior e mais de dez salários mínimos do que no total dos votos válidos. Entre eleitores com renda familiar mensal inferior a dois salários mínimos, a perda de votos foi menor que a média tanto em 2018 quanto em 2014”. Artigo na Folha de São Paulo, consultado em 21/09/2019, pelo link <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/laura-carvalho/2018/11/a-escolha-de-antonio.shtml>>

<sup>30</sup> Segundo o relatório do GPOPAI, acessado em 09/05/2017, pelo link <<https://gpopai.usp.br/pesquisa/120415/>>, a “Pesquisa [foi]realizada na manifestação do dia 12 de abril de 2015 sobre confiança nas instituições, soluções para a crise, atitudes políticas em temas morais e polarização. Foram realizadas entrevistas com manifestantes maiores de 16 anos, entre as 13:30 e as 17:30 em toda a extensão da Avenida Paulista. Resultado de 571 entrevistas, margem de erro máxima de 95% de confiança: 4,1%”.

<sup>31</sup> Segundo o relatório do GPOPAI, acessado em 09/05/2017, pelo link <<https://gpopai.usp.br/pesquisa/160815/>>, a “Pesquisa [foi realizada] com os participantes do protesto do dia 16 de agosto de 2015 sobre soluções para a crise de confiança nas instituições e atitudes políticas em temas morais. Foram realizadas entrevistas com manifestantes maiores de 16 anos, entre as 12:00 e as 17:30 do dia 16 de agosto e distribuídas por toda a extensão da Avenida Paulista. Resultado de 405 entrevistas; margem de erro máxima com 95% de confiança: 4,9%”.

<sup>32</sup> Como a margem de erro na primeira pesquisa, de abril, é de 4,9% e a da segunda, de agosto, é de 4,3%, não é possível afirmar com certeza estatística que houve um aumento na participação da classe C entre abril e agosto de 2015.

<sup>33</sup> Segundo o relatório divulgado no site do grupo de pesquisa Opinião Pública, consultado em 21/09/2019, pelo link <[https://drive.google.com/file/d/0B1\\_d2uNS-ZSvLURXdTdISTNLY3Mview](https://drive.google.com/file/d/0B1_d2uNS-ZSvLURXdTdISTNLY3Mview)>, a “Amostra

familiar mensal.

Pulando para 2016, na grande manifestação do dia 31 de março daquele ano <sup>34</sup>, em São Paulo, o número de indivíduos pertencentes à classe C já era bem mais significativo: 32,6% dos presentes tinham entre R\$ 1.760 e R\$ 4.400 de renda familiar mensal. Enquanto 48% dos manifestantes tinham renda familiar acima de R\$ 4.400. Em 2016, é bom lembrar, a crise econômica já estava bastante avançada e presente na mentalidade popular. Finalmente, em 2017, na manifestação do dia 26 de março <sup>35</sup>, na cidade de São Paulo, o percentual de indivíduos da classe C é parecido com o da manifestação de março de 2016: 32,4% dos participantes tinham entre 2 e 5 salários mínimos de renda familiar mensal. Já aqueles com renda familiar acima de 5 salários mínimos representavam cerca de 57 % dos presentes.

Olhando esses dados percebemos que as manifestações foram frequentadas, principalmente, pelos membros da classe média tradicional. Mas é possível perceber também um padrão em que a participação da classe C aumenta após 2015 (pensando na cidade de São Paulo): 18,6% dos manifestantes eram da classe C em abril de 2015; esse número salta para 22,4% em agosto do mesmo ano; para 32,6% em março de 2016; e fica em 32,4% em março de 2017. Em 2016 e 2017, a classe C constitui quase um terço dos presentes nos protestos, um número nada irrisório. Tanto esses dados sobre os protestos em São Paulo quanto os dados sobre a perda dos votos da classe C sofrida pelo PT entre as eleições de 2014 e 2018 são uma mostra da insatisfação desse segmento social e de como essa insatisfação foi, em parte, capturada pelas narrativas políticas do novo ativismo de direita.

### 3.4.2 A nova direita e a classe média brasileira

As mesmas transformações econômicas, políticas e sociais que permitiram uma melhora na condição socioeconômica da população da parte mais baixa da pirâmide de renda também tiveram impactos sobre as condições de vida da classe média tradicional. Analisar esses impactos é importante para entendermos o comportamento político de

---

[era de] 352 entrevistas. Margem de erro estimada: 4,8 pp. Condição para ser entrevistado: Confirmar a condição de manifestante dia 12 de abril de 2015. Local da realização da pesquisa: Pontos de concentração (Praça da Liberdade, Praça da Estação), locais de chegada de participantes (Estações do metrô) e ruas de acesso aos pontos de concentração. Data do Campo: 12 de abril de 2015, das 8:30 às 17:00 horas. Objetivos: Identificar o perfil ideológico e as atitudes políticas dos manifestantes de 12 de abril de 2015 em Belo Horizonte. Realização: Agência Press - Consultoria em Informação”.

<sup>34</sup> Segundo o relatório do GPOPAI, acessado em 09/05/2017, pelo link <<https://gpopai.usp.br/pesquisa/310316/>>, a “Pesquisa [foi]realizada no dia 31 de março de 2016 na manifestação contra o impeachment sobre confiança nas instituições, soluções para a crise, atitudes políticas em temas morais e polarização. Foram realizadas entrevistas com manifestantes maiores de 16 anos, entre as 17:00 e as 22:00 ao longo da manifestação. Resultado de 508 entrevistas; margem de erro máxima de 95% de confiança: 4,3%”.

<sup>35</sup> Segundo o relatório do GPOPAI, acessado em 09/05/2017, pelo link <<https://gpopai.usp.br/pesquisa/120415/>>, a “Pesquisa [foi]realizada na manifestação do dia 26 de março de 2017 sobre identidades políticas, guerras culturais e posicionamento frente a debates atuais sobre política. Foram realizadas entrevistas com manifestantes maiores de 16 anos, entre as 14:00 e as 19:00 distribuídas por toda a extensão da Avenida Paulista, São Paulo. [...] Resultado de 512 entrevistas; margem de erro máxima de 95% de confiança: 4,3%”.

parte dessa classe média nos últimos anos, o que inclui também sua adesão ao campo de ativismo aqui pesquisado. Historicamente nossa classe média desfrutava de uma situação que não é típica entre os membros das classes médias europeia e Norte-América: ela não acessava com tanta intensidade os bens duráveis e não-duráveis como fazia a classe média norte-americana e europeia, mas, diferente destas, ela tinha acesso fácil a serviços prestados por um contingente de trabalhadores desqualificados e que ofereciam sua mão de obra a preços módicos (AVRITZER, 2016; QUADROS; GIMENEZ; ANTUNES, 2013). Nossa classe média foi composta, pelo menos até meados do último século, precipuamente por profissionais liberais – as profissões imperiais de Coelho (1999), o “advogado”, o “médico” e o “engenheiro” – e profissionais manuais com alta qualificação (AVRITZER, 2016). Sua emergência se deu em íntimo contato com nossas elites rurais, situação válida principalmente para os profissionais liberais, e desse contato veio o costume de usar da mão de obra barata disponível no país para os mais diversos serviços (AVRITZER, 2016). Essa mão de obra barata só era acessível por conta do nosso longo histórico de desigualdade, da escravização das populações negras e da exclusão e abandono dos mais pobres e dos negros, tanto antes como após a abolição da escravidão.

As mudanças e o crescimento da classe média brasileira a partir dos anos 70 não alterou muito essa situação de acesso a uma mão de obra barata e também o acesso fácil a certos serviços que facilitavam sua reprodução enquanto classe. O acesso à universidade pública é um exemplo disso. Os alunos das universidades públicas brasileiras sempre foram recrutados entre as fileiras da classe média. Esses acesso privilegiado às universidades públicas, que no Brasil são melhores e mais bem avaliadas que as particulares, é fundamental para existência da classe média enquanto tal. Como bem mostrou Pierre Bourdieu, a reprodução da classe média está ligada à conquista e transmissão de capital cultural. Enquanto as elites garantem sua posição na estrutura de classes por meio do capital econômico e da posse dos meios de produção, o acesso às profissões e posições de mercado que são tipicamente de classe média dependem da conquista e transmissão de capital cultural. No Brasil, as universidades públicas são uma das vias por meio das quais as famílias de classe média têm acesso ao capital cultural, incluindo seu estado institucionalizado, na forma de diplomas e certificados.

A partir de meados dos anos 2000 houve uma mudança no padrão de acesso da classe média à universidade e a certos serviços, como saúde, educação primária e os serviços domésticos. A inflação no setor de serviços aumentou acentuadamente por conta da queda do desemprego e do aumento do salário mínimo (GIOVANNETTI, 2013; CARVALHO, 2018) <sup>36</sup>. Os planos de saúde (privados) ficaram mais caros, assim como o

<sup>36</sup> Segundo GIOVANNETTI (2013), a produtividade do setor de serviços cresceu menos do que os salários. Como o setor de serviços é o mais intensivo em mão de obra, o aumento dos custos no setor acelerou o aumento dos preços dos serviços.

acesso às escolas particulares <sup>37</sup> (AVRITZER, 2016). Os filhos da classe média brasileira costumam frequentar as escolas privadas até o final do ensino básico para depois irem cursar as universidades públicas. Mas, se por um lado o acesso ao ensino básico privado ficou mais caro, por outro, com as políticas de ação afirmativa criadas durante os governos do PT, o acesso ao ensino superior nas universidades públicas passou a ser mais incerto (AVRITZER, 2016). Assim, a classe média experimentou uma perda dupla na capacidade de se reproduzir enquanto classe, já que se viu com mais dificuldades em manter os velhos padrões de acesso tanto ao ensino básico privado quanto ao ensino superior público. Para completar esse processo de perda de status social e de capacidade de reprodução enquanto classe, o acesso aos serviços domésticos, que historicamente distinguiram a classe média brasileira de suas similares na América do Norte e na Europa, também ficou mais caro.

De fato, com os dados disponibilizados pela literatura sobre mudanças recentes na estrutura de classes do Brasil (SALATA; SCALON, 2012; SINGER, 2012; SOUZA, 2016), é possível afirmar que, enquanto parte significativa daqueles pertencentes à parte de baixo da pirâmide de renda experimentou um processo de ascensão social – ainda que uma ascensão baseada no consumo e com poucos elementos garantidores de estabilidade –, a classe média tradicional experimentou uma sensação diferente: de perda material e simbólica; uma queda – ou, no mínimo, uma estagnação – no seu prestígio social e na sua capacidade de se reproduzir enquanto classe. Esse cenário se confirma quando olhamos para os dados sobre desigualdade social. A desigualdade no mercado de trabalho – medida pela PNAD, por exemplo – caiu; e caiu por conta de uma aproximação daqueles da parte de baixo da pirâmide em relação àqueles pertencentes aos estratos intermediários. Mas a desigualdade total, em toda a pirâmide, se manteve, porque o topo da pirâmide aumentou muito seus rendimentos no período <sup>38</sup> (SOUZA, 2016); um indício de que, durante os governos do PT, o estrato que mais perdeu – ou menos cresceu – em termos de renda e status social foi a classe média. Salata e Scalon (2012) oferecem outra prova nesse sentido. Definindo classe a partir da ocupação e da posição no mercado de trabalho, os autores mostram que das seis categorias (classes) analisadas <sup>39</sup>, as três que correspondem à classe

<sup>37</sup> Singer (2012) cita – ver referência 49 do capítulo 3 – uma fala do sociólogo Simon Schwartzman, em janeiro de 2010, numa entrevista para o portal “ig”, que ilustra bem isso: “Houve um achatamento do padrão de vida da classe média. Ela sofreu nesse processo, porque depende muito mais dos serviços, cujos preços aumentaram muito, como escolas e saúde privadas” (SINGER, 2012, Não Paginado – leitura realizada em livro formato epub). Sobre o aumento de preços das mensalidades escolares, para o ano 2011, ver Nota técnica n 98 do DIEESE (2011). Ver também: <<https://achadoseconomicos.blogosfera.uol.com.br/2013/03/12/mensalidade-de-escola-particular-sobe-mais-de-50-desde-2009/>> e <<https://exame.abril.com.br/economia/mensalidade-escolar-deve-ter-maior-reajuste-6-anos-526935/>>, consulta em: 15/09/2019.

<sup>38</sup> Singer (2012, Não Paginado), tratando do processo mais lento de queda desigualdade quando comparado ao processo de queda da pobreza, diz que, “como, simultaneamente, há indícios de que possa ter havido achatamento nos ganhos da classe média, a resistência da desigualdade decorreria do que é apropriado pelos muito ricos”.

<sup>39</sup> As seis categorias são: profissionais, administradores e gerentes; trabalhadores não-manuais de rotina; pequenos proprietários; trabalhadores manuais qualificados; trabalhadores manuais não-qualificados; e trabalhadores rurais (SALATA; SCALON, 2012) .

média tradicional - “profissionais, administradores e gerentes”, “trabalhadores não-manuais de rotina” e “pequenos proprietários” - foram as que tiveram o menor crescimento na renda entre 2002 e 2009 <sup>40</sup>.

Todo essa dinâmica de mudança envolvendo a classe média - no seu padrão de acesso a certos serviços, na sua condição perante as demais classes, no seu status e na sua capacidade de se reproduzir enquanto classe - teve efeitos sobre a opinião e o comportamento políticos dos membros desse estrato social. Como aponta Avritzer (2016, Não paginado)<sup>41</sup>:

A classe média tradicional no Brasil também se viu comprometida por uma questão de status, que despontou em diversas situações recentes, como no caso do acesso de jovens da nova classe média a shopping centers, episódios que ficaram conhecidos como “rolezinhos”. Nessa ocasião já se manifestou uma questão que “aflige” os brasileiros de classe média, que é o convívio em espaços sociais não partilhados anteriormente.

Ao longo das últimas duas décadas, uma parte considerável de nossa classe média foi se tornando cada vez mais anti-petista, o que se mostra nos padrões de votação desse segmento (SINGER, 2012). Boa parte da classe média, que havia votado no PT em 2002, passou a votar contra o partido nas eleições seguintes. Isso tem a ver com os fatores já citados - perda de status e de privilégio no acesso a alguns serviços, estagnação de renda frente a outros extratos sociais, etc -, mas também tem a ver com os escândalos de corrupção protagonizados pelo PT a partir de 2005. O tema da corrupção sempre foi caro à nossa classe média. Enfim, tudo isso criou um público de atores descontentes com a classe política, mas, principalmente, com a classe política de esquerda. Esse sem dúvidas foi um cenário favorável para os atores envolvidos na construção do novo campo de ativismo de direita. A adesão da classe média a esse campo de ativismo se reflete na alta proporção de membros desse segmento social presentes nos protestos promovidos pela nova direita<sup>42</sup>.



Ao longo deste capítulo mostramos como algumas mudanças históricas ajudaram a criar ou a amplificar condições favoráveis para o surgimento da nova direita - e para a estruturação do novo campo de ativismo de direita em Belo Horizonte. No centro dessas mudanças estavam três eventos: Junho de 2013, a Lava-Jato e a crise econômica de 2015.

<sup>40</sup> Com destaque para “profissionais, administradores e gerentes” e “trabalhadores não-manuais de rotina”, cujas rendas cresceram apenas 2,7% e 1,6% no período, ao passo que “trabalhadores manuais qualificados”, “trabalhadores manuais não-qualificados” e “trabalhadores rurais” - categorias mais associadas às classes de renda C, D e E - tiveram um crescimento na renda de, respectivamente, 13,3%, 9,8% e 15% (SALATA; SCALON, 2012).

<sup>41</sup> Obtido de livro em formato epub.

<sup>42</sup> O forte envolvimento dessa classe social com a atividade política não é algo incomum. As pessoas de classe média tendem a ter mais escolaridade, tempo e recursos para se envolverem com a política. Tanto é que os campos de ativismo de esquerda também são constituídos, em boa medida, por pessoas da classe média.

Esses eventos criaram e/ou aprofundaram uma crise de legitimidade do PT e do sistema político, crise que, em alguns momentos, atingiu os discursos e práticas que fundamentam o próprio regime político pós-88. Os protestos de Junho foram os responsáveis por dar o primeiro golpe na legitimidade de governos e da classe política. Junho também encheu de vontade de mudança uma parte da população brasileira e permitiu que alguns discursos da nova direita ganhassem mais força na sociedade. Ademais, ao colocar no centro do debate o problema da corrupção e ao reduzir a legitimidade dos governos e da classe política, Junho deu as primeiras oportunidades para que os atores responsáveis pela operação Lava-Jato fizessem desta uma bomba de destruição institucional, capaz de aprofundar ainda mais a crise de legitimidade do sistema político.

Além das oportunidades colocadas por Junho de 2013, uma série de mudanças que ocorreram nos últimos anos nos campos das instituições de *accountability* também ajudaram a tornar possível a existência da Lava-Jato. Já seu impacto devastador sobre o sistema político se deve, entre outras coisas, ao apoio que a operação obteve junto à grande mídia e ao uso das delações premiadas. Com as investigações sendo direcionadas a um sistema político em que boa parte dos atores estava implicada em esquemas ilícitos de financiamento eleitoral, o uso das delações premiadas fizeram as investigações chegar a grande parte da classe política, minando ainda mais a legitimidade desta perante a sociedade civil.

Esse cenário de crise foi intensificado sobremaneira com a crise econômica de 2015. Essa crise piorou as condições de vida das pessoas, especialmente as mais pobres e os emergentes, a chamada classe C. Com o enfraquecimento do campo popular e a fraca construção de narrativas por parte dos governos do PT para explicar a mobilidade social dos mais pobres, sobrou espaço para que os discursos e atores da “nova direita” ganhassem mais legitimidade no debate público. Por outro lado, apesar de não ser tão afetada pela crise econômica como foi a classe C e os mais pobres, a classe média também passou por mudanças que aumentaram sua rejeição à classe política, mas, principalmente, sua rejeição aos atores da esquerda.

Tivemos, portanto, um processo de crise crescente e ampliada. Essa crise começou em Junho, envolvendo principalmente o Partido dos Trabalhadores. Mas a sensação de crise aumentou à medida que a Lava-Jato e a crise econômica ganharam força, reduzindo a legitimidade de toda a classe política e até mesmo do regime político. A continuação dos grandes protestos em 2015 e 2016 e o episódio do impeachment da ex-presidenta Dilma coroaram esse cenário de crise perante a opinião pública. Esse contexto reduziu a legitimidade dos discursos e enquadramentos prevaletentes no debate político, principalmente os discursos e pautas dos atores de esquerda. Ao mesmo tempo, as várias crises desse período aumentaram a incerteza sobre o funcionamento de campos basilares da sociedade brasileira. Tudo isso contribuiu para o surgimento de uma crise de interpretação da realidade política.

Mas, como dissemos no capítulo teórico, os seres humanos são vorazes produtores e consumidores de significados. A necessidade de dar sentido ao mundo e à nossa presença nele está na origem de todo campo de ação estratégica. Portanto, com a perda de legitimidade dos discursos de esquerda e com a incerteza provocada por um cenário de crise crescente, os atores da nova direita se viram em uma conjuntura favorável para a difusão de suas narrativas. Boa parte desses atores já estava se organizando no país desde antes de 2013, com *think tanks* ultraliberais, espaço na grande mídia e presença reforçada no mercado editorial (ROCHA, 2017). Apesar disso, eles ocupavam um lugar periférico no debate público. O início do cenário de crise em 2013 mudou isso e deu oportunidades para que os discursos desses atores ganhassem uma proeminência até então não vista.

Nossa análise neste capítulo não esgota todas as oportunidades colocadas pelo contexto político dos últimos anos aos atores da nova direita. A ideia é descrever um pouco das mudanças históricas que geraram as oportunidades mais gerais para o surgimento do campo. Não abordamos as mudanças ou continuidades históricas que geraram oportunidades para setores específicos do campo. Por exemplo, não tratamos das oportunidades para que o novo campo de ativismo de direita tomasse um rumo autoritário e reacionário, principalmente a partir de 2017. Esse rumo que tomou o campo também se confunde com o momento da emergência da figura de Jair Bolsonaro e de seus seguidores. É verdade que os atores e movimentos mais reacionários e autoritários já existiam desde antes do surgimento do campo, mas eles só se tornaram hegemônicos a partir de 2017, principalmente depois da vitória de Jair Bolsonaro. Entre as mudanças ou continuidades que deram oportunidades para a bolsonarização do campo estão, por exemplo, a crise de segurança pública no país e a pouca atenção dada as políticas públicas de memória e de retratação histórica. O crescimento das igrejas evangélicas e o paralelo processo de distanciamento dos campos e atores de esquerda desse segmento societário, também geraram oportunidades que permitiram os setores mais reacionários do campo ganharem centralidade no debate político.

É importante também salientar que o processo crescente de crise foi sendo retroalimentado pelos próprios atores da nova direita. À medida que o sentimento de crise se espalhava e a confiança na classe política e nos atores e campos de esquerda era reduzida, a nova direita mobilizava suas narrativas sobre as causas, os culpados e as soluções para a crise. Nesse processo não podemos deixar de lado a importância do uso das novas mídias sociais como veículos de difusão de discursos e ideologias políticas. Na última década houve um aumento exponencial do número de pessoas com smartphones no país. O mesmo vale para o número de usuários de mídias sociais, com destaque para o Facebook e o WhatsApp. A arquitetura das mídias sociais possibilitou que se criassem campos de produção de verdades alternativos a outros campos societários que também tinham essa função: o jornalismo e a ciência. Parte dos discursos da “nova direita” passam justamente pela deslegitimação de outros espaços de produção de verdade, como a grande mídia e as universidades. Ao

permitir a criação desse tipo de espaço, as novas mídias sociais também fomentaram a sensação de crise, já que os parâmetros para definição do que é ou não verdade se tornaram menos claros. Em um ambiente de tanta incerteza, potencializado por diversos tipos de crise, os atores se tornam mais propensos a dar ouvidos a novos discursos que explicam e dão sentido às coisas. Foi nesse ambiente que a “nova direita” se formou e cresceu.

## Parte III

### A cena em Belo Horizonte

## 4 Atores estratégicos, trajetórias ativistas e a construção do campo em Belo Horizonte

Neste capítulo vamos analisar a trajetória de algumas lideranças (atores estratégicos) do novo campo de ativismo de direita em Belo Horizonte. Essa estratégia analítica nos permitirá entender como foi a atuação dessas lideranças na construção do campo: Quais movimentos elas criaram? Quais recursos elas mobilizaram nesse processo? Quais eventos e mudanças no ambiente político foram manipuladas por elas enquanto oportunidades políticas? Quais formas inovadoras de ação coletiva elas criaram ou promoveram?

Ao investigar a trajetória dessas lideranças poderemos também entender se o surgimento do novo campo de ativismo da direita em BH foi influenciado por antigos campos de ativismo de direita fundados nos anos 2000, como apontado por Rocha (2017). Se essas influências existiram, é justamente na trajetória dos estratégicos que poderemos encontrá-las, já que esses são os atores responsáveis por criar os movimentos sociais da nova direita na cidade e por estruturar o espaço social do campo.

Ao analisar a trajetória dos atores estratégicos poderemos também entender a presença dos três mecanismos sociais que compõem os processos de mobilização emergente: apropriação social, atribuição de oportunidades e ação coletiva inovadora. A TCAE mostra que os atores estratégicos são um elemento comum a esses três mecanismos sociais. São eles que comandam a apropriação de recursos relacionais e organizacionais (Apropriação social) e que manipulam as mudanças no contexto inter e intra-campos enquanto oportunidades (Atribuição de oportunidades). Vamos aqui examinar se esses três mecanismos são suficientes e necessários para a construção do campo e dos atores coletivos do campo. Mas, além de tentar encontrar evidências desses três mecanismos, vamos também tentar traços de outros possíveis mecanismos presentes no processo de criação dos movimentos do campo.

Para coletar os dados necessários, entrevistamos as lideranças da nova direita na cidade com a finalidade de capturar a trajetória delas no campo. A forma das entrevistas aqui usadas lembram o que Maria Izaura Pereira de Queiroz (QUEIROZ, 1987) chamou de “depoimentos”. Esta autora, ao diferenciar “depoimento” de “história de vida”, diz que o primeiro é um tipo de relato caracterizado por uma maior interferência do entrevistador, ele conduz a narração dos fatos, recortando aquilo que mais lhe interessa. Já no segundo, “histórias de vida”, o narrador é quem decide o que vai narrar, o pesquisador deve interferir o menos possível na narração dos acontecimentos. Os depoimentos também costumam ser

mais curtos, em apenas uma entrevista já é possível esgotar os pontos de interesse; já a história de vida é mais demorada, porque o final da narração está aberto para o narrador, ele decide até onde vai.

O objetivo das entrevistas era coletar uma narrativa do entrevistado sobre sua vida no ativismo. Primeiro, o entrevistado era esclarecido sobre esse objetivo. Depois, como um pontapé inicial, pedia-se a ele que começasse a falar sobre como foi sua entrada no ativismo. Quando necessário, eram feitas intervenções visando esclarecer alguns detalhes que fossem importantes para a posterior análise dos dados. A maior parte das perguntas visava ajudar a entender o encadeamento temporal dos eventos narrados.

Após a transcrição das entrevistas, usamos de um método de “estudos de trajetória” para responder as perguntas colocadas nesta tese. Procuramos colocar os fatos narrados dentro de uma sequência temporal. Identificamos nas falas dos entrevistados os eventos mais marcantes em sua trajetória. Essa análise objetiva não só captar o entendimento que os atores têm de suas próprias trajetórias, mas também coletar dados sobre o papel dessas lideranças no processo de emergência e construção do campo na cidade de Belo Horizonte.

Todos os entrevistados são lideranças importantes do campo em Belo Horizonte. Eles ajudaram a fundar alguns dos principais movimentos sociais da nova direita na cidade. Eles são, nesses termos, “atores estratégicos” - ou “empreendedores institucionais” -, atores com “habilidades sociais”, engajados na tarefa de mobilizar e produzir ação coletiva. A trajetória desses atores é temporal, ou seja, uma trajetória entre eventos, e também uma trajetória entre posições do campo. Posições que eles ajudaram a construir, já que eles participaram diretamente da criação dos movimentos do campo na cidade.

Nesse sentido, as narrativas das lideranças sobre suas trajetórias no campo podem nos ajudar a contar a própria história do campo. Com esse objetivo, buscaremos, sempre que necessário, atestar as informações passadas pelas lideranças, seja fazendo consulta a jornais de notícia seja cruzando os dados das diferentes entrevistas.

Por fim, vale pontuar que, se acompanhar a trajetória dos atores é uma boa via para entender a organização interna do campo, o contrário também é verdade. Para entender a trajetória dos atores é importante entender como eles se posicionam ao longo do tempo nas estruturas do campo. Assim, buscaremos analisar a trajetória das lideranças sempre levando em conta a inserção presente e passada delas nas estruturas do campo.

As análises a seguir cobrem a trajetória de cinco lideranças diferentes: Cláudio, Marcela, Silas, Cristiano e Dirceu. No momento da entrevista, elas pertenciam a um dos seguintes movimentos sociais: MBL - Minas, Brava Gente, Mulheres da Inconfidência, Patriotas, Direita-BH e Pró-Libertas. As análises também levam em conta os dados de uma entrevista com uma liderança do Vem Pra Rua Minas. Não incluí nesse capítulo a análise da trajetória dessa liderança, porque ela entrou no movimento após este ter

se formado. De toda forma, seu relato foi importante para entender as datas e eventos importantes e também a atuação das outras lideranças e do próprio movimento Vem Pra Rua Minas.

A chegada até às lideranças se deu por meio de uma Observação participante. Desde meados do ano de 2017 até o início de 2020 venho participando dos protestos realizados pelos movimentos da nova direita em BH. Depois de participar de alguns protestos e ter algum conhecimento de quais eram as principais lideranças dos movimentos, comecei a convidar essas lideranças para participar das entrevistas da tese. No caso específico da liderança do MBL-Minas, o convite para a entrevista se deu em um evento realizado pelo movimento no ano de 2019. Nessa ocasião, fui apresentado à liderança por meio de um colega que também é membro do movimento.

## 4.1 Cláudio

*Eu nunca fui filiado a partido nenhum. Eu sempre fui uma pessoa avessa à política. [...] Eu havia saído do Brasil em 2000, ano de 1999. Eu fui morar no Canadá, justamente no final da era Fernando Henrique. Eu fiquei morando no Canadá uns 11 pra 12 anos e eu voltei pro Brasil, ali por volta de 2010, 2011, 2010.*

*Aí voltei pro Brasil e comecei a ver a bandalheira, roubalheira [...] E comecei a brigar, xiar, conversar com o pessoal, comecei a dizer o que tá acontecendo.*

*Mas ficou muito na conversa [...] Mas em 2013 houve [...] aquela explosão daquela revolta [...] E o movimento [Passe Livre] já tinha feito esse tipo de ação nos anos anteriores. Eles acharam que ia ser de boa. Era inclusive um movimento apoiado pelo governo do PT e tudo para fazer ali a militância... eles queriam deixar a militânciazinha ali alegre, fazendo coisa.*

*Não existia movimento [de direita] nenhum, eu não estava ligado a movimento nenhum [...] 2013 não houve movimento organizado de direita. Houve uma revolta organizada. Desorganizada, para dizer a verdade, das pessoas com pensamento de direita.*

*Quando eles fizeram isso e jogaram isso na mídia o pessoal revoltado de direita viu: pô é um canal pra gente. E ali a direita começou a entrar. [...] E eles começaram a fazer isso e o pessoal foi entrando, só que o pessoal que foi entrando, era um pessoal que já tinha um viés de revolta com a esquerda porque a esquerda era o PT. Apesar do que o PT fala, o PSDB era a esquerda. A esquerda que tava tomando conta do país então há vinte anos. Oito anos de PSDB, mais oito anos de Lula, mais quatro anos de Dilma. Ou seja, quase vinte anos, quem tava no poder era a esquerda.*

A primeira trajetória que vamos analisar é a de Cláudio. Ele é um dos nomes centrais do MBL em Minas Gerais. Filho de militares, ele acha que daí vem seu pouco envolvimento com a política nos anos anteriores à 2013 - “a gente sempre aprendeu a não mexer com isso, porque militar não gosta de política, não gosta de mexer e tudo. Sempre

*tive assim, uma posição “aquele safado lá e eu aqui”*”. A primeira ação de sua narrativa é, dessa forma, justificar como se deu essa mudança de rota: de alguém avesso à política para alguém profundamente envolvido com o ativismo político. Seu retorno ao Brasil no final dos anos 2000 é o ponto de partida dessa mudança. Segundo ele, o Brasil que teria encontrado era um país repleto de “bandalheira, roubalheira”. O último termo - roubalheira - é uma invariante no vocabulário do campo da nova direita e dá o tom da justificativa de Cláudio para seu envolvimento no ativismo político: a indignação com o problema da corrupção é o que o teria levado a se tornar um ativista.

Mas só essa indignação não explica tudo. É aí que aparecem os protestos de Junho na narrativa de Cláudio. Foi Junho que impediu que sua indignação ficasse apenas, como ele mesmo diz, “na conversa”. Nesse ponto seu relato não fala tanto de seu envolvimento direto com Junho, mas em como as pessoas de direita perceberam e foram afetadas por Junho. Na narrativa de Cláudio não há sinais da existência de um campo de direita durante os protestos de Junho. Não existiam movimentos de direita. E a direita e a esquerda participavam de maneiras diferentes dos protestos. Para Cláudio, a esquerda participava de maneira organizada; a própria onda de protesto teria sido orquestrada pela esquerda, com apoio do PT. Já a participação da direita se dava numa forma “desorganizada”.

No final, Junho teria sido uma oportunidade para que as pessoas já cansadas dos governos de esquerda começassem a se organizar. Aqui Cláudio inclui na esquerda tanto o PT quanto o PSDB. Esse trecho é uma mostra de uma operação semântica que foi fundamental para a emergência do novo campo de ativismo de direita, uma operação que se deu principalmente ao longo dos anos posteriores a Junho - e ainda mais após 2014 - e que Cláudio, como milhões de outros ativistas, deve ter experimentado bastante e ajudado a expandir. A equivalência entre PT e PSDB é um procedimento semântico que muda a posição dos atores no campo político mais amplo<sup>1</sup>: ele coloca atores antes vistos como opostos em uma mesma posição e abre uma fenda que torna possível o surgimento de uma nova posição política, encarnada - porque engendrou também mudanças nas relações sociais objetivas -, aos poucos, por um novo campo de ativismo, que faz frente à posição - agora única - ocupada pelos atores mais antigos do campo político. A nova posição passa a representar o diferente, a mudança do campo político mais amplo, uma oposição à velha elite política. Daí o caráter revolucionário de alguns discursos presentes no novo campo de ativismo de direita.

*[...] Só que aí o Aécio perdeu. Ali em 2014 começaram a aparecer os primeiros movimentos. [...] Aqui em Minas Gerais o primeiro movimento que apareceu foi o movimento intervencionista [...] Era intervencionista, um movimento mais militarístico que pregava a intervenção militar e que fez a marcha com Deus pela Família. [...] Aqui em Belo Horizonte, em março de 2014. [...] O primeiro eles fizeram, teve uma concentração lá na frente do quartel. [...] Eu fui. Eu vi, foi uma coisa... [...] Não*

<sup>1</sup> Aqui devemos lembrar da metáfora da *matryoshka*, citada por (FLIGSTEIN; MCADAM, 2012).

*existia nenhum outro movimento organizado. [...] Patriotas surgiu depois. [...] Era um movimento que eu não lembro o nome. [...] Eu até me indispus com a liderança desse movimento. [...] esse movimento acabou, foi varrido. [...] Isso é muito antes do MBL aparecer.*

*Mas a manifestação foi chamada na internet, no facebook. As pessoas viram, algumas que participaram de 2013, pessoas que estavam revoltadas com o governo da Dilma, com PT, com tudo que tava acontecendo olharam na chamada e foram pra essa marcha desse movimento.*

*Aí foi, nessa marcha é uma coisa interessante, se você procurar fotos, vídeos dessa marcha, existem, você via nessa marcha lideranças de todos os movimentos que surgiram depois. [...] Líderes do Vem Pra Rua, líderes do MBL aqui de Belo Horizonte. [...] Tinham lideranças do Patriotas. É, não tinha um movimento.*

*Talvez existisse um outro movimento que, aliás eu também acredito que não existia ainda. Mas pode ser que já existisse (ele está falando do Indignados) [...] eu vou te dizer, eu participei do Indignados depois dessa marcha e tudo. Foi depois daí que eu conheci o Indignados. [...] Poderia até existir o Indignados, não o Patriotas. O Indignados poderia já existir;*

*Essa manifestação eu acredito que é uma manifestação importante onde diversos ativistas estiveram e se conheceram. Alguns até estiveram e não se conheceram.*

*esse evento deve ter reunido umas cinquenta pessoas. [...] Mas significativo porque no meio dessas cinquenta pessoas, talvez mais, talvez setenta, tinham várias pessoas que foram caminhar para ser grandes lideranças em tudo que aconteceu depois. Então essa manifestação, esse chamado, ele foi muito importante.*

Até aqui nada de movimentos de direita no relato de Cláudio. Nem quando fala de Junho. Faço uma pergunta mais direta sobre o começo de sua participação nesses movimentos. Para introduzir a resposta, Cláudio então fala rapidamente sobre Junho e em seguida conduz a narrativa para um momento imediatamente após as eleições de 2014, dando a entender que a derrota daquele ano teve algum efeito sobre a constituição dos movimentos - retornaremos esse tema mais adiante. Mas ele logo volta no tempo. Antes da derrota de Aécio e os primeiros protestos pelo impeachment, muita coisa tinha acontecido em sua trajetória de ativista. Aparece, assim, o primeiro movimento. Na verdade trata-se do primeiro evento de protesto claramente organizado por movimentos ou ativistas de direita. Cláudio não tem uma lembrança muito detalhada do movimento que organizou esse protesto. O relato leva a crer que existia em Belo Horizonte um grupo de ativistas pró-intervenção militar. E eles foram os responsáveis pela organização desse primeiro protesto, no dia 22 de Março de 2014: uma marcha que visava reeditar a histórica Marcha da Família com Deus pela Liberdade de 1964, tendo inclusive o mesmo nome. Daí em diante Cláudio repete de maneiras diferentes uma percepção específica sobre esse evento de protesto: foi lá que tudo começou, foi lá que ele conheceu algumas das pessoas que viriam a se tornar lideranças do campo. Essa manifestação não foi, portanto, um simples evento de protesto, foi também um lugar a partir do qual os primeiros atores estratégicos do campo começaram a se formar. Olhando para os outros relatos coletados, não temos

indícios de que muitas lideranças participaram desse protesto, apenas um número reduzido de ativistas, além de Cláudio.

Várias reportagens de jornais da época dão conta da existência desse protesto<sup>2,3,4</sup>. Mas a manifestação aconteceu em outras cidade do país, São Paulo e Rio de Janeiro. Não foi uma exclusividade de Belo Horizonte. O fato interessante é que nesta cidade o protesto parece ter sido fundamental para a entrada no ativismo de toda uma geração de lideranças de direita. No relato, Cláudio ainda realça o fato da manifestação ter sido chamada pela internet. Reportagem do G1 da época reforça a importância da internet para a chamada dos protestos. A manifestação de 22 de Março foi, portanto, uma oportunidade para que as pessoas que estavam demonstrando sua indignação pela internet pudessem fazer isso na rua. Cláudio mesmo foi uma dessas pessoas, apesar de não ser um intervencionista e não se identificar com o “pessoal mais militarístico, mais conservador, mais radical” que havia chamado a manifestação.

Mas as reportagens e o relato de Cláudio mostram ainda outro fato importante: além da viralização virtual, existiam também grupos de ativismo organizados mobilizando para os protestos, grupos intervencionistas. Esse primeiro protesto, portanto, foi chamado por movimentos sociais que existiam anteriormente à fundação do campo. Esses eram movimentos que, ao que tudo indica, já se organizavam antes de 2013 e que pertenciam a um campo de ativistas pró-intervenção e defensores do golpe de 64 (ROCHA, 2018), um campo cujas características bem lembram as dos “contra-públicos - reinterpretados aqui como campos - olavista e ultraliberal pesquisados por Rocha (2018). Falo especificamente do fato de esse ser um campo que antes de 2013 existia à margem do debate público, quase em um submundo, num momento em que defender a Ditadura ou pedir intervenção militar era algo absolutamente impensável.

Essa parte do relato é importante porque nos ajuda a entender se a origem do campo em BH teve influências de outros campos de ativismo de direita que já existiam antes de 2013. Mas, como podemos perceber, essa influência não se deu na forma de

<sup>2</sup> No Estado de Minas: “Em Belo Horizonte, a Marcha da Família foi um fiasco ainda maior que no Rio e em São Paulo, reunindo apenas 50 pessoas na porta da 4ª Companhia de Polícia do Exército, na Rua Juiz de Fora, Bairro Santo Agostinho, Região Centro Sul.”. Fonte: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/03/23/interna\\_politica,510822/marcha-da-familia-tem-fracas-adesao.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/03/23/interna_politica,510822/marcha-da-familia-tem-fracas-adesao.shtml)

<sup>3</sup> G1: “Manifestantes participaram de marcha em Belo Horizonte em repúdio ao comunismo e pela intervenção militar, na tarde deste sábado (22). Eles cantaram o hino nacional e exibiram cartazes com as reivindicações do movimento. De acordo com a Polícia Militar (PM), cerca de 120 pessoas participavam por volta das 16h30.”. Fonte: [g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/03/manifestantes-participam-da-marcha-da-familia-em-belo-horizonte.html](http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/03/manifestantes-participam-da-marcha-da-familia-em-belo-horizonte.html)

<sup>4</sup> Agência Brasil: “Após chamarem de “fascistas” e “terroristas”, manifestantes contra e a favor de uma intervenção militar no Brasil entraram em confronto neste sábado (22), em frente ao Palácio Duque de Caxias, no centro do Rio [...] O deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) compareceu à marcha, mas não se posicionou a favor do pedido de intervenção militar”. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/marcha-da-familia-no-rio-tem-briga-entre-grupos-pro-e-contra-intervencao>

criação de movimentos sociais ou de migração de movimentos sociais de um campo para o outro. Ela se deu na forma de eventos de protestos que serviram como uma "escola" para a formação de algumas lideranças da nova direita em BH. Pelos relatos de Cláudio, o evento do dia 22 de Março foi o momento em que algumas lideranças da nova direita se conheceram pela primeira vez. Resumindo, esses fatos são um primeiro passo na direção de uma confirmação parcial da tese colocada pela literatura de que a nova direita tem suas origens em antigos campos de ativismo de direita existentes anteriormente a 2013. Digo "confirmação parcial", porque, ainda que haja influências desses antigos campos, elas não foram tão fortes, já que - como veremos adiante - os principais movimentos do campo foram criados por atores estratégicos novos, que não tinham relação direta com campos de ativismo de direita criados nos anos 2000.

*Não existia movimento de direita, existia muita gente de direita que foi, participou, mas não tinha uma liderança única e não tinha o que é que a gente queria. E isso foi usado pela imprensa, pela mídia para dissolver esse movimento de 2013. Mas aquele sentimento de revolta continuou. Qual era a esperança em 2014? Aécio. Que o PT perdesse, que a Dilma perdesse. Só que aí o Aécio perdeu. [...]*

*2014 ainda. [...] Foi antes da eleição. [...] A gente começa, a gente conhece os grupos e tudo, começa a acompanhar na internet, aí conheci o grupo do Indignados. [...] foi o primeiro que apareceu, além desse outro que chamou essa (falando da Marcha do dia 22 de Março) que não foi o indignados (se referindo aos intervencionistas)*

*Existia um grupo, que eu não considero, não chamo de movimento porque não é um movimento, nunca foi. É um grupo de estudo que reúne conservadores olavistas, já existia naquela época, o Olavo já tinha as aulas deles. Já existia esse grupo organizado que não era um movimento que eles tinham um mote: o Olavo tem razão. Então eles chamaram de grupo do Olavo Tem Razão. [...] Eles participaram de todas as manifestações. [...] Pessoas desse movimento participaram.*

Depois da manifestação de Março, Cláudio estava iniciado no mundo do ativismo. Ele não apenas participou do protesto, como em Junho de 2013, mas também fez contatos, tentou se enturmar. Após isso, Cláudio participou de outras manifestações. Agora aparecem indícios de alguma organização no espaço social em que ele atua. Quando fala dos protestos, Cláudio indica que eles passaram a acontecer com alguma regularidade. Surgiu também um ator coletivo que organizava o espaço: o movimento “Indignados”, o primeiro movimento do campo em Belo Horizonte. O Indignados surgiu logo após as eleições de 2014. A segunda manifestação que ele frequentou foi chamada pelo Indignados. Esses ainda eram protestos pequenos, bem diferentes daqueles que viriam a acontecer em 2015.

Cláudio passa rápido pelo tema da eleição. O único momento em que podemos acessar sua percepção sobre os efeitos das eleições é no primeiro trecho da sequência de trechos acima, a qual recupera de forma mais completa um trecho citado no início da sequência anterior - “Só que aí o Aécio perdeu”. No trecho recuperado aparece, ainda que indiretamente, um possível efeito da eleição para a trajetória ativista de Cláudio e,

se pudermos generalizar a posição de Cláudio, para a organização dos movimentos de direita como um todo. A vitória de Aécio aparece como uma “esperança”; esperança de que? Esperança de acalmar o espírito de revolta que havia se iniciado em Junho e que continuava em 2014 - “*mas aquele sentimento de revolta continuou*”.

Nossa intenção aqui não é transformar a opinião de um ator específico na verdade sobre o que de fato aconteceu. A ideia é só captar aspectos de sua percepção que podem ter sido influentes sobre sua trajetória e sobre suas ações em determinado momento histórico. Se o sentimento narrado por Cláudio - o contínuo “esperança/revolta” - reproduzir mesmo o que ele viveu nos idos de 2014, é provável então que a derrota de Aécio tenha sido mesmo um elemento catalisador (a mais) de suas ações como ativista. Podemos ir um pouco além e cogitar que, se a experiência de Cláudio tiver sido uma constante no campo naquele momento - e Cláudio é alguém que, por ter vivido intensamente o campo em 2014, o representa bem -, as ações de protesto realizadas pelo campo (e o próprio nascimento do campo) no início de 2015 foram catalisadas pela derrota do candidato anti-PT nas eleições do ano anterior. Aqui devemos ter em mente as nuances das mudanças na trajetória do ator e a forma como sentimentos vivenciados em épocas diferentes de sua vida são recuperados no relato. Existe uma contradição, por exemplo, entre a afirmação de que Aécio era uma “esperança” e a afirmação do início da entrevista de que “PT e PSDB” eram a mesma coisa. Provavelmente, em 2014 essa equivalência entre PT e PSDB era fraca no campo. Ela foi se reforçando ao longo de 2015, à medida que a Lava-Jato foi chegando em figuras do PSDB e o discurso anti-sistêmico foi dando a tônica do campo.

O final da sequência de trechos acima traz ainda alguns apontamentos de Cláudio sobre os atores presentes no campo no período anterior à eleição de 2014. Em suma, o Indignados imperava no campo. O grupo intervencionista já não era mais responsável por chamar as manifestações. Por outro lado, há menções há um grupo de olavistas, seguidores do escritor e YouTuber Olavo de Carvalho. Eles se organizariam enquanto grupo de estudo e seus membros teriam participado de todos os principais eventos de protesto da época. Eles também já estariam organizados na cidade há algum tempo, desde antes da Marcha. Esta é mais uma evidência da influência de antigos campos de ativismo de direita sobre a conformação do campo da nova direita em BH.

*passou isso aí, apareceu o Indignados, eu fui nessa manifestação, eu me cadastrei no Indignados. Mas eu comecei a ter problema com essa gente mais conservadora, mais intervencionista. E um [...] um radical, é um radical aí, [...] não vale nada, bem ligado a movimentos intervencionistas, me acusou de ser de esquerda. Que eu era um infiltrado de esquerda, que ele tinha visto eu dar palestra num movimento de esquerda.*

*Me difamando totalmente. E nisso aí, como esse movimento era novo e tudo, eles não me conheciam, eles me expulsaram no grupo de WhatsApp.tava começando, não existia reunião ainda. Pelo menos não pra mim, eu não tinha participado. Talvez eles tivessem tido reunião, eu não sei, eu não era liderança desse Movimento Indignados. [...] E esse cara veio,*

*não é nem esse cara, é um amigo desse cara. Que esse cara tinha um movimento, que esse movimento dele era um dos que organizou essa marcha da família, ligado a militaristas.*

*E esse cara me viu lá e esse cara começou a, por trás, a falar com as lideranças do Indignados “olha esse cara aí é infiltrado”, “ele é um comunista”. Isso, olha, essa primeira coisa era muito radicalizada.*

*[...] Isso tudo aconteceu em menos de um mês.*

*E esse Indignados continuou em 2014. Mas em um determinado momento houve uma briga lá dentro.*

*Eu não estava na briga, eu não posso te descrever a briga. Quem teria que te descrever a briga são as pessoas que eram lideranças do Indignados. Aí você tem que falar com lideranças do Vem Pra Rua, com lideranças do Patriotas e lideranças do Brava Gente [...]*

*[...] A briga foi nesse triângulo, a discussão.*

*a separação do Indignados foi na época da eleição, quando estavam começando a surgir os movimentos. Depois teve o pessoal da [nome da ativista] que saiu e fez o Vem Pra Rua, pegou o Vem Pra Rua que também tava surgindo nessa época. Isso já foi ali depois da eleição da Dilma. [...] E a Marcela Valente criou o movimento dela. Chamava Brava Gente Brasileira.*

A passagem de Cláudio pelo Indignados foi rápida, em menos de um mês foi expulso. Ele não chegou a ir em reuniões do movimento, participou apenas do grupo no WhatsApp e a expulsão do movimento foi também a expulsão do grupo no aplicativo. Ao que parece, o WhatsApp não era só um meio de comunicação; estar no grupo virtual era estar no próprio movimento. Outros relatos também dão conta dessa importância do WhatsApp para o pertencimento aos movimentos. A expulsão virtual (e literal) do Indignados marcou o primeiro conflito na trajetória ativista de Cláudio. O motivo da expulsão foi uma acusação de que ele seria um “comunista”, um “esquerdista”, “infiltrado”. Como ele diz, nem teve tempo de se defender, foi expulso. O campo estava só no começo, era ainda meados de 2014, mas parece que o discurso anti-comunista já era forte. Pode ser também que fosse um discurso pontual de um ativista específico; já que o acusador era, segundo Cláudio, ligado aos intervencionistas, “militaristas”, era “um radical”. É razoável imaginar que o discurso anti-comunista fosse mais forte dentro do movimento intervencionista. Não dá para ter certeza. Mas, ao mesmo tempo, o relato de Cláudio também dá conta de que o contexto desse momento inicial do campo era mesmo “radicalizado” - “*essa primeira coisa era muito radicalizada*”.

Cláudio lembra também rapidamente do episódio que levou ao fim do Indignados<sup>5</sup>. Mas diz não saber muito, porque não estava no movimento na época. Sua fala rápida sobre o assunto pula as razões do conflito e mostra apenas o cenário resultante do episódio: a extinção do Indignados e a formação de três novos movimentos, o Patriotas, o Vem Pra Rua e o Brava Gente.

<sup>5</sup> O Indignados foi extinto no contexto das eleições de 2014. Esse processo ficará mais claro adiante.

*E ninguém me conhecia. Eu venci foi na base da insistência e dos meus valores, do que eu queria. Porque eles já tinham aquele movimento que era o único que tava trabalhando, fora o de intervencionista, desse povo aí*

*[...] depois entrei no Patriotas.*

*[...] eu estava sem movimento depois que eu saí do Indignados. Apenas acompanhando o que estava acontecendo porque eu tinha aquele ímpeto, aquela vontade de ajudar a mudar. E ali eu enxerguei a hora.*

*Eu vi, tá na hora da gente tomar a rédea do que está acontecendo. Para não ter aquela “não, não tem liderança a gente não sabe o que a gente tá querendo”, a gente sabe o que a gente tá querendo. E estava acontecendo o ressurgimento da direita nisso aí. Do pensamento conservador liberal de direita. E eu vi, não, eu vou fazer qualquer coisa. e eu ficava, aonde tinha alguma coisa, onde eu via que tinha. Aí fica “ali vai ter uma reunião do Patriotas que estava se organizando”, e eu fui pra reunião. Vamo ver, ali eu conheci, o Júlio, o Silas, o Charles, o outro irmão fortinho.*

Ter sido expulso do Indignados como Cláudio foi não deve ter sido fácil. Era seu primeiro grupo de ativismo e ele estava muito focado em se tornar um ativista. Logo depois ele entrou para o Patriotas. As palavras de Cláudio são uma mostra de seu estado de espírito naquele momento. Elas têm um tom de ansiedade. Cláudio estava acompanhando o que estava acontecendo no campo. Ele tinha muita vontade de fazer alguma coisa, de ser mais decisivo no campo. Pelas lentes de seu relato, vemos o campo como um espaço ainda desorganizado; era necessário arrumar as coisas, “*tomar as rédeas*” do que estava acontecendo; percebe-se aqui a vontade de controlar uma situação, um elemento central de qualquer ação estratégica. E aquela era a “hora”. Cláudio percebia o momento como uma oportunidade. Ele via que algo novo e grande estava se formando, a direita estava “*ressurgindo*”. É nesse contexto de certa ansiedade, de vontade de participar e de ajudar a organizar o campo, que ele entra no Patriotas. Quando fica sabendo da reunião do recém-formado movimento, ele não pensa duas vezes, vai e participa. E lá conhece os principais nomes do grupo.

*E aí em 2015, o MBL veio para cá. O Juliano Torres, que era o coordenador, o presidente, sei lá como chamavam, do Estudantes Pela Liberdade, de onde surgiu o MBL, também lá em São Paulo, eles tinham uma ligação muito forte. [...] o Juliano é de BH [...] E o Juliano foi conversar lá em São paulo com esse embrião do MBL lá em janeiro ou no final de 2014. E pegou e trouxe o MBL pra cá. Aí criou com os meninos dele, os estudantes dele do EPL, e montou o primeiro grupo de MBL. [...] e tinham esses meninos universitários, acho que era só universitário ou no final do ensino médio e que faziam esses grupos de estudo dos Estudantes Pela Liberdade, que era custeado pelo Students For Liberty, americanos, era o braço deles aqui.*

*aí chegou o MBL aqui no começo de 2015, janeiro de 2015. E eu conheci o MBL nessa época, não daqui, lá de São Paulo. Eles começaram a aparecer e eles começaram a fazer vídeos falando da coisa. E eu já estava muito envolvido com os patriotas, já conhecia o Vem Pra Rua, eu nem sabia que já tinha o MBL em Belo Horizonte, e conhecia o Brava Gente [...] A primeira vez que eu vi o MBL foi em fevereiro, em uma reunião que*

*nós tivemos, todos os movimentos, que incluía os militaristas, lá, aqueles mais antigos e incluía o Brava Gente, incluía o Patriotas, que eu fui representando até em algumas reuniões, e incluía o Vem Pra Rua, onde o pessoal estava conversando e preparando a manifestação de março de 2015, foi aquela que foi muito grande [...] e essa reunião foi a primeira reunião de organização de março de 2015, foi onde eu conheci as duas lideranças do MBL daqui, que eles foram na reunião. E eles sentaram lá e foram contra tudo que o pessoal tava falando. Aí eu falei “poxa, esse pessoal aí não vai pra frente não, eles não estão sabendo tipo, trabalhar em conjunto com outros movimentos.”*

*eu já conhecia o trabalho do MBL de São Paulo e o que eles estavam fazendo. E eu já tinha identificado esse movimento pra mim, é o melhor movimento, é aquele que mais corresponde àquilo que eu acredito, mas não fazia parte.*

A tempo de Cláudio no Patriotas foi curto. Ele aparentemente não estava satisfeito com sua posição no campo. Aí, aos poucos, o MBL entra em sua vida. No final de 2014, o MBL estava sendo formado em São Paulo. O contexto lá era parecido com o de BH, os movimentos estavam sendo constituídos ao longo dos desdobramentos das eleições de 2014. MBL (Movimento Brasil livre) era o nome de uma página de Facebook de viés liberal criada por Fábio Ostermann, em Junho de 2013, para chamar para os protestos daquele ano. A página foi desativada ao fim das manifestações, mas o nome foi reutilizado logo após a eleição de 2014 para denominar o grupo de ativistas liberais<sup>6</sup> que estava ajudando a fazer as primeiras manifestações em São Paulo contra a eleição de Dilma Rouseff (ROCHA, 2018). Segundo Cláudio, a vinda do MBL para Belo Horizonte se deu por meio de Juliano Torres, um ativista importante no meio ultraliberal brasileiro. Juliano à época presidia o EPL - Estudantes Pela Liberdade, uma *think tank* fundada no Brasil em 2012, com o objetivo de fornecer auxílio organizacional e articular os grupos de ativismo jovem liberal no país. Os estudantes do EPL em Belo Horizonte foram a base para a primeira formação do MBL na cidade.

As lideranças do EPL, como Juliano Torres, têm um histórico longo de articulações com outros grupos e organizações de direita, particularmente organizações de viés (ultra)liberal. Juliano Torres foi, por exemplo, o primeiro presidente do Liber, um proto-partido liberal, cujas raízes estão em comunidades do Orkut, segundo Rocha (2017). Isso tudo mostra como a origem do MBL Minas também tem traços de relações com antigos campos de ativismo de direita que surgiram no Brasil nos anos 2000.

Cláudio tomou conhecimento da existência do MBL em BH na primeira reunião organizada para planejar o grande protesto de Março de 2015. Sua fala sobre esse episódio nos fornece alguns indícios de como se encontrava o campo naquele momento. Cláudio foi

<sup>6</sup> Como mostra Rocha (2018), esses ativistas estiveram bastante envolvidos na campanha do candidato a Deputado Estadual por São Paulo, Paulo Batista, um militante ultraliberal, que chegou a fazer parte do MBL posteriormente. A campanha, na qual Batista encarnava um herói com o poder do raio privatizador, serviu para reunir várias figuras do campo ultraliberal e foi a base para o grupo que viria a formar o MBL.

na reunião como representante do Patriotas, mas lá estavam também lideranças do Vem Pra Rua, do Brava Gente, do desconhecido MBL - Minas e também dos “militaristas/intervencionistas”. O campo aparece mais diverso nessa passagem do relato. Foi a primeira vez que todos os principais movimentos se reuniram e planejaram uma ação em conjunto. O que Cláudio e as demais lideranças fizeram nesse dia foi criar os termos para um espaço comum de atuação, ou seja, um campo.

Nada parecido na cidade havia acontecido antes disso. Rocha (2018) também mostra que em São Paulo diferentes movimentos - MBL, Vem Pra Rua, intervencionistas, Revoltados OnLine - estavam se reunindo, pelo menos desde novembro de 2014, para pensar os protestos contra o governo Dilma. A grande manifestação de Março é de fato o primeiro momento em que o campo se mostra em sua plenitude. Os atores ali reunidos certamente tinham projetos divergentes, pautas específicas a cada um, mas eles agora tinham também um projeto em comum, um conjunto mínimo de propostas, discursos e valores que os ligavam para além de suas ações individuais. E mais, eles agora atuavam tendo em vista as ações uns dos outros, emergia ali uma economia de posições, um campo mais estruturado.

Como essa era a primeira reunião ampliada do campo, os atores deveriam ter noção da importância e do ineditismo daquele momento. É possível cogitar que eles estivessem se estudando e fazendo cálculos de quais seriam os desdobramentos de tudo aquilo, inclusive os desdobramentos para as posições que eles iriam ocupar futuramente naquele espaço - quem seria protagonista, qual movimento tinha mais chances de crescer, quem seria aliado de quem. Aquilo era, afinal, uma arena de interações estratégicas. Cláudio não escapava a essa dinâmica. Seu relato mostra que ele também estava tentando entender aquele contexto, procurava oportunidades. Ele não estava satisfeito no Patriotas. Ao mesmo tempo, ele já tinha ouvido falar do MBL e havia criado certa identificação com as propostas desse movimento. Mas não sabia que ele existia em BH. Tudo indica que foi durante a reunião que ele percebeu que poderia mudar novamente sua posição no campo. Ele avaliou que tentar ir para o MBL poderia ser uma boa ideia, o movimento estava começando na cidade e necessitava de lideranças. Essa parte do relato também exemplifica uma experiência comum a outras lideranças: a procura de um lugar estável no campo. Quando encontra o MBL, Cláudio também encontra seu provável lugar no campo - “*eu já tinha identificado esse movimento pra mim, é o melhor movimento, é aquele que mais corresponde àquilo que eu acredito*”.

*Aí teve a manifestação de março de 2015 e eu participei como Patriotas. Aí depois da manifestação de março, aí na segunda metade de março, eu acredito, foi quando eu fui atrás da liderança do MBL aqui para poder conversar com eles e me dispor a fazer parte. Quando eu cheguei lá, isso já era na preparação para a manifestação de abril, já tinha havido um problema entre a liderança do Juliano Torres e o pessoal de São Paulo, e o Juliano Torres já estava de saída e largou o MBL e o MBL ficou meio*

*acéfalo aqui.*

*Sem direção. [...] Aí houve uma ação na câmara, na câmara não, na assembleia, onde o MBL, eu já tava no grupo do MBL ali [...] um cara ali do grupo que não tem muita coisa. Aí eu fui nessa ação, foi nessa ação que eu conheci o Ivan, que era um dos [...] EPL. [...] E conversei com eles e tudo, eles me conheceram ali com uma desconfiança enorme. Um cara mais velho que chegou ali, mas eles estavam completamente desesperados à procura de gente para ajudar. E ali naquela conversa e tudo logo depois eu já passei a tomar conta do grupo do Whatsapp do MBL, que é o grupão principal de hoje. [...] Isso a gente está falando de abril de 2015, antes da segunda manifestação.*

*[...] A segunda manifestação foi a primeira que eu já ajudei a organizar dentro do MBL [...] aí o MBL criou um líder estadual, o MBL estava se organizando, e o Pedro Cherulli foi indicado nosso líder estadual. [...] Por São Paulo, que é a liderança nacional. [...] aí o Pedro me colocou na liderança, eu passei a ser coordenador da cidade, aí eu virei o coordenador daqui mas isso foi em 2015, foi em abril de 2015. E aí eu passei a ser liderança efetiva, montei a equipe toda. O MB começou a funcionar à partir daí.*

*Primeiro eu vi quem estava dentro grupo já e queria trabalhar e ajudar. Depois começamos a dividir funções, a organizar quem é que fazia o que. Eu praticamente fazia o grosso do trabalho e as pessoas foram aparecendo. Montei a primeira equipe de coordenação, trouxemos, a gente era uns seis ou sete e o pessoal que ajudava que não era coordenador mas ajudava, era administrativo. A gente passou a ter uma organização de coordenadores da cidade com coordenadores administrativos que ajudavam.*

Cláudio participou do protesto de março de 2015 ainda como membro do Patriotas. Depois da manifestação ele finalmente entrou no MBL. Nesse ponto surgiu outra oportunidade em sua trajetória de ativista. A pessoa que até então era a liderança do MBL na cidade, Juliano Torres, decidiu sair do movimento. O movimento ficou, nas palavras de Cláudio, “*meio acéfalo*”. Logo depois, em uma ação na Assembleia dos Deputados, ele conheceu melhor os membros que continuaram no movimento; apenas dois ativistas, é o que se conclui de seu relato. De cara ele já passou a ter um papel no movimento, se tornou o administrador do grupo do movimento no WhatsApp. Uma função nada irrelevante, dada a importância que essa plataforma ganhou no ativismo contemporâneo.

Na segunda grande manifestação contra o governo Dilma, do dia 12 de Abril de 2015, Cláudio participou como membro do MBL Minas. Nessa mesma época o MBL estava se estruturando a nível nacional. E é em meio a esse processo de estruturação que Cláudio foi galgando sua posição no campo. O movimento havia crescido rapidamente desde seu início em São Paulo, em Novembro do ano anterior. Vários núcleos tinham sido criados pelo país. Ficava claro que era necessário ter algum controle sobre o processo de expansão. O terreno do movimento deveria ser melhor demarcado dentro do campo. E seu espaço interno precisaria ser organizado. Logo o grupo de São Paulo indicou uma liderança em Minas, que, por sua vez, indicou Cláudio para ser a liderança em Belo Horizonte. Assim, Cláudio alcançou, finalmente, um lugar mais estável no campo.

O restante da trajetória de Cláudio se dá em torno da organização do MBL em Belo Horizonte: montagem de equipes, divisão de tarefas, arregimentação de novos ativistas. Com o apoio do MBL nacional, a filial em BH cresceu bastante. Nos anos posteriores, o movimento participou dos principais protestos de direita na cidade e se tornou uma referência dentro do campo. Nossa análise da trajetória de Cláudio não abarca esse período. Mas o que vimos até aqui permite entender como Cláudio participou da criação do campo. Ele não foi idealizador do MBL, mas foi a principal liderança no processo de estruturação do movimento. Ele também ajudou a costurar as relações entre os atores coletivos do campo, na medida em que participou de pelo menos três desses movimentos e na medida em que ajudou nas articulações que deram origem aos grandes protestos pelo impeachment no início de 2015.

## 4.2 Marcela Valente

*2013 eu fui, mas 2013 não tinha movimento de direita não.*

[Pergunta: Participar de Junho de 2013 foi importante?]

*Totalmente, totalmente, foi quando eu falei “é isso que eu quero, é isso que eu quero...”, foi quando eu falei “ficar em casa eu não quero”. E meu menino era pequenininho... e eu falava “é isso que eu quero, não vou ficar em casa não, eu quero um futuro pro meu filho, não dá, do jeito que tá não dá”.*

A segunda trajetória a ser analisada é a da ativista Marcela Valente, liderança dos movimentos Brava Gente Brasileira e Mulheres da Inconfidência. Marcela é de uma família tradicional de Belo Horizonte e sempre se interessou por política. Mas até 2014 sua atuação política se resumiu ao apoio em campanhas eleitorais. Até ali, nunca havia participado de movimentos sociais ou outras formas de ativismo político. Com exceção da participação nos protestos de 2013. A participação nas manifestações de Junho foi um primeiro passo para que ela iniciasse sua carreira ativista. Depois dos protestos sua atuação se resumiu às mídias sociais. Até que teve início a campanha eleitoral de 2014.

*“Na campanha do Aécio a gente começou a fazer a onda azul... falei “gente, tá ganhando, tá ganhando essa campanha” [...] A vida inteira eu sempre gostei de mexer com campanha política [...] O Bonner ia falar na hora, eu falei “vamos parar porque eu quero ver a cara do Bonner falando que o Aécio tinha ganhado” e de repente o Bonner, né, muda... e só faltava Amapá, e Amapá que Aécio perdeu, né... o Aécio ganhou, acho que Amapá, se eu não me lembro. E eu me lembro que eu fiquei em prantos no dia e no outro dia o povo estava com a vida normal. Eu falei “gente, não pode”. E como eu já tinha começado minhas redes sociais na campanha, eu já tinha começado a falar com o povo de São Paulo, que era o Kim, ele ainda não tava não, era o Kim, era o Chequer, do Vem Pra Rua, tinha a Lúcia Abadia de São Paulo, tinha um povo do Sul, o povo da Banda Louca [...] E a gente começou a falar, vamos... 1 de Novembro, vamos fazer a primeira manifestação da direita, porque a*

*gente não aceita é... a gente quer recontagem, a agente não aceita... tem alguma coisa errada, e a gente não podia pedir impeachment, porque não tinha nem base de impeachment[...] E eu pus nas minhas redes sociais e comecei a chamar um tanto de gente que gostava das minhas postagens [...] muita gente começou a seguir, e aí eu marquei na praça sete [...] e eu falei “tem que arranjar trio elétrico” [...] eu nem sabia o que era isso, fiz vaquinha, em uma semana eu consegui [...] eu consegui por 900 [...] eu falei “vai ter” e eu, “o que que eu tô fazendo?”, mas como em São Paulo ia ter e eu tinha combinado, falei “então vou fazer” [...] Na hora que eu cheguei na Savassi, tinha umas mil pessoas, eu não acreditei. [...] Minha família é tradicional de Belo Horizonte [...] todo mundo falou “você vai pagar mico” [...] Deu certo, eu chamei um pouco de gente e falei “gente, a gente conseguiu o movimento, vamo fazer uma reunião porque a gente tem que aglomerar isso, porque”, eu lembro que eu falei isso, “a gente tem que transformar essa indignação nossa em um resultado [...] nós somos agora o movimento dos Indignados”, a gente começou o movimento dos indignados.”*

*[...] “Todos participaram, to mundo participou, o Cláudio participou, todos esses movimentos participaram do Indignados [...] Eu juntei assim: um estudou com minha irmã, o outro estudou comigo, o outro era primo. Entendeu? Eu juntei um tanto de gente assim, depois todo mundo se afastou. ”*

Nas eleições de 2014, Marcela entrou para a campanha do candidato a governador pelo PSDB, Pimenta da Veiga. Logo em seguida ela entrou também na campanha do candidato a presidente da república pelo partido, Aécio Neves. Mas até aí ela realizou apenas uma militância eleitoral, ela não era uma liderança, nem era ligada a nenhum movimento social. Não existiam, afinal, movimentos sociais da nova direita em BH. Tudo mudou quando saiu o resultado do segundo das eleições presidenciais. O choque provocado pelo resultado das eleições foi o estopim na sua carreira de ativista política. No dia seguinte ao resultado ela iniciou uma mobilização para construção, em Belo Horizonte, do primeiro protesto do que viria a ser a campanha pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Para isso, ajudou a articulação prévia que ela havia construído com outras pessoas que se envolveram na campanha de Aécio Neves. Seus contatos incluíam até nomes de outros estados, como São Paulo e Rio Grande do Sul. O primeiro protesto foi fruto de uma articulação desses atores a nível nacional. E em BH, Marcela foi uma das figuras centrais para a mobilização. Ela mobilizou suas redes sociais para angariar recursos e para chamar mais pessoas.

O evento foi, em suas palavras, um sucesso. Segundo o jornal Hoje em Dia, compareceram ao protesto cerca de 500 pessoas, um número considerável dado que a cidade não tinha histórico de protestos de direita <sup>7</sup>. No dia seguinte ao protesto, Marcela e outras lideranças deram início ao processo de criação do Indignados, o primeiro movimento do campo. Para criar o movimento, Marcela se apropriou de suas redes pessoais, mobilizando

<sup>7</sup> Título de reportagem do Jornal Hoje em Dia, diz: “Cerca de 500 protestam em BH contra Dilma e fazem abraço simbólico na praça da Liberdade”. Disponível em: “<https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/pol%C3%ADtica/cerca-de-500-protestam-em-bh-contradilma-e-fazem-abra%C3%A7o-simb%C3%B3lico-na-pra%C3%A7a-da-liberdade-1.282658>”

amigos, conhecidos, e conhecidos de amigos e familiares - “Eu juntei assim: um estudou com minha irmã, o outro estudou comigo, o outro era primo.”

*“E aí uns meninos saíram, formaram o Patriotas, os esquemas deles eram diferentes, eles já queriam intervenção, eles pediam impeachment, e não tinha nada a ver comigo, eu não queria o impeachment, eu não queria intervenção, nem o povo do MBL, nem nada. Daí eu fiz o Brava Gente Brasileira. Aí veio os empresários que... [...] de Minas inteira, de Belo Horizonte inteira, que já me conhecia, e começaram a jogar. Sabe essas mulheres dos empresários e que não trabalhavam e que gostavam de política?! Vieram falar comigo e a gente começou a fazer isso.”*

*“[...] aí começou a estourar o Vem Pra Rua e estourou o MBL, e os meninos começaram a querer pegar. Então os liberais, os meninos, né, que eram os liberais, pegaram o MBL, que são uns meninos fantásticos, e o Vem Pra Rua que pegou foi a Carla, que era até uma amiga minha [...] porque eles ligaram e queriam que eu pegasse, mas eu não queria pegar, porque eu não queria pegar uma coisa dos outros. [...] Agora, o Patriotas foi nesse movimento, quando o negócio de intervenção e impeachment, eu falei “não é a mesma história que a minha”. [...] A gente estava pedindo a recontagem de votos.”*

Sua militância no indignados não durou muito tempo, porque o movimento logo se rompeu. O movimento congregava pessoas de diferentes visões e ideologias políticas. Segundo Marcela, havia uma ala que pedia por intervenção militar e impeachment, pautas que ela e sua ala não apoiavam. Naquele momento ela defendia apenas a recontagem dos votos. Diante dessas diferenças, o movimento se rompeu. A ala que pedia impeachment e intervenção, segundo Marcela, deu origem ao Patriotas, e Marcela, e sua ala, que defendia a recontagem, criaram o Brava Gente Brasileira. Outro grupo de membros do indignados construiu um terceiro movimento, ao trazer para Belo Horizonte uma espécie de filial do Vem Pra Rua.

Para estruturar o Brava Gente Brasileira, Marcela usou de suas habilidades sociais e de seu capital social. Ela mobilizou novamente sua rede pessoal. Vinda de uma família tradicional da capital e bem inserida no que ela mesma chama de “elite”, Marcela conseguiu apoio principalmente de “mulheres de empresários”.

*Até que num certo ponto, eu continuei no Brava Gente Brasileira, mas eu vi que tinha... misturava num grupo só, níveis diferentes, capacidades diferentes, níveis sociais e que mulher era diferente dos homens. Então eu continuei com o Brava Gente Brasileira e criei o Mulheres da Inconfidência, que hoje é um instituto. Aí tinha a dona do Estado de Minas, que estava no nosso grupo, tinha o povo da Localiza, tinha todo mundo, no nosso grupo, só de mulheres.*

*“O Mulheres da Inconfidência nasceu em 2015, foi no Dia de Tiradentes, a gente fez um ato de Tiradentes, a gente enforcou o Tiradentes com um negócio vermelho. Foi o dia que a gente fez o trabalho inteiro, e chegou lá os homens estavam querendo mostrar que mandava e a gente falou “epa!”. A gente começou a ver que mulher faz, faz, faz e homem chega lá é quer montar banca. A gente arranjava dinheiro, a gente ficava pintando cartaz, fazia tudo... no dia, parecia... a gente falou, “gente, a*

*gente precisa fazer um movimento só de mulher”. [...] Quando ia pra Brasília, era eles, sabe?! Mulher que sabe pedir dinheiro, doação, a gente saía e fazia vaquinha, os bonecos, tudo, com ele [o grupo do Mulheres da Inconfidência].”*

Após criar o Brava Gente, Marcela deu início à criação de outro movimento social, o Mulheres da Inconfidência. A criação do novo movimento foi uma forma de dar mais destaque ao ativismo feminino dentro do campo. O Mulheres da Inconfidência nasceu logo após um protesto, no Dia da Inconfidência. Para dar vida ao movimento, Marcela usou novamente suas redes pessoais, mobilizando mulheres que vinham da elite mineira e de outros espaços de poder. O movimento foi uma importante fonte de recursos para as atividades de protesto que Marcela ajudou a organizar.

*[...] a gente fez o negócio do impeachment, mas a gente precisava fazer o Cunha assinar. E aí a gente algemou no Congresso, a gente ficou algemada duas semanas no Congresso.*

*[...] Eu fazia as caravanas pra levar o povo daqui pra ficar acampado lá. Então, depois... tipo assim, 2016 até o impeachment da Dilma eu praticamente fiquei em Brasília, trazendo o povo pra ficar acampado, pra gente fazer pressão e fazendo as listas, conversando com os deputados, e fazendo pressão nas minhas redes sociais, aí onde eu saio um pouco do cenário de Minas, mas levando sempre o nome de Minas.*

*[...] Porque aí veio no meu ônibus o Bruno Engler, o Junior, Cabo Júnior Amaral, se conheceram no meu ônibus, e foi nesse acampamento.*

Ao longo de 2015 e 2016, além de criar o Brava Gente e o Mulheres da Inconfidência, Marcela também atuou na construção dos protestos pelo impeachment. Mas ela não atuou apenas em Belo Horizonte. Ela começou também a atuar nos atos em Brasília, junto a lideranças da nova direita de outros estados. Nesse período ela também ajudou a criar um canal de conexão entre ativistas de Belo Horizonte e a cena ativista a favor do impeachment que ocorria em Brasília. Marcela organizou várias viagens para Brasília, com o intuito de levar ativistas para os protestos que aconteciam na capital federal. Essa atuação tornou ela ainda mais conhecida no campo. Ao organizar essas viagens, Marcela também ajudou a expandir as relações entre os atores do campo em Belo Horizonte. As viagens eram um momento dos ativistas interagirem mais e de se conhecerem melhor. Foi assim que, segundo ela, surgiu o movimento Direita Minas. As duas lideranças que fundaram esse movimento, Cabo Júnior Amaral e Bruno Engler, dois policiais militares à época, se conheceram nessas viagens à Brasília.

*Aí na campanha do Bolsonaro... eu sou muito, muito amiga da Joice [Hasselmann], aí a Joice me pediu, “olha, eu preciso de você e a gente tá só com três por cento de mulheres. E você arrebenta aí, eu preciso de você pra fazer alguma coisa aí, a gente precisa da mulherada pra apoiar o Bolsonaro, que só tem três por cento”. E eu fiz uma caminhada com a Joice, e a caminhada lotou, a caminhada foi a caminhada mais linda. Eu fiz caminhada das mulheres, tinha um tantão de mulheres, e a gente ia*

*distribuindo flores e aí cheguei na Savassi, tinha três trios, e fiz o trabalho de mulher em Minas pra apoiar [Bolsonaro], que hoje me arrependo [de ter apoiado].*

Após o impeachment, Marcela não criou outros movimentos. Ela se aproximou da política partidária. Nesse sentido, sua atuação com mais efeitos sobre a configuração do campo foram os eventos de protesto a favor da candidatura de Jair Bolsonaro que ela ajudou a organizar. Esses protestos fortaleceram a figura de Bolsonaro no campo, como se pode perceber a partir de outros relatos.

A trajetória de Marcela se confunde com a própria trajetória do campo. Ela talvez tenha sido o ator estratégico mais importante para a criação e expansão do campo. Habilidade com as palavras e bem relacionada dentro e fora do campo, ela fundou alguns dos principais movimentos: Indignados, Brava Gente e Mulheres da Inconfidência. Nesse processo ela se apropriou de suas redes pessoais: usou de sua inserção e a de sua família na classe alta belohorizontina, de sua boa presença nas mídias sociais, para mobilizar recursos e conseguir apoiadores. Ela também soube ler bem as oportunidades que o momento político colocava para ela, como o resultado das eleições de 2014 e surgimento da campanha pelo impeachment a nível nacional.

### 4.3 Silas

*em 2012 ainda, a gente estava muito preocupado com o rumo que o Brasil estava tomando. Então, acompanhando os gastos do governo, acompanhando toda a política, os projetos de lei, etc., nós vimos que o Brasil estava sendo sustentado de uma forma artificial, a economia estava andando de uma forma artificial*

*Naquele momento em 2012 [...] não tinha um grupo formado, existiam pessoas. Eu, por exemplo, sempre fui um observador da política e das questões nacionais. [...] Então, depois de perceber essa coisa acontecendo, e outras pessoas também começaram a ter a mesma percepção. Então, foi se juntando, um conhecendo um, conhecendo o outro, e nós fazendo as primeiras reuniões*

*[...] Não tínhamos preocupação nenhuma em fazer grupos. Era um grupo de pessoas que não tinham nome, não tinham uma denominação. Nós nos reuníamos em qualquer lugar, em restaurante, em padaria, em igreja, pra definir as ações que nós fazíamos. Então apenas depois desse processo em São Paulo, com os black blocs, é que começamos, começamos a nos organizar, organizar em grupos diferentes, com nomes diferentes. Então, naquela época, nós tivemos um grupo, que foi os Indignados, aqui em Belo Horizonte. Estávamos indignados com como o país tava sendo conduzido*

A terceira trajetória que vamos analisar aqui é a de Silas. Ele é a principal liderança do Patriotas, um dos primeiros movimentos do campo em BH. Segundo Silas, o início de sua trajetória ativista se dá em torno do ano de 2012. Suas ações são sempre referenciadas na primeira pessoa do plural: ele atuava com um grupo, mas era um grupo sem nome. É

um início sem forma, eram apenas indivíduos, reunidos, mas sem uma identidade coletiva clara. Pouco tempo depois vai aparecendo no relato os primeiros grupos organizados. O primeiro é o Indignados. A narrativa toma um sentido: uma massa sem forma (ou sem nome) que vai se tornando um corpo com alguma fisionomia.

A fala de Silas dá a entender que, antes de Junho, ainda em 2012, alguns grupos de direita já estavam se formando na cidade. A conformação interna desses grupos e a relação deles com o primeiro movimento organizado de fato, o Indignados, não ficam inteiramente nítidas. A existência desses grupos pré-Indignados não é citada em nenhuma das outras entrevistas. Aqui devemos ter em mente que cada ativista teve uma experiência diferente naquele momento. Por outro lado, o próprio Silas assume, mais de uma vez, que não se lembra bem das datas e pode estar fazendo confusão com o período atribuído a alguns dos eventos relatados. Por exemplo, de início sua exposição leva a entender que o Indignados apareceu entre 2013 e 2014, mas depois ele diz que o grupo se formou ainda em 2012. Essa última data de fato não faz sentido. Cruzando informações obtidas com outras entrevistas, vê-se que o grupo se formou logo após as eleições de 2014.

*E aquele grupo ali começou a se reunir e fazer as ações. Posteriormente, algumas pessoas daquele grupo de indignados... ele se dividiu e formou o Patriotas*

*O Patriotas foi o grupo que mais se organizou. Porque aconteceu uma situação, em que houve uma tentativa política de dominar aquele grupo de indignados ali, e eu, por exemplo, que sou fundador do Patriotas, olhei e falei: olha, a gente não vai se envolver com política, a gente não vai se deixar dominar por político nenhum. Então nós vamos fazer o seguinte, vamos montar um grupo diferente, chamado Patriotas. Quem quiser vir pra gente, pro nosso lado, venha, e quem não quiser que fique aí, que vá dar confiança, alguma coisa pro grupo político que queria se apoderar do que tava acontecendo*

*Porque todo movimento que começa e que tem uma possibilidade de crescer, você tem alguém da política que vai falar “pô, pera aí, vamos lá pra gente tentar cooptar essas pessoas pra tentar impedir que exploda, ou pra controlar”. Nós não queríamos ser controlados. Então nós pegamos e formamos o Patriotas. O Patriotas foi um grupo que eu criei e o nome que eu sugeri, e no início as pessoas não foram muito simpáticas, mas eu peguei e falei “olha, vai ser Patriotas mesmo”. E acabei fazendo todo o material impresso do patriotas, e etc. e tal. E aí nós reunimos todo... não todo o pessoal do Indignados, que estava indignado ali, mas a maioria deles*

*[...] Então, o Patriotas, ele acabou que pegou aquelas pessoas que estavam indignadas e formou um grupo definitivamente, um grupo organizado, com logomarca, com site, mais organizado. E começamos a partir dali... fazer um trabalho aqui em Belo Horizonte, quando não existia ninguém. Então, não existia Vem Pra Rua, nem MBL, nem Direita Minas, nada, não existia nada, não existia ninguém. Existia o Patriotas, e as outras pessoas do Indignados que ficaram separadas em algum lugar*

Na primeira vez que cita o Patriotas, Silas faz um pulo descontextualizado de sua militância no Indignados para a formação do novo grupo. Mas, logo em seguida, tenta

detalhar como foi a separação do Indignados e a construção do Patriotas. A descrição acaba sendo um tanto hesitante. A causa do rompimento teria sido o envolvimento de figuras da política. Percebe-se aí uma separação entre a política, provavelmente a política partidária, e o ativismo na forma de movimentos sociais. Resumindo, no âmago do episódio de separação havia um jogo de ações estratégicas, no sentido que concebemos a ação estratégica neste trabalho: a tentativa por parte dos atores de controlar uma situação.

Silas, pelos relatos, foi um protagonista no episódio que levou à desagregação do Indignados. No mesmo sentido, ele parece ter sido decisivo para a formação de um dos novos grupos, o Patriotas. Foi ele, inclusive, quem teria dado a palavra final na definição do nome do grupo. Quando se refere novamente ao Indignados, ele o trata como um grupo de pessoas que ficaram “separadas em algum lugar”. Os relatos de outras lideranças deixam claro, na verdade, que o desfecho do episódio de contenda foi a extinção por completa do Indignados e o surgimento de vários outros movimentos em seu lugar.

*Depois disso, foi quando nós fizemos a primeira manifestação na Praça da Liberdade, foram milhares de pessoas. E foi feita pelo Patriotas exclusivamente.*

*Essa manifestação, eu não, não tenho certeza se ela foi em 2014. Ou se foi final de 2013, ou 2014. Mas há o registro nos jornais, e tem que ser conferido lá. Então em 2000... ali, nesse, 2013 ou 2014, nós fizemos essa manifestação que foi muito grande e acabou saindo nos jornais, na época a Rede Globo não queria noticiar de jeito nenhum, mas quem noticiou muito foi a Record, então nós tínhamos jornalistas da Record ali, tínhamos jornalista da Bandeirantes*

*Nós tínhamos Facebook, tinha página na internet, e o WhatsApp. Nós não tínhamos ajuda da mídia pra fazer as manifestações, né. Na época, o que nos fazíamos era fazer impressão do material impresso. Eu, por exemplo, tenho uma gráfica. Então eu imprimi muito material. As pessoas que faziam parte do Patriotas saíam distribuindo esse material*

*O próprio material impresso, eu próprio pagava a maior parte dele, algumas pessoas contribuía também com algum dinheiro, e a gente pegava, comprava o papel, fazia a impressão, e os voluntários distribuía*

Passado o conflito que resultou na fundação do Patriotas, aconteceu outro evento marcante para Silas. Ele participou da construção do primeiro grande protesto na Praça da Liberdade. Esse é o momento em que o campo se forma enquanto campo de ativismo de rua em Belo Horizonte. Silas fala em 2013 ou 2014, mas, analisando outras fontes, os protestos em questão aconteceram de fato no início de 2015. Naquele momento o contexto estava mudando favoravelmente para os grupos de direita que estavam surgindo em todo o Brasil. As eleições para presidente tinham acabado de acontecer, mas o governo Dilma II começava rodeado de pressões: a não aceitação do resultado por parte do candidato derrotado, as incertezas criadas pela Lava-Jato, o início da crise econômica e, poucos meses depois, a vitória de Eduardo Cunha para a presidência da Câmara.

Silas e as demais lideranças do campo aproveitaram essa conjuntura e as articulações que estavam sendo feitas para um protesto em nível nacional, para darem estabilidade e organicidade aos movimentos que eles haviam acabado de fundar. A participação nos protestos foi uma forma dos recém-criados movimentos ganharem visibilidade. Os protestos funcionaram, de certa forma, como uma Ação coletiva inovadora. Os atores com inclinação à direita na cidade (e no Brasil) não estavam acostumados a grandes protestos de rua. As manifestações ajudaram a chamar novos ativistas, alguns dos quais passaram a militar nos movimentos recém-criados.

Na fala de Silas, assim como nas de outras lideranças, percebe-se o peso que os protestos tiveram para a constituição de sua identidade de ativista. No restante da entrevista, quando perguntado sobre momentos marcantes no ativismo, ele não cita outros eventos de protesto parecidos que aconteceram na Praça da Liberdade, mesmo tendo participado de vários deles nos anos posteriores. Isso dá uma dimensão do significado desses primeiros protestos para sua trajetória e para a trajetória dos demais atores do campo. Silas, entretanto, já tinha uma vivência anterior no ativismo. Ele era parte naquele momento de um grupo reduzido de manifestantes que já estavam posicionados dentro de algum movimento social de direita em Belo Horizonte.

Como principal liderança do Patriotas, Silas parece ter sido figura central nas articulações para construção do protesto. Ele mobilizou suas redes de relações sociais para ajudar nessa tarefa. Cita o uso da própria gráfica (que mais tarde afirma ser uma gráfica da família) para impressão de material a ser distribuído no protesto e a colaboração dos demais colegas de movimento.

*Não, essa manifestação, ela foi a 1ª manifestação. Mas já existia alguns grupos, inclusive de Curitiba, de Alagoas e tal, que foram os primeiros grupos. Ou seja, naquele momento o MBL não existia também [...] o MBL era um grupo pequeno como o Patriotas. Ele foi dominado por políticos [...] Então naquela época, aqui em Belo Horizonte, todos os grupos, por exemplo, o MBL e o Vem Pra Rua, todos surgiram de dentro do Patriotas.*

*Então, eles pegaram e fizeram ali, e começaram o MBL aqui com uma pessoa. Em Belo Horizonte. E a mesma coisa aconteceu com o Vem Pra Rua. Vem Pra Rua também não existia, era um grupinho pequeno. Todo mundo era grupo pequeno, era só grupo de pessoas amadoras, era a população, inclusive, tanto o MBL quanto o Vem Pra Rua. Mas aí o Vem Pra Rua também foi cooptado*

*Acaba que, nessas manifestações, nesses processos democráticos e políticos, sempre vai aparecer alguém pra dizer que foi ele que fez. “Não, fui eu que fiz”, né, “eu que participei”. Como por exemplo, aqui no aqui no Brasil, aqui em Belo Horizonte, quem fez o primeiro seminário contra a ideologia de gênero foi o Patriotas, por iniciativa minha.*

*Aí nós reunimos o pessoal das igrejas, fizemos convite para os padres das igrejas católicas, os pastores das igrejas evangélicas, e etc. E fizemos um seminário ali na Avenida do Contorno, né. Conseguimos tudo doado, tudo doado, assim, não gastamos nenhum centavo, nenhum centavo com*

*o local. E aí chamamos aquele seminário de... era um seminário contra a ideologia de gênero*

Até nesse ponto do relato de Silas não aparecem muitas citações a outros grupos. O Patriotas parece ser hegemônico no campo desde o rompimento com o Indignados; se é que dá para falar em campo, já que no seu relato não há outras outras posições de referência para a ação para além daquela ocupada pelo ator. Mas, de repente, irrompem no relato centelhas de um processo de complexificação do campo. De novo, nada é muito claro. Pela fala se deduz que durante os protestos outras lideranças conhecidas de Silas começaram a se movimentar no sentido da criação de outros grupos de ativismo de direita na cidade. Daí sua afirmação de que tanto o MBL quanto o Vem Pra Rua teriam surgido dentro do Patriotas. Esse processo de complexificação ou expansão do campo não parece ter se dado sem algum conflito. A fala de Silas leva a crer que os novos grupos formados foram tomando uma posição antagônica no campo - quer dizer, antagônica em relação à posição ocupada pelo entrevistado e seu grupo. Um indício é sua reclamação das cooptações dos atores nesses outros movimentos; ao mesmo tempo em que exalta a integridade das ações do seu próprio movimento. Sabemos por outros relatos que o campo já tinha uma multiplicidade de atores a essa altura e que o MBL não surgiu de dentro do Patriotas, apesar de sua liderança principal ter passado por este movimento.

Para entendermos mais do empreendedorismo institucional de Silas, vale citar sua atuação na estruturação do Escola Sem Partido em BH. Silas foi responsável por fazer o primeiro encontro sobre ideologia de gênero da cidade. O encontro, que se deu na forma de um seminário, aconteceu em Agosto de 2015 e parece ter ganho alguma notoriedade. O evento contou com figuras importantes da cena nacional da nova direita, como Miguel Nagib, idealizador do movimento Escola Sem Partido. À medida que o campo se estruturava a nível nacional, algumas figuras foram ganhando destaque; firmando sua posição nele, é o caso do Escola sem Partido e seus representantes. Ao falar de sua participação no seminário, Silas se coloca como alguém que estava introduzindo uma novidade no contexto da direita belo horizontina. E de fato estava. Apesar de o Escola sem Partido existir enquanto projeto de lei desde meados dos anos 2000, foi a partir de 2014 que ele começou a se tornar conhecido pela opinião pública. Silas e seu movimento estavam acompanhado de perto os acontecimentos no contexto mais amplo da direita e souberam aproveitar a oportunidade. O seminário ajudou Silas e seu movimento, o Patriotas, a ganhar mais visibilidade e a articular a atuação dos atores do campo que tinham um perfil mais conservador.

*Eles saíram do Patriotas, porque nós decidimos que nós precisávamos entrar na política, como candidatos, era preciso eleger pessoas. E o pessoal que hoje fundou o BROS, eles não concordavam. “Não, a gente não pode fazer isso e tal”. “Cara, a gente não vai conseguir ser um grupo e sustentar esse fôlego durante muitos anos, porque eu já tava endividado, a gente*

*usava a gráfica Valadão, que é uma gráfica da minha família. A gente imprimia coisas ali e distribuía em Belo Horizonte. Ou seja, a gente estava dedicando o nosso tempo, o nosso dinheiro, nossos recursos [...] E eu pegava e chegava e falava com eles: “olha, nós não conseguimos, nós precisamos ter alguém eleito, nós precisamos de receita, nós não temos dinheiro, se não nós vamos quebrar”. E eles não concordaram, e aí eles pegaram... [nome do ativista], ele que não concordou, na verdade. “Não, não concordo, não pode haver isso”. “[nome do ativista], não tem jeito, não tem jeito, a gente não consegue, porque nós tamo tudo quebrado.*

*A Medalha Patriótica, ela foi feita porque na época o Pimentel, ele entregou medalha aqui em Ouro Preto, né, aquela Medalha da Inconfidência. Ele entregou apenas para pessoas de esquerda [...] Então nós achamos absurdo, eu peguei e idealizei a medalha Patriótica, e fiz no mesmo dia, no mesmo horário. Nós não tínhamos lugar pra fazer, e aí nós achamos um, em frente a Tiradentes, ali na Afonso Pena, naquela estátua, nós pegamos no passeio mesmo, montamos uma tenda e fizemos a entrega de uma medalha que foi produzida em 24 horas. Nós fizemos uma reunião na padaria, numa padaria, várias pessoas ali do Patriotas. Naquela época já tinha algumas outras pessoas, por exemplo, o Vem Pra Rua, por exemplo, já existia, o MBL também já existia.*

*entregou a medalha para o Bolsonaro, para o Eduardo Bolsonaro, pra Ana Amélia, que era senadora, entregamos pro Caiado, que hoje é Governador de Goiás, e pra muitas outras pessoas, muitas outras personalidades, ali, de políticos e tal, muitas personalidade do Brasil, dos movimentos do Brasil, que naquele momento eram movimentos assim, mais puros.*

Silas ainda participou (ainda que indiretamente) da criação de outro ator coletivo do campo: o Brasileiros.Bros. Na verdade, o surgimento desse último movimento se deu a partir do rompimento de alguns ativistas com o Patriotas. O motivo da separação, segundo Silas, foi a decisão do Patriotas de lançar candidaturas para a eleição municipal. Silas foi um dos ativistas que concorreu nessa eleição <sup>8</sup>. Mas o rompimento parece ter se dado de maneira mais tranquila (comparado ao episódio que levou à extinção do Indignados). O Brasileiros (Bros) se tornou um movimento bastante atuante no campo nos anos posteriores. O tom de Silas com o episódio mostra que o Bros passou a ocupar uma posição um tanto próxima à do Patriotas no campo. As palavras indicam respeito e consideração com a decisão dos colegas.

Para finalizar, outro evento importante na trajetória de ator estratégico de Silas foi o episódio de entrega da Medalha Patriótica. No dia 21 de Abril de 2016 o governador do estado, Fernando Pimentel, do PT, faria a tradicional entrega da medalha da Inconfidência em Ouro Preto. Em um momento de forte rechaço ao PT, Silas e outros ativistas resolveram fazer um evento paralelo de entrega de medalhas. No ano anterior, 2015, a entrega da medalha da inconfidência tinha ganho bastante espaço na mídia por conta da participação do líder do MST, João Stédile. A entrega da medalha em 2016 era, então, certamente um momento a ser explorado. E foi o que os ativistas de direita fizeram. Eles ressignificam a entrega da medalha da inconfidência, criando a “medalha patriótica.

<sup>8</sup> Silas não cita o ano nesse trecho, mas tudo indica que se trata do lançamento de candidaturas para a eleição municipal de 2016, em que ele próprio concorreu ao cargo de vereador

O episódio das medalhas foi também um meio de reafirmação da existência do campo. Dele participaram diversos movimentos sociais - Silas cita o Vem Pra Rua e o MBL. Esse episódio é um exemplo da atuação dos atores estratégicos no sentido da criação de laços entre os vários movimentos do campo. Essa colaboração momentânea entre atores diferentes (até rivais) mostra também como o anti-petismo foi um elemento ideológico e identitário em comum e importante para a existência do campo e estabilização das relações sociais.

A entrega da Medalha Patriótica mostra a operacionalização de dois mecanismos sociais importantes para os processos de mobilização emergente que caracterizam a fundação dos campos: Atribuição de oportunidades e Ação coletiva inovadora. Primeiro, os atores estratégicos do campo souberam enxergar no evento oficial de entrega de medalhas da Inconfidência uma oportunidade política. Segundo, esses atores conseguiram formular uma ação coletiva inédita até então: a entrega de uma medalha paralela, invocando a simbologia tradicional da medalha e adicionando novos significados a este evento. A resignificação da entrega da medalha atraiu a atenção de outros ativistas de direita da cidade e da opinião pública local, chegando a sair nos jornais <sup>9</sup>.

O episódio das medalhas deu certa evidência aos ativistas envolvidos, o que inclui Silas. Nos anos posteriores o ritual da entrega da medalha se repetiu. Em 2017, Silas e outros ativistas a entregaram para figuras que haviam se tornado símbolos do novo campo de direita a nível nacional, o então Deputado Jair Bolsonaro, seu filho, Eduardo, o Senador Ronaldo Caiado, a Senadora Ana Amélia, entre outros. Anos mais tarde, quando já era Ministro da Justiça, Sérgio Moro também participou de uma das cerimônias de entrega, recebendo a medalha do próprio Silas. A medalha patriótica se tornou um evento anual do campo - ou, pelo menos, de uma parte dele. Todo o simbolismo e repercussão em torno de sua cerimônia explica a importância desse evento nos relatos de Silas. É um evento que parece ter mudado seu status no campo, dando destaque a ele e a seu movimento em um nível acima do local.

A trajetória de Silas não se resume aos momentos analisados acima. Mas o objetivo aqui não é discorrer sobre toda a trajetória dos atores, e sim entender como o campo foi se formando e como os atores estratégicos participaram de sua construção. Silas foi uma figura chave na emergência do campo em BH. Foi um dos fundadores do Indignados, o primeiro movimento do campo na cidade, e também ajudou a criar o Patriotas. Como ator estratégico, ele soube aproveitar as oportunidades que apareciam no ambiente político: a insatisfação com o governo Dilma II e a movimentação pelo impeachment; a entrega da Medalha da Inconfidência a João Pedro Stedile; o status que o Escola Sem Partido estava ganhando a nível nacional. Em todos esses momentos Silas usou de suas habilidades

<sup>9</sup> fonte: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2016/04/20/interna\\_politica,755047/grupo-propoe-medalha-aos-que-se-destacaram-para-aprovar-o-impeachment.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2016/04/20/interna_politica,755047/grupo-propoe-medalha-aos-que-se-destacaram-para-aprovar-o-impeachment.shtml)

sociais para melhorar sua posição e a posição de seu movimento no campo. Nesse processo, ele ajudou a complexificar e expandir o próprio campo.

## 4.4 Cristiano

*Basicamente eu sempre fui muito ligado a questão política, né, desde novo sempre gostei. Mas na verdade o meu envolvimento com a militância surgiu depois de eu virar proprietário de uma carreta. Eu era motorista, né, de caminhão, aí comprei um caminhão e aí que eu fui ver como que as coisas são difíceis e como que o Estado interfere diretamente na vida da gente.[...]*

*Então isso foi despertando através das redes sociais, mas o grande bum mesmo que fez a gente se envolver nas questões de militância foi quando começou os protestos mesmo, né e isso foi tomando uma força até chegar nos protestos do impeachment da presidente Dilma, quando tomou o Brasil, né, 2013. [...]*

*eu participei como cidadão, não como liderança e eu era o camarada que ia nos manifestos, né. E essa questão da Dilma tá muito ligada à minha vida porque eles criaram a lei do caminhoneiro, né, a lei do sono e foi bem no governo da Dilma.*

*[...] na verdade eu nunca votei no PT porque eu não tenho essa visão, eu nunca tive essa visão de que o pobre é o coitado. Eu sei que o governo precisa de políticas públicas, né, políticas sociais mas eu não acredito que ninguém seja um pobre coitado. Eu acredito que as pessoas criam oportunidades e o governo tá aí, tem que possibilitar que as pessoas criem. Então essa pegada de esquerda nunca foi minha praia, pelo fato até da minha vida, né. Eu nasci numa família pobre que nunca teve condições de dar muita coisa, eu tive um pai, né, eu tive base familiar, base familiar eu tive.*

*Eu moro na região de Venda Nova, eu nasci na região de Venda Nova. Então assim eu aprendi a ser empreendedor muito rápido, né. Com 22 anos eu já era motorista de carreta, batalhei muito para tirar as minhas habilitações, né, que não é fácil. É lógica, na vida sempre surgem pessoas para te ajudar. Sempre tive ajuda, né, mas nunca tive grana. Então eu sempre acreditei na capacidade do ser humano.*

A quarta trajetória a ser analisada é a de Cristiano, liderança do movimento Direita BH. Natural de Venda Nova, Cristiano trabalha como caminhoneiro desde muito jovem. Sua trajetória é típica de atores que entraram no campo após este já ter sido formado. Mas mesmo assim ele foi um ator estratégico, na medida em que ajudou a expandir o campo, criando novos movimentos sociais. O início de sua trajetória ativista se dá com uma militância na internet. O interesse pela causa de direita “foi despertando através das redes sociais”. O “bum” foi com os protestos, “até chegar nos protestos do impeachment”. O relato se encaixa em um contexto histórico. Primeiro há a importância das mídias sociais, mas parece que até aí era uma relação bastante fraca com o ativismo. Com o início dos protestos a coisa ganhou força. Ele fala de dois momentos de protestos; o primeiro, sem datação, parecem ser os protestos de 2013. Depois vem os protestos pelo impeachment da ex-presidenta Dilma - aqui ele cita o ano de 2013, mas o ano correto é 2015. Fala ainda

que nesses primeiros protestos participava apenas como manifestante, quer dizer, ele não era ainda uma liderança, “era o cara que ia nos manifestos”, apenas.

*[...] Então eu participava, mas não como militante, a militância veio com o tempo. De tanto ir aos manifestos, eu me apeguei ao pessoal do movimento Patriotas.*

\*\*\*

*Foi o Júlio Ubner e o Silas, são duas pessoas, assim, muito queridas, me ensinaram muito, né, mas até então o meu envolvimento era de estar junto com eles, eu não participava muito efetivamente.[...]*

(Pergunta: E no Patriotas você entrou quando? 2017?)

*Não, o Patriotas eu acompanho eles e participo das coisas com eles desde a época do impeachment, mas eu nunca fui do Patriotas efetivamente, nunca fui um membro do Patriotas.*

A entrada de Cristiano no ativismo se deu a partir dos protestos pelo impeachment. Isso mostra a importância desses protestos para a consolidação do campo. O primeiro movimento do campo com o qual Cristiano teve contato foi o Patriotas. Mas ele não chegou a ser membro do movimento - “não participava muito efetivamente do movimento” -, apenas acompanhava. Com as lideranças desse movimento, ele aprendeu muita coisa em matéria de ativismo político. Aqui vemos como o acúmulo de “experiência/conhecimento ativista” ao longo da trajetória parece ser algo importante para a formação dos atores estratégicos.

*E na época o presidente era o Temer e estava tendo aqueles problemas, né, de compra de parlamentares por intermédio de uma forma legal, mas eu vejo como uma forma imoral, né, liberando recursos pros parlamentares para não votarem para cassar o Michel Temer. E foi daí, daquela época, que eu lembro que hoje, né, o atual presidente Bolsonaro, ele deu uma entrevista, eu não me lembro a que órgão ele deu a entrevista, mas ele disse assim: “olha, que cassem 10, 20, 30 presidentes, a gente tem que combater a corrupção”. Eu já acompanhava, né, como parlamentar, algumas ideias do Bolsonaro, mas nesse dia, foi nesse dia dele fazendo a entrevista com aquele jeito dele, ele falando que se exploda, que caça 30 presidentes, tem é que acabar com a corrupção. Naquele dia eu falei “pô, eu tenho que ajudar esse cara” [...] Então o que que acontece, foi aí, no dia que eu vi essa fala do presidente Bolsonaro...*

*Porque o que acontece, quando o Temer subiu ao poder, aí acontece aquela gravação... e eu tenho uma visão política dessa época até muito interessante, até algo que entra dentro dessa questão da facada que o Bolsonaro tomou. Nesse dia era para eu estar em Juiz de Fora porque eu já fazia parte da equipe, né, que ajudava a campanha do Bolsonaro e essa questão do Michel Temer foi o seguinte, a esquerda ficou muito nervosa, né, tanto que eles falam que foi um golpe, né, então eles armaram tudo aquilo com o Joesley para poder armar um xeque-mate, tanto no Temer, quanto no Aécio Neves. Inclusive, os políticos hoje que nós consideramos e chamamos de centro, eles arquitetaram, né, a saída da Dilma, porque na verdade a Dilma foi traída, isso é nítido, ela foi traída. Aí eu não vou entrar no mérito de se foi constitucional ou não, eu não compactuo com a esquerda de falar que foi um golpe, porque um golpe não foi, mas em*

*contrapartida eu sei que teve os canalhas que tentaram, que tentaram, não, que tiraram ela, né, que estão envolvidos ao centrão. [...]*

*É, no meu ponto de vista, na época eu não era militante, né, eu era um cidadão comum. Então, assim, eu votei no Aécio, falava para todo mundo votar, mas não fiz campanha nem nada para ele. Nunca gostei dele. E vejo que, no meu ponto de vista, foi uma grande sorte do Brasil a Dilma ter ganhado. Por que? Porque nesse desgaste de PSDB e PT, essa briga surgiu das cinzas como uma fênix o Bolsonaro. O Bolsonaro, ele surgiu pra melar a brincadeira de todo mundo. Portanto, hoje, o que a gente chama de centrão e a esquerda, não gosta dele. Então nessa época eu comecei a me despertar para a campanha do presidente Bolsonaro, foi até quando ele se candidatou, ele resolveu, até então ele era pré candidato e ele tava buscando um partido. Aí o que é que eu fiz? Não, eu tenho que ajudar esse cara, eu via nele uma esperança, um camarada que ele realmente teria coragem, às vezes nem o mais capacitado, mas o mais corajoso, como ele tem se mostrado até hoje, de enfrentar um sistema que só tinha uma alternância de poder. Ele vem quebrando, né, esse ciclo de alternância de poder. Se você for pegar a campanha de 2014 ao governo do estado de Minas Gerais você vai ver que é um grande esquemão entre Aécio Neves e Pimentel, alternância de poder, entendeu? O PSDB trouxe um candidato que já não tinha expressão nenhuma para poder disputar com o Pimentel, então deu o governo. Então eu comecei a despertar para o Jair Bolsonaro realmente como presidente.*

*Na verdade ainda não era uma campanha porque até então ele não tinha partido. Ele era um pré candidato mas eu comecei a ver que haveria uma possibilidade. E bem naquela época que ele era um leproso, ninguém queria chegar perto dele, que ele era um radical e eu já estava ali do lado, né. Aí eu me aproximei de alguns movimentos que já faziam esse trabalho em prol do nome dele, né*

Portanto, até pouco depois do impeachment de Dilma, Cristiano era apenas um observador do campo, na verdade um típico seguidor dos movimentos sociais que compunham o campo. Mas em algum momento entre final de 2016 e início de 2017 essa situação começou a mudar. A razão dessa mudança parece ter nome: Bolsonaro. Nessa parte do relato, Cristiano fala sobre o exato instante em que teria tomado a decisão de se tornar mais engajado no ativismo visando ajudar Bolsonaro. Foi durante uma entrevista do então deputado. O contexto da entrevista, pela fala de Cristiano, era possivelmente a liberação de verbas para o congresso por parte do ex-presidente Michel Temer. O relato mostra como Bolsonaro naquele momento estava começando a ser visto como uma via alternativa aos atores político-partidários dominantes; e isso começou a ter impactos também no novo campo de ativismo de direita. Mais ou menos nesse mesmo período aconteceu o escândalo Joesley Batista - ou “Friboigate”, em alusão à marca de carnes comandada pelo empresário. No dia 17 de Maio veio à público uma gravação feita por Joesley em que ele aparece conversando com o ex-presidente Michel Temer sobre supostos pagamentos ao ex-Deputado Eduardo Cunha com a finalidade de mantê-lo em silêncio. No mesmo dia, também veio à público um áudio em que Joesley negociava com o ex-Senador Aécio Neves uma propina no valor de R\$ 2 milhões. A divulgação dessas gravações provocaram um verdadeiro terremoto político. Para parte da opinião pública, e para os atores mais

envolvidos pelo anti-petismo, o efeito delas foi criar - ou reforçar - o sentimento de que toda a classe política estava envolvida em casos de corrupção. Afinal, o próprio representante do anti-petismo na última eleição presidencial, Aécio, havia sido pego em flagrante. É nesse contexto que Bolsonaro surge como esperança.

Na visão de Cristiano, Bolsonaro era uma alternativa à “alternância de poder” entre PT e PSDB. Em suas palavras, Bolsonaro “surgiu das cinzas como uma fênix”, “uma esperança”, como alguém com coragem para enfrentar um “sistema que só tinha alternância de poder”. A imagem passada pelo relato mostra, assim, a valorização da figura anti-sistêmica, ante um contexto político em que ninguém escapa aos escândalos de corrupção. Cristiano também usa de uma metáfora bíblica para explicar seu apoio ao candidato. Ele compara Bolsonaro a um leproso, do qual “ninguém queria chegar perto”. Sua aproximação de Bolsonaro seria, dessa forma, um ato de caridade, profundamente afetado por uma moral cristã.

*Então eu comecei a participar com esses movimentos em prol já da pré candidatura do Bolsonaro e aí que eu fui começar a entender como é que tudo funcionava, dessa consciência que eu tive que eu tinha que me envolver e aí eu comecei a conversar com vários grupos ativistas.*

*[...] A questão do Direita Minas começou a despertar quando eu entendi que tinha que ajudar o Bolsonaro. Porque até então, lá atrás, no Patriotas eu lutava contra a corrupção.*

A fala de Cristiano dá a entender que sua trajetória ativista teria duas fases bem distintas: uma primeira fase focada na luta contra a corrupção - “até então, lá atrás, no Patriotas eu lutava contra a corrupção” -, e uma segunda fase, em que se destacava o apoio a Bolsonaro - “a questão do Direita Minas começou a despertar quando eu entendi que tinha que ajudar o Bolsonaro”. Podemos ver aqui a influência da figura de Bolsonaro sobre as pautas do campo e sobre as trajetórias das lideranças. Essa influência reflete uma nova fase também do campo. Até 2017 nenhum ator político havia conseguido direcionar as energias do campo para um projeto de poder específico. As pautas do campo tinham mais um caráter de negação, antagonismo: anti-petismo, anti-corrupção, Fora Dilma, Fora PT, etc. Mas com Bolsonaro uma parte importante do campo começa a caminhar unida em direção a um projeto político de tomada do poder, algo que nem a Lava-Jato havia conseguido.

*Aqui em Minas Gerais é um movimento que assim, eu não posso nem dizer que é um movimento político, que no meu campo de visão não é um movimento político, não é um movimento de rua, é o Direita Minas.*

*É, me aproximei no sentido de assim, participar das ações efetivas, né. Adesivar carros com o nome Bolsonaro, vender camisa. Isso aí a gente já fazia porque não era contra a lei eleitoral, não era uma campanha. A gente vendeu muita camisa, era uma das coisas que a gente mais fazia era vender camisa escrito “Bolsonaro presidente”, mas até então ele não era candidato. O presidente Bolsonaro, a gente já via que ele estava*

*sendo desgastado com muitos, por muitas pessoas da imprensa, por parte grande da imprensa e quanto mais desgastada ele, mas a gente dava o troco e é até interessante a minha história. Que aí você tá perguntando sobre o Cristiano, aí é até interessante fazer uma pausa e abrir umas aspas, eu tenho uma prima minha que ela é bem militante do PT mesmo, ela é bem militante de esquerda e na verdade hoje eu sou líder de um movimento graças a ela. Porque graças a ela? Quando teve a campanha eleitoral Aécio Dilma, eu não era militante, eu era um cidadão comum, mas eu dava meu voto pro Aécio Neves e assim ela me atacava muito, atacava muito, atacava muito mesmo no grupo de família, né. No grupo de Whatsapp ela me atacava muito, nas redes sociais ela me atacava muito e isso foi despertando, porra, uma raiva muito grande porque às vezes eu fazia um comentário. [...] Mas aqueles que estão estudando mesmo de esquerda eu trato com respeito, procuro entender, né, como eu tô te falando, eu tenho amigos meus que são professores, eu tenho um que é professor de português que ele é assim, super petista, além de ser meu aluno eu sou o líder religioso dele então a gente se respeita muito por mais que ele saiba que eu sou líder do movimento Direita BH. Então essa militância surgiu dessas ofensas que eu sofria dentro do âmbito familiar e isso manifestou para a rua.*

A militância de Cristiano em favor de Bolsonaro começou antes da campanha oficial ter início. Nesse momento, ele resolveu se ligar aos movimentos que estavam apoiando o então deputado. E o movimento ao qual mais esteve ligado foi o Direita Minas, que ele não considera um movimento de rua - “um movimento político”. O Direita Minas estava então ganhando destaque na cena de direita da cidade, se tornando o principal protagonista no apoio à campanha de Bolsonaro dentro do campo. Esse movimento havia sido criado na campanha pelo impeachment, entre 2015 e 2016, por dois policiais militares, que se tornaram as principais lideranças do movimento, o Cabo Júnio Amaral e Bruno Engler <sup>10</sup>.

Cristiano cita sua participação nas ações da DM: os “adesivaços”, as vendas de camisas. Diz que a participação na pré-campanha teria sido importante para entender como “tudo funcionava” e para começar “a conversar com vários grupos ativistas”. A pré-campanha, portanto, ajudou Cristiano a criar raízes no campo e a entender melhor sua lógica interna. De novo vemos a importância do aprendizado que é gerado por meio da experiência ativista. Essas experiências geram as habilidades sociais necessárias para que os atores consigam criar seus próprios movimentos sociais. A habilidade social não vem do nada, ela é gerada (ou aprimorada) ao longo trajetória dos atores dentro do campo.

*E na greve dos caminhoneiros, aí eu já tava bem ativo mas até então não tinha o movimento Direita BH. O movimento Direita BH, ele já surgiu posteriormente de todos os movimentos. Até então eu não tinha o movimento direita Bh, então o que que acontece, na greve dos caminhoneiros, no governo do Michel Temer, eu fiz um vídeo, né, pedindo apoio da população porque eu tinha sido caminhoneiro, eu me identificava muito com o que aconteceu com os caminhoneiros porque eu fui caminhoneiro durante 10 anos. Então eu fiz um vídeo pedi o pessoal para apoiar os*

<sup>10</sup> Mais tarde, essas duas lideranças se elegeram como Deputado estadual e Deputado Federal por Minas Gerais.

*caminhoneiros e no dia que eu cheguei lá na praça não tinha ninguém, só tinha uma caixinha de som, microfone, eu subi em cima do caminhão lá e eu comecei a dar o tom do manifesto em Belo Horizonte, né. E foi aí que começou a história do Direita BH.*

*[...] Não, fui eu que fiz um vídeo, chamei e, para a minha surpresa, né, a praça estava lotada. E a greve dos caminhoneiros nunca foi pauta de nenhum movimento, né. Na época até o... posso falar nome de movimento? [...] Na época o movimento Vem Pra Rua, o movimento MBL, que eram os movimentos maiores, né, eles não tinham pauta do caminhoneiro, né, caminhoneiro não era pauta, porque o caminhoneiro estava lutando por algo pela classe deles. E como eu me identifico muito com os caminhoneiros eu fiz esse vídeo, viralizou e foi muita gente para a Praça da Liberdade e eu lembro que foi num sábado, tinha muita gente, no domingo o prefeito de Belo Horizonte, Prefeito Kalil cortou os ônibus, né. Aí muita gente falou que cortou os ônibus para dificultar para ir para a praça mas eu não sei bem né. Segundo informações da época era por causa do óleo diesel que estava escasso né. No domingo eu lembro que eu tive que ir de metrô e andei muito e a praça lotada. E daí eu comecei a fazer contato em Betim, né, como eu tenho muitos amigos caminhoneiros, eu consegui óleo diesel pro trio elétrico, eu conheci o do do trio elétrico em um dos movimentos daí, né, comecei a ter um relacionamento com ele. Hoje, ele faz parte do Direita BH, ele é um dos integrantes do Direita BH, o dono do trio elétrico é um empresário aqui de Belo Horizonte e daí eu conheci ele, o filho dele e a gente deu o tom. Nós fizemos umas grandes manifestações, né, na greve dos caminhoneiros e foi ali, em cima do trio elétrico, na greve dos caminhoneiros que eu tomei essa decisão falei “nossa eu tenho que me envolver, eu tenho que me envolver de fato”. Porque quando teve a greve dos caminhoneiros, além de eu sentir o que os caminhoneiros sentem na pele, porque afinal de contas quando no governo da Dilma lançou aquela lei de regular o horário do caminhoneiro começou a atrapalhar muito as pessoas e isso serviu como impulso para a polícia poder, de certa forma, extorquir dinheiro de caminhoneiros então eu fui e falei “tenho que me envolver”*

Em 2018 Cristiano já era uma pessoa decidida a se dedicar mais ao ativismo político, e o apoio a Bolsonaro era um dos motores dessa atitude. Ele já estava envolvido na pré-campanha de Bolsonaro desde 2017. Estava relativamente acostumado ao campo e havia aprendido bastante com os companheiros do Patriotas e, posteriormente, com os companheiros do Direita Minas. Estava confiante o suficiente para atuar como um ator estratégico.

Nesse momento aparece uma oportunidade para ele testar suas habilidades sociais. No final de Maio de 2018 estourou a greve dos caminhoneiros. Cristiano era um caminhoneiro, essa era sua profissão desde muito cedo. A greve da categoria era, dessa forma, uma oportunidade. Era uma pauta que ele conhecia. Ele também tinha um capital social no meio profissional que ele poderia mobilizar para fins ativistas. Também se “identificava muito” com a pauta dos caminhoneiros, que, segundo ele, era relegada pelos principais movimentos do campo. Nesse contexto, ele resolveu gravar um vídeo chamando a população para participar de um ato em apoio à greve. Apesar das inconsistências no relato - primeiro ele afirma que a praça estava vazia, depois diz que a praça, no dia manifestação, estava “lotada” -, tudo indica que sua ação foi mais que acertada. Ele ganhou algum

reconhecimento no campo e, mais importante ainda, criou uma pequena rede de ativismo. Fez contatos com seus amigos caminhoneiros para que eles ajudassem na organização dos protestos e também construiu uma relação com um dono de trio elétrico que mais tarde se tornaria membro do movimento que ele criou, o Direita BH. A greve parece ter sido um divisor de águas na trajetória de Cristiano. Ali, um horizonte de possibilidades se abriu para ele. É quando começa a “história do Direita BH - “em cima do trio elétrico, na greve dos caminhoneiros, que eu tomei essa decisão, falei: “nossa eu tenho que me envolver, eu tenho que me envolver de fato””.

*[...] Mas enfim o Direita Bh, ele nasceu depois de eu me envolver com os movimentos tudo, eu ando entre os movimentos tudo, eu sou amigo de todos e eu comecei a ver que existem muitas vaidades pessoais. Um movimento não fazia, o outro não quer fazer, um não gostava do outro. E aí o movimento Direita BH, ele surgiu com o desejo e com a vontade de unificar todos esses movimentos [...]*

*O Direita BH, ele nasceu na campanha eleitoral.*

*[...] dentro dos movimentos políticos a gente começou a ver que tinham pessoas que tinham interesse né. Então daí começou o trabalho do Direita BH. Eu criei o Direita BH porque eu falava comigo mesmo “pô eu preciso unir essa galera”. Ainda mais porque a gente vem de uma oratória que é assim “a esquerda é unida, a esquerda é unida, a esquerda é unida”. E eu acreditava fielmente nisso que a esquerda era unida, “ah, a esquerda quebra o pau dentro de sete paredes mas não deixa ir pra rua”. Aí o Direita BH surgiu como esse grupo de ativista que anda com tudo mundo, todo mundo gosta da Direita BH, todo mundo participa dos eventos do Direita BH e a Direita BH ajuda todo mundo. Só que dentro do movimento de direita tem as suas vaidades, como a esquerda tem. [...]*

*[...] o pessoal do Bros são muito queridos, muito amados, pessoal do Patriotas me ensinou muita coisa. Quando eu saí candidato a deputado por Minas pela primeira vez eu ia pra página do Patriotas com 300 mil pessoas lá e nós discutimos sobre políticas, né, então aprendi muita coisa. Pessoal do Direita Minas, eu já adesivei muito carro com eles.*

O Direita BH foi criado ainda durante a campanha eleitoral de 2018. Cristiano parece ter sido a figura chave por trás desse processo. Sua justificativa para a criação do movimento passa pelo discurso de necessidade de união dos demais movimentos do campo. No momento da criação ele já estava acostumado ao campo, já havia interagido com lideranças de vários outros movimentos. A partir dessa experiência, diz ter percebido a existência de muitas “vaidades” - “um movimento não fazia, o outro não quer fazer, um não gostava do outro”. Daí tomou a decisão de criar um movimento que conseguisse unir os demais movimentos - “eu preciso unir essa galera”.

O Direita BH é parte de uma terceira onda de movimentos do campo - que inclui também o Conservadores em Ação e Pró-Libertas. As lideranças que criaram esses movimentos perceberam na ascensão de Jair Bolsonaro e na eleição de 2018 uma oportunidade para atrair um eleitorado e uma opinião pública com perfil conservador. Cristiano foi uma dessas lideranças. No seu caso, contou também o capital social e a

experiência adquiridos ao longo da greve dos caminhoneiros. A partir da greve ele começou a criar as bases relacionais que dariam origem ao Direita BH.

## 4.5 Dirceu

*A gente começou com esse ativismo desde 2015, quando começou a ideia do impeachment da Dilma. De lá pra cá eu venho me tornando mais engajado nessas questões políticas do país [...]*

*(Sobre Junho de 2013) [...] aquela época da campanha dos black blocks, né? Aí eu me afastei porque até ali, a questão da sociedade toda se organizar e reivindicar direitos... aí eu achei que eu deveria fazer parte, mas a partir do momento que virou vandalismo, aí eu me afastei.*

(Então você chegou a ir para a rua?)

*Sim, sim.*

([...]Depois de julho de 2013, você falou que você saiu um pouquinho dos protestos, depois do *Black Blocks*, e você ficou um tempo fora, né?)

*Sim, sim.*

(Nesse tempo fora você não participou de mais nada?)

*Não, não.*

(Nem nas mídias sociais?)

*[...] Eu sempre posto alguma coisa, alguma crítica, né, a alguma política, principalmente de esquerda e, nesse período, houve críticas à Dilma, houve críticas ao Lula, houve críticas ao Michel Temer. Mas críticas, assim, isoladas, nada ligada a nenhum movimento eram críticas individuais. Quase sempre no Facebook. [...] (sobre a participação nos protestos pelo impeachment em 2015) A partir de 2015, também de forma muito individual, vi na televisão as pessoas indo protestar nas ruas. [...]*

A quinta trajetória é a de Dirceu, um dos fundadores e militante do movimento Pró-Libertas. De todas as lideranças entrevistadas, Dirceu foi a mais recente a entrar no campo. Seu ativismo teve início em 2015, quando começou o processo de impeachment - “de lá pra cá eu venho me tornando mais engajado nessas questões políticas do país”. Mas não há evidências no relato de que ele esteve ligado a movimentos durante o período entre 2015 e 2018. Seu ativismo nesse intervalo de tempo era muito parecido ao da maioria dos seguidores do campo: ele ia aos protestos e, provavelmente, expunha suas ideias nas redes sociais, mas não era membro de um movimento, nem era uma liderança, um “ator estratégico”, quer dizer, um ator engajado em fomentar cooperação e construir ação coletiva.

Antes de 2015, Dirceu chegou a participar dos protestos de Junho de 2013 - “aquela época da campanha dos *black blocs*”, mas se afastou “a partir do momento que virou vandalismo [...]”. De Junho até o início dos protestos pelo impeachment, em 2015, Dirceu não participou de nenhum movimento, mas militou nas mídias sociais - no Facebook, onde postava “críticas, assim, isoladas, nada ligado a nenhum movimento, eram críticas individuais”.

[...] o Pro Libertas esse movimento surgiu agora final de 2018 para 2019, tá bem recente que resolvemos criar o movimento. Primeiro eu me filiei a um partido, que eu acreditei que as ideias deles seriam muito coerentes com o que o povo espera de uma máquina pública, né. No caso eu me refiro ao Novo, partido Novo, que prega a ideia de que o Estado deveria ser mais enxuto, de que o indivíduo é que tem que ser mais forte que o Estado, não o Estado mais forte que o indivíduo, economia, né, perda de regalias que a gente vê de forma muito exagerada no setor público e corte de gastos, enfim. Então, diante disso tudo eu me filiei ao Novo. A princípio, ao me filiar o Novo, eu entendia que o Novo era um partido de direita, depois você vai estudando e vai vendo que não é bem assim, o Novo não é um partido de direita, o Novo é um partido de esquerda por defender pautas como o aborto, ele é livre, né, nessas pautas, aborto. Então eu comecei a me desvincular, recentemente eu me desvinculei do partido Novo por entender que meu aspecto é mais de direita conservadora. Então aborto, feminismo, essas pautas para mim, cotas raciais então, essas são pautas que eu não defendo. Então me desfiliei do Novo, tô aguardando agora possivelmente o presidente da república deve formar um partido, provavelmente conservador, ao qual eu devo me filiar.

(Então você começou, antes de se ligar ao movimento, criar esse movimento, você se filiou a um partido, né?)

Não, não.

[...] A princípio a gente procurou ser ativista, né. Participei de muitas manifestações contra o Renan Calheiros, que aconteceu antes dessa filiação. Estando no meio desse movimento você conhece pessoas e vai se aglutinando e, com isso, me filiei ao Novo. Depois de filiado ao Novo eu criei, dentro do Novo eu sentia uma estrutura muito engessada para criar um movimento com os filiados no Novo. A gente encontrou duas, três peças que estavam alinhadas com o que a gente pensava, então o movimento até surgiu a partir de filiados do Novo, né. Que fomos eu, Cristian Barbosa e Renato Araújo. Fomos três ativistas filiados ao Novo que resolvemos fundar o movimento.

2018, final de 2018 para 2019 e início de 2019 nós realmente formatamos o modelo do movimento, demos prosseguimento e criamos estatuto, né, e fizemos a criação do movimento.

(E qual foi a motivação para criar o movimento?)

Assim, a principal é a luta contra a corrupção, contra o socialismo, contra o comunismo, contra o Foro de São Paulo. [...]

Antes de começar a empreitada de criação do movimento Pró-Libertas, Dirceu resolveu se filiar a um partido, o Novo. Foi com outros filiados do Novo que ele criou o movimento. Sua trajetória ativista é, dessa forma, singular, porque o envolvimento mais profundo com o ativismo vem a partir da entrada em um partido. Mas antes de entrar no partido ele já estava procurando participar das ações de protesto do campo. Diz que compareceu a “muitas manifestações contra o Renan Calheiros”. Sua fala dá a entender que a participação nessas manifestações foi importante para a entrada no Novo - “estando no meio desse movimento você conhece pessoas e vai se aglutinando e, com isso, me filiei ao Novo”. De fato, nos idos de 2018 e 2019, era bastante comum a presença do partido Novo nos protestos do campo em BH. De dentro de uma barraca, os militantes do partido costumavam fazer campanhas de filiação. Podemos até especular que tenha sido em uma

dessas situações que Dirceu começou a se aproximar do partido. Não dá para ter certeza disso. Mas o relato deixa clara a presença do partido dentro do campo. Por sinal, das organizações e movimentos que participavam dos protestos na cidade, o Novo era a única organização de tipo partidária com presença constante nos atos.

Segundo Dirceu, a escolha do Novo se embasaria no fato de que este seria um partido cujas ideias eram “muito coerentes com o que o povo espera de uma máquina pública”. Aqui Dirceu elenca uma série de pautas liberais ou ultraliberais - “o Estado deveria ser mais enxuto, de que o indivíduo é que tem que ser mais forte que o Estado, não o Estado mais forte que o indivíduo, economia, [...] perda de regalias que a gente vê de forma muito exagerada no setor público, e corte de gasto”.

Depois de algum tempo filiado ao Novo, Dirceu percebeu que aquele não era o melhor para ele exercer seu ativismo. As razões para a saída do Novo e a criação de um movimento próprio são várias. Quando se filiou, Dirceu diz que esperava ter se ligado a um partido de direita - de “direita conservadora” -, mas não foi o que encontrou no Novo. Cita temas da dimensão dos costumes, como aborto e feminismo, para defender que o Novo seria na verdade um partido de esquerda. Foi com base nisso que Dirceu se desfilou do Novo e começou a procurar um “verdadeiro” partido de direita.

([...] quando vocês criaram, o Novo chegou a dar algum suporte?)

*Nada, o Novo não faz isso.*

(Mas nenhum apoio moral? No sentido de informal para fazer o movimento?)

*Não, nada, tudo partiu de nós, filiados para fazer o movimento. O Novo é um pouco centralizador. Ele já tem um movimento que chama Desperta Já que é um movimento criado, se não me engano, pelo Amoedo ou pela esposa do Amoedo.*

(Mas tem aqui em Minas?)

*Tem aqui em Minas. E o Desperta Já é um movimento ligado diretamente ao Novo, então assim, é um movimento que não te permite muito sair fora daquela bolha, assim, você não pode por exemplo falar mal do Amoedo porque aí você fica destoante do movimento e até do próprio partido. Então diante disso, por isso eu criei o Pro Libertas, falei “não não serve para mim essa estrutura”. Eu quero uma estrutura onde eu tenha liberdade, não só de apoiar se estiver certo. mas de criticar se estiver errado.*

*[...] o Novo, apesar de ser um partido de esquerda, ele passeia bem entre os de direita por causa das suas pautas, então consegue passear bem entre os da direita. Então não há nenhum tipo de preconceito, vamos dizer assim, com relação ao Novo na participação dos movimentos. Não é um partido que está totalmente ligado ao presidente, mas o governador, individualmente, tem um certo relacionamento bom com o presidente. Então consegue passear bem por essa liberdade que o Novo dá para cada membro apoiar ou não o presidente, suas pautas, tínhamos, eu não sou mais filiado então havia essa certa liberdade dentro do Novo.*

Mas as razões para a saída do Novo e a criação do Pró-Libertas não são apenas ideológicas. Essa decisão tem a ver também com a busca de maior autonomia, busca por uma posição segura no campo, uma posição em que se poderia ter “liberdade, não só de apoiar se estiver certo, mas de criticar se estiver errado”. Essa busca de um lugar seguro é também uma busca por controle frente às incertezas e ao contexto desigual do campo. O Partido Novo seria, nas palavras de Dirceu, “centralizador”. Havia outro espaço de ativismo dentro do Novo, além do partido em si, o movimento Desperta Já. Mas Dirceu também não se sentia com autonomia no contexto desse movimento.

*[...] Olha, o movimento é um movimento de voluntários, não tem fins lucrativos, não é financiado por nenhum partido, não tem nenhum financiamento de empresário, só nós.*

*[...] Temos uma página no Face, temos uma página mesmo, o site, né? Chama [www.prolibertas.com.br](http://www.prolibertas.com.br) e os grupos de Whatsapp, os grupos de Whatsapp hoje nós temos o Pro Libertas Belo Horizonte, Pro Libertas Sabará e Pro Libertas Contagem. A intenção é formar uma teia do movimento em toda região metropolitana, onde a gente consegue alcançar, sem muito custo né, já que é um movimento de voluntários, se eu estender para muito longe a gente não consegue ter uma infraestrutura capaz de atender. Ainda, é uma ideia, a gente gostaria de trazer todas as cidades para o movimento mas por questões financeira a gente limitou essas áreas, né, mais próximas aqui a um raio de 100km que a gente possa atender, consiga dar um suporte.*

(E o movimento tem alguma relação com o Novo ou acabou completamente?)

*Não, hoje totalmente desfilado, desvinculado do Novo. Claro que não se pode falar em política, em ativismo político sem envolver políticos, os políticos eleitos. Então, tem alguns nomes dentro do partido Novo, os quais eu admiro e os convido para fazer palestra pra gente, mas não necessariamente tem que ser só do Novo. Outros partidos, desde que estejam alinhados com o nosso ideal.*

A criação do Pró-Libertas se deu entre final de 2018 e início 2019. Numa conjuntura em que os valores conservadores estavam em alta no campo e na opinião pública em geral, por conta da eleição e da vitória de Jair Bolsonaro. Aproveitando as oportunidades colocadas por esse contexto favorável, Dirceu se reuniu com outros colegas do partido Novo e resolveu fundar o movimento Pró-Libertas. Mas a criação do movimento não teve nenhum tipo de apoio por parte do Novo - “tudo partiu de nós, filiados, para fazer o movimento”.

Como Dirceu, o Pró-Libertas também é bastante recente no campo. Na data da entrevista, o movimento tinha pouco menos de um ano de fundação. Dirceu planejava fazer o movimento crescer, para “formar uma teia do movimento em toda região metropolitana”. Até aquele momento o movimento já tinha bases - materializadas em grupos de *WhatsApp* - em três cidades: Belo Horizonte, Sabará e Contagem.

*Recentemente, por exemplo, em Sabará, a câmara municipal de Sabará tentou aprovar uma medida que aumentava o número de vereadores na*

*cidade de 15 para 19. 4 [vereadores] já tinham votado a favor desse aumento, né, de forma unânime, só não era unânime porque o presidente não vota, né, mas ele também era favor. Então assim, os 15 vereadores eram a favor do aumento de 15 para 19 vereadores com o pretexto de que isso não causaria nenhum aumento para a cidade em termos de custo. Isso vai contra os nossos princípios, nós queremos uma máquina pública mais enxuta, nós queremos diminuir essa máquina e juntamos os líderes lá do Pro Libertas Sabará que hoje é formado pela Priscila Silva, pelo Diego, pelo André Silva, pelo Carlos Alberto e essas pessoas resolveram protestar diariamente em frente à câmara municipal de Sabará contra esse aumento de vereadores da cidade. E conseguimos. Conseguimos mostrar para a sociedade que esse aumento era prejudicial, que esse aumento não trazia nenhum valor, não atendia os anseios da população. E eles adiaram a segunda votação e depois perderam o prazo, enfim, a pauta foi engavetada, Então foi uma vitória pro Pró-Libertas Sabará em relação a uma pauta que não trazia nenhum benefício para a cidade.*

*[...] Por exemplo, lutamos muito contra o Plano Diretor, mas infelizmente não ganhamos. Fomos, levamos ativistas para a câmara municipal, lutamos.*

(Só vocês?)

*Não, vários movimentos, o MBL participou o Saia da Bolha, o Brasileiros.Bros. Vários movimentos que eu não vou lembrar o nome.*

Depois que ajudou a criar o movimento, a atuação de Dirceu tem sido no sentido de expandir o movimento. As ações mais importantes nesse sentido foram os protestos para barrar o aumento do número de cadeiras na Câmara de vereadores de Sabará e os protestos contra o Plano Diretor do Município de Belo Horizonte. Nesse último, ele e seu movimento cooperaram com outros movimentos, como MBL e Brasileiros.Bros.

Enfim, Dirceu é um ator estratégico que entrou mais recentemente no campo. Nesse papel, ele também tem ajudado a estruturar o espaço social do campo. Criou um novo movimento e vem trabalhando para aumentá-lo. Também tem tentando criar laços com outras lideranças e movimentos, contribuindo para a estabilização desse espaço social.

## 4.6 Discussão

A análise das trajetórias realizada acima nos ajuda a responder as duas primeiras questões desta tese, que versam, respectivamente, sobre a atuação dos atores estratégicos na criação do campo (e na criação dos atores coletivos do campo) e sobre os mecanismos sociais que estão por trás desse processo. Vamos começar com as questões acerca da atuação dos atores estratégicos na criação do campo e dos movimentos do campo.

### 4.6.1 Os atores estratégicos e as origens do campo

Para começar a discussão sobre os atores estratégicos, vamos analisar rapidamente as origens desses atores. Essas origens se confundem com a própria origem do campo. Analisando a trajetória das lideranças em BH percebemos como elas iniciaram sua carreira

ativista na internet. Na verdade, para essas lideranças, foi em Junho de 2013 que tudo começou. Junho acendeu nelas a vontade de participar do ativismo político. Mas em Junho não existia, nem se formaram, movimentos sociais de direita (seja em BH ou no Brasil). De forma que esses atores que participaram de Junho protestando por pautas de direita ficaram, após os protestos, sem um lugar para continuar suas ações de ativistas.

Depois de Junho, sem um lugar para militar, esses atores encontraram refúgio na internet. Nesse momento tivemos a emergência de uma rede de perfis, páginas e grupos de direita em mídias como Facebook e Twitter. Mas não só a criação de perfis, como também um adensamento das relações entre eles e um distanciamento com as páginas e perfis de esquerda. Foi o início da polarização política que marcaria a história recente do país. Esse fenômeno foi capturado por alguns trabalhos acadêmicos. Os trabalhos de Jr (2014) e Albuquerque, Carvalho e Jr (2015) mostram a existência de uma rede anti-petista no Facebook em meados de 2014. Na rede de 500 páginas (denominada de “Rede Anti-PT”) construída pelos autores com dados coletados entre Abril e Outubro de 2014, os cinco perfis mais centrais eram os de Olavo de Carvalho, Aécio Neves, Bolsonaro Zuero 3.0, Jair Messias Bolsonaro e Canal da Direita. Já os dados do trabalho de Pablo Ortellado e Márcio Moretto Ribeiro - citados no primeiro capítulo - mostram que páginas de Facebook mais alinhadas à direita e à esquerda começaram a se separar umas das outras logo após Junho de 2013, formando dois polos de perfis políticos.

Isso nos leva a refletir se já existia, antes dos primeiros protestos de rua, um campo virtual da nova direita. Pelo conceito de campo que empregamos aqui, não consideramos que as redes de perfis *on-line* nas mídias sociais existentes entre Junho de 2013 e meados de 2014 fossem um campo. Ou pelo menos não era um campo no sentido do campo que estamos tentando explicar aqui. Nosso foco é sobre um campo de ativismo cujo as principais posições são ocupadas por movimentos sociais. Esse objeto de pesquisa não se confunde com o que tem sido chamado de “nova direita”, pura e simplesmente. O campo de ativismo aqui analisado seria mais um outro estágio dessa nova direita. Um estágio em que os atores já não interagem mais somente nas mídias sociais e em que eles se organizam de uma maneira mais tradicional, na forma de movimentos sociais.

A participação nesse ativismo *on-line* foi comum na trajetória de várias lideranças e na trajetória dos demais ativistas do campo em BH. A primeira oportunidade de sair da internet e ir para as ruas, em Belo Horizonte, se deu a partir da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada em Março de 2014. A marcha reuniu algumas das figuras que viriam a se tornar lideranças da nova direita na cidade.

O protesto de Março foi, portanto, uma oportunidade para que os militantes pudessem sair da internet. De certa forma, foi o primeiro pontapé para a construção do campo, já que foi ali que algumas lideranças estabeleceram os primeiros laços sociais. E também porque esse foi o primeiro protesto construído exclusivamente por atores de

direita, com pautas apenas de direita, diferente de Junho de 2013.

Mas até o final da eleição de 2014 nenhum movimento havia sido criado. Na verdade já existia em Belo Horizonte alguns grupos de perfil conservador, no caso, grupos de olavistas, intervencionistas e pró-vida. Entretanto, tudo indica que esses grupos pertenciam a outro campo de ativismo de direita, formado durante os anos 2000, como aponta (ROCHA, 2018). Esses grupos deram o pontapé que iniciou a saída para as ruas de alguns militantes de direita. Mas os movimentos da nova direita na cidade só viriam a surgir de fato após a campanha eleitoral de 2014. O primeiro foi o Indignados<sup>11 12</sup>, como veremos adiante.

### 4.6.2 Diferentes tipos de atores estratégicos e formas de construir o campo

As trajetórias estudadas neste capítulo não esgotam todas as trajetórias de atores estratégicos do campo. Outras lideranças também cumpriram esse papel. De qualquer forma, as trajetórias analisadas dão uma noção da atuação desses atores. Podemos usar os dados coletados via entrevistas e dos dados coletados por meio da observação participante dos protestos entre 2017 e 2020, e da visita e consulta às mídias sociais dos movimentos e a jornais de notícia, para traçar um perfil dos atores estratégicos e da atuação deles na criação do campo.

Olhando os dados, percebemos a existência de três ondas de criação de movimentos sociais de direita em Belo Horizonte, entre 2014 e 2019. A primeira onda se dá entre 2014 e início de 2015, quando são fundados os primeiros movimentos, antes dos (ou nos preparativos dos primeiros) protestos pelo impeachment (Indignados, Patriotas, MBL Minas, Vem Pra Rua Minas, Brava Gente). A segunda onda se dá durante a campanha pelo impeachment. Nela aparecem movimentos como Mulheres da Inconfidência, Bros e Direita Minas. A terceira onda se dá no calor das eleições de 2018 e no primeiro ano de governo Bolsonaro. Nessa terceira onda o campo se transforma bastante e recebe um número razoável de novos movimentos (Direita BH, Pró-Libertas e Conservadores em Ação). Em cada uma dessas ondas prevaleceu um tipo de ator estratégico.

Na primeira onda prevalece um tipo de ator que podemos chamar de “desbravadores”. Aqui se destacam os criadores do primeiro movimento do campo, o Indignados, e dos movimentos que se formaram a partir da extinção do Indignados: o Vem Pra Rua Minas, o Brava Gente e o Patriotas. Também se encaixam as lideranças que construíram o MBL

<sup>11</sup> Esse nome lembra o nome dado aos protestos que ocorreram na Espanha em 2011. Isso pode ser um indício de como no início o campo ainda carecia de referências próprias, daí o uso de um nome de um evento de protesto famoso que acabara de ocorrer em outro país.

<sup>12</sup> O Indignados deixou poucos rastros. Podemos ver uma prova da existência do movimento em reportagem do Estado de Minas sobre uma manifestação em Novembro de 2014, pouco antes do movimento ser extinto: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/11/16/interna\\_politica,590492/protestos-de-volta-as-ruas-no-dia-da-proclamacao-da-republica.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/11/16/interna_politica,590492/protestos-de-volta-as-ruas-no-dia-da-proclamacao-da-republica.shtml)

Minas. Todos essas lideranças criaram movimentos de direita na cidade em um momento em que não havia nenhum movimento do tipo localmente. Ou seja, eles criaram os primeiros movimentos sem terem um modelo de movimento social no qual pudessem se basear. Talvez uma exceção deva ser feita à lideranças do VPR Minas e MBL Minas. Essas duas organizações surgiram a partir de um processo em que atores locais do campo importaram modelos e identidades ativistas que eram usados em São Paulo. As marcas “MBL” e “Vem Pra Rua” já eram reconhecidas a nível nacional pelo menos desde Outubro/Novembro de 2014. Daí alguns ativistas de Belo Horizonte resolveram criar movimentos sociais que funcionavam como uma “filial” desses movimentos que já existiam a nível nacional. O MBL-Minas seguiu mais claramente essa lógica, importando inclusive o modelo de atuação e de organização de cargos e posições dentro do movimento. O Vem Pra Rua-Minas seguiu uma linha mais autônoma. Adotou o mesmo nome do movimento nacional, mas não se ligou formalmente a este, nem seguiu o mesmo modelo de organização interna.

De toda forma, mesmo já havendo organizações com o mesmo nome em outros locais, a criação desses dois movimentos em BH teve um certo ar de ineditismo, já que os atores estratégicos por trás desse processo não tinham em quem se inspirar localmente. Aqui devemos citar que as lideranças que criaram o VPR Minas, Patriotas e Brava Gente, haviam participado da criação ou fizeram parte do Indignados. Assim, elas já tinham alguma experiência no ativismo, mas o único modelo de movimento social que elas tinham para se inspirarem (o Indignados) era um movimento criado por elas mesmo. Isso reforça nossa ideia de classificar essas lideranças como atores estratégicos “desbravadores”. Foram esses atores que começaram a organizar o espaço social do campo, quando nenhum ator coletivo ainda existia.

Na segunda e terceira onda de criação de movimentos temos a presença de um ator estratégico diferente. A segunda onda se dá ao longo da campanha pelo impeachment e a terceira ao longo da campanha eleitoral de 2018. Nesse período surgem movimentos como Brasileiros.Bros, Mulheres da Inconfidência, Direita Minas, Conservadores em Ação, Direita BH e Pró-Libertas. Os atores estratégicos desse período têm uma atuação diferente: eles criaram novos movimentos tendo como modelos os primeiros movimentos do campo. Como mostram os dados coletados, na prática, esses atores tiveram tempo de entender como o campo e os movimentos sociais já existentes funcionavam. Alguns deles se filiaram por algum tempo a esses movimentos antes de criarem seus próprios movimentos. Assim, enquanto os “atores estratégicos desbravadores” estavam criando um papel social (o papel da lideranças de direita), esse segundo tipo de ator estratégico estava olhando para como uma liderança já consolidada da nova direita em BH fazia seu trabalho. Vamos chamar esse segundo tipo de ator de “ator estratégico institucionalizado”, já que eles entram e atuam em um campo minimamente estruturado. Esse tipo de ator é menos inovador do que o “ator estratégico desbravador”. Ele usa dos repertórios de ação e dos discursos já rotinizados no campo.

Essas diferenças nas trajetórias e forma de atuar dos atores estratégicos nos remetem às diferenças entre “movimentos iniciadores” (*initiator movements*) e “movimentos derivados” (*spin-off movements*). Esses conceitos, propostos por McAdam (2013), servem para classificar os movimentos que iniciam um ciclo de protestos e os movimentos que aparecem após o ciclo já ter se iniciado. A grande diferença entre esses dois tipos de movimentos é o caráter inovador e criativo deles, muito mais forte entre os movimentos iniciadores dos ciclos. Defendemos aqui, baseados nos dados coletados via entrevistas, que faz sentido pensar uma divisão semelhante entre os atores estratégicos de um campo de ativismo. Estamos pressupondo que o processo de formação de um campo não é instantâneo, quer dizer, os atores coletivos do campo não se formam ao mesmo tempo e de uma só vez. Como mostram os dados para BH, existem ondas de expansão do campo. E a atuação dos atores estratégicos não é igual ao longo dessas ondas. Os atores desbravadores encaram o desafio de fundar o espaço social do campo, enquanto os atores institucionalizados atuam em um espaço minimamente estruturado, com algumas regras (ainda que instáveis) e repertórios de ação e formas de ação coletiva já testados pelos primeiros atores do campo. No caso aqui pesquisado, as lideranças do Indignados, do Vem Pra Rua Minas, do MBL Minas, Patriotas e Brava Gente, tiveram o desafio de criar movimentos de direita na cidade em um momento em que não existiam outros atores coletivos desse tipo instituídos. Elas usaram também de uma forma de ação coletiva, os protestos de rua, que não havia sido usada ainda por atores de direita em BH. Os protestos pelo impeachment que essas lideranças ajudaram a organizar foram bem diferentes daqueles de Junho de 2013, porque em 2015 elas participaram de maneira organizada dos protestos, articulando as ações, mobilizando pessoas, contratando caminhão de som, etc. - tudo isso através dos movimentos sociais que elas estavam construindo.

#### 4.6.2.1 Os discursos formulados pelos atores estratégicos

Uma dimensão importante da atuação dos atores estratégicos na construção do campo são os discursos políticos criados e difundidos por eles. As lideranças e movimentos sociais do campo usam esses discursos para moldar a visão de mundo dos demais atores. Esses discursos formam, portanto, enquadramentos interpretativos. Enquadramentos interpretativos (*framings*) são esquemas de interpretação do mundo (BENFORD; SNOW, 2000). Eles se expressam e são criados pelos discursos dos atores. No mundo do ativismo político, as lideranças e movimentos sociais costumam construir enquadramentos para identificar situações de injustiça - *diagnostic framing* -, para apontar os culpados por essas situações de injustiça - *adversarial framing* -, para propor soluções a elas - *prognostic framing* - e para definir as fronteiras entre os movimentos - *boundary framing* - (BENFORD; SNOW, 2000). A construção de discursos/enquadramentos é parte das habilidades sociais que as lideranças usam para alcançar a cooperação dos demais atores de um campo.

Para fazer essa análise dos discursos dos atores estratégicos, coletamos as postagens

realizadas pelos próprios movimentos do campo ao longo dos últimos anos no Twitter. As entrevistas nos permitiu verificar que, na maior parte das vezes, as contas virtuais dos movimentos são administradas pelas lideranças, de forma que podemos tomar as postagens nos perfis desses movimentos como uma *proxy* dos discursos /enquadramentos formulados pelos atores estratégicos do campo. Coletamos os últimos 3.200 *tweets* de oito movimentos do campo em Belo Horizonte: Direita Minas, MBL Minas, Vem Pra Rua Minas, Conservadores em Ação, Brasileiros.Bros, Saia da Bolha e Mulheres da Inconfidência. Na época da coleta esses eram os únicos movimentos com conta no Twitter. Coletamos também dados de postagem do Partido Novo-MG, já que este também era um ator político importante do campo em BH.

Ao todo, foram coletados dados de 12.827 postagens. Dessas: 7.626 foram produzidas entre 1 de Janeiro e Setembro de 2019; 2.729 entre 7 de Abril de e 31 de Dezembro de 2018; e 2.483 foram realizadas antes do dia 7 de Abril de 2018. Como as postagens do último período, ano de 2019, existem em uma quantidade bem maior (7.626 postagens) do que a dos outros períodos analisados, construímos um quarto banco de dados com 2.729 postagens escolhidas de forma aleatória a partir do banco original do período 3. O valor 2.729 é igual ao número de postagens do período 2, que vai de 7 de Abril de e 31 de Dezembro de 2018. Esse quarto banco, com a amostra de postagens do período 3, reduz o viés na análise comparada das postagens, já que os bancos dos três período analisados terão um número semelhante de postagens.

Os dados das postagens passaram por um processo de limpeza, em que foram retirados números, acentos, pontuações, caracteres não-alfanuméricos, *emojis*, *emoticons* e mais de 3.500 *stopwords* (SILGE; ROBINSON, 2017). As análises tem por base redes de coocorrência de palavras. Foram construídas três redes, uma para cada período analisado. Em cada um desses períodos o campo esteve sob a influência de um conjunto de eventos políticos diferente. O primeiro período cobre todas as postagens feitas antes de 7 de Abril de 2018. Essa data foi o último dia para filiação partidária antes do início da campanha eleitoral daquele ano. O segundo período é marcado pelos efeitos da campanha eleitoral de 2018 sobre o campo. E o terceiro período começa no primeiro dia de governo Bolsonaro e vai até o mês de Setembro de 2019 (momento da coleta). Portanto, nossas análises permitirão entender como os atores estratégicos em termos de criação de discursos/enquadramentos em três diferentes momentos do campo: o momento de emergência do campo, de 2015 a 2017; o momento do crescimento da importância de Jair Bolsonaro no campo, em 2018; e o momento pós-eleição de 2018.

A rede de coocorrência do primeiro período está representada na figura 5. Nessa rede, duas palavras possuem um laço se elas coocorrem pelo menos 20 vezes, ou seja, se elas aparecem juntas em pelo menos 20 *tweets*. Os termo “lula” aparece com uma centralidade alta. No geral, boa parte das palavras na rede fazem referência à luta contra a

corrupção, principalmente aos atores envolvidos nessa luta. Com as redes de coocorrência não conseguimos detalhar muito o enredo (ou os enredos) que existe por trás do uso das palavras. Entretanto, é possível captar alguns conjuntos de elementos narrativos importantes, que tratam dos atores, das ações dos atores, do problema em questão e das soluções para o problema. Para classificar melhor esses elementos narrativos e dar sentido a eles, fizemos a leitura qualitativa de uma amostra dos *tweets* coletados.

Nesse sentido, encontramos na rede de coocorrência do período 1, por um lado, palavras que aludem aos atores do sistema de justiça, os atores que combatem o mal da corrupção, são palavras como “stf”, “lava-jato”, “justiça”, “juiz”, “sergio moro”, “carmem lucia”, “gilmar mendes”, “pgr” e “mpf”. Por outro lado, temos as palavras que fazem referência aos atores corruptos, os malfeitores: “lula”, “dilma”, “jararaca”, “pt”, “corruptos”, “renan”. O principal ator dessa parte do discurso é “lula”. Essa é a palavra mais central na rede. É em torno dela que são construídas as principais mensagens postadas. Podemos dizer que, em grande medida, os discursos usados pelos atores estratégicos - no Twitter - para convencer e mobilizar os apoiadores nesse primeiro período (pré-eleição 2018) versam sobre o caso “Lula”. Há ainda outros dois conjuntos de elementos narrativos. Um trata sobre o andamento da luta contra a corrupção, ou melhor, sobre aspectos mais rotineiros do caso envolvendo o ator mais associado ao problema da corrupção, “Lula”: “habeas”, “corpus”, “segunda instancia”, “oficial”. Por fim, temos um conjunto de palavras que estão relacionadas ao desfecho do problema, às soluções almejadas para ele. Aqui aparecem palavras como “cadeia”, “vai”, “preso”, “lula na cadeia”, “prisão”.

As palavras desse primeiro período, portanto, compõem um universo discursivo cujo tema central é a luta contra a corrupção. Mas essa luta está bastante focada no caso “Lula”. Temos, afinal, os elementos básicos de uma narrativa política e cada elemento corresponde a um tipo de enquadramento: um problema específico, a corrupção (enquadramento diagnóstico); os culpados pelo problema, principalmente “lula” (enquadramento de adversários); a solução para o problema, a prisão dos corruptos (enquadramento prognóstico).

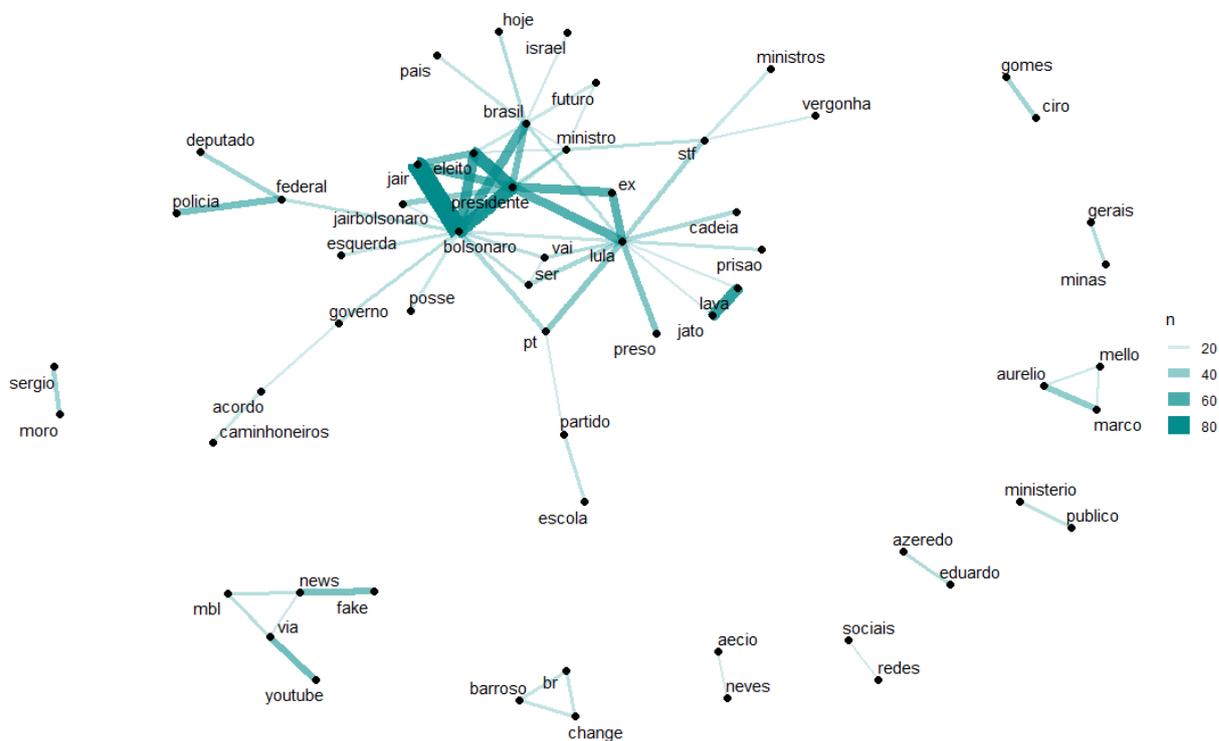
A rede para o período 2 está representada na figura 7. Nela, duas palavras possuem um laço se elas coocorrerem pelo menos 20 vezes. O termo “lula” continua muito central. Ele tem laços com termos que fazem referência ao processo judicial envolvendo o ex-presidente - “preso”, “cadeia” e “stf”. Outros termos que fazem referência à luta contra a corrupção também se fazem presente, na forma de díades: “lava-jato”, “sergio moro”, “polícia federal”. Isso mostra que a narrativa sobre a luta contra a corrupção continuou forte nesse período, mas agora existem também elementos de discursos ligados ao cenário eleitoral, principalmente sobre o apoio dos movimentos à candidatura de Jair Bolsonaro.

As referências à figura de “Bolsonaro” crescem rapidamente do período 1 para o 2. No período 1 não aparece a palavra “bolsonaro” na rede de coocorrência. E na nuvem com as 50 palavras mais frequentes do período, a palavra “bolsonaro” é secundária, pouco





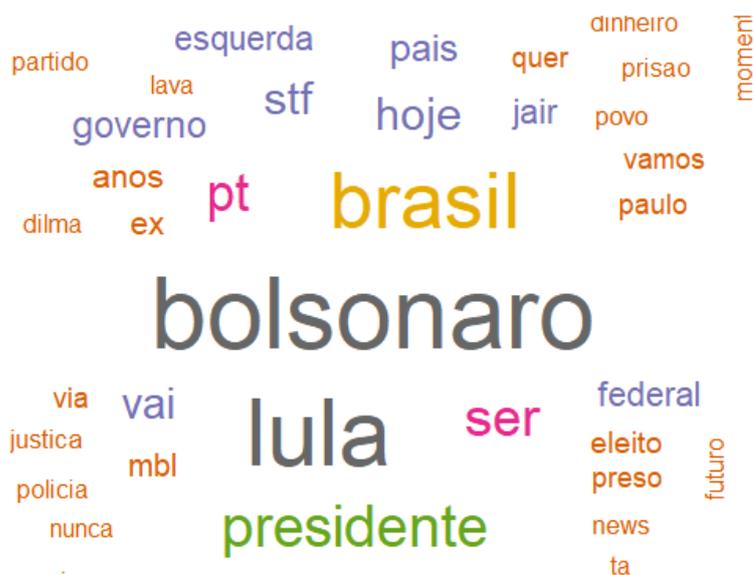
Figura 7 – Rede com palavras que coocorrem pelo menos 20 vezes na *timeline* dos movimentos entre 7 de Abril e 31 de Dezembro de 2018



pró-Bolsonaro feita pelo Direita Minas. Ainda desenvolve laços com outros movimentos, como o Bros; e só então se sente preparado para criar o Direita BH. É verdade que as oportunidades colocadas pelo ambiente político, como a greve dos caminhoneiros, são importantes, mas o aprendizado obtido junto a outros movimentos e lideranças aparece como um elemento central para sua transformação em ator estratégico. Nas trajetórias de Cláudio e Silas a experiência também foi importante para que eles conseguissem desenvolver suas habilidades ativistas. Cláudio, antes de se juntar ao MBL, participou do Indignados e também do Patriotas. Silas também esteve envolvido com atividades de ativismo e com o Indignados até ajudar a criar o Patriotas. Já Dirceu tem uma trajetória parecida com a de Cristiano. Ele primeiro foi a muitos protestos do campo, conheceu muitas lideranças e militou no partido Novo, antes de se engajar na criação do Pró-Libertás.

As experiências de ativismo dos atores são tão importantes para eles se tornarem atores estratégicos quanto as oportunidades que emergem ao longo do caminho. Afinal, são as habilidades adquiridas na trajetória de ativista que os tornam aptos a identificar e explorar oportunidades emergentes. Esse fato nos leva a conjecturar que a TCAE precisa incorporar mais fortemente a dimensão da trajetória dos atores no campo, como faz, por exemplo, a teoria de campo bourdieusiana. Para entender como atores criam e modificam o campo é importante entender como eles adquiriram as habilidades e recursos usados

Figura 8 – Nuvem de palavras na *timeline* dos movimentos entre 7 de Abril e 31 de Dezembro de 2018



nesse processo. Os atores podem até possuir (previamente) habilidades sociais em um nível desigual, mas a trajetória e experiência no campo é determinante para entender o refinamento e sucesso no uso dessas habilidades.

#### 4.6.2.3 A influência de antigos campos de ativismo de direita sobre a atuação dos atores estratégicos

Analisar a trajetória dos atores estratégicos é uma forma de testarmos de que a origem do campo de ativismo de direita que se formou em BH (e, de certa forma, no Brasil) tem influências de antigos campos de ativismo de direita, formados nos anos 2000 na internet. (ROCHA, 2018) mostra que a nova direita tem suas origens nesses campos de ativismo de direita (que ela chama de contra-públicos) dos anos 2000. Esses campos existiram na forma de comunidades do Orkut constituídas por ativistas ultraliberais e apoiadores de Olavo de Carvalho. As comunidades ultraliberais existiram também na forma de *think tanks*. Já sabemos que todos os movimentos de direita do campo aqui estudado só se formaram após 2013. Nenhum deles existia antes dessa data. Num primeiro momento, isso dá a entender que a origem desse campo não tem nada a ver com os antigos campos de ativismo de direita citados. Mas será que não existem outras formas de influências





Figura 11 – Nuvem de palavras nas *timelines* dos movimentos entre 1 de Janeiro e Setembro de 2019: nuvem feita a partir de uma amostra aleatória de 2.729 postagens do período.



*Não, diretamente com o Olavo, nada. Eu, particularmente, apesar do Olavo ser uma referência e ser muito respeitado, acho que a forma como ele faz a comunicação dele é muito agressiva e eu, desde o início eu te falei, falta sedução. A direita precisa ser mais sedutora para a gente conquistar território.”*

- Dirceu, liderança do Pró-Libertas

Mas você conheceu a figura do Olavo antes? Foi em qual momento, assim?

*“Ah, o Olavo, na verdade ele veio posteriormente, né. Porque com essas andanças, por exemplo, você, uma pessoa tem um viés de esquerda, ela vai descobrindo com o tempo, uma pessoa tem um viés de direita, ela vai descobrindo com o tempo, né. Então assim, com o caminhar dos movimentos que aí e comecei a assistir às pautas conservadoras, mas em si só eu já era um conservador mesmo sem estudar, sem me preocupar muito com isso.”*

- Cristiano, liderança do Direita BH

A influência de campos de ativismo de direita que já existiam antes de 2013 sobre a formação do campo aqui pesquisado aparece quando analisamos os atores que construíram

a Marcha da Família com Deus pela Liberdade: grupos “intervencionistas” e “olavistas”. Esses atores também participaram do primeiro movimento do campo, o Indignados. Não sabemos exatamente a data da criação desses grupos, mas o simples fato deles existirem mostra a influência de figuras e ideias de uma direita radical que já existia no país.

Uma segunda evidência sobre a relação entre os dois momentos de ativismo de direita está nos atores que criaram o MBL Minas. Esses atores vinham de uma trajetória de militância em movimentos e *think tanks* ultraliberais criados ao longo da década de 2000. Essa trajetória levou à criação do EPL - Estudantes Pela Liberdade - em 2012 e, finalmente, à criação do MBL Minas em 2014.

Esses achados nos leva a refletir sobre a real origem do novo campo de ativismo de direita que se formou em BH (e no Brasil). O novo campo não é fruto da ação exclusiva dos atores desses antigos campos de ativismo de direita que existiam no Orkut. O novo campo também não é fruto de uma simples expansão desses antigos campos. Como mostram as entrevistas, muitos dos atores que participaram da criação do novo campo de ativismo de direita sequer tinham conhecimento dessas interações existentes entre figuras de direita no Orkut em meados dos anos 2000. Eles receberam algumas influências, estéticas e discursivas, por exemplo, mas a cena de ativismo que eles ajudaram a construir a partir de 2013 é inteiramente nova. O campo aqui investigado é, na verdade, um novo palco, ou melhor ainda, um novo tipo de teatro, com regras e padrões de atuação diferentes, e cuja emergência contou com a participação de antigos e novos atores (mais com os novos do que com os antigos).

### 4.6.3 Mecanismos sociais

Nesta seção vamos responder a segunda questão colocada para esta tese: Quais mecanismos tornaram possível o processo de emergência do campo e dos atores coletivos do campo? Os mecanismos de Apropriação social, Atribuição de oportunidades e Ação coletiva inovadora são suficientes (e necessários) para explicar esse processo? Os atores estratégicos são elementos centrais para explicar a emergência e funcionamento de um campo. Mas a TCAE também pressupõe que a emergência dos campos depende da combinação de três mecanismos sociais: apropriação social, atribuição de oportunidades e ação coletiva inovadora. Os atores estratégicos são um elemento comum a esses três mecanismos. O resultado da combinação desses mecanismos é a emergência de formas sustentáveis de cooperação entre os atores. Vamos investigar a presença dos três mecanismos citados nas dinâmicas de cooperação que estão na base da criação do campo.

Sobre o mecanismo de atribuição de oportunidades, vemos sua presença em vários momentos da fundação do campo. Vamos dividir as fontes de oportunidade em dois tipos: fontes de oportunidade sistêmicas e fontes de oportunidade pontuais. A diferença entre elas é que a primeira são fontes de oportunidade mais duráveis, elas existem de maneira

relativamente estável ao longo do período de formação do campo. No caso aqui estudado, as oportunidades sistêmicas são aquelas citadas no capítulo 2, ou seja: a persistência de uma crise de legitimidade da classe política tradicional, mas, principalmente, uma crise de legitimidade dos partidos e demais atores (sindicatos, movimentos sociais, etc.) da esquerda. Essa crise de legitimidade da classe política e da esquerda iniciou logo depois de 2013 e foi se acentuando ao longo do tempo, com o crescimento da crise econômica e da Lava-Jato. Os atores estratégicos do campo em BH usaram desse desgaste da esquerda como oportunidades para criação dos movimentos sociais e do campo como um todo. Os protestos pelos impeachment, que marcaram a criação e expansão inicial do campo, só tiveram tanto sucesso porque surfaram nessa insatisfação generalizada com os governos de esquerda, particularmente o governo Dilma. Essa insatisfação com a esquerda e a classe política ajudou também os protestos que aconteceram após o impeachment.

A outra fonte de oportunidades - fontes de oportunidades pontuais - tem um caráter mais conjuntural. Elas têm uma duração menor, acompanhando os efeitos de eventos conjunturais. Os atores estratégicos do campo em BH atribuíram oportunidades a esses eventos durante a criação e expansão de vários movimentos sociais. A principal fonte de oportunidades conjunturais foi o resultado das eleições de 2014. A construção dos primeiros protestos pelo impeachment e a criação dos primeiros movimentos do campo envolveram uma atribuição de oportunidades, por parte dos atores estratégicos, à insatisfação do eleitorado anti-petista com o resultado das eleições de 2014. Os relatos de Marcela e Cláudio mostram um pouco desse fenômeno.

Outro exemplo de atribuição de oportunidades foi o uso do evento de entrega da medalha da Inconfidência, em 2016. Dado o contexto mais amplo de rechaça ao PT, as lideranças aproveitaram a ocasião para pensar um ato paralelo de entregas de medalhas. O ato ajudou a fomentar a cooperação entre os movimentos do campo. A greve dos caminhoneiros também funcionou como fonte de oportunidades para os atores estratégicos. Ela foi fundamental, por exemplo, para que Cristiano desse o primeiro pontapé na criação do Direita BH. A criação do movimento se consolidou com a campanha eleitoral de 2018, que também foi uma fonte de oportunidades conjunturais. Nessa campanha, algumas lideranças aproveitaram a opinião pública favorável a ideias conservadoras e à figura de Jair Bolsonaro, para criar movimentos como o Pró-Libertas e o Conservadores em Ação. Todas essas fontes de oportunidades conjunturais tiveram como pano de fundo a crise de legitimidade da classe política e da esquerda. Portanto, oportunidades conjunturais e oportunidades sistêmicas coexistiram.

O segundo mecanismo presente no processo de criação do campo é a Ação Coletiva Inovadora. Esse mecanismo existe quando temos o surgimento de uma forma nova de ação coletiva (1 elemento) entre um conjunto de atores (2 elemento). Essa forma nova de ação coletiva é chamativa - atrai novos participantes - e altera a forma como os atores

normalmente se relacionam (3 elemento). Aqui, o grande exemplo é justamente os protestos de rua. Essa forma de ação coletiva não era, lógico, uma inovação para os atores políticos de esquerda, mas ela era inexistente entre os atores que se identificavam com o pensamento político de direita no Brasil (e em Belo Horizonte). Daí classificarmos ela como uma inovação.

A construção de grandes protestos de rua foi uma inovação importante, porque deu força e motivação para que mais atores passassem a militar por ideais de direita. Essa inovação, claro, não foi uma exclusividade dos movimentos em BH. Ela aconteceu em todo Brasil. De qualquer forma, ela tem as características de uma ação coletiva inovadora. Os protestos em BH, como aqueles pelo impeachment, ajudaram a formar laços sociais entre atores que não se conheciam, contribuindo para formar a base de novos movimentos sociais e do espaço mais amplo de interação do campo. Vários dos principais movimentos foram criados ou se fortaleceram justamente ao longo da campanha pelo impeachment.

O último mecanismo é a Apropriação Social, em que se tem a presença de atores estratégicos (1 elemento) usando de redes sociais ou bases organizacionais pré-existentes (2 elemento) para alcançar a mobilização (cooperação) de um grupo maior de atores (3 elemento). Esses recursos relacionais/organizacionais permitem que a cooperação criada em episódios de ação coletiva pontuais se tornem mais sustentáveis ao longo do tempo. Enfim, nesse caso, tivemos dois tipos de bases relacionais sendo mobilizadas pelos atores estratégicos: as redes virtuais nas mídias sociais; e as redes pessoais (familiares, amigos, conhecidos, etc) das lideranças. Antes de meados de 2014 já existia uma rede virtual ampla de perfis virtuais que interagem a partir de temáticas de direita. As lideranças do campo em BH usaram as mídias sociais para conseguir apoiadores e militantes nessas redes. O uso das mídias sociais ajudou não só a conquistar adeptos que já se identificavam com a direita, como também ajudou a converter novos seguidores e ativistas. A apropriação desse capital social virtual se estendeu aos atores estratégicos de todos os movimentos. Na verdade, isso se tornou uma marca do novo ativismo de direita. Sem o uso das mídias sociais, esse campo não seria possível. As falas de algumas lideranças mostram isso:

*Foi por volta de 2013. Na verdade, essa questão dos manifestos tá ligado a algo que aconteceu em todo mundo que é o advento da internet, né. Porque se não fosse a internet eu acredito que não teria tomado a força que tomou a questão do ativismo, né. Então eu comecei a despertar por causa da questão profissional... que eu vi como a política interferia, mas como a gente começou a ter as redes sociais, a gente começou a ter voz, a gente começou a se organizar em grupos e até então eu participava dos ativismos mas mais virtualmente, dizendo né.*

[...]

*Acho que naquela época nem Whatsapp tinha, isso veio posteriormente, né. Então isso foi despertando através das redes sociais, mas o grande bum mesmo que fez a gente se envolver nas questões de militância foi quando começou os protestos mesmo, né... e isso foi tomando uma força*

*até chegar nos protestos do impeachment da presidente Dilma, quando tomou o Brasil, né [...]*

- Liderança do Direita BH

*Vocês, por exemplo, se organizam em redes sociais?*

*Sim, nós temos os grupos, né, de ativistas que, a princípio a gente convida, né, através de Facebook. Eu, particularmente faço essa pesquisa na internet de pessoas que são alinhadas com o governo, portanto que são mais conservadores e aí eu convido para fazer parte dos nossos grupos de Whatsapp. Estando nos nosso grupos de Whatsapp, a gente começa ali a interagir, percebendo que há uma voz mais ativa, mais pró-ativa dentro do grupo que anseia por manifestar-se e buscar mudanças a gente convida pra liderança do movimento, então é uma triagem que ela vai acontecendo naturalmente.*

- Liderança do Pró-Libertas

O segundo tipo de base relacional mobilizado pelas lideranças foram as redes pessoais formadas por amigos, familiares e colegas. Por exemplo, a liderança do Direita BH, Cristiano, mobilizou o capital social que ele havia conquistado como caminhoneiro para dar o primeiro pontapé no sentido da criação do movimento Direita BH. Já a liderança Marcela Valente mobilizou seus amigos, familiares e conhecidos para estruturar o Indignados e o Brava Gente Brasileira.

A análise realizada até aqui mostra que os três mecanismos postulados pela TCAE estiveram presentes nos processos de mobilização que deram origem ao campo e aos atores coletivos do campo. Mas, olhando os dados sobre a criação dos movimentos do campo, percebemos que pode haver a presença de um quarto mecanismo social. Vamos chamar esses mecanismo de “Divisão Organizacional”. Vimos que os três mecanismos citados fazem parte de uma processo mais amplo: os processos de mobilização emergente. Esses processos resultam em formas de ação coletiva mais sustentáveis, vistas na criação dos movimentos sociais do campo e na cooperação entre esses movimentos, por exemplo. Mas, quando observamos a criação de alguns movimentos do campo em BH, percebemos que eles têm origem a partir da divisão de outros movimentos. Isso quer dizer que, além de mobilizar ou se apropriar de bases relacionais (capital social) já existentes (principalmente nas mídias sociais), as lideranças também usam de infraestruturas relacionais já prontas, estruturas que são parte de movimentos sociais já existentes. Quando esses movimentos antigos quebram em dois ou mais pedaços, um dos pedaços se torna um novo movimento no campo. É só depois que acontece a quebra, que os atores estratégicos do novo movimento passam a usar de ações coletivas inovadoras e a mobilizar outras bases relacionais para fazer crescer o movimento. De certa forma, isso é um tipo de “apropriação social”, já que os atores estão usando de uma base organizacional (movimento social) já pronta, para gerar e expandir um novo ator coletivo. A diferença é que nesse caso a estrutura organizacional apropriada não é anterior ou externa ao campo, e sim gerada ao longo da fundação do campo.

Esse mecanismo pode ser visto na origem de pelo menos cinco movimentos do campo: Vem Pra Rua Minas, Patriotas, Brava Gente, Brasileiros.Bros e Pró-Libertas. No caso dos três primeiros movimentos, tudo começou com o conflito que levou à extinção do movimento Indignados. Como dito, o Indignados foi o primeiro movimento do campo. Os conflitos que aconteceram entre as lideranças desse primeiro movimento levaram à formação de três novos movimentos. Um grupo principal do Indignados deu origem ao Patriotas. Outro grupo criou o Brava Gente. E um terceiro grupo mais tarde se reuniu com o Vem Pra Rua nacional, e fundou uma unidade do VPR em Minas Gerais. No caso do Brasileiros.Bros, sua origem tem a ver com um rompimento de alguns ativistas com o movimento Patriotas. O pano de fundo para essa “divisão organizacional” foi o debate em torno da possibilidade de construção de candidaturas políticas por parte das lideranças do campo. Já no caso do Pró-Libertas, sua origem tem a ver com a decisão de alguns membros (e ativistas) do Partido Novo de BH de fundar um movimento próprio, deixando o partido de lado. O Partido Novo não era um movimento social, obviamente, mas seus membros faziam ativismo de rua junto com outros movimentos do campo entre 2015 e 2019.

*É briga, é briga, vai brigando, um brigando com o outro, um querendo... briga. Mulheres da Inconfidência e Brava gente, a gente nunca brigou. Mas por exemplo, o Patriotas saiu porque queria, primeiro, destaque, queria que eu trouxesse o Aécio, que eu trouxesse dinheiro de campanha e que a gente levantasse o impeachment. Então foi a primeira briga. Saiu! Aí o Bros brigou, mas... na verdade junta todo mundo. Então eu vou te falar: é “um” movimento, que só tem nomes, porque na verdade junta todo mundo junto. A gente deve ter uns vinte grupos de direita que são as mesmas pessoas.*

A existência desse mecanismo pode ser vista no relato acima, da liderança do Brava Gente. Fica claro como a divisão dos movimentos foi importante para a complexificação do campo, quer dizer, para o surgimento de novos atores coletivos. Mas todos esses movimentos, apesar dos conflitos existentes, acabam participando de um mesmo espaço de interação, de um mesmo campo. Quando a liderança em questão fala em “um movimento”, ela está justamente reconhecendo a existência desse campo comum de atuação - “é “um” movimento, que só tem nomes, porque na verdade junta todo mundo junto. A gente deve ter uns vinte grupos de direita [no WhatsApp] que são as mesmas pessoas”. E os grupos de WhatsApp é um dos lugares onde esses diferentes movimentos se encontram.



Neste capítulo, respondemos as duas primeiras perguntas desta tese: quem são e qual o perfil dos atores estratégicos do campo? Como eles atuaram na construção do campo? E quais os mecanismos sociais por trás do processo de emergência do campo? Os dados mostram a existência de três tipos de atores estratégicos: atores desbravadores; e

atores institucionalizados. A atuação desses atores varia conforme a fase da formação do campo. Os “atores estratégicos desbravadores” atuaram de maneira inovadora, criando os primeiros movimentos do campo e usando de maneira frequente um repertório de ação inusual até então para os atores políticos de direita da cidade - os protestos de rua. Esses atores criaram movimentos como Indignados, Patriotas, Vem Pra Rua Minas, Brava Gente Brasileira e MBL. Já os “atores estratégicos institucionalizados” inovaram menos, pois atuaram em um campo quase estabilizado, com regras já colocadas e com repertórios de ação padronizados, que eles, em boa medida, reproduziram. Esses atores criaram movimentos como Direita Minas, Brasileiros.Bros, Pró-Libertas, Direita BH e Conservadores em Ação.

A interação repetida entre a atuação dos atores estratégicos e os outros elementos presentes no processo de formação do campo (recursos, oportunidades, interesses, identidades, etc.) constituem mecanismos sociais. Como previsto pela TCAE, encontramos no processo de formação do campo a presença dos mecanismos de Apropriação social, Atribuição de oportunidades e Ação coletiva inovadora. Mas também encontramos indícios de um quarto mecanismo social: a Divisão organizacional, que se constitui (1) da quebra de uma organização/movimento social, (2) quebra essa liderada por atores estratégicos que (3) usam as infraestruturas relacionais decorrentes da quebra para formar novos movimentos sociais.

Figura 12 – Manifestantes na marcha de Março de 2014 (Marcha da Família com Deus pela Liberdade) em Belo Horizonte-MG.



Fonte: reportagem do G1.

Figura 13 – Jovens com camisetas do “Direita Minas” em ato na Escola “Estadual Central”, em Outubro de 2016.



Fonte: Jornal “O Tempo”

Figura 14 – Caminhão com lideranças do movimento Direita Minas



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 15 – Barraca do movimento MBL-Minas



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 16 – Caminhão com lideranças do Vem Pra Rua-Minas



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 17 – Manifestantes com o tradicional bandeirão do Brasil. É comum que durante os protestos os manifestantes deem a volta na Praça da Liberdade embaixo do bandeirão.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 18 – Pessoas ao lado do palco do movimento Bros



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 19 – Lideranças do Bros falam para o público.



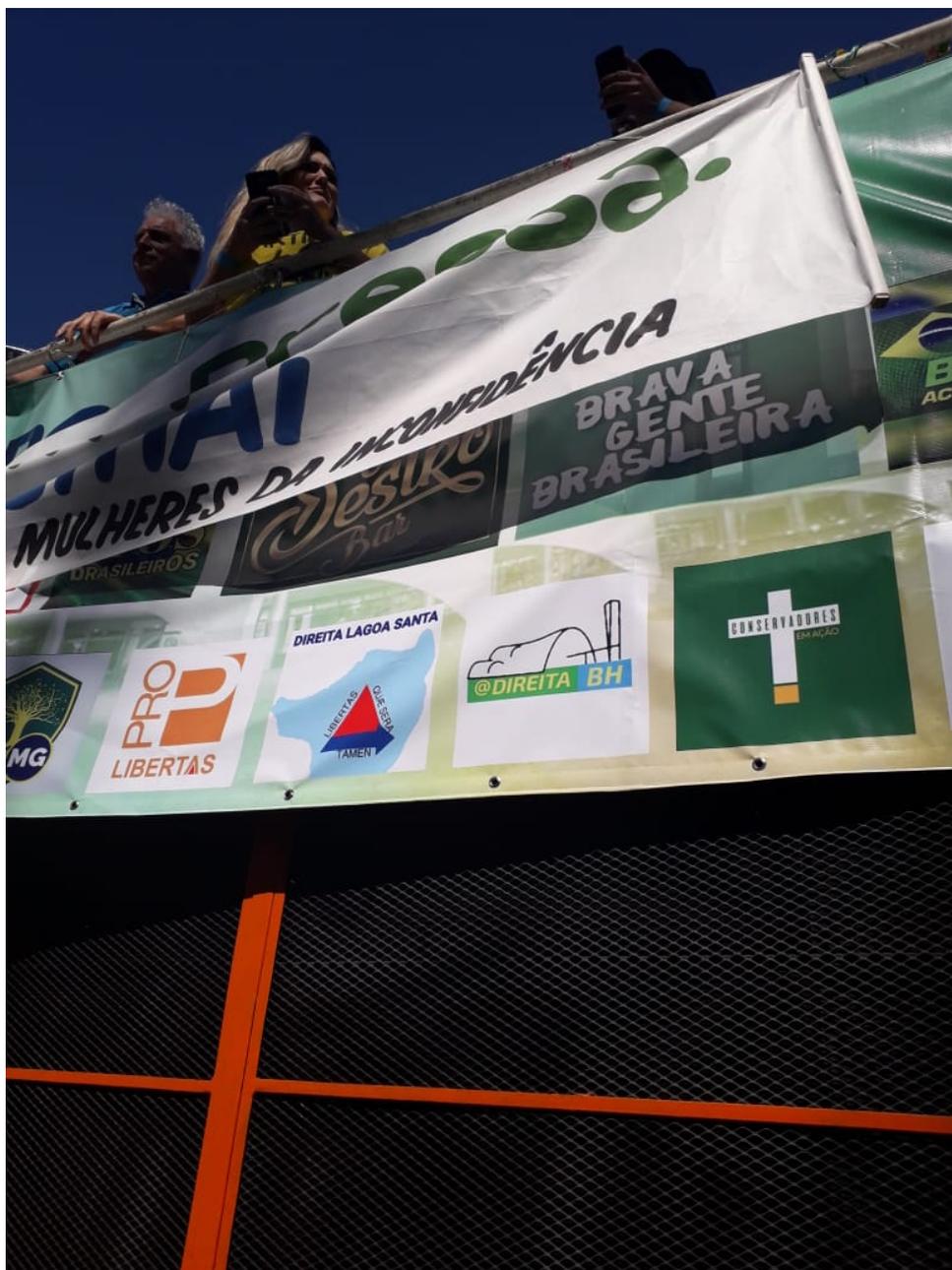
Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 20 – Manifestantes cantam o hino nacional ao final de um protesto.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 21 – Cartaz com as logomarcas de vários movimentos.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 22 – Caminhão com lideranças do movimento monarquista



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 23 – Caminhão com lideranças do movimento Patriotas.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 24 – Bandeira do movimento Pró-Libertas no coreto da Praça da Liberdade.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 25 – Barraca com ativistas do Partido Novo e do movimento Desperta Já



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 26 – Bandeira do movimento Direita BH.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 27 – Manifestantes em um protesto na Praça da Liberdade.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 28 – Membros do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira participam de um protesto do campo.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 29 – Barraca do movimento Pró-Libertás.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 30 – Cartaz de protesto contra o STF.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 31 – Bandeira do movimento Bros.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 32 – Cartaz de protesto com logomarca do Partido Novo.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

Figura 33 – Barraca com membros de um movimento a favor da Polícia Federal.



Fonte: Autoria própria. Foto tirada durante a observação dos protestos do campo entre 2017 e 2020.

## 5 Estabilização do campo: lógica de funcionamento, consensos e identidades emergentes

As análises do último capítulo focaram nas duas primeiras questões da tese, que versam sobre o momento de formação do campo. Neste capítulo o foco é sobre o momento de estabilização do campo e sobre configuração interna do campo resultante desse processo. Queremos entender se o campo de ativismo de direita em BH chegou a se estabilizar e quais os consensos, padrão de relações sociais e formas de identidade coletiva emergiram no campo.

Nesse sentido, vamos responder as três últimas questões colocadas no capítulo teórico: (1) Qual a lógica de funcionamento do campo? Ou seja, quais as dinâmicas de competição, coerção e de cooperação existentes entre os atores coletivos do campo? (2) Quais consensos/conflitos emergiram em torno da questão das fronteiras, do pertencimento e das regras de funcionamento do campo? E (3) quais identidades coletivas emergiram no campo e como elas impactaram o processo de estabilização e a configuração interna do campo?

### 5.1 Um campo estável? Consenso e conflitos sobre valores, normas e pertencimento ao campo

Nesta seção vamos analisar os consensos que emergiram entre os atores acerca de éticas, valores e normas sobre o funcionamento do campo e sobre a forma correta de se comportar no campo. Esses valores e normas - assim como as identidades analisadas na seção anterior - ajudam também a definir o pertencimento ao campo.

Segundo a TCAE, a formação de consensos sobre regras, valores e normas sociais entre os atores é sinal de que um campo se estabilizou. Esse consenso, quando existe, diminui a probabilidade de que surjam conflitos destrutivos para a estrutura do campo. Vamos averiguar aqui os valores e normas que emergiram no novo campo de ativismo de direita em BH, e também analisar se alguns consensos chegaram a se formar em torno desses valores e normas.

Para fazer essas análises vamos usar, principalmente, dos dados coletados via entrevistas com as lideranças dos movimentos. Ao examinar esses dados percebemos algumas particularidades de um campo de ativismo no que tange os valores e regras de

conduta dos atores. Um campo de ativismo é um campo informal, quer dizer, é um campo cujas regras e relações sociais não são formalizadas, como acontece, por exemplo, com os campos do Estado (burocracias) e alguns campos do mercado (por exemplo, federação de sindicatos, conglomerados empresariais, etc). Enquanto campo informal, um campo de ativismo não tem as relações entre os atores - e as regras que guiam essas relações - oficializadas em documentos ou outros procedimentos formais.

Outro ponto verificado ao examinarmos os dados, é que não existem no campo valores ou regras firmados por meio de acordos explícitos, frutos de uma deliberação entre os atores do campo. Sendo assim, o que encontramos no campo em termos de valores, normas e regras, são opiniões compartilhadas, que variam, mais ou menos, a depender da posição do ator no campo e a depender do momento do campo. O principal exemplo, nesse sentido, é o conflito existente acerca da aproximação e participação dos atores no mundo da política institucional. Por participação na política institucional entende-se a participação ou apoio a partidos, a participação em eleições ou o apoio a candidatos em campanhas eleitorais. Não há um consenso entre os atores sobre o assunto. Mas os dados permitem ver uma preocupação de várias lideranças sobre esse problema. Alguns atores e movimentos têm um posicionamento absolutamente contrário ao lançamento de candidaturas e/ou ao apoio a candidatos em campanhas eleitorais. Os dois relatos abaixo mostram um pouco disso. Foi esse conflito em torno da possibilidade de lançar candidaturas que causou o conflito no Patriotas, o qual deu origem ao Brasileiros.Bros.

*Apesar de que o movimento já tinha algumas posições de que a gente não defenderia político, a gente não quer defender partido e a gente nunca receberia dinheiro, nem apoio de partido nem de ninguém envolvido com político. O que de fato, para a alegria nossa, a gente pode afirmar que isso sempre aconteceu, a gente nunca recebeu nada, né. Inclusive em uma dessas ocasiões, em uma dessas manifestações que o Aécio estava na praça, e naquela época ainda existia aquela ideia de Aécio contra a Dilma, né, e o Aécio tentou subir no nosso caminhão. E eu pessoalmente não deixei, eu pessoalmente impedi a subida do Aécio. Várias pessoas foram contra “ah, ele precisa subir porque ele é...”. Não, o nosso compromisso é: nós não defendemos políticos, não defendemos partidos. No Nosso caminhão nenhum político subirá e nunca nenhum político subiu aqui.*

- Liderança do Vem Pra Rua Minas.

*“Eles saíram do Patriotas, porque nós decidimos que nós precisávamos entrar na política, como candidatos, era preciso eleger pessoas. E o pessoal que hoje fundou o Bros, eles não concordavam. “Não, a gente não pode fazer isso e tal”. “Cara, a gente não vai conseguir ser um grupo e sustentar esse fôlego durante muitos anos”, porque eu já tava endividado, a gente usava a gráfica Valadão, que é uma gráfica da minha família. A gente imprimia coisas ali e distribuía em Belo Horizonte. Ou seja, a gente tava dedicando o nosso tempo, o nosso dinheiro, nossos recursos, pra fazer política e pra fazer divulgação de campanha contra o establishment que tava dominando o país. E eu pegava e chegava e falava com eles: “olha, nós não conseguimos, nós precisamos ter alguém eleito, nós precisamos de receita, nós não temos dinheiro, se não nós vamos quebrar”. E eles*

*não concordaram, e aí eles pegaram... Cipriano, ele que não concordou, na verdade. “Não, não concordo, não pode haver isso”. “Cipriano, não tem jeito, não tem jeito, a gente não consegue, porque nós tamo tudo quebrado”.*

- Liderança do Patriotas.

Para outra parte do campo o apoio a candidaturas ou partidos não é algo que infringe as regras do campo. Para esses movimento e lideranças, na verdade, esse é um caminho necessário, um meio para alcançar os objetivos do campo. Ao longo dos últimos anos várias lideranças do campo se lançaram em candidaturas, algumas se elegendo, outras não.

A postura de reprovação à aproximação com partidos e candidatos não se restringe às lideranças, mas abarca também os ativistas comuns, quer dizer, os seguidores dos movimentos. Diante disso, existe o desafio para algumas lideranças de convencer os demais seguidores do movimento de que a participação em eleições ou o apoio a algum candidato não é algo absolutamente errado. A justificativa, nesse sentido, quase sempre passa pelo argumento de que é necessário ter representantes das causas de direita nos espaços de representação política.

*[...] quando acabou as eleições ano passado eu falei com a militância, porque a militância de direita, eles ainda são muito restritos. Igual, por exemplo, alguns falam assim “ah, esse negócio de candidato, eu sou apartidário”. Isso, no meu ponto de vista... eu respeito os movimentos que dizem isso, mas no meu ponto de vista é uma grande besteira, né. Porque é melhor eu estar dentro da câmara, eu estar dentro da assembleia, eu estar atuando, do que eu ficar gastando dinheiro, tempo, grana pra ficar colocando o trio elétrico e xingando político que nunca ouviu a voz.*

*[...] Mas dentro da militância eu consigo identificar que nem todos, que alguns são, mas nem todos. Mas aí cada um responde por si. O Direita BH não tem problema nenhum com isso. O Direita BH, além de ser um movimento que luta contra a corrupção, que tem pautas, conservadoras, que apoia o presidente Bolsonaro, é um movimento também que está trabalhando para fazer candidatos.*

- Liderança do Direita BH.

*Claro que não se pode falar em política, em ativismo político sem envolver políticos, os políticos eleitos. Então, tem alguns nomes dentro do partido Novo, os quais eu admiro e os convido para fazer palestra pra gente, mas não necessariamente tem que ser só do Novo... outros partidos, desde que estejam alinhados com o nosso ideal.*

- Liderança do Pró-libertas.

*[...] não vejo [conflito], se não se candidatar, na verdade, você não vai ter representação, sabe?! Você não pode é mudar, tipo, o seu ideal. Por exemplo, eu me candidatei, eu larguei na metade da eleição, porque eu briguei com o Marcelo Álvaro Antônio.*

*[...] No começou o povo achou ruim [se candidatar a eleições e entrar em partidos], no começo o povo achou oportunismo, mas eu acho que*

*todo mundo viu que era uma coisa muito natural, na verdade a direita é muito nova né?! Então assim, a gente foi aprendendo também.*

- Liderança do Brava Gente.

A opinião dos movimentos e ativistas sobre a aproximação com a política institucional não é algo estático no tempo. Em certos momentos, mesmo os movimentos que mais reprovam esse tipo de postura, chegaram a apoiar candidatos. Nas eleições de 2018, por exemplo, praticamente todos os atores coletivos do campo apoiaram a candidatura de Jair Bolsonaro à presidência da república. Portanto, essa postura em relação à participação na política institucional é variável segundo o ator e o contexto histórico. Para alguns atores a aproximação com a política institucional é sempre necessária. Para outros ela é sinônimo de impureza, de afronta a princípios morais do campo; mas esses atores abrem mão desses princípios em alguns momentos específicos, tendo em vista necessidades emergentes. Podemos dizer, enfim, que não existe um consenso sobre essa ética/norma específica. Na verdade, não podemos afirmar que essa é uma ética ou norma para todo o campo, porque ela é cultivada apenas por alguns atores e não por outros.

Esse tipo de fenômeno, ou seja, uma postura dicotômica de atores do ativismo político para com a política institucional, não é uma novidade no Brasil. Outros trabalhos acadêmicos já mostraram fenômenos parecidos em outros campos políticos. Doimo (1995) por exemplo, mostrou como os atores do campo popular - o campo de ativismo de esquerda que emergiu no Brasil entre final dos anos 70 e início dos 90 - também era marcado por uma postura “cambiante” ou “ambígua” em relação à política institucional. Essa postura variava conforme o momento histórico. Até o final da ditadura militar os movimentos populares tiveram uma postura “expressivo disruptiva” (de afastamento e até enfrentamento à política institucional); e após a reabertura democrática tiveram uma postura “integrativo corporativa” (de aceitação e integração à política institucional). No caso do novo campo de ativismo de direita, a postura dos movimentos tem sido mais “dicotômica” do que “ambígua”, já que o campo se divide internamente sobre a ideia de se integrar ou não à política institucional - e só raramente os movimentos que prezam esse afastamento da política institucional flexibilizam essa regra.

Esse conflito em torno da maior ou menor integração à política institucional é apenas o principal exemplo de uma tendência mais ampla de formação de éticas que determinam a conduta dos atores e que servem para balizar a forma como os atores interpretam a ação e o pertencimento dos demais atores ao campo. Com base nos dados, vamos chamar essa forma de ética de “ética da pureza”. Isso porque os atores usam esse tipo de ética para separar movimentos puros de não puros. Além dos discursos sobre se é ou não correto participar da política institucional, existem outros discursos que exemplificam esse fenômeno. Dois exemplos desses discursos estão nas linhas abaixo. No primeiro deles, a separação entre movimentos puros e não-puros é determinada pelo quanto o movimento tem

acesso a recursos para fazer marketing, quer dizer, para investir em campanhas que visam conquistar seguidores nas mídias sociais. Esse tipo de discurso emerge entre movimentos menores, que não possuem grandes fontes de recursos, como é o caso, aparentemente, do Patriotas. No segundo caso, não fica bem claro o que a liderança quer dizer por “movimento político”. Mas o objetivo que seu relato transparece é a separação de movimentos de rua de movimentos que não seriam de rua. Não estamos aqui confirmando o relato da liderança em questão, apenas mostrando como seu discurso também está imbuído de um tipo de “ética da pureza” que procura separar movimentos puros - “movimentos genuínos”, “movimentos de rua” nas palavras da liderança - de movimentos impuros - “movimentos políticos”. É importante ter em mente que esses discursos sobre critérios individuais ou parciais (porque são aceitos apenas por uma parte do campo) para definir movimentos puros e não puros se inserem em uma dinâmica mais ampla de conflitos e disputas por status e poder no campo. O ator que conseguir fazer um critério desse se tornar consenso terá também conseguido impor sua lógica de diferenciação social a todo o espaço do campo. Entretanto, até o momento da pesquisa, nenhum ator havia conseguido tornar esses critérios parciais em um consenso para todo o campo.

*“Mas os movimentos genuínos mesmo, né... e a sua questão ela é de movimentos, de como começou... eles não são os movimentos grandes, os movimentos grandes, eles são feitos de marketing.”*

- Liderança do Patriotas.

*No período da campanha eleitoral eu comecei a ver que tem alguns grupos que têm interesse é político, eles têm uma capa, um vestimento de movimento de rua, mas na verdade eles são é político, inclusive um dos maiores movimentos do Brasil hoje tem a imagem muito desgastada tanto na esquerda, sempre teve, né, e hoje tem na direita, que é o MBL. Porque o MBL não é um movimento de rua, é um movimento político, então tem alguns movimentos aí que eu comecei a perceber que tinham seus interesses. [...]*

- Liderança do Direita BH.

## 5.2 Identidades e estabilização do campo

A literatura sobre a nova direita tem mostrado que esse fenômeno é fruto de um amálgama entre ultraliberalismo e conservadorismo. Vamos aqui ver o quanto essa ideia se aplica ao caso do campo de ativismo de direita em Belo Horizonte, analisando se a identidade política dos atores no campo é realmente um amálgama entre valores conservadores e ultraliberais. Indo além, vamos analisar também como se dá esse amálgama, o que ainda não foi feito em profundidade pela literatura, e qual seu impacto sobre a estabilidade das relações no campo. Será que a identidade desses atores mescla igualmente elementos do conservadorismo e do liberalismo? Há um consenso sobre os elementos que conformam essa identidade política?

As identidades coletivas são uma das bases para a cooperação entre os atores. Identidades moldam interesses e laços sociais. Assim, ao entender como se dão as dinâmicas de identidade dos atores, estaremos avançando no entendimento das causas da instabilidade ou estabilidade do campo.

Vamos começar analisando a identidade política a partir dos relatos dos atores estratégicos. À primeira vista, parece que a identidade desses atores segue o modelo ideal colocado pela literatura: como se percebe nos três relatos abaixo, há um reconhecimento pelos atores de que eles seriam conservadores nos costumes e liberais em pautas econômicas. Isso faz parecer que há um consenso sobre os elementos (e a composição desses elementos) que constituem a identidade política desses atores.

Entretanto, olhando mais detidamente, percebemos uma tentativa por parte daqueles ativistas mais identificados com o conservadorismo de separar o liberalismo entre o “liberalismo econômico” e o “liberalismo nos costumes” e de usar essa separação para tratar os liberais (qualquer um que se identifique como liberal) como sendo menos de direita que os demais atores. Vemos aqui uma primeira fonte de conflitos envolvendo a identidade dos atores. Atores tidos como liberais são também vistos como “liberais nos costumes”. E isso seria, na fala de uma das lideranças, uma razão para a não participação de ativistas de movimentos mais liberais em seu movimento. Nesses relatos, os atores coletivos do campo identificados com o liberalismo são o MBL e o Partido Novo. Percebe-se que a diferenciação entre liberalismo econômico e liberalismo nos costumes é usada para tentar demarcar as fronteiras da direita, para reconhecer quem pertence e quem não pertence ao campo. Fica subentendido que os atores mais liberais seriam menos de direita do que os conservadores. Em uma das falas, aqueles movimentos que se identificam com o liberalismo são vistos como pertencendo à esquerda - uma “*esquerda fabiana*”.

Para essas lideranças, haveria mesmo uma dificuldade em separar o que é direita e o que é esquerda. O parâmetro para fazer essa diferenciação estaria nas pautas mais conservadoras: se o ator em questão defende pautas que não são afeitas ao conservadorismo, então ele não é de direita. Conservadorismo e direita são vistos quase como sinônimos. Isso indica que o liberalismo econômico, para algumas lideranças conservadoras, não é uma pauta definidora do que é ser de “direita”; o liberalismo econômico é secundário na definição do pertencimento à direita.

*“[...] É, por exemplo, eu nunca vou apoiar a liberação de drogas. “Ah, não, a gente tem que conversar”. Não, eu acho que tem algumas questões que a gente não tem que conversar. Porque, por exemplo, uma plantinha de maconha vai te abrir portas para muita coisa, né. Eu parto do princípio da mesma filosofia que o presidente Bolsonaro tem. O ser humano só respeita aquilo que teme. Mas aí vem a esquerda e fala “mas e as liberdades individuais?”. Eu sou pai e eu amo minhas filhas e eu amo elas, faço de tudo para elas, para cuidar delas, mas não dou total liberdade entendeu? Então eu vejo que essas liberdades individuais que a esquerda tanto que, são um caos para a sociedade brasileira, porque se a pessoa começa com*

*uma pontinha de maconha e aí vem uns movimentos igual o MBL, que quer ser progressista, que quer relativizar, que quer discutir o assunto. Então são coisas, né... Igual, por exemplo, é uma questão muito polêmica, né, a questão do aborto, né. Eu acho que aí cabe até uma discussão entre o que a legislação já rege, né, que são três casos específicos para se fazer o aborto no Brasil, mas querer liberar o aborto a torto e direito como a esquerda faz eu também não concordo [...] Então o movimento conservador ele vai lutar por isso, o liberal no mercado não. Ele vai pensando é no liberalismo mesmo [...] É, privatização, aí nós estamos falando de liberalismo de mercado, né, na questão econômica, mas eles são liberais na questão das drogas também.”*

- Liderança do Direita BH.

*“Conservador, hoje eu me entendo como conservador [...] O conservador, ele é mais voltado para as pautas dos costume, mas o conservador, ele é mais prudente, ele não é reacionário, ele não é revolucionário, ele aproveita o sistema mexendo principalmente na pauta dos costumes, mantendo tradições, né. Esse é o conservador. Por exemplo, aborto, são pautas inimagináveis para um conservador, o conservador é a favor da vida em qualquer situação, então ele não apoia. Cotas raciais, são contra os nossos valores porque conservador acredita que o direito tem que ser igual para todos e não para só uma classe. O liberal hoje, é o liberal mais da economia né, ele acredita mais no Estado mais enxuto, de menos tributo, basicamente é isso. O liberal, hoje, aqui em Minas, particularmente é isso, ele acredita mais no liberalismo econômico, do indivíduo, que o indivíduo tenha mais liberdade de produzir, de empreender, sem tanta intervenção do Estado.*

*[...] os grupos de liberais, eles são muito ecléticos. Há aqueles que são a favor [do aborto], outros que são contra, outros que ainda estão em dúvida, depende, ele impõe situações para ser a favor ou não. E esses passeiam bem, essas pessoas passeiam bem entre os liberais. Porque isso também faz parte do liberalismo, de ser liberal, aceitar a liberdade de pensamento do outro. Já o conservador não. O conservador é categórico. Se você é conservador, você não pode ser a favor do aborto, se você é conservador você não pode ser a favor do feminismo, se você [é conservador] você não pode ser a favor das cotas raciais. É um pouco mais radical, mas é isso. Se você é conservador, você é cristão.*

*[...] É muito, o conservador aqui, ele adota práticas liberais na economia. Quando eu te falei que o Novo passeia bem entre os da Direita, é por causa disso. No Novo, apesar das pautas de costume ser livre, ou seja, os apoiadores podem apoiar ou não o aborto, podem apoiar ou não o feminismo, podem apoiar ou não cotas raciais, ele consegue passear bem entre os conservadores porque os conservadores também defendem a pauta econômica liberal. Entendeu? Essa é a essência, hoje, do fenômeno. Eu não posso falar pelos outros estados, mas aqui em Minas é isso que está acontecendo.*

*[...] O conceito de esquerda e direita hoje, ele está muito distorcido, né. A gente não consegue mais definir quem é de esquerda e quem é de direita. Eu consigo fazer essa definição pela pauta dos costumes, como eu te disse. Quem é conservador é de direita, quem é de esquerda defende pautas como feminismo, cotas raciais, como bolsa família, né, como feminismo. É interessante que o bolsa família é uma coisa que os liberais defendem na economia para diminuir as desigualdades, mas como uma porta de saída, para que não seja só assistencialismo, tem que ter uma porta de saída para que a pessoa não viva desse assistencialismo para sempre. Essa é uma pauta que os conservadores aceitam. Dentro do liberalismo*

*econômico [...] Não, ele não é de direita, o liberal mesmo ele não é de direita, é uma esquerda fabiana, vamos dizer assim.”*

- Liderança do Pró-Libertas.

*“E aí foi passando o tempo, a gente foi ler o estatuto do Partido Novo e vimos que era um estatuto absolutamente genérico. Ou seja, como ele não tinha uma posição de direita, ele cabia qualquer coisa. Ele não era um estatuto dizendo “o Partido Novo é um partido de direita, que defende os costumes, o conservadorismo, que defende a família, que defende isso, aquilo”. Não tinha nada, era uma coisa absolutamente genérica, e a gente desconfiou.”*

- Liderança do Patriotas.

Quando analisamos as falas de lideranças mais identificadas com a figura do “liberal”, percebemos outra visão sobre o que é ser de direita e sobre a relação entre “conservadorismo moral” e “liberalismo econômico”. Nas falas abaixo, percebe-se como esses atores reconhecem, ainda que implicitamente, que existe uma disputa sobre o que é ser de direita e sobre quem seria mais de direita no campo. A fala desses atores mostra uma reação a uma possível ideia existente no campo de que apenas os atores conservadores seriam de direita. Isso fica mais claro no primeiro comentário abaixo. A reação a essa noção de que os atores mais identificados com o conservadorismo seriam mais de direita do que os demais passa pela estratégia de deixar as pautas conservadoras em segundo plano na definição do que é a direita. Outra reação a essa noção passa por considerar os atores mais conservadores como “radicais”, “extremistas”. Essa estratégia coloca os atores com perfil liberal numa posição mais central no campo, enquanto os conservadores, bolsonaristas, etc, são vistos como os extremos do campo. Nesse ponto, há uma tentativa de aproximar os conservadores à esquerda, já que ambos - na visão dessas lideranças - seriam extremistas.

*Ser de direita é você querer um estado mínimo, sabe? Um estado enxuto, você querer segurança, saúde e educação em primeiro lugar, sabe? Que olha pro povo, que olhe pra necessidade do povo, e não em volta, é isso que é ser de direita. [...] [Sobre pautas conservadoras] Aí são pautas, aí não é questão de você ser de direita, aí vem pautas. Pautas conservadoras são pautas anti-aborto... [...] Aí tem pautas conservadoras que eu apoio e tem outras que não, e pode ter até pautas de esquerda que eu vou concordar, mas mesmo assim eu sou de direita.*

*[...] [Sobre pautas conservadoras] Isso não é direita, pró-vida, esses negócios, não é direita. Esses pró-vida, que vinha da igreja, que são todos assim, não são movimentos de direita, eles são conservadores, isso não quer dizer que eles são de direita, o movimento de direita surgiu depois da eleição [...] Eles falam “ah, mas a gente... é pró-vida, isso veio antes”. E isso quer dizer o que? Eu tenho gente de direita que é favor do aborto, eu não sou. E isso quer dizer que você é conservador. Na direita tem o liberal e tem o conservador.*

- Liderança do Brava Gente Brasileira.

*[...] “Nós somos liberais conservadores”. Não. As pessoas não sabem o que é isso, até hoje não sabem, eu estou falando da grande maioria,*

*as pessoas não sabem o que é isso, né. Os bolsonaristas muito menos eles, não fazem ideia do que significa a palavra liberalismo e o que é conservadorismo, né?! Eles não sabem o que é isso, né?! É lógico que fazendo uma referência ao Bolsonaro eu estou te dando uma pista de qual é a nossa compreensão. Nossa compreensão sempre foi de defender a democracia e não defender a direita. Isso é uma interpretação equivocada que a imprensa faz de vez em quando ela faz um nota com a gente, alguns jornalistas mais conhecidos. E eu fico poxa, mas você sabe o que que a gente pensa. Tá colocando a gente no mesmo pacote de alguns outros movimentos que radicalizam, uns que são de extrema direita, os outros que pensam no conservadorismo, que eu chamo dentro do movimento... eu falo assim que às vezes o Bolsonaro quer instaurar uma Sharia. Porque no Brasil né... é uma expressão que eu uso para ele, né. E as pessoas ficam: você não é de direita, não defende o Bolsonaro? Não, a gente não defende ninguém, a gente defender o Estado Democrático de Direito. É uma coisa que eu sempre faço questão nos [palavra incompreensível] que eu faço para a imprensa. A gente quer defender o Estado Democrático de Direito, a gente acha que oposição é necessária e a oposição não deve receber violência de nenhum dos lados. Por isso a gente também não aceita que os outros sejam violentos com a gente. Os outros são a esquerda e são o Bolsonarismo, ou seja, os extremistas de qualquer área que seja, isso é uma coisa bem clara para a gente [...]*

- Liderança do Vem Pra Rua Minas.

*Não, com o pessoal que chamou essa primeira manifestação lá. Pessoal mais militarístico, mais conservador, mais radical, que não é a minha praia. Eu sou um liberal, alguns até me chamam de esquerda. E olha que eu sou conservador, eu tenho um viés conservador, mas eu sou totalmente liberal. Então eu aceito uma série de coisas que conservadores desses mais ferrenhos religiosos não aceitam de jeito nenhum. Mas não foi por isso, eu tive problemas com eles porque eles me acusaram de ser esquerdista.*

- Liderança do MBL Minas.

Pensando no processo de estabilização do campo, o que podemos concluir desses dados é que falta um consenso sobre o que é ser de direita. A noção de direita é reclamada por atores que ocupam as mais diversas posições no campo, mas não há uma concordância entre eles sobre os critérios para definir o que é direita e o que não é. Alguns atores usam mais elementos do conservadorismo para se definirem politicamente e para definirem o que é a direita, enquanto outros usam mais elementos do liberalismo para tanto. Isso mostra que o “amalgama” entre ultraliberalismo e conservadorismo, que estaria na origem da nova direita, segundo a literatura, é bastante instável. Se esse amalgama foi uma das fontes da nova direita, já que permitiu a junção de vários grupos de direita em um mesmo campo, ele também é, em certa medida, um elemento importante para a desestabilização desse espaço de ativismo. É em torno dessa definição sobre o que é a direita e sobre o lugar do conservadorismo e do liberalismo nessa definição, que se dão alguns dos principais conflitos do campo.

As análises acima, sobre a identidade dos atores do campo, se resumem ao nível dos atores estratégicos. Podemos expandi-la, para capturar também a percepção que os seguidores do campo - aqueles ativistas menos importantes, que não cumprem a função

de atores estratégicos - possuem acerca de sua identidade política. Será que há indícios, entre os seguidores do campo, das mesmas disputas e incertezas em torno da definição de direita e do pertencimento ao campo? Será que há indícios de que o “amálgama” entre conservadorismo moral e ultraliberalismo, que estaria na base da nova direita, também é instável entre esses seguidores?

É possível entender essas dinâmicas de identidade entre os seguidores do campo através do uso de dados do Twitter. Para coletar esses dados, usamos de técnicas de *webscraping*. Nesse sentido, usamos a API do Twitter por meio do pacote “*rtweet*”, da linguagem R. Coletamos dados dos seguidores de apenas oito dos movimentos do campo em Belo Horizonte, quais sejam: MBL Minas, VPR Minas, Direita Minas, Mulheres da Inconfidência, Conservadores em Ação, Brasileiros.Bros e Saia da Bolha. Incluímos nessa análise também a conta do Partido Novo-MG, já que militantes deste partido participaram e ajudaram a organizar vários dos protestos de direita que existiram em BH nos últimos anos. Restringimos a coleta de dados a esses oito movimentos porque somente eles apresentavam conta no Twitter. A coleta se deu em Setembro de 2019. Portanto, as análises sobre a identidade política da nova direita realizadas a seguir não podem ser generalizadas para todo o período desta pesquisa. Os resultados dessas análises resumem bem a identidade política dos seguidores dos movimentos apenas nos meses próximos à data da coleta.

Foram coletados dados de cerca de 21 mil usuários. Seguindo as regras do Twitter, esses dados foram tratados e analisados de maneira agregada. Isso quer dizer que nas análises realizadas a seguir não aparecem os nomes ou qualquer informação que permita inferir a identidade dos seguidores. Isso garante o anonimato dos usuários, evitando qualquer possibilidade de dano à privacidade dos mesmos. Além disso, é importante pontuar que a API do Twitter só disponibiliza informações públicas da plataforma. Ou seja, todos os dados usados nas análises são de caráter público.

A descrição do perfil é também conhecida como “*Bio*”. Ela é usada geralmente como uma forma de resumir a personalidade do usuário. É comum que apareçam na *Bio* frases famosas, ou a profissão da pessoa ou o time pelo qual ela torce, por exemplo. Ao fazer um observação da *Bio* de pessoas que seguiam contas com perfil político percebi que as mesmas continham muitos termos e frases que faziam referência à sua identidade ou preferências políticas. Verifiquei que o mesmo fenômeno se repetia nos casos dos seguidores de perfis típicos da nova direita. Os textos das “*Bio's*” costumam ser curtos, mas contêm termos chaves que resumem bastante a personalidade das pessoas. Alguns exemplos de termos usados pelos seguidores de perfis da nova direita são “conservador” e “direita”. É comum também o uso de *hashtags* ou frases, como “direita segue direita” ou “por um Brasil sem corrupção”. É esse tipo de dado textual que analisaremos aqui.

Os textos coletados do perfil dos cerca de 21 mil seguidores passaram por um processo de limpeza, no qual se retirou os seguintes elementos: números, acentos, pontuações,

caracteres não-alfanuméricos *emojis*, *emoticons* e um conjunto de mais de 3.500 *stopwords*. *Stopwords* são palavras que não interessam para a análise de dados textuais, como, por exemplo, “de”, “para”, “com”, “que”, etc (SILGE; ROBINSON, 2017; GRIMMER; STEWART, 2013).

Com esses dados, produzimos redes de coocorrência de palavras. Nessas redes, duas palavras possuem um laço se elas aparecem juntas em um número especificado de documentos. Primeiramente, quando duas palavras coocorrem muito na Bio de um seguidor, significa que o sentido delas não é contraditório. Na verdade, elas são complementares. Por exemplo, quando um usuário escreve em sua Bio as palavras “pai, conservador e pró-vida”, ele está citando palavras cujos sentidos são complementares do ponto de vista da descrição de seu perfil ou identidade política. Assim, quanto mais duas palavras coocorrem maior é o indício de que elas são parte de uma mesma narrativa sobre a identidade e as pautas políticas dos seguidores do campo. Podemos levar esse raciocínio um pouco adiante e imaginar que, em uma rede de coocorrência de palavras, um *cluster*/clique, ou seja, um lugar da rede com uma densidade relacional muito alta, é na verdade um conjunto de palavras que fazem parte de uma mesma narrativa política (BASOV; NOOY; NENKO, 2019).

Na figura 34 está a rede com o valor de coocorrência igual ou maior que 50. A largura dos laços é determinada pela quantidade de vezes que as palavras coocorrem. A imagem contém apenas o componente principal da rede; foram retiradas da imagem 7 díades que estavam soltas na rede. O que essa imagem mostra é o núcleo da narrativa que os seguidores do campo (quer dizer, os seguidores dos movimentos do campo que possuem conta no Twitter) usam para se definir politicamente, ou seja, para expressar sua identidade política nas mídias sociais. Como se percebe, no centro dessa narrativa estão valores e pautas mais ligados ao conservadorismo moral do que valores e pautas ligados ao liberalismo. As palavras mais centrais nessa rede são “brasil”, “deus”, “direita”, “conservador”, “cristão” e “família”. Há vários outros termos que fazem referência à família, como “pai”, “mãe”, “casado”, “casada”, “esposa”, etc. As únicas palavras mais ligadas ao liberalismo econômico são “liberal” e “livre”, mas essas duas palavras são bastante periféricas na rede. Isso é um indicador de que, no amálgama ideológico que tem facilitado a existência do campo, os elementos do conservadorismo têm sido mais preponderantes que aqueles elementos ligados ao ultraliberalismo.

Essa análise, entretanto, tem um certo viés, porque a maior parte dos 21 mil seguidores são de movimentos com perfil conservador, como o Direita Minas. Podemos verificar se mesmo os seguidores de movimentos mais liberais também tendem a se posicionar mais como conservadores do que como liberais. Fizemos uma nuvem de palavras para os seguidores de cada movimento. Nas nuvens (ver figuras 35, 36, 37, 38, 39 e 40, abaixo), termos mais ligados à identidade de conservador, como “conservador”, “cristão” “família”,



também possuem alta frequência entre movimentos cujas lideranças se consideram mais liberais, como MBL Minas e Vem Pra Rua Minas. Na nuvem do MBL Minas, termos como “liberal” e “liberdade” têm menos frequência que termos ligados à identidade conservadora.

Figura 36 – Nuvem de palavras: texto no perfil dos seguidores do Direita Minas

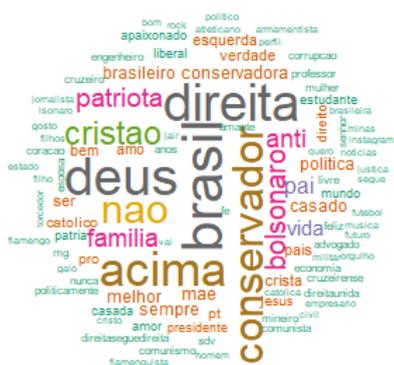


Figura 37 – Nuvem de palavras: texto no perfil dos seguidores do Conservadores em Ação



A análise da rede de coocorrência também revela como o conceito de direita é sinônimo de conservadorismo. Isso fica claro na Tabela 2, abaixo, que mostra os dez laços mais valorados contendo a palavra “direita”. Os dez termos ligados aos quais esse conceito está mais ligado são típicos do vocabulário conservador. Enfim, esses dados também são uma prova da preponderância de elementos do conservadorismo na mistura ideológica que tem caracterizado o campo.

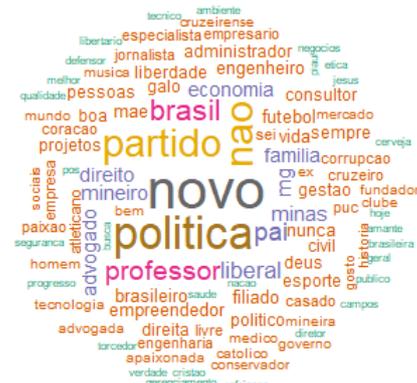
Já que a maioria dos seguidores dos movimentos do campo têm uma identidade política mais voltada para o conservadorismo, podemos olhar também o quanto que esses seguidores conservadores usam de termos ligados ao ultraliberalismo para se definirem politicamente. Para isso, filtramos no banco de dados apenas os perfis que citam o termo “conservador”. Depois filtramos dentro desses perfis aqueles que fazem referência a palavras ligadas ao vocabulário ultraliberal, no caso, palavras que contenham algum dos seguintes termos: “liber” (de libertários, liberal, liberdade, liberalismo, etc), “livre” (de livre mercado, livres, etc), “mínimo” (de Estado mínimo). Dentre os perfis que citaram expressamente a palavra “conservador” (798), apenas 9.7% (78) citaram algum dos termos ligados à tradição liberal. O que mostra que boa parte dos atores que se consideram conservadores não fazem questão de expressar valores liberais ao se definirem politicamente.



Figura 40 – Nuvem de palavras: texto no perfil dos seguidores do MBL-Minas



Figura 41 – Nuvem de palavras: texto no perfil dos seguidores do Partido Novo



de ser conservador. Esses atores dividem o liberalismo entre “liberalismo econômico” e “liberalismo nos costumes” e usam essa divisão para aproximar os atores que têm uma identificação com qualquer forma de liberalismo, à esquerda.

Por outro lado, aqueles atores mais ligados à identidade liberal tratam as pautas conservadoras como secundárias na hora de definir os critérios de pertencimento à Direita; eles também buscam colocar os atores identificados com o conservadorismo em uma posição mais radical no espectro ideológico, aproximando-os, por outra via, da esquerda. Essas diferenças na forma de se identificar e na forma de estabelecer critérios de pertencimento à direita, são uma prova de que o campo não chegou a se estabilizar por completo, quer dizer, não chegou a desenvolver um consenso sobre certos tipos de conhecimento que são fundamentais para determinar as relações sociais entre os atores. São também indícios dos conflitos e das diferentes alas que se formaram no campo, como veremos na próxima seção.

### 5.3 Lógica de funcionamento: relações de cooperação e competição entre os atores do campo

Nesta seção vamos responder a última pergunta colocada para esta tese: qual a lógica de funcionamento do campo? Está mais para uma lógica de coalizões políticas ou para uma lógica de hierarquias sociais? Para responder essa questão devemos entender como se dão as relações de competição, coerção e cooperação entre os atores do campo. A

lógica de funcionamento de um campo é resultado do padrão de relações de competição, cooperação e coerção que persistem nesse espaço social.

O campo de ativismo da nova direita em Belo Horizonte é relativamente recente. Entre 2014, quando tudo começa, e início de 2020, o final do período analisado por essa tese, o campo passou por mudanças constantes, com a estrada de novos atores em diferentes momentos. Encontramos três ondas de expansão do campo nesse intervalo de tempo. A primeira onda se dá após as eleições presidenciais de 2014 e vai até os primeiros protestos da campanha pelo impeachment. Nessa onda se formaram os movimentos Indignados, Patriotas, MBL-Minas e Vem Pra Rua-Minas. Na segunda onda, que se deu ao longo da campanha do impeachment, se formaram movimentos como Mulheres da Inconfidência, Brasileiros.Bros e Direita Minas. Passado o impeachment, o campo ficou aparentemente estável. Mas foi nesse período que começou a emergir a figura de Jair Bolsonaro; foi o momento em que os movimentos bolsonaristas, particularmente o Direita Minas, ganharam mais centralidade. Esse processo teve seu auge na campanha eleitoral de 2018, quando aconteceu a terceira onda de formação de movimentos, com o surgimento do Pró-Libertas, do Direita BH e do Conservadores em Ação.

As relações mudaram bastante entre os atores durante todo esse período. Numa primeira visada, olhando apenas para as falas das lideranças (no momento das entrevistas, em 2019) acerca das relações entre os principais movimentos do campo, identificamos dois padrões de relacionamento entre os movimentos: primeiro, um maior distanciamento entre movimentos mais conservadores e movimentos mais ligados à identidade liberal. Movimentos como MBL Minas, Vem Pra Rua Minas e militantes do partido Novo, tidos como tendo um perfil mais liberal, são menos estimados pelas lideranças de movimentos mais conservadores. E o contrário também parece acontecer: lideranças de movimentos com perfil mais liberal tentam se distanciar dos movimentos mais conservadores. Os diálogos mostram um pouco disso.

*A gente tem problema com alguns movimentos, né, por exemplo, o MBL. O MBL, eles não participam do Direita BH, como líder eu não aceito. Embora eu conheça os líderes, né, a liderança do MBL, gosto muito deles, mas não é nada pessoal, eles não participam do Direita Bh porque eles não são conservadores, são liberais.*

- Liderança do Direita BH.

*Você perguntou do Partido Novo. Olha, naquela época Partido Novo ainda não tinha... tinha homologado já, mas eles estavam colhendo assinaturas pra que o partido fosse definitivamente válido e pudessem ter candidatos, naquela época não tinha. Mas nós ficamos desconfiados do Partido Novo.*

*[...] E aí foi passando o tempo, a gente foi ler o estatuto do Partido Novo e vimos que era um estatuto absolutamente genérico. Ou seja, como ele não tinha uma posição de direita, ele cabia qualquer coisa. Ele não era um estatuto dizendo “o Partido Novo é um partido de direita, que defende os costumes, o conservadorismo, que defende a família, que defende isso,*

*aquilo”. Não tinha nada, era uma coisa absolutamente genérica, e a gente desconfiou.*

- Liderança do Patriotas

*[...] Então eu comecei a me desvincular, recentemente eu me desvinculei do partido Novo por entender que meu aspecto é mais de direita conservadora. Então aborto, feminismo, essas pautas para mim, cotas raciais então essas são pautas que eu não defendo. Então me desfiliei do Novo, tô aguardando, agora possivelmente o presidente da república deve formar um partido, provavelmente conservador, ao qual eu devo me filiar.*

- Liderança do Pró-Libertas.

*[...] Não temos nem diálogo com o Direita Minas, de movimentos extremistas a gente quer distância.*

*Então, há pessoas que querem apoiar o Bolsonaro, nós não apoiamos o Bolsonaro, nós apoiamos a governabilidade. Se surgir alguma acusação séria que possa implicar o impeachment do Bolsonaro mais eu não tenho dúvidas que nós vamos às ruas para apoiar o impeachment do Bolsonaro.*

*[...]*

*[...] Não. Isso aí é uma coisa que dentro do movimento não tem um acordo a respeito disso. Eu, particularmente, por exemplo e várias pessoas do conselho [do movimento Vem Pra Rua-Minas], achamos que essa discussão do Escola Sem Partido é uma estupidez.*

- Liderança do Vem Pra Rua Minas.

Mas há também atritos entre os movimentos com perfil mais conservador, particularmente entre o Patriotas e o Direita Minas. O conflito, nesse caso, parece ter razões geracionais. O Patriotas entrou no campo primeiro, ainda em 2014, enquanto o Direita Minas entrou depois, na campanha pelo impeachment. Porém, apesar de ser um movimento mais recente, o Direita Minas angariou mais seguidores e se tornou a principal referência das causas conservadoras e do bolsonarismo no campo.

*O Direita Minas, nós nunca fomos inimigos do Direita Minas. Mas o Direita Minas, de certa forma, usurpou do trabalho que o Patriotas fez. Eles apareceram do nada, de lugar nenhum.*

*[...] Nós não fomos adversários deles. Digo que eles surgiram bem depois. Nós inclusive tentamos ser amigos, mas eles é que mantêm-se assim um pouco afastados. Não sei por que motivo. Mas nós somos amigos de todo mundo, Patriotas, ele era assim, amigo de todo mundo.*

- Liderança do Patriotas.

O maior distanciamento entre movimentos mais conservadores e aqueles tidos como mais liberais espelha outra polarização aparente no campo: aquela entre bolsonaristas e não-bolsonaristas. O crescimento da influência de Jair Bolsonaro afetou a dinâmica de status dos atores no interior do campo. À medida que Bolsonaro ganhava apoio na opinião pública, o Direita Minas, que foi o movimento que mais se ligou à campanha de Bolsonaro em Minas, ganhou muita centralidade. O crescimento do bolsonarismo também trouxe

novos atores ao campo a partir de 2018, como o Direita BH, o Conservadores em Ação e o Pró-Libertas. Passadas as eleições, a parte do campo composta por movimentos mais bolsonaristas estava maior e mais forte do que antes. Em 2019, a oposição entre esses dois conjuntos de atores só aumentou. Isso não quer dizer que esses dois polos não conversem ou que não cooperem em momentos pontuais. Vale lembrar, que na campanha de 2018, todos os movimentos, inclusive aqueles considerados mais liberais, apoiaram Bolsonaro. Só depois da campanha que a polarização entre bolsonaristas e não-bolsonaristas se tornou mais visível. Dentre os atores coletivos, o MBL foi um dos primeiros a romper com o governo Bolsonaro, um rompimento que aconteceu a nível nacional. A fala abaixo, da liderança do Brava Gente, mostra bem essa oposição no campo entre movimentos bolsonaristas e não-bolsonaristas.

*[...] Então se você for ver, hoje são dois grupos, o dos bolsonaristas, conservadorismo, Bros, [...] e o nosso, Mulheres da Inconfidência, Brava Gente, Vem Pra Rua e... e o MBL. Então hoje tem dois grupos de direita.*

- Liderança do Brava Gente.

Essa análise dos dados qualitativos nos permite entender um pouco das relações de competição entre os atores. Mas a competição não é a única marca das relações entre os atores do campo. Esses atores competem entre si, mas também cooperam. Assim, temos indícios de que a lógica de funcionamento do campo está baseada, igualmente, em relações de cooperação e relações de competição; é um campo que tende mais para uma lógica de coalizões políticas, sem relações de coerção entre os movimentos e entre as lideranças. Em certos momentos, os atores agem pensando em projetos específicos, projetos que interessam a alguns atores e não a outros. Mas há momentos em que a pauta da vez é de interesse comum a todo o campo. O anti-petismo é tipicamente a pauta que costuma unir todos os atores do campo. Na campanha pelo impeachment e na eleição de 2018 essa foi basicamente a pauta/sentimento que agregou todos os atores do campo. Nesses momentos, atores que costumam competir na maior parte do tempo, estabeleceram relações de colaboração.

*[...] Porque nós que somos militantes, que somos líderes de movimentos de ruas, tem muitas pessoas que simpatizam com a gente e nos ajudam. Doa dinheiro, doa foguete, paga o óleo diesel do trio elétrico, nos ajuda a adesivar, dá uma bandeira. Igual o dia em que eu estava a frente de uma carreta da Lagoa da Pampulha até no QG Bolsonaro, o pessoal do MBL doou 1.000 bandeiras do Brasil, né, pro Direita BH. Então assim, na verdade é todo mundo se ajudando, né.*

- Liderança do Direita BH.

*Nós fizemos uma reunião na padaria, numa padaria, várias pessoas ali do Patriotas. Naquela época já tinha algumas outras pessoas, por exemplo, o Vem Pra Rua, por exemplo [...] o MBL [...] Participaram da reunião. E eu peguei e falei o seguinte: “olha, nós vamos fazer uma medalha, nós vamos entregar ela amanhã, que vai ser uma medalha que vai se*

*contrapor à medalha que o Pimentel tá entregando lá em Ouro Preto”. E aí aquele pessoal se mobilizou e cada um levou uma coisa e falaram “eu vou levar as cadeiras, eu vou levar o tapete, eu vou levar o palanque, eu vou levar isso, eu vou levar aquilo e tal”, e todo mundo levou alguma coisa, né, o outro falou “não, pode deixar que eu vou alugar os toldos, eu vou dar os toldos de presente pro evento”. E aí ele já contratou a empresa, a empresa já montou aquele negócio ali. E no dia seguinte os convidados, os convidados estavam lá na plateia, naquele toldo.*

- Liderança do Patriotas.

Podemos refinar essa análise das relações de cooperação usando de um método de pesquisa mais apropriado, no caso, o método de Análise de Redes Sociais (ARS). A ARS permite entender a dimensão relacional de um contexto social qualquer. Com esse método, capturamos as relações sociais de um contexto social e as estudamos enquanto uma rede, ou seja, enquanto uma estrutura formada por nodos e laços. Com a rede em mãos, é possível usar de uma série de métricas e medidas para entender a dinâmicas relacionais entre os atores. No nosso caso, estamos querendo entender mais das dinâmicas de cooperação entre os atores do campo, a fim de examinar mais detidamente a lógica de funcionamento que se formou no campo como efeito do processo de estabilização. Isso quer dizer que vamos construir uma rede de lideranças. Nessa rede, cada nodo é uma liderança, ou seja, um ator estratégico, e cada laço entre os nodos é um laço de cooperação no ativismo.

Para construir essa rede de lideranças usamos de uma estratégia de coleta de dados que mistura “redes completas” e “estruturas sociais cognitivas” - CSS ou *Cognitive Social Structures* (KRACKHARDT, 1987). Para capturarmos a estrutura relacional de qualquer contexto social o mais correto é construirmos “redes completas” (NOOY; MRVAR; BATAGELJ, 2005; CROSS; PARKER; SASSON, 2003). A construção de uma rede completa passa por saber como cada ator de um contexto social se relaciona com todos os demais atores daquele contexto. Esse procedimento é custoso, porque todos os atores devem responder ao questionário sociométrico. No caso aqui pesquisado, havia uma dificuldade para aplicar o questionário em todas as lideranças do campo. Procuramos, então, construir uma rede completa das lideranças do campo a partir das relações percebidas por algumas dessas lideranças. As “redes percebidas”, ou seja, “estruturas sociais cognitivas”, são aquelas em que a existência de um laço entre dois nodos quaisquer é determinada pela percepção de um terceiro ator (KRACKHARDT, 1987). Na prática, cada ator deve indicar como ele percebe as relações entre todos os outros atores do contexto social analisado. Isso resulta em várias redes que depois podem ser sobrepostas e analisadas como uma só rede.

Mas, claro, captar a rede percebida de todos os atores do campo também é custoso. Por essa razão, resolvemos coletar apenas algumas redes percebidas do novo campo de ativismo de direita em BH e a partir disso construir uma espécie de “*proxy*” de “rede completa” do campo. Isso quer dizer que aplicamos o questionário sociométrico a algumas

lideranças do campo e essas lideranças falaram sobre como elas percebiam as relações entre as demais lideranças. Cada questionário rendeu uma rede percebida. A sobreposição dessas redes percebidas nos dá uma aproximação da rede completa do campo.

Essa estratégia de coleta de dados possui vieses e é importante deixar eles claros. Uma rede percebida por um ator qualquer é sempre fruto do ponto de vista desse ator. Os laços que esse ator percebe podem não existir na realidade intersubjetiva das trocas sociais. Dois atores aos quais foi atribuído a existência de um laço social em comum podem, quando questionados, não testemunhar a existência de tal laço. O conhecimento, a experiência e a posição dos atores no campo são fundamentais para determinar se as informações passadas por eles são corretas. Por isso, resolvemos aplicar o questionário a lideranças que considerávamos serem bem informadas sobre a realidade das trocas sociais existentes no campo.

### 5.3.1 O instrumento de coleta

O questionário sociométrico é constituído de duas partes. Na primeira, usamos de alguns geradores de nomes para levantar os nomes das principais lideranças do campo (CROSS; PARKER; SASSON, 2003). Não sabíamos de antemão quais eram as principais lideranças. Esses geradores ajudaram na construção de uma lista com esses nomes. Foi com essa lista que aplicamos a questão para capturar a rede percebida pelo respondente. Os geradores para construção da lista de lideranças foram os seguintes:

- **Gerador 1:** Nos últimos anos você participou de muitos protestos em Belo Horizonte, não é verdade? Alguns desses protestos foram tão grandes que vários movimentos participaram de sua organização, movimentos como o Vem Pra Rua, o MBL, o Direita Minas, dentre muitos outros. Pensando em todos esses movimentos e em suas lideranças, gostaria de saber quem você considera que foram os ativistas mais atuantes, ou seja, os mais importantes, na construção desses protestos em BH nos últimos 5 anos. Você não precisa conhecer ou ter interagido diretamente com essas pessoas, somente citar aqueles que você considera como os mais importantes para a realização desses protestos. Liste de 5 a 10 nomes.
- **Gerador 2:** Agora gostaria que você falasse sobre o quanto você interage com ativistas de outros movimentos. Sabemos que quando é preciso construir grandes protestos é sempre bom e, às vezes, necessário buscar apoio de lideranças e ativistas de outros movimentos. Bem, pensando nos grandes protestos que você e seu movimento ajudaram a organizar nos últimos 5 anos em BH, quem foram as lideranças e ativistas de outros movimentos que você mais procurou para conversar, buscar apoio e coordenar as atividades nos dias dos protestos? Liste de 5 a 10 nomes.

- **Gerador 3:** Você é um militante político e participa ativamente de movimentos sociais, correto? Nessa condição, gostaria que pensasse nas pessoas com quem você mais interagiu diariamente nos últimos 5 anos para tratar de assuntos relacionados à sua militância política. Liste de 3 a 5 nomes.

Depois que o respondente citava os nomes requeridos nos três geradores, era construída uma lista com todos os nomes. Em seguida era aplicada a questão para obter as informações sobre as relações entre os alteres, quer dizer, entre as lideranças citadas nos três geradores. Essa questão tinha o seguinte formato:

- Pensando nos últimos 5 anos, o quanto “A” interagia com “B” visando organizar protestos ou outras iniciativas que tinham como objetivo defender seus ideais políticos (por exemplo, reuniões ou ações nas mídias sociais)?

O respondente deveria responder essa questão para cada par de nomes da lista. O laço coletado entre esses atores é um laço de parceria no ativismo político, ou melhor, um laço de “colaboração no ativismo”. Além da existência do laço, era pedido que o respondente falasse qual era a força da relação entre cada par de nomes. As opções de resposta nesse caso eram se os nodos interagiam: “muito”, “pouco” ou “nada”.

Um ponto importante a se observar é que cada respondente listava um conjunto de lideranças diferente na primeira etapa da aplicação do questionário. Portanto, a composição da lista de nodos variava conforme cada entrevista. Para coletar mais informações sobre cada par de atores do campo, resolvemos adicionar a lista de nodos citada na última entrevista na entrevista seguinte. Assim, em cada entrevista, já existia uma lista prévia de nodos e a resposta aos três geradores de nomes tinha a função de aumentar o tamanho dessa lista. Na quinta e última entrevista, a rede percebida tinha um total de 43 lideranças. Esse é o número total de lideranças na rede final, construída a partir da soma das cinco redes percebidas. Alguns laços podem ter sido citados apenas uma vez, outros podem ter sido citados nas cinco entrevistas. Para as análises aqui realizadas, consideramos tanto a “rede somada completa”, quer dizer, a rede que é resultado da soma das cinco redes percebidas, quanto a “rede somada sem laços fracos”. Essa última rede, por ter apenas os laços fortes (GRANOVETTER, 1973), é uma representação da parte mais sólida dos laços de cooperação.

As 43 lideranças que estão na rede pertencem ou pertenceram, entre 2014 e 2019, aos seguintes movimentos:

- Patriotas, Vem Pra Rua Minas, Mulheres da Inconfidência, Brasileiros.Bros, MBL Minas, Direita Minas, Pró-Libertás, Direita BH, Brava Gente, MBC-Movimento Brasil Conservador.

Algumas lideranças não pertenciam a um movimento específico, mas estavam ligadas organizações como a juventude do PSL ou lideravam páginas/movimentos (páginas virtuais influentes com status de movimentos sociais), como o Saia da Bolha. Outras estavam ligadas a grupos monarquistas locais.

### 5.3.2 As relações de cooperação e a lógica de funcionamento do campo

Não concebemos as estruturas sociais de um campo como unidimensionais. Essas estruturas são redes de relações sociais e elas variam conforme o tipo de relação social que existe entre os atores. São estruturas “mutiplexas” (LAZEGA, 2001; NOOY; MRVAR; BATAGELJ, 2005). Todavia, a rede que usamos nesta tese é uma rede de laços de “cooperação no ativismo”. Nessa rede, uma densidade relacional alta entre membros de diferentes movimentos pode significar que eles estão em posições próximas do campo (pelo menos em termos relacionais). Essa maior densidade de relações pode ser causada por diferentes fatores, por exemplo, por conta da formação de coalizões passageiras, fomentadas por semelhanças ideológicas e programáticas (proximidade ideológica) entre os atores (DIANI, 2003).

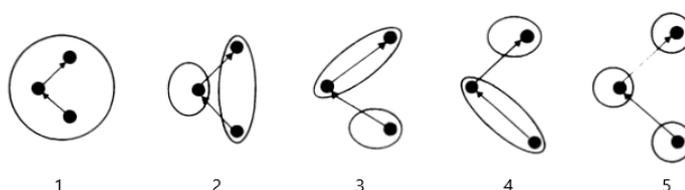
Quando olhamos para a rede de cooperação no ativismo entre as principais lideranças do campo em Belo Horizonte, percebemos que ela se encontra toda conectada em único componente (NOOY; MRVAR; BATAGELJ, 2005). Portanto, todas as principais lideranças do campo se encontram, em alguma medida, associadas. Elas pertencem a um mesmo mundo relacional. Podemos estender esse achado e afirmar que não existem rivalidades destrutivas entre os movimentos a ponto do campo se quebrar em dois ou mais polos. Isso quer dizer que a polarização entre os movimentos em termos de conservadores versus liberais, ou entre bolsonaristas versus não-bolsonaristas, não é suficiente para polarizar o campo em termos de relações de cooperação. Em um cenário de polarização total era de se esperar uma quebra da rede em dois ou mais componentes. Entretanto, na rede formada, lideranças de movimentos diferentes estabelecem relações de cooperação entre si. A Tabela 1, abaixo, traz algumas provas nesse sentido. Essa tabela mostra os scores de *Brokerage Role* - papéis de *broker* - na rede de colaboração sem os laços fracos.

A análise dos papéis de *broker* é baseada no trabalho de Roger Gould e Roberto Fernandez, de 1989, “*Structures of mediation: a formal approach to brokerage in transactions networks*” (GOULD; FERNANDEZ, 1989), em que os autores trazem uma proposta de tipologia de *brokers*. Um *broker* é um ator que faz a intermediação entre dois nodos que estão desconectados entre si (BURT, 2005; GOULD; FERNANDEZ, 1989). Segundo Gould e Fernandez (1989) existiriam cinco tipos de *brokers*: coordenadores, representantes, porteiros, conectores e consultores. Eles estão representados na figura 42. O “coordenador” é aquele que media relações entre pessoas de um mesmo grupo social. O “representante” é

aquele que liga os pessoas de seu próprio grupo com pessoas de outro grupo. O “porteiro” é aquele que controla o fluxo de recursos que vêm de pessoas de um grupo externo em direção ao seu grupo. O “conector” é aquele que liga pessoas de grupos diferentes, mas ele mesmo não faz parte de nenhum desses grupos. E o “consultor” é aquele que liga pessoas de um mesmo grupo, mas ele não faz parte desse grupo.

Para ver o quanto as lideranças de diferentes movimentos estabeleceram muitos laços sociais entre si, devemos prestar atenção particularmente aos scores para *broker* consultor ( $w\_O$ ), *broker* porteiro ( $b\_OI$ ), *broker* representante ( $b\_IO$ ) e *broker* conector ( $b\_O$ ). Todos esses tipos de *broker* pressupõem uma intermediação entre grupos/organizações diferentes, principalmente o *broker* conector. Se os laços entre as lideranças estiverem mais concentrados dentro das fronteiras organizacionais é esperado que os valores para esses quatro tipos de *broker* sejam baixos e os valores para o *broker* coordenador ( $w\_I$ ) sejam altos. Como se percebe na tabela, os valores para o *broker* coordenador são bem baixos quando comparados aos valores para os *brokers* porteiro, representante e conector. Temos um indício de que, apesar das diferenças programáticas e ideológicas (liberais versus conservadores, bolsonaristas versus não-bolsonaristas) entre os movimentos e suas lideranças, estas estabeleceram muitos laços de cooperação entre si nos últimos anos.

Figura 42 – Os cinco tipos de *brokers* segundo Gould e Fernandez (1989)



1 - *Coordinator* ( $w\_I$ ); 2 - *Itinerant Broker* ( $w\_O$ ); 3 - *Gatekeeper* ( $b\_OI$ ); 4 - *Representative* ( $b\_IO$ ); 5 - *Liaison* ( $b\_O$ ).

Mas olhar somente esse dado não nos diz muito sobre a dinâmica de cooperação entre movimentos específicos e sobre os fatores que definem essas relações de cooperação. Para avançar nossas análises, usamos de uma métrica conhecida para detectar comunidades em uma rede: o método de *Louvain*. O método de *Louvain* agrupa os nodos de uma rede em *clusters* com os maiores valores de modularidade. Isso quer dizer que a densidade relacional dentro de cada *cluster* é maior do que a densidade entre os *clusters* (NOOY; MRVAR; BATAGELJ, 2005). Esse método nos permitirá ver como lideranças de diferentes movimentos cooperação entre si, quais as distâncias e proximidades entre elas e quanto o pertencimento organizacional é importante para determinar essas dinâmicas de cooperação.

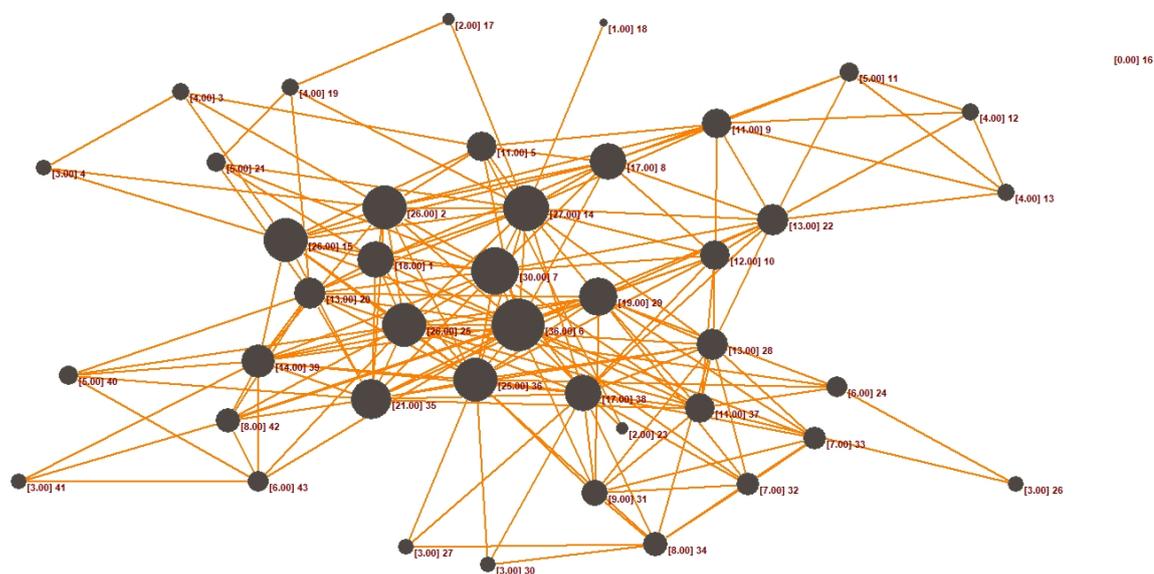
O resultado da aplicação do método de *Louvain* está na figura 44, abaixo. Usou-se modularidade igual a 1 (NOOY; MRVAR; BATAGELJ, 2005). Podemos perceber que o

Tabela 2 – Tabela com os scores de *Brokerage Role* na rede sem laços fracos

Nodo	w_I	w_O	b_IO	b_OI	b_O	t
1	0	0	10	10	24	44
2	12	0	48	48	78	186
3	0	0	1	1	0	2
4	0	0	0	0	0	0
5	0	0	9	9	16	34
6	0	4	34	34	506	578
7	0	0	26	26	176	228
8	14	0	36	36	0	86
9	24	0	11	11	0	46
10	0	0	16	16	14	46
11	4	0	0	0	0	4
12	0	0	0	0	0	0
13	0	0	0	0	0	0
14	14	6	84	84	186	374
15	8	0	38	38	60	144
16	0	0	0	0	0	0
17	0	0	0	0	0	0
18	0	0	0	0	0	0
19	2	0	1	1	0	4
20	2	0	16	16	34	68
21	0	0	0	0	4	4
22	16	0	26	26	10	78
23	0	0	0	0	0	0
24	0	0	6	6	0	12
25	0	0	24	24	204	252
26	0	0	0	0	0	0
27	0	0	0	0	0	0
28	0	0	0	0	72	72
29	0	0	0	0	154	154
30	0	0	0	0	0	0
31	0	0	10	10	2	22
32	0	0	4	4	2	10
33	0	0	4	4	2	10
34	6	0	7	7	2	22
35	0	0	10	10	124	144
36	0	2	21	21	246	290
37	0	0	15	15	18	48
38	6	0	49	49	48	152
39	0	0	25	25	34	84
40	0	0	0	0	4	4
41	0	0	0	0	0	0
42	0	0	8	8	0	16
43	0	0	4	4	2	10

método agrupou os nodos em 4 comunidades. O *cluster* preto é formado por lideranças do Patriotas, MBL, Mulheres da Inconfidência/Brava Gente, Vem Pra Rua e Bros. O detalhe mais importante desse *cluster* é que todas as suas lideranças estavam presentes no momento de formação do campo. Eles são os atores mais antigos dentro do campo, são os fundadores - do campo e dos principais movimentos sociais deste. Boa parte dessas lideranças participou do Indignados. A exceção é o ator 6, que entrou no campo assim que o Patriotas se formou. Os atores 17 e 18 também não chegaram a participar do Indignados, eles são, todavia, fundadores do MBL Minas. Outro fato interessante é que as 4 lideranças com maior centralidade na rede de cooperação estão nesse *cluster* (Ver figura 43. Usou-se o Grau de centralidade para medir a centralidade desses atores na rede.): as lideranças de número 6 (Marcela Valente, fundadora do Brava Gente), 7 (Cipriano, fundador do Brasileiros.Bros), 14 (Cláudio, que ajudou a estruturar o MBL Minas) e 15 (Silas, um dos fundadores do Patriotas). Isso quer dizer que esses são os atores estratégicos com os quais as demais lideranças mais cooperaram. O maior tempo de experiência no campo ajuda a explicar porque eles desenvolveram tantos laços de cooperação.

Figura 43 – Rede de lideranças sem os laços fracos e valorada pela frequência de citação dos laços: Tamanho do nodo de acordo com o valor de Grau de centralidade



O *cluster* amarelo é formado principalmente por lideranças do Vem Pra Rua Minas. Mas essas são lideranças mais jovens do movimento, quer dizer, lideranças que entraram após o momento de criação do movimento. O *cluster* azul é formado por lideranças do Pró-Libertas. Há também lideranças ligadas ao partido Novo e com passagem pelo MBL, ou ligadas ao Desperta Já, um movimento do Novo.

O *cluster* rosa é mais diverso. Ele tem lideranças do Direita Minas, Direita BH, Bros, Movimento Brasil Conservador, da juventude do PSL e monarquistas. Esse *cluster*

e o *cluster* azul citado anteriormente são formados por lideranças mais abertamente conservadoras e apoiadoras do presidente Jair Bolsonaro. Um fato comum a todas as lideranças dos *clusters* rosa, azul e amarelo - com exceção do ator 20 -, é que eles não estavam no momento da fundação do campo, quer dizer, no momento da fundação dos primeiros movimentos do campo, o que inclui principalmente o Indignados e o Patriotas. Eles entraram no campo na segunda e terceira onda de criação de movimentos.

De forma geral, o momento de entrada no campo parece explicar uma parte importante da existência de laços de cooperação entre os atores estratégicos. Entrar em um mesmo momento faz com que as lideranças passem pelas mesmas experiências. Ao longo dessas experiências elas vão interagindo e desenvolvendo confiança umas nas outras. Daí que os laços de cooperação sejam mais densos entre esses atores. Esse fenômeno é mais claro no caso das lideranças mais velhas do campo (*cluster* preto), que pertencem à mesma coorte e passaram pelos mesmos movimentos ao longo de suas trajetórias. Quase todas elas estiveram presentes no Indignados e todas ajudaram a organizar os primeiros protestos pelo impeachment.

Mas parece haver outros fatores, além do tempo de entrada no campo, determinando a formação de laços de cooperação entre as lideranças. No caso do *cluster* rosa, além das lideranças terem entrado todas nas segunda e terceira onda de criação de movimentos - com exceção do ator 20 -, elas também têm um perfil mais conservador e de apoio a Jair Bolsonaro. Ou seja, a ideologia ou identidade política das lideranças é também um fator importante para explicar o fato delas desenvolverem ou não relações de cooperação.

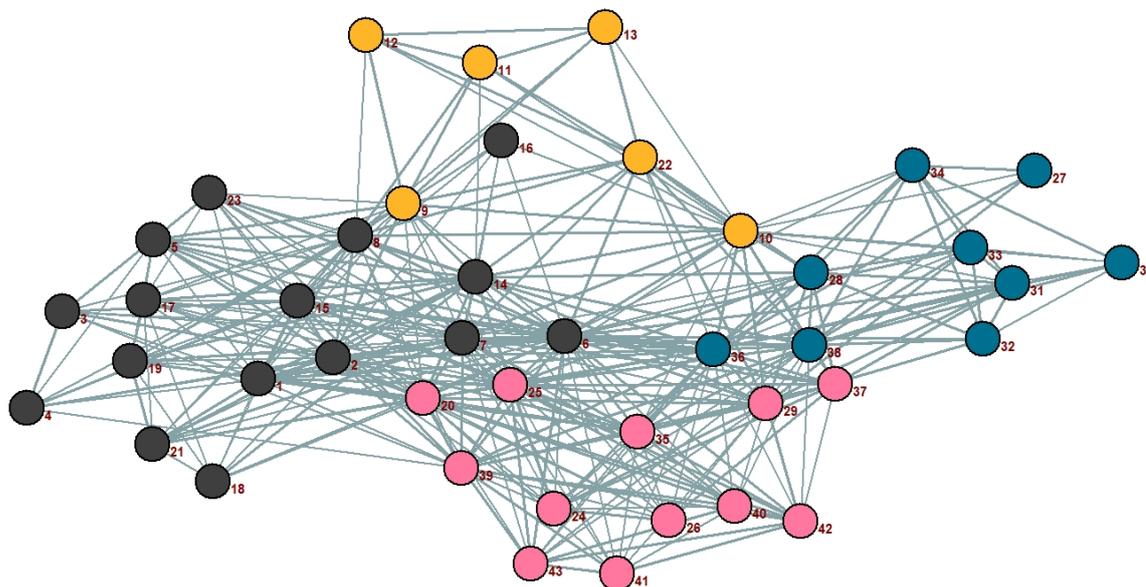
Por fim, o pertencimento organizacional (participação conjunta em um mesmo movimento social) também parece ter influência na formação de laços de cooperação. Nos *clusters* amarelo e azul as lideranças pertencem quase todas ao mesmo movimento.



Neste capítulo buscamos entender os consensos e conflitos que emergiram em torno das identidades e das regras de funcionamento do campo ao longo do processo de estabilização. Procuramos também entender as dinâmicas relacionais que se formaram entre os atores ao final desse processo. Os dados mostram que não se produziu um consenso sobre os valores e normas que orientam o comportamento dos atores (regras de funcionamento). Persistem no campo várias “éticas de pureza”, que determinam quais ações são legítimas e quais movimentos são puros ou impuros. A principal delas, que trata da aproximação entre os movimentos do campo e a política institucional, tem um caráter dicotômico: é consenso entre alguns atores, mas é negada por outros; e às vezes ambíguo: é flexibilizada em alguns momentos pelos atores que as consideram importantes.

Não há consenso também em torno das identidades dos atores. Em outras palavras, o amálgama ideológico entre conservadorismo moral e liberalismo econômico que tem

Figura 44 – Rede de lideranças: nodos agrupados em comunidades a partir do método de Louvain.



caracterizado o campo é bastante desigual e instável. Ao nível das lideranças, aqueles que se identificam como conservadores tendem a colocar o conservadorismo como sinônimo de “direita”. Eles também dividem o liberalismo entre “liberalismo econômico” e “liberalismo nos costumes”. Com base nessa divisão, eles tendem a tratar aqueles atores que se reconhecem a partir da identidade liberal como atores mais próximos da esquerda, portanto, menos de direita. Por outro lado, os atores identificados com o liberalismo também aproximam os conservadores da esquerda, sob a justificativa de que ambos seriam radicais. Eles também procuram reduzir o peso das pautas e valores conservadores na definição do que é “ser de direita”. Ao nível dos seguidores do campo nas mídias sociais, percebe-se uma preponderância dos elementos do conservadorismo nas narrativas usadas pelos seguidores para se definirem politicamente. Dentre os seguidores que se colocam abertamente como conservadores, uma minoria usa de conceitos e valores do liberalismo para expressarem sua identidade política.

Essas diferenças e desigualdades ao nível das identidades dos atores têm efeito sobre as relações sociais do campo. As relações de competição no campo são marcadas pela polarização entre conservadores e liberais, e entre bolsonaristas e não-bolsonaristas. Apesar disso, esses atores cooperam entre si. As relações de cooperação entre as lideranças são influenciadas por fatores como momento de entrada no campo, ideologia e identidade política e pertencimento organizacional. Em resumo, pensando na tipologia de organização dos campos propostas pela TCAE, podemos inferir que o campo está mais próximo de uma lógica de coalizões políticas: os atores competem entre si (influenciados por diferenças ideológicas e identitárias), mas também cooperam, principalmente nos momentos em que

as pautas são de interesse de todos, como é o caso da pauta anti-petista.

## 6 Conclusão

Nesta tese investigamos como a nova direita brasileira se desenvolveu na forma de um campo de ativismo composto por movimentos sociais organizados que fazem tanto ativismo de rua, quanto ativismo virtual. Nosso foco foi em como esse fenômeno se desenrolou na cidade de Belo Horizonte. Esse campo de ativismo é a maior novidade na cena do ativismo político no Brasil dos últimos anos. Sua influência perpassou eventos importantes como o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, o desenrolar da Lava-Jato e a eleição de Jair Bolsonaro para presidente da república. Para entender como esse espaço de ativismo surgiu e se desenvolveu, usamos de uma teoria de campos específica, a Teoria dos Campos de Ação Estratégica. Essa teoria guiou nosso enquadramento inicial sobre esse fenômeno e também a forma como inquirimos acerca dele, quer dizer, a forma como elaboramos nossas perguntas de pesquisa. Seguindo essa teoria, nossas perguntas sobre o surgimento desse novo espaço de ativismo passaram por entender como certos tipos de atores (atores estratégicos), ao interagirem com outros elementos do contexto social em questão (eventos em outros campos, recursos, discursos e interesses vigentes), ajudaram a construir esse campo. Nesse sentido, procuramos também entender sobre o padrão de interação mais amplo entre esses elementos do contexto social de fundação do campo (atores, recursos, oportunidades, identidades, interesses, etc.), ou seja, entender os mecanismos que embasaram o processo de emergência do campo. Por fim, nos perguntamos também sobre a organização e o arranjo interno desse espaço de ativismo.

Ao realizar um estudo de caso na cidade de Belo Horizonte, pudemos entrar nos detalhes das relações dos vários atores que compõem esse espaço de ativismo. Essa foi também uma forma de entender os conflitos, diferenças e semelhanças dos diferentes setores que constituem a nova direita a nível nacional. Ainda que não seja uma amostragem da nova direita brasileira, o campo em BH funciona como um microcosmo dessa direita, reunindo os principais atores e posições vistos no plano nacional. Outra contribuição deste trabalho é o fato de ele acompanhar o desenvolvimento da nova direita em um nível regional e fora do eixo Rio-São Paulo. Os principais trabalhos realizados sobre o tema focaram em como esse fenômeno se deu, de forma generalizada, no nível nacional ou na cidade de São Paulo, daí a atenção excessiva em movimentos como Vem Pra Rua, MBL e Revoltados Online. Um estudo de caso como o nosso mostra como a nova direita vai além desses grandes movimentos, sendo composta também por uma série de pequenos grupos de ativismo pouco citados pela mídia e pela literatura, mas com grande capacidade de mobilização e impacto na opinião pública.

Esta tese também procurou analisar uma faceta da nova direita pouco explorada pelos trabalhos acadêmicos: seu desenvolvimento na forma de um espaço de ativismo

composto por movimentos sociais organizados que atuam nas ruas e nas mídias sociais. A maior parte dos trabalhos tem focado nos protestos, no ativismo virtual, nos discursos/opiniões e nos intelectuais da nova direita, e pouco se atentado para a estrutura de fato dos movimentos sociais organizados que compõem a nova direita. Esse processo de organização da nova direita é importante de ser analisado porque mostra como esse fenômeno ganhou estabilidade e capacidade de se reproduzir ao longo do tempo. Ao se organizarem na forma de um campo de movimentos sociais, os atores da nova direita construíram redes orgânicas de solidariedade e de ativismo. Hoje, podemos dizer que o campo de ativismo criado por esses atores veio para ficar. Eles possuem uma organicidade muito parecida (apesar de terem inovado em seus repertórios, formas de comunicação, etc) com aquela que o campo popular - ou seja, a esquerda brasileira - possuiu nas últimas décadas. Os grupos de ativismo da nova direita estão bem estabelecidos e, por fazerem parte de um mesmo campo, conseguem coordenar suas atividades, mesmo possuindo divergências entre si.

Outra novidade da tese é o fato de procurarmos acompanhar o desenvolvimento da nova direita seguindo a trajetória dos atores que participaram desse processo. Várias pesquisas realizaram trabalhos de campo para coletar a opinião dos atores - ou seguidores - da nova direita, mas poucas acompanharam a trajetória das lideranças e ativistas que construíram os movimentos e protestos de rua desse campo. Nossa abordagem metodológica permitiu entender a evolução desse fenômeno histórico a partir do olhar dos atores individuais que estiveram no centro dos acontecimentos mais importantes para sua constituição.

As análises realizadas nesta tese mostram que os sinais iniciais do campo de ativismo da nova direita em Belo Horizonte apareceram em Junho de 2013. Junho deu o primeiro pontapé na trajetória ativista da maior parte dos sujeitos da nova direita. Mas o surgimento dos primeiros movimentos sociais do campo só se deu a partir da eleição de 2014. Entre Junho de 2013 e as eleições, os atores da nova direita exerceram sua disposição para o ativismo por meio das mídias sociais. No Facebook, Twitter, YouTube e Whatsapp, esses indivíduos começaram a interagir frequentemente e a se distanciarem de atores que tinham pensamentos políticos diferentes - iniciando uma polarização política nas redes -, criando um ambiente favorável para o surgimento de formas de ação coletiva mais avançadas, como movimentos sociais e protestos de rua. Essas comunidades virtuais de direita serviram como bases organizacionais, posteriormente apropriadas por atores emergentes - que vieram a se tornar lideranças da nova direita, como aquelas entrevistadas nesta tese - para a construção de movimentos sociais e outras formas complexas de ação coletiva. Essas comunidades tinham atores que já participavam do ativismo político de direita desde os anos 2000, é verdade, mas elas ganharam muitos novos seguidores, gente pouco acostumada ao mundo ativista, a partir de 2013.

Também mostramos como, diferente do que pressupõe a TCAE, o campo em BH se

formou a partir de ondas de expansão. Foram três ondas de expansão: uma primeira onda, logo após as eleições de 2014, que se estendeu até o início das grandes manifestações pelo impeachment; uma segunda onda durante as manifestações; e uma terceira onda durante as eleições para presidente, em 2018. Nesse período de expansão, o campo nunca chegou a se estabilizar por completo. Cada nova onda trazia novos atores e uma nova arrumação, embaralhando as posições anteriormente ocupadas pelos atores.

Durante cada uma dessas ondas foi criado um conjunto diferente de movimentos sociais. Também em cada onda persistiu um tipo de ator estratégico. Isso traz um novo elemento para ser pensado dentro do contexto da TCAE. Essa teoria não aborda a possibilidade dos atores estratégicos executarem diferentes funções sociais. Melhor, não aborda a possibilidade de que um mesmo papel social (ator estratégico) seja executado de maneiras diferentes em diferentes momentos da trajetória de um campo. Como vimos, os atores estratégicos que participam do momento inicial do campo (atores desbravadores) tendem a inovar mais, criar formas de ação coletiva que não haviam sido criadas até então. Enquanto os atores estratégicos que entram posteriormente no campo (atores estratégicos institucionalizados) tendem a reproduzir as formas de ação coletiva colocadas nas fases anteriores; eles criam novos atores coletivos, mas usando de modelos já prontos.

Ainda sobre os atores estratégicos, nossas análises jogam luz sobre um aspecto não abordado pela TCAE: a origem das habilidades sociais e dos próprios atores estratégicos. A TCAE afirma que as habilidades sociais desses atores são fundamentais para que eles possam criar o campo. A teoria, entretanto, não mostra como essas habilidades surgem, fala apenas que elas estão distribuídas normalmente na sociedade. Dessa forma, não só a origem das habilidades sociais, como também a origem dos atores estratégicos são uma incógnita, já que um não existe sem o outro. Mas nossos dados dão algumas pistas sobre como é o processo pelo qual os atores vêm a se tornar atores estratégicos. Olhando para a trajetória das lideranças em Belo Horizonte, vemos que elas não se tornam atores estratégicos, quer dizer, promotores da ação coletiva, do dia para a noite. As lideranças que entraram na segunda e terceira onda de expansão do campo iniciaram sua trajetória como ativistas comuns, indo a protestos e tomando parte nas atividades de algum dos movimentos do campo; mas elas foram com o tempo aprendendo com outras lideranças, mais experientes, a construir ação coletiva. Depois de algum tempo participando de protestos e de algum dos movimentos, esses ativistas passaram eles mesmos a planejar e construir seus próprios movimentos sociais. Mas a trajetória anterior foi fundamental para que elas pudessem obter confiança, fonte de recursos e o conhecimento necessários para a construção de novos atores coletivos. No caso das lideranças da primeira onda, o processo para elas se tornarem atores estratégicos também não foi espontâneo. Essas lideranças aprenderam a fazer ação coletiva à medida que as manifestações iam acontecendo. Dá até para dizer que elas tinham algumas habilidades sociais anteriormente ao surgimento do campo, mas elas foram refinando essas habilidades à medida que os eventos políticos iam

desenrolando.

Sobre o processo de expansão em ondas, nas quais são criados novos atores coletivos, ele nos leva a pensar sobre a adequação da TCAE para explicar a formação dos campos de ação estratégica. A TCAE não presta muita atenção ao processo de constituição dos atores coletivos ao longo da formação dos campos. Ela coloca os atores coletivos quase que como elementos prontos antes do campo se formar. Fica também subentendido que os atores coletivos são criados a partir da ação dos atores estratégicos, mas esse processo não fica inteiramente claro. No principal texto sobre a TCAE, (FLIGSTEIN; MCADAM, 2012) deixam parecer que os atores coletivos existiriam antes mesmo do processo de mobilização emergente ter início. Dessa forma, os atores coletivos existiriam antes do próprio campo. Isso não faz sentido e se choca com os achados empíricos acerca da origem do campo de ativismo da nova direita em BH.

Nossos dados mostram que não dá para pensar a formação de um campo sem abordar a dinâmica pela qual os atores coletivos (nesse caso, movimentos sociais) se formam. O campo em BH se formou ao mesmo tempo em que os movimentos sociais se formaram. À medida que os movimentos iam sendo criados, eles iam também estabelecendo laços sociais entre si, interagindo para organizar os protestos de rua, para pensar estratégias para combater a esquerda, etc.; enfim, o espaço em que eles atuavam (campo) também ia se formando.

Isso nos leva a refletir também sobre como os três mecanismos inclusos no processo de mobilização emergente se encaixam na dinâmica de constituição dos atores coletivos; já que, no presente caso de pesquisa, campos e movimentos se formam simultaneamente. Nossas análises permitem ver como a Atribuição de oportunidades, a Ação coletiva inovadora e a Apropriação social são também mecanismos constituidores das dinâmicas de ação coletiva que dão origem aos movimentos sociais. Os atores estratégicos usaram as oportunidades políticas colocadas pela crise de legitimidade política e pela derrota da direita nas eleições de 2014 para criar o primeiro movimento do campo, o Indignados, e em seguida o MBL Minas. Esse gesto foi o momento de fundação do campo. Esses atores também usaram uma ação coletiva inovadora, os protestos de rua, para facilitar a criação dos novos movimentos. O mesmo se deu com a “apropriação” das redes sociais sociais *on-line* e *off-line* enquanto fonte de recursos para sustentar as dinâmicas de ação coletiva inovadoras. Por outro lado, todos esses mecanismos ajudaram a aumentar a interação e a construir ação coletiva entre os próprios movimentos sociais. Os protestos de rua auxiliaram a atrair atores individuais que integraram os novos movimentos, mas que também integraram o ambiente interno do campo como um todo.

Essa ideia de que os três mecanismos (processos de mobilização emergente) estão presentes na formação dos atores coletivos e do próprio campo - simultaneamente - ajuda a lidar com a falta de explicação que a TCAE tem para com o surgimento dos atores

coletivos. A formação dos atores coletivos envolve o surgimento de dinâmicas de ação coletiva que são sustentáveis ao longo do tempo, o que é justamente o tipo de dinâmica criada pelos processos de mobilização emergente.

No presente estudo de caso, percebemos também que, além dos três mecanismos colocados pela TCAE, existe um quarto mecanismo social envolvido nos processos de mobilização emergente: a divisão organizacional. A expansão inicial do campo, que se deu a partir da multiplicação dos atores coletivos, envolveu a quebra de organizações já prontas, o que serviu como base para a constituição dos novos movimentos sociais. As partes resultantes dessas quebras foram apropriadas pelos atores estratégicos como estruturas relacionais que ajudaram na construção de novos atores coletivos. Esse mecanismo se assemelha, de certa maneira, ao mecanismo de Apropriação social, já que há o uso de bases ou infra-estruturas organizacionais pré-existentes como fonte de recursos (humanos, financeiros, etc) que ajudam a sustentar novos processos de ação coletiva.

Ainda sobre o problema dos mecanismos sociais, é importante salientar que a TCAE peca em não definir o que é um mecanismo social. Isso é um defeito porque impossibilita que novos mecanismos sejam encontrados e até mesmo atrapalha na avaliação sobre a existência de um determinado mecanismo. A possibilidade de encontrar um quarto mecanismo social foi possível porque detalhamos um conceito de mecanismo, tendo como base a tradição de pesquisa sobre o conflito político, iniciada por Tilly e Tarrow (2015). Com base nesses autores, conceituamos mecanismos como padrões de interação entre elementos de um contexto social que podem ser encontrados em outros contextos semelhantes. Essa conceitualização permite que possamos analisar a presença de outros mecanismos no processo de formação de um campo de ação estratégica. Outros trabalhos que usam da TCAE também têm mostrado como faria bem à teoria detalhar melhor o conceito de mecanismo e abrir a possibilidade para que outras pesquisas possam encontrar outros mecanismos tanto no processo de mobilização que marca o início do campo, como nos processos posteriores, de estabilização e mudança dos campos.

O conceito de oportunidade da TCAE também apresenta alguns problemas. Esse conceito tem origem na Teoria das Oportunidades Políticas e na Teoria do Processo Político, tradições teóricas que influenciaram particularmente Doug McAdam. Nessas teorias, o termo mais usado para se referir a oportunidades é “oportunidades políticas”. Esse conceito foi muito criticado pela literatura e nunca chegou ser uma unanimidade. Na TCAE, o conceito de oportunidade é mal definido. Neste trabalho também não chegamos a precisar um conceito de oportunidades. Mas elaboramos uma classificação das oportunidades políticas que pode ser interessante para pensar o contexto de emergência dos campos, e que também seria uma contribuição teórica importante para a TCAE.

Na nossa pesquisa, identificamos dois tipos de oportunidades, ou melhor, duas fontes de oportunidades: oportunidades sistêmicas e oportunidades pontuais. A primeira é

um tipo de oportunidade mais estável ao longo do tempo de formação do campo. É causada por eventos cujos efeitos persistem no tempo. No caso do campo de ativismo da nova direita, essas oportunidades têm a ver com uma crise de legitimidade generalizada do nosso sistema político, e que atingiu principalmente a esquerda. Tal crise de legitimidade teve origem em mudanças que perpassaram três eventos históricos: as Jornadas de Junho de 2013, a Lava-Jato e a crise econômica pós-2014. O segundo tipo de fonte de oportunidades tem um caráter mais conjuntural, pontual. Ela é fruto de eventos específicos, que não perduram por muito tempo, como o episódio da entrega da Medalha da Inconfidência, a Greve dos caminhoneiros, etc.

Essa diferenciação entre oportunidades sistêmicas e pontuais reflete na forma como os atores estratégicos reagem às mudanças que vem de fora do campo. Nos discursos desses atores as oportunidades que aparecem são sempre as oportunidades pontuais. Quer dizer, são os eventos específicos que são mais claramente vistos pelas lideranças enquanto oportunidades. As fontes de oportunidades de cunho mais sistêmica são menos elaboradas discursivamente enquanto oportunidades. Talvez porque essas fontes de oportunidades sejam vistas como algo normal daquele momento histórico e os atores acabem se acostumando a elas.

Para resumir, a TCAE apresenta pontos importantes para entender fenômenos como a fase mais avançada da nova direita brasileira. (1) Ela permite pensar a coexistência de uma multitude de atores coletivos diferentes em um mesmo espaço social; (2) ela permite captar de maneira mais densa o trabalho e impacto das lideranças de movimentos sociais, por meio do conceito de ator estratégico; (3) ela também traz conceitos interessantes para pensar a ação coletiva em contextos de ativismo político, conceitos como habilidade social, oportunidades, apropriação social, enquadramentos interpretativos, interesses e função existencial do social.

Outra parte desta tese desenvolveu um diálogo com a literatura nacional acerca da nova direita. Nesse sentido, um achado importante tem a ver com a influência que antigos campos de ativismo de direita tiveram sobre o surgimento e desenvolvimento da nova direita, tal como discutido por Rocha (2018). Nossa análise, nesse ponto, focou na influência que esses antigos espaços de ativismo tiveram sobre a emergência dos atores coletivos e individuais da nova direita em Belo Horizonte. Os dados mostram como, na verdade, esses novos atores (coletivos e individuais) não tiveram tanto contato com esses antigos espaços de ativismo de direita. A maior parte das lideranças do campo só entrou para o ativismo político, de fato, a partir de Junho de 2013. Já os movimentos sociais só surgiram a partir da eleição de 2014. Mas, em Belo Horizonte, alguns atores escapam a essa lógica: o MBL, que se originou a partir do Estudantes pela Liberdade, o qual, é fruto de mobilizações que remontam aos espaços de ativismo virtual ultraliberal dos anos 2000; e os grupos intervencionistas e olavistas já existiam na cidade desde antes de 2013.

Portanto, por um lado, encontramos dados que corroboram a hipótese da literatura de que o desenvolvimento da nova direita tem origens em espaços de ativismo de direita criados antes de 2013. Por outro lado, temos também dados que mostram como essa não é a única leitura possível sobre a origem desse fenômeno: porque boa dos atores coletivos e individuais do campo surgiram apenas a partir de 2013, sem nenhum contato com esses antigos espaços de ativismo de direita. Usando de uma metáfora teatral, uma conclusão mais acurada é a de que o campo da nova direita em BH é um novo tipo de teatro, que mescla antigos e novos atores, mas com predominância desse segundo tipo. E esse teatro tem não só novos atores, como também novos tipos de atores (ou seja, movimentos sociais com capacidade para o ativismo de rua), e regras e repertórios de atuação novos, que não existiam nas comunidades virtuais de direita dos anos 2000. Para resumir, nossos dados não negam a fotografia colocada pela literatura, mas acrescentam novos detalhes a ela; na medida em que mostram como a nova direita é composta também por novíssimos elementos, que não tem origens em (ou não tiveram contato com) antigos espaços de ativismo de direita brasileiros.

Um segundo ponto desse debate com a literatura nacional tem a ver com o amálgama ideológico que seria uma característica da nova direita. Segundo [Rocha \(2018\)](#), a nova direita seria fruto, dentre outras coisas, de um amálgama ideológico entre conservadorismo moral e ultraliberalismo econômico. Nesse ponto, não procuramos testar se esse amálgama foi um dos fatores que causaram a nova direita, mas sim aprofundar o entendimento sobre como ele se dá. Nossos dados mostram, primeiro, que esse amálgama não é homogêneo entre os atores, mas desigual, instável e conflitivo. Segundo, encontramos indícios de que os valores e pautas conservadoras têm uma preponderância no campo, em termos do número de atores que aderem a eles. Sobre o caráter desigual e instável desse amálgama, mostramos como há uma divisão entre lideranças mais identificadas com o liberalismo e aquelas mais identificadas com o conservadorismo. Esse conflito se acentuou a partir da eleição de Jair Bolsonaro. Para aqueles atores mais identificados com o conservadorismo, ser de direita é sinônimo de “ser conservador”. Eles também dividem o liberalismo entre “liberalismo econômico” e “liberalismo nos costumes” e usam essa repartição em um discurso que busca aproximar aqueles atores do campo com perfil mais liberal, à esquerda. Por outro lado, os atores mais identificados com o liberalismo colocam as pautas conservadoras enquanto elementos secundários para definição do que é “ser de direita”. Eles também aproximam os conservadores da esquerda sob a justificativa de que ambos seriam “radicais”.

É importante ressaltar que a tese não analisou os acontecimentos do campo após o ano de 2020. De toda forma, nossos dados já previam um fenômeno visto em Belo Horizonte (e de certa forma no Brasil) no momento em que este capítulo é finalizado: a separação no campo entre grupos bolsonaristas (mais identificados com a identidade conservadora) e não-bolsonaristas - MBL Minas, Vem Pra Rua Minas, Brava Gente, etc. Essa separação parece ser uma tendência. Não coletamos dados para esse momento do

---

campo, mas pode ser que o campo esteja passando por um processo de divisão que venha a gerar dois novos campos de ativismo de direita. Todavia, com a possível volta do PT ao poder, é também possível que a rivalidade entre esses grupos se reduza e esses polos voltem a ter algum diálogo e a cooperarem entre si. Mas essa são apenas conjecturas.

De toda forma, esse campo de ativismo veio para ficar. Ao que tudo indica, ele será parte de nossa política por muitas décadas e será um polo de rivalidade com o campo de ativismo de esquerda dentro da nossa sociedade civil. Mas parte desse campo vem oferecendo um risco real à nossa Democracia. Os grupos mais conservadores e bolsonaristas têm demonstrado um total desprezo pelas instituições democráticas, se aventurando em protestos contra o STF e o sistema eleitoral estabelecido e pedidos de intervenção militar. Isso tem aberto a brecha para que a outra parte do campo no nível local - MBL Minas, Vem Pra Rua Minas, Brava Gente, etc. - se aproxime das forças políticas que compõem o *mainstream* político. Essa tem sido também uma oportunidade para que esses atores possam afirmar fidelidade com as bandeiras democráticas. Tal aproximação com as forças políticas tradicionais permite que parte desse campo vá perdendo seu fervor “revolucionário”, de mobilização visando mudanças radicais em nosso sistema político. À medida que esses grupos de direita anti-bolsonaristas passam por esse processo, aumenta a possibilidade de que a vida política volte à normalidade pré-2013. O único empecilho à isso são os grupos mais bolsonaristas, que parecem querer continuar a vivenciar a política em uma via mais radical, defendendo, inclusive, rupturas democráticas.

## Referências

- ALBUQUERQUE, A. de; CARVALHO, E. de M.; JR, M. A. dos S. Ciberativismo no brasil. *Cadernos Adenauer*, v. 15, n. 3, p. 75–95, 2015. Citado 2 vezes nas páginas 39 e 132.
- ALONSO, A.; MISCHÉ, A. Changing repertoires and partisan ambivalence in the new Brazilian protests. *Bulletin of Latin American Research*, v. 36, n. 2, p. 144–159, 2016. Citado 4 vezes nas páginas 36, 38, 72 e 75.
- ARANTES, R. B. Ministério público na fronteira entre a justiça e a política. *Justitia*, v. 64, n. 197, 2007. Citado 2 vezes nas páginas 78 e 79.
- ARANTES, R. B. Polícia federal e construção institucional. In: \_\_\_\_\_. *Corrupção e Sistema Político no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 99–132. Citado 3 vezes nas páginas 78, 79 e 80.
- ARMSTRONG, E. A.; BARTLEY, T. Social movement organizations. In: \_\_\_\_\_. *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*. Hoboken-NJ: John Wiley Sons, Ltd., 2007. p. 1–29. Citado na página 35.
- AVRITZER, L. *Impasses da Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. Citado 3 vezes nas páginas 89, 90 e 91.
- BAPTISTA Érica A. *Corrupção e opinião pública: O escândalo da Lava Jato no governo Dilma Rousseff*. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B6WGBG/1/tese\\_ericanita2017\\_dep.ufmg.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B6WGBG/1/tese_ericanita2017_dep.ufmg.pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2020. Citado 2 vezes nas páginas 77 e 78.
- BASOV, N.; NOOY, W. de; NENKO, A. Local meaning structures: mixed-method sociosemantic network analysis. *American Journal of Cultural Sociology*, 2019. Citado na página 182.
- BENFORD, R. D.; SNOW, D. A. Framing process and social movements: an overview and assessment. *Annu. Rev. Sociol.*, v. 26, p. 611–639, 2000. Citado 3 vezes nas páginas 71, 84 e 135.
- BURT, R. *Brokerage & Closure: An Introduction to Social Capital*. Oxford: Oxford University Press, 2005. Citado na página 193.
- CARVALHO, L. *Valsa brasileira: Do boom ao caos econômico*. São Paulo: Todavia, 2018. Citado 4 vezes nas páginas 69, 83, 84 e 89.
- CHALOUB, J.; PERLATTO, F. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. *Insight Inteligência*, n. 72, 2016. Citado na página 40.
- COELHO, E. C. *As profissões imperiais: Medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999. Citado na página 89.

CROSS, R.; PARKER, A.; SASSON, L. *Networks in Knowledge Economy*. Oxford: Oxford University Press, 2003. Citado 2 vezes nas páginas 190 e 191.

DIANI, M. Networks and social movements: a research program. In: \_\_\_\_\_. *Social Movement Analysis: the network perspectives*. Oxford: Oxford University Press, 2003. Citado na página 193.

DIAS, T. dos S. "É uma batalha de narrativas": os enquadramentos de ação coletiva em torno do impeachment de Dilma Rousseff no Facebook. Dissertação (Dissertação de Mestrado) — Universidade de Brasília, 2017. Citado na página 39.

DIMAGGIO, P. J.; POWELL, W. W. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. *American Sociological Review*, v. 48, n. 2, p. 147–160, 1983. Citado na página 52.

DOIMO, A. M. *A vez e a voz do popular: Movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1995. Citado 2 vezes nas páginas 85 e 175.

FLIGSTEIN, N.; MCADAM, D. *A Theory of Fields*. Oxford: Oxford University Press, 2012. Citado 8 vezes nas páginas 27, 41, 42, 52, 70, 84, 99 e 203.

GIOVANNETTI, L. F. L. *Inflação de serviços no Brasil: Pressão de demanda ou de custo?* Dissertação (Mestrado) — Escola de Economia de São Paulo, São Paulo, 2013. Citado na página 89.

GOHN, M. da G. Protestos nas ruas de São Paulo: de junho de 2013 ao pós impeachment de 2016- correntes e contracorrentes. *41º Encontro Anual da ANPOCs*, p. 1–13, 2017. Citado 2 vezes nas páginas 40 e 41.

GOODWIN, J.; JASPER, J. M.; POLLETTA, F. *Passionate Politics: Emotions and Social Movements*. Chicago: University of Chicago Press, 2012. Citado na página 71.

GOULD, R.; FERNANDEZ, R. M. Structures of mediation: a formal approach to brokerage in transactions networks. *Sociological Methodology*, v. 19, n. Issue 6, p. 89–126, 1989. Citado 3 vezes nas páginas 18, 193 e 194.

GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, v. 78, n. 6, p. 1360–1380, 1973. Citado na página 192.

GRIMMER, J.; STEWART, B. M. Text as data: The promise and pitfalls of automatic content analysis methods for political texts. *Political Analysis*, p. 1–35, 2013. Citado na página 182.

JR, M. A. dos S. Cartografia das redes da revolta: fluxos políticos de oposição radical no Facebook. *Contemporânea*, v. 12, n. 2, p. 106–120, 2014. Citado na página 132.

JUDENSNAIDER, E. et al. *20 Centavos: a Luta Contra o Aumento*. São Paulo: Veneta, 2017. Citado 4 vezes nas páginas 67, 68, 69 e 73.

KALIL, I. O. Notas sobre 'os fins da democracia?': etnografar protestos, manifestações e enfrentamentos políticos. *PONTO URBE*, v. 22, p. 1–6, 2018. Citado na página 39.

KAUPPINEN, I.; CANTWELL, B.; SLAUGHTER, S. Social mechanisms and strategic action fields: The example of the emergence of the European research area. *International Sociology*, v. 32, n. 6, 2017. Citado 3 vezes nas páginas 52, 53 e 59.

- KERCHE, F. Autonomia e discricionariedade do ministério público no brasil. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, v. 50, n. 2, p. 259–279, 2007. Citado na página 79.
- KERCHE, F. Ministério público, lava jato e mãos limpas: uma abordagem institucional. *Lua Nova*, v. 105, n. 2, p. 255–286, 2018. Citado 2 vezes nas páginas 79 e 80.
- KERSTENETZKY, C. L.; UCHÔA, C. Moradia inadequada, escolaridade insuficiente, crédito limitado: em busca da nova classe média. In: \_\_\_\_\_. *A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 16–32. Citado na página 84.
- KRACKHARDT, D. Cognitive social structures. *Social Networks*, v. 9, p. 109–134, 1987. Citado na página 190.
- LAZEGA, E. *The Collegial Phenomenon: the social mechanisms of cooperation among peers in a corporate law partnership*. Oxford: Oxford University Press, 2001. Citado na página 193.
- LYNCH, C. E. C. Ascensão, fastígio e declínio da revolução judiciária. *Insight Inteligência*, v. 79, p. 158–168, 2017. Citado na página 78.
- MARIANO, R. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos*, n. 44, p. 24–44, Março 1996. Citado na página 86.
- MARTIN, J. L. What is field theory? *American Journal of Sociology*, v. 109, n. 1, p. 1–49, 2003. Citado na página 52.
- MEDEIROS, M.; CASTRO, F. Ávila de. A composição da renda no topo da distribuição: evolução no Brasil entre 2006 e 2012, a partir de informações do imposto de renda. *Economia e Sociedade*, v. 27, n. 2, p. 577–605, 2018. Citado na página 82.
- MESSEMBERG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, p. 621–647, 2017. Citado na página 40.
- NERI, M. *A Nova Classe Média: o lado brilhante da pirâmide*. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010. Citado 3 vezes nas páginas 82, 83 e 84.
- NOOY, W. D.; MRVAR, A.; BATAGELJ, V. *Exploratory Networks Analysis with Pajek*. New York: Cambridge University Press, 2005. Citado 3 vezes nas páginas 190, 193 e 194.
- ORTELLADO, P.; SOLANO, E. Nova direita nas ruas? uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. *Perseu*, n. 11, p. 169–180, 2016. Citado na página 39.
- ORTELLADO, P.; SOLANO, E.; MORETTO, M. 2016: o ano da polarização? *Análise*, n. 22, p. 1–20, 2017. Citado na página 39.
- ORTELLADO, P.; SOLANO, E.; RIBEIRO, M. M. Uma sociedade polarizada. In: \_\_\_\_\_. *Por que gritamos golpe? : para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. Hoboken-NJ: Editora Boi Tempo, 2016. Citado na página 38.
- PINHEIRO-MACHADO, R. Luzes antropológicas ao obscurantismo: uma agenda de pesquisa sobre o “Brasil profundo” em tempos de crise. *Revista de antropologia da UFSCar*, v. 8, n. 2, p. 21–28, 2016. Citado na página 84.

- PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. Rolezinhos: marcas, consumo e segregação no brasil. *Revista de Estudos Culturais*, v. 1, n. 1, 2014. Citado na página 83.
- PINTO, C. R. J. A trajetória discursiva das manifestações de rua no brasil (2013-2015). *Lua Nova*, p. 119–153, 2017. Citado na página 40.
- POCHMANN, M. *Nova classe média?: O trabalho na base da pirâmide social brasileira*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015. Citado 2 vezes nas páginas 83 e 84.
- QUADROS, W. J. de; GIMENEZ, D. M.; ANTUNES, D. J. N. Afinal, somos um país de classe média? mercado de trabalho, renda e transformações sociais no brasil dos anos 2000. In: \_\_\_\_\_. *A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 32–42. Citado 3 vezes nas páginas 83, 84 e 89.
- QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos orais: do indizível ao dizível. *Revista Ciência e Cultura*, 1987. Citado 2 vezes nas páginas 58 e 96.
- REIS, B. P. W. Ministério publico, lava jato e mãos limpas: uma abordagem institucional. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 105, n. 2, p. 255–286, 2018. Citado 2 vezes nas páginas 80 e 81.
- ROCHA, C. Passando o bastão: a nova geração de liberais brasileiros. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2017. Citado 2 vezes nas páginas 51 e 93.
- ROCHA, C. “Menos Marx, mais Mises”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019-174426/publico/2018\\_CamilaRocha\\_VOOrig.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019-174426/publico/2018_CamilaRocha_VOOrig.pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2020. Citado 14 vezes nas páginas 28, 29, 37, 38, 54, 58, 72, 101, 106, 107, 133, 141, 205 e 206.
- ROCHA, C. “imposto é roubo!” a formação de um contrapúblico ultraliberal e os protestos pró-impeachment de dilma rousseff. *Dados*, v. 62, n. 3, p. 1–42, 2019. Citado na página 73.
- SALATA, A.; SCALON, C. Uma nova classe média no brasil da Última década? o debate a partir da perspectiva sociológica. *Revista Sociedade e Estado*, v. 27, n. 2, p. 387–407, 2012. Citado 3 vezes nas páginas 83, 90 e 91.
- SALLES, L. G. *Nova Direita ou Velha Direita com Wi-Fi?: Uma interpretação das articulações da “direita” na internet brasileira*. Dissertação (Dissertação de Mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Citado na página 38.
- SILGE, J.; ROBINSON, D. *Text Mining with R: A Tidy Approach*. Sebastopol: O’Reilly Media, 2017. Citado 2 vezes nas páginas 136 e 182.
- SINGER, A. *Os Sentidos do Lulismo: Reforma Gradual e Pacto Conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Citado 3 vezes nas páginas 83, 90 e 91.
- SINGER, A. Brasil, junho de 2013 classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos*, v. 97, p. 183–207, 2013. Citado na página 69.

- SOUZA, A. de; LAMOUNIER, B. *A Classe Média Brasileira: Ambições, Valores E Projetos De Sociedade*. Rio de Janeiro: CAMPUS - GRUPO ELSEVIER, 2010. Citado na página 83.
- SOUZA, J. *Os Batalhadores Brasileiros. Nova Classe Média ou Nova Classe Trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. Citado 2 vezes nas páginas 83 e 84.
- SOUZA, P. H. G. F. de. *A desigualdade vista do topo: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013*. Tese (Doutorado) — Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/22005>>. Acesso em: 09 fev. 2021. Citado 3 vezes nas páginas 82, 83 e 90.
- TARROW, S. Cycles of collective action: Between moments of madness and the repertoire of contention. *Social Science History*, v. 17, n. 2, p. 281–307, 1993. Citado 2 vezes nas páginas 65 e 66.
- TARROW, S. *Power in Movement Social Movements and Contentious Politics*. New York: Cambridge University Press, 2011. Citado 3 vezes nas páginas 65, 66 e 71.
- TATAGIBA, L.; GALVÃO, A. Os protestos no brasil em tempos de crise (2011-2016). *Opinião Pública*, v. 25, p. 63–96, 2019. Citado na página 41.
- TATAGIBA, L.; TRINDADE, T.; TEIXEIRA, A. C. C. Protestos à direita no brasil (2007-2015). In: \_\_\_\_\_. *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 197–212. Citado na página 40.
- TCQUEVILLE, A. de. *O Antigo Regime e a Revolução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. Citado 2 vezes nas páginas 69 e 84.
- TELLES, H. A direita vai às ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protesto antigoverno. *Ponto e Vírgula*, n. 19, p. 97–125, 2016. Citado na página 39.
- TILLY, C.; TARROW, S. *Contentious Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2015. Citado 4 vezes nas páginas 53, 58, 75 e 204.
- WHITE, H. C. *Identity and Control: How Social Formations Emerge*. [S.l.]: Princeton University Press, 2008. Citado na página 46.
- ZOLBERG, A. R. Moments of madness. *Politics Society*, v. 2, p. 183–207, 1972. Citado na página 65.

# Apêndices

# APÊNDICE A – Código em R para captura de dados do Twitter

```

1  ## install rtweet from CRAN
2  #install.packages("rtweet")
3
4  ## load rtweet package
5  library(rtweet)
6
7  # Set directory ----
8  setwd("C:\\Users\\alexandre_pichilinga\\Documents\\1_tese_de_doutorado\\twitter
   ↪ \\following")
9
10
11 # -----
12
13
14 ## saidabolhaBRA <- Twitter do movimento Sai da Bolha.
15
16 ## get user IDs of accounts followed by mblmg
17 mblmg_fds <- get_friends("MBLivreMG")
18
19 ## lookup data on those accounts
20 mblmg_fds_data <- lookup_users(mblmg_fds$user_id)
21
22 saveRDS(mblmg_fds_data, file="mblmg.Rda")
23 saveRDS(mblmg_fds, file="simplemblmg.Rda")
24
25 #####
26 #####
27
28 dm_fds <- get_friends("direitaminas")
29
30 dm_fds_data <- lookup_users(dm_fds$user_id)
31
32 saveRDS(dm_fds_data, file="dm.Rda")
33 saveRDS(dm_fds, file="simpledm.Rda")
34
35 #####
36 #####
37
38 vpr_fds <- get_friends("vempraruaminas")
39
40 vpr_fds_data <- lookup_users(vpr_fds$user_id)
41
42 saveRDS(vpr_fds_data, file="vpr.Rda")
43 saveRDS(vpr_fds, file="simplevpr.Rda")
44
45 #####
46 #####
47

```

```
48 cea_fds <- get_friends("conservadorEM")
49
50 cea_fds_data <- lookup_users(cea_fds$user_id)
51
52 saveRDS(cea_fds_data, file="cea.Rda")
53 saveRDS(cea_fds, file="simplecea.Rda")
54
55 #####
56 #####
57
58 nmg_fds <- get_friends("novomg")
59
60 nmg_fds_data <- lookup_users(nmg_fds$user_id)
61
62 saveRDS(nmg_fds_data, file="nmg.Rda")
63 saveRDS(nmg_fds, file="simplenmg.Rda")
64
65 #####
66 #####
67
68 bras_fds <- get_friends("brasilerosbros")
69
70 bras_fds_data <- lookup_users(bras_fds$user_id)
71
72 saveRDS(bras_fds_data, file="bras.Rda")
73 saveRDS(bras_fds, file="simplebras.Rda")
74
75 #####
76 #####
77
78 mi_fds <- get_friends("MInconfidencia")
79
80 mi_fds_data <- lookup_users(mi_fds$user_id)
81
82 saveRDS(mi_fds_data, file="mi.Rda")
83 saveRDS(mi_fds, file="simplemi.Rda")
84
85
86 # -----
87
88
89 ## Coletando dados de timelines de v rios usu rios -----
90
91 mblmg_tl <- get_timeline("MBLivreMG", n = 3200)
92
93 dm_tl <- get_timeline("direitaminas", n = 3200)
94
95 vpr_tl <- get_timeline("vempraruaminas", n = 3200)
96
97 cea_tl <- get_timeline("conservadorEM", n = 3200)
98
99 nmg2_tl <- get_timeline("novomg", n = 3200)
100
101 bras_tl <- get_timeline("brasilerosbros", n = 3200)
102
103 mi_tl <- get_timeline("MInconfidencia", n = 3200)
104
```

```
105 sb_tl <- get_timeline("saidabolhaBRA", n = 3200)
106
107 ## Saving-----
108
109 setwd("C:\\Users\\alexandre_pichilinga\\Documents\\1_tese_de_doutorado\\twitter
    ↪ \\timeline")
110
111 saveRDS(mblmg_tl, file="mblmgmtl.Rda")
112
113 saveRDS(vpr_tl, file="vprtl.Rda")
114
115 saveRDS(dm_tl, file="dmtl.Rda")
116
117 saveRDS(cea_tl, file="ceatl.Rda")
118
119 saveRDS(nmg2_tl, file="nmg2tl.Rda")
120
121 saveRDS(bras_tl, file="brastl.Rda")
122
123 saveRDS(mi_tl, file="mitl.Rda")
124
125 saveRDS(sb_tl, file="sbt1.Rda")
126
127
128 # -----
129
130
131 ## Getting the favorites statuses -----
132
133 mblmg_fa <- get_favorites("MBLivreMG", n = 3000)
134 dm_fa <- get_favorites("direitaminas", n = 3000)
135 vpr_fa <- get_favorites("vempraruaminas", n = 3000)
136 cea_fa <- get_favorites("conservadorEM", n = 3000)
137 nmg_fa <- get_favorites("novomg", n = 3000)
138 bras_fa <- get_favorites("brasilerosbros", n = 3000)
139 mi_fa <- get_favorites("MInconfidencia", n = 3000)
140
141
142 ## Saving-----
143
144 setwd("C:\\Users\\alexandre_pichilinga\\Documents\\1_tese_de_doutorado\\twitter
    ↪ \\favorites")
145
146 saveRDS(mblmg_fa, file="mblmggfa.Rda")
147 saveRDS(vpr_fa, file="vprfa.Rda")
148 saveRDS(dm_fa, file="dmfa.Rda")
149 saveRDS(cea_fa, file="ceafa.Rda")
150 saveRDS(nmg_fa, file="nmgfa.Rda")
151 saveRDS(bras_fa, file="brasfa.Rda")
152 saveRDS(mi_fa, file="mifa.Rda")
153
154
155 # -----
156
157
158 ## Getting the followers ID -----
159
```

```
160 vpr_fo <- get_followers("somosindepend", n = 75000)
161 ## lookup data on those accounts
162 vpr_fo_data <- lookup_users(vpr_fo$user_id)
163 #@vempraruaminas se tornou @somosindepend
164
165 mblmg_fo <- get_followers("MBLivreMG", n = 75000)
166 ## lookup data on those accounts
167 mblmg_fo_data <- lookup_users(mblmg_fo$user_id)
168
169 dm_fo <- get_followers("direitaminas", n = 75000)
170 ## lookup data on those accounts
171 dm_fo_data <- lookup_users(dm_fo$user_id)
172
173 cea_fo <- get_followers("conservadoresen", n = 75000)
174 ## lookup data on those accounts
175 cea_fo_data <- lookup_users(cea_fo$user_id)
176 #conservadorEM se tornou conservadoresen
177
178 nmg_fo <- get_followers("novomg", n = 75000)
179 ## lookup data on those accounts
180 nmg_fo_data <- lookup_users(nmg_fo$user_id)
181
182 bras_fo <- get_followers("brasilerosbros", n = 75000)
183 ## lookup data on those accounts
184 bras_fo_data <- lookup_users(bras_fo$user_id)
185
186 mi_fo <- get_followers("MInconfidencia", n = 75000)
187 ## lookup data on those accounts
188 mi_fo_data <- lookup_users(mi_fo$user_id)
189
190 sb_fo <- get_followers("saidabolhaBRA", n = 75000)
191 ## lookup data on those accounts
192 sb_fo_data <- lookup_users(sb_fo$user_id)
193
194 dbh_fo <- get_followers("direitabhOFC", n = 75000)
195 ## lookup data on those accounts
196 dbh_fo_data <- lookup_users(dbh_fo$user_id)
197
198 ## Saving-----
199
200 setwd("C:\\Users\\alexandre_pichilinga\\Documents\\1_tese_de_doutorado\\twitter
    ↪ \\timeline_agosto_2020_2")
201
202 saveRDS(mblmg_fo, file="mblmgfo.Rda")
203 saveRDS(vpr_fo, file="vprfo.Rda")
204 saveRDS(dm_fo, file="dmfo.Rda")
205 saveRDS(cea_fo, file="ceafo.Rda")
206 saveRDS(nmg_fo, file="nmgfo.Rda")
207 saveRDS(bras_fo, file="brasfo.Rda")
208 saveRDS(mi_fo, file="mifo.Rda")
209 saveRDS(sb_fo, file="sbfo.Rda")
210 saveRDS(dbh_fo, file="dbhfo.Rda")
211
212 saveRDS(mblmg_fo_data, file="mblmgfo_data.Rda")
213 saveRDS(vpr_fo_data, file="vprfo_data.Rda")
214 saveRDS(dm_fo_data, file="dmfo_data.Rda")
215 saveRDS(cea_fo_data, file="ceafo_data.Rda")
```

```
216 saveRDS(nmg_fo_data, file="nmgfo_data.Rda")
217 saveRDS(bras_fo_data, file="brasfo_data.Rda")
218 saveRDS(mi_fo_data, file="mifo_data.Rda")
219 saveRDS(sb_fo_data, file="sbfo_data.Rda")
220 saveRDS(dbh_fo_data, file="dbhfo_data.Rda")
221
222 # -----
```

# APÊNDICE B – Código em R

## para construção das redes de palavra

```

1 library(textclean)
2 library(abjutils)
3 library(tidyverse)
4 library("qdapRegex")
5 library(igraph)
6 library(ggraph)
7 library(tm)
8 library(widyr)
9 library(tidytext)
10 library(ggplot2)
11 library(openxlsx)
12
13
14 # -----
15
16 # Abrindo stopwords ----
17 setwd("C:\\Users\\alexandre_pichilinga\\Documents\\1_tese_de_doutorado\\twitter"
18     ↪ )
19 stopwords <- readRDS("stopwords_ideoscal_seguidores.Rda")
20
21 # -----
22
23 # Definindo diretório ----
24 setwd("C:\\Users\\alexandre_pichilinga\\Documents\\1_tese_de_doutorado\\twitter
25     ↪ \\followers_atualizado1")
26
27 ## Direita Minas ----
28 dmfo_pd <- readRDS("dmfo_data.Rda")
29 dm_c75 <- dmfo_pd[,75]
30
31 ## MBL minas
32 mblfo_pd <- readRDS("mblgmfo_data.Rda")
33 mbl_c75 <- mblfo_pd[,75]
34
35 ## Novo
36 nfo_pd <- readRDS("nmgfo_data.Rda")
37 n_c75 <- nfo_pd[,75]
38
39 ## Vem pra rua
40 vpr_pd <- readRDS("vprfo_data.Rda")
41 vpr_c75 <- vpr_pd[,75]
42
43 cea_pd <- readRDS("ceafo_data.Rda")
44 cea_c75 <- cea_pd[,75]

```

```

44
45 mi_pd <- readRDS("mifo_data.Rda")
46 mi_c75 <- mi_pd[,75]
47
48 bras_pd <- readRDS("brasfo_data.Rda")
49 bras_c75 <- bras_pd[,75]
50
51 sb_pd <- readRDS("sbfo_data.Rda")
52 sb_c75 <- sb_pd[,75]
53
54 ###
55 # 2. Salvando
56 ###
57
58 banco_description_perfil_seguidores <- bind_rows(bras_c75, cea_c75, dm_c75, mbl_
  ↪ c75,
59
60
61                               mi_c75, n_c75, sb_c75, vpr_c75)
62
63 setwd("C:\\Users\\alexandre_pichilinga\\Documents\\1_tese_de_doutorado\\twitter"
  ↪ )
64 write.xlsx(banco_description_perfil_seguidores, "banco_description_perfil_
  ↪ seguidores.xlsx")
65
66 saveRDS(banco_description_perfil_seguidores, file = "banco_description_perfil_
  ↪ seguidores.Rda")
67
68 ###
69 # 3. Limpando banco
70 ###
71
72 stopwords_2 <- as.data.frame(stopwords)
73
74 stopwords_2 <- stopwords_2 %>%
75   mutate(stopwords = as.character(stopwords)) %>%
76   rename("word"=stopwords)
77
78 pd <- banco_description_perfil_seguidores %>%
79   mutate(description_2 = rm_accent(description),
80           description_2 = str_replace_all(description_2, "[[:punct:]]", " "),
81           description_2 = str_replace_all(description_2, "[^[:alnum:]]", " "),
82           description_2 = rm_emoticon(description_2),
83           description_2 = rm_non_words(description_2),
84           description_2 = replace_emoji(description_2),
85           description_2 = removeNumbers(description_2),
86           description_2 = removeWords(description_2, stopwords("portuguese")))
  ↪ %>%
87   select(description_2)
88
89 ###
90 # 4. Rede de bigrams
91 ###
92
93 pd_bigrams <- pd %>%
94   unnest_tokens(bigram, description_2, token = "ngrams", n = 2)
95
96 bigrams_separated <- pd_bigrams %>%

```

```

96   separate(bigram, c("word1", "word2"), sep = "_")
97
98   bigrams_separated_2 <- bigrams_separated %>%
99     anti_join(stopwords_2, by = c("word1"="word"))
100  bigrams_separated_3 <- bigrams_separated_2 %>%
101    anti_join(stopwords_2, by = c("word2"="word"))
102
103  bigrams_counts <- bigrams_separated_3 %>%
104    count(word1, word2, sort = TRUE)
105
106  # filter for only relatively common combinations
107  bigram_graph <- bigrams_counts %>%
108    filter(n > 50) %>%
109    graph_from_data_frame()
110
111  set.seed(2017)
112
113  ggraph(bigram_graph, layout = "fr") +
114    geom_edge_link() +
115    geom_node_point() +
116    geom_node_text(aes(label = name), vjust = 1, hjust = 1)
117
118  # Rede transparente ----
119
120  set.seed(2016)
121
122  a <- grid::arrow(type = "closed", length = unit(.15, "inches"))
123
124  ggraph(bigram_graph, layout = "fr") +
125    geom_edge_link(aes(edge_alpha = 1), show.legend = FALSE,
126                  arrow = a, end_cap = circle(.07, 'inches')) +
127    geom_node_point(color = "lightblue", size = 5) +
128    geom_node_text(aes(label = name), vjust = 1, hjust = 1) +
129    theme_void()
130
131  # -----
132
133  ###
134  # 4. Rede palavras a partir da coocorrência
135  ###
136
137  linhas <- list(1:21143)
138  linhas_2 <- as.data.frame(linhas)
139  linhas_3 <- linhas_2 %>%
140    rename("numero_da_linha"=X1.21143)
141
142  pd_2 <- pd %>%
143    bind_cols(linhas_3)
144
145  pd_3 <- pd_2 %>%
146    unnest_tokens(word, description_2)
147
148  pd_4 <- pd_3 %>%
149    anti_join(stopwords_2, by = "word")
150
151  title_word_pairs <- pd_4 %>%
152    pairwise_count(word, numero_da_linha, sort = TRUE)

```

```

153
154 # Saving network with 50 coocurrence
155 rede_palavras_v50 <- title_word_pairs %>%
156   filter(n >= 50)
157 rede_palavras_v50_2 <- rede_palavras_v50 %>%
158   select(-n)
159
160 nomes_primeira_coluna <- rede_palavras_v50 %>%
161   select(item1)
162 nomes_segunda_coluna <- rede_palavras_v50 %>%
163   select(item2) %>%
164   rename("item1"=item2)
165
166 nomes_vertices <- nomes_primeira_coluna %>%
167   bind_rows(nomes_segunda_coluna)
168
169 nomes_vertices_2 <- nomes_vertices %>%
170   mutate(duplicados = duplicated(item1)) %>%
171   filter(duplicados==FALSE)
172
173 seq <- seq(1:66) %>%
174   as.data.frame() %>%
175   rename("seq"='.')
176
177 nomes_vertices_3 <- nomes_vertices_2 %>%
178   bind_cols(seq) %>%
179   select(-duplicados)
180
181 rede_palavras_v100_3 <- rede_palavras_v50_2 %>%
182   left_join(nomes_vertices_3, by="item1") %>%
183   left_join(nomes_vertices_3, by=c("item2"="item1"))
184
185
186 rede_palavras_pd_v50 <- graph.data.frame(rede_palavras_v50_2, directed = FALSE,
  ↪ vertices = nomes_vertices_2)
187
188 plot(rede_palavras_pd_v150, vertex.size=0,02, vertex.label=NA,
189   edge.arrow.size=0.003)
190
191 setwd("C:\\Users\\alexandre_pichilinga\\Documents\\1_tese_de_doutorado\\twitter
  ↪ \\rede_palavras\\rede_palavras_pd2019_v50")
192 write.graph(rede_palavras_pd_v50, "rede_palavras_pd2019_v50.net", format = "
  ↪ pajek")
193 write.xlsx(rede_palavras_v50, "tabela_coocorrencia_pd_la_os_mais_valorados_50v.
  ↪ xlsx")
194 write.xlsx(rede_palavras_v100_3, "rede_palavras_v50_2.xlsx")
195 write.xlsx(nomes_vertices_3, "nomes_vertices_3.xlsx")
196 # -----
197
198 # Continuando com a rede de coocorr ncia...
199 set.seed(1234)
200
201 title_word_pairs %>%
202   filter(n >= 100) %>%
203   graph_from_data_frame() %>%
204   ggraph(layout = "fr") +
205   geom_edge_link(aes(edge_alpha = n, edge_width = n), edge_colour = "cyan4") +

```

```

206 geom_node_point(size = 2) +
207 geom_node_text(aes(label = name), repel = TRUE,
208               point.padding = unit(0.02, "lines")) +
209 theme_void()
210
211
212 # =====
213 # #####
214 # ## ===== ##
215 # ## = REDE DA = ##
216 # ## = TIMELINE DOS MOVIMENTOS = ##
217 # ## ===== ##
218 # #####
219 # =====
220
221
222 # Definindo diret rio ----
223 setwd("C:\\Users\\alexandre_pichilinga\\Documents\\1_tese_doutorado\\twitter
    ↪ \\timeline_setembro_2019")
224
225 ## Direita Minas ----
226 dmtl <- readRDS("dmtl.Rda")
227 dm_c75 <- dmtl %>%
228   select(screen_name, created_at, text)
229
230 ## MBL minas
231 mbltl <- readRDS("mblgmtl.Rda")
232 mbl_c75 <- mbltl %>%
233   select(screen_name, created_at, text)
234
235 ## Novo
236 ntl <- readRDS("nmgmtl.Rda")
237 n_c75 <- ntl %>%
238   select(screen_name, created_at, text)
239
240 ## Vem pra rua
241 vprtl <- readRDS("vprtl.Rda")
242 vpr_c75 <- vprtl %>%
243   select(screen_name, created_at, text)
244
245 ceatl <- readRDS("ceatl.Rda")
246 cea_c75 <- ceatl %>%
247   select(screen_name, created_at, text)
248
249 mitl <- readRDS("mitl.Rda")
250 mi_c75 <- mitl %>%
251   select(screen_name, created_at, text)
252
253 brastl <- readRDS("brastl.Rda")
254 bras_c75 <- brastl %>%
255   select(screen_name, created_at, text)
256
257 sbtl <- readRDS("sbt1.Rda")
258 sb_c75 <- sbtl %>%
259   select(screen_name, created_at, text)
260
261 ###

```

```

262 # 2. Salvando
263 ###
264
265 banco_timeline_movimentos <- bind_rows(bras_c75, cea_c75, dm_c75, mbl_c75,
266                                         mi_c75, n_c75, sb_c75, vpr_c75)
267
268 setwd("C:\\Users\\alexandre_pichilinga\\Documents\\1_tese_de_doutorado\\twitter"
269       ↪ )
270
271 openxlsx::write.xlsx(banco_timeline_movimentos, "banco_timeline_movimentos.xlsx"
272                     ↪ )
273
274 saveRDS(banco_timeline_movimentos, file = "banco_timeline_movimentos.Rda")
275
276 ###
277 # 3. Limpando banco
278 ###
279
280 stopwords_2 <- as.data.frame(stopwords)
281
282
283 stopwords_2 <- stopwords_2 %>%
284   mutate(stopwords = as.character(stopwords)) %>%
285   rename("word"=stopwords)
286
287
288 pd <- banco_timeline_movimentos %>%
289   mutate(created_at = as.Date(created_at, format = "%d/%m/%Y"),
290          text_2 = str_remove_all(text, pattern = 'https://t.co/[a-z,A-Z,0-9]*'),
291          text_2 = str_remove_all(text_2, pattern = 'http://t.co/[a-z,A-Z,0-9]*')
292          ↪ ,
293          text_2 = rm_accent(text_2),
294          text_2 = str_replace_all(text_2, "[[:punct:]]", " "),
295          text_2 = str_replace_all(text_2, "[^[:alnum:]]", " "),
296          text_2 = rm_emoticon(text_2),
297          text_2 = rm_non_words(text_2),
298          text_2 = replace_emoji(text_2),
299          text_2 = removeNumbers(text_2),
300          text_2 = removeWords(text_2, stopwords("portuguese"))) %>%
301   select(screen_name, created_at, text_2)
302
303
304 ###
305 # 4. Rede de coocorrência: 2019
306 ###
307
308 pd_2019 <- pd %>%
309   filter( created_at >= "2019/01/01")
310
311 # -----
312
313 linhas <- list(1:7626)
314
315 linhas_2 <- as.data.frame(linhas)
316
317 linhas_3 <- linhas_2 %>%
318   rename("numero_da_linha"=X1.7626)
319
320
321 pd_2 <- pd_2019 %>%
322   bind_cols(linhas_3)
323
324
325 pd_3 <- pd_2 %>%
326   unnest_tokens(word, text_2)

```

```
316
317 pd_4 <- pd_3 %>%
318   anti_join(stopwords_2, by = "word")
319
320 title_word_pairs <- pd_4 %>%
321   pairwise_count(word, numero_da_linha, sort = TRUE)
322
323 set.seed(1234)
324
325 title_word_pairs %>%
326   filter(n >= 40) %>%
327   graph_from_data_frame() %>%
328   ggraph(layout = "fr") +
329   geom_edge_link(aes(edge_alpha = n, edge_width = n), edge_colour = "cyan4") +
330   geom_node_point(size = 2) +
331   geom_node_text(aes(label = name), repel = TRUE,
332                 point.padding = unit(0.02, "lines")) +
333   theme_void()
334
335
336 ###
337 # 5. Rede de coocorrência: Abril a final de 2018
338 ###
339
340 # 7 de Abril o último dia para filiar o partido
341 pd_2018 <- pd %>%
342   filter(created_at >= "2018/04/07" & created_at <= "2018/12/31")
343
344 linhas <- list(1:2792)
345 linhas_2 <- as.data.frame(linhas)
346 linhas_3 <- linhas_2 %>%
347   rename("numero_da_linha"=X1.2792)
348
349 pd_2 <- pd_2018 %>%
350   bind_cols(linhas_3)
351
352 pd_3 <- pd_2 %>%
353   unnest_tokens(word, text_2)
354
355 pd_4 <- pd_3 %>%
356   anti_join(stopwords_2, by = "word")
357
358 title_word_pairs <- pd_4 %>%
359   pairwise_count(word, numero_da_linha, sort = TRUE)
360
361 set.seed(1234)
362
363 title_word_pairs %>%
364   filter(n >= 15) %>%
365   graph_from_data_frame() %>%
366   ggraph(layout = "fr") +
367   geom_edge_link(aes(edge_alpha = n, edge_width = n), edge_colour = "cyan4") +
368   geom_node_point(size = 2) +
369   geom_node_text(aes(label = name), repel = TRUE,
370                 point.padding = unit(0.02, "lines")) +
371   theme_void()
372
```

```
373
374 ###
375 # 6. Rede de coocorrência: antes de maio de 2018
376 ###
377
378 pd_2017 <- pd %>%
379   filter(created_at <= "2018/04/07")
380
381 linhas <- list(1:2483)
382 linhas_2 <- as.data.frame(linhas)
383 linhas_3 <- linhas_2 %>%
384   rename("numero_da_linha"=X1.2483)
385
386 pd_2 <- pd_2017 %>%
387   bind_cols(linhas_3)
388
389 pd_3 <- pd_2 %>%
390   unnest_tokens(word, text_2)
391
392 pd_4 <- pd_3 %>%
393   anti_join(stopwords_2, by = "word")
394
395 title_word_pairs <- pd_4 %>%
396   pairwise_count(word, numero_da_linha, sort = TRUE)
397
398 set.seed(1234)
399
400 title_word_pairs %>%
401   filter(n >= 15) %>%
402   graph_from_data_frame() %>%
403   ggraph(layout = "fr") +
404   geom_edge_link(aes(edge_alpha = n, edge_width = n), edge_colour = "cyan4") +
405   geom_node_point(size = 2) +
406   geom_node_text(aes(label = name), repel = TRUE,
407                 point.padding = unit(0.02, "lines")) +
408   theme_void()
```

# APÊNDICE C – Código em R para o Escalonamento Ideológico e construção de nuvens de palavra

```

1 ##### Script ideological scaling perfis dos seguidores #####
2
3 ## Carregando pacotes
4 if(require(dplyr) == F) install.packages('dplyr'); require(dplyr);
5 if(require(stringr) == F) install.packages('stringr'); require(stringr);
6 if(require(tidytext) == F) install.packages('tidytext'); require(tidytext);
7 if(require(ggplot2) == F) install.packages('ggplot2'); require(ggplot2);
8 if(require(quanteda) == F) install.packages('quanteda'); require(quanteda);
9 if(require(scales) == F) install.packages('scales'); require(scales);
10 if(require(tidyr) == F) install.packages('tidyr'); require(tidyr);
11 if(require(tm) == F) install.packages('tm'); require(tm);
12 library(textclean)
13 library(abjutils)
14 library(tidyverse)
15 library("qdapRegex")
16 library(igraph)
17 library(ggraph)
18 library(tm)
19 library(widyr)
20 library(tidytext)
21 library(ggplot2)
22 library(openxlsx)
23
24 # Abrindo stopwords ----
25 setwd("C:\\Users\\alexandre_pichilinga\\Documents\\1_tese_de_doutorado\\twitter"
26     ↪ )
27 stopwords <- readRDS("stopwords_ideoscal_seguidores.Rda")
28
29 # Definindo diretório ----
30 setwd("C:\\Users\\alexandre_pichilinga\\Documents\\1_tese_de_doutorado\\twitter"
31     ↪ "\\followers_atualizado1")
32
33 # -----
34
35 ## Direita Minas ----
36 dmfo_pd <- readRDS("dmfo_data.Rda")
37
38 dm_c75 <- dmfo_pd[,75]
39
40 dm_c75 <- dm_c75 %>%
41   mutate(description_2 = rm_accent(description),
42          description_2 = str_replace_all(description_2, "[[:punct:]]", " "),
43          description_2 = str_replace_all(description_2, "[^[:alnum:]]", " "),

```

```

44     description_2 = rm_emoticon(description_2),
45     description_2 = rm_non_words(description_2),
46     description_2 = replace_emoji(description_2),
47     description_2 = removeNumbers(description_2),
48     description_2 = removeWords(description_2, stopwords("portuguese"))
    ↪ %>%
49   select(description_2)
50
51 ## Tentanto tirar urls, pontua es, etc com o pacote tm ----
52 corpus_dm1 <- Corpus(VectorSource(dm_c75))
53
54 corpus_dm1 <- tm_map(corpus_dm1, removePunctuation)
55 corpus_dm1 <- tm_map(corpus_dm1, removeNumbers)
56 corpus_dm1 <- tm_map(corpus_dm1, tolower)
57 removeURL <- function(x) {
58   gsub("http[[:alnum:][:punct:]]*", "", x)
59 }
60 corpus_dm1 <- tm_map(corpus_dm1, removeURL)
61 tt <- function(x) gsub("RT_|via", "", x)
62 corpus_dm1 <- tm_map(corpus_dm1, tt)
63 emlPat <- function(x) gsub("\\b[A-Za-z0-9._-]*[@](.*?)[.]{1,3}\\b", "", x)
64 corpus_dm1 <- tm_map(corpus_dm1, emlPat)
65 corpus_dm1 <- tm_map(corpus_dm1, stripWhitespace)
66
67 chunk <- 500
68 n <- length(stopwords)
69 r <- rep(1:ceiling(n/chunk), each=chunk)[1:n]
70 d <- split(stopwords, r)
71
72 for (i in 1:length(d)) {
73   corpus_dm1 <- tm_map(corpus_dm1, removeWords, c(paste(d[[i]])))
74 }
75
76
77 # M todo 1: transformando novamente em dataframe ----
78 df_corpusdm1 <- data.frame(text = get("content", corpus_dm1))
79
80
81 #-----
82 #
83
84 ## MBL minas
85 mblfo_pd <- readRDS("mblgmgfo_data.Rda")
86
87 mbl_c75 <- mblfo_pd[,75]
88
89 mbl_c75 <- mbl_c75 %>%
90   mutate(description_2 = rm_accent(description),
91     description_2 = str_replace_all(description_2, "[[:punct:]]", "_"),
92     description_2 = str_replace_all(description_2, "[^[:alnum:]]", "_"),
93     description_2 = rm_emoticon(description_2),
94     description_2 = rm_non_words(description_2),
95     description_2 = replace_emoji(description_2),
96     description_2 = removeNumbers(description_2),
97     description_2 = removeWords(description_2, stopwords("portuguese")))
    ↪ %>%
98   select(description_2)

```

```

99
100 ## Tentanto tirar urls, pontua es, etc com o pacote tm ----
101 corpus_mbl1 <- Corpus(VectorSource(mbl_c75))
102 corpus_mbl1 <- tm_map(corpus_mbl1, removePunctuation)
103 corpus_mbl1 <- tm_map(corpus_mbl1, removeNumbers)
104 corpus_mbl1 <- tm_map(corpus_mbl1, tolower)
105 corpus_mbl1 <- tm_map(corpus_mbl1, removeURL)
106 tt <- function(x) gsub("RT_|via", "", x)
107 corpus_mbl1 <- tm_map(corpus_mbl1, tt)
108 emlPat <- function(x) gsub("\\b[A-Za-z0-9._-]*@[.*?]{1,3}\\b", "", x)
109 corpus_mbl1 <- tm_map(corpus_mbl1, emlPat)
110 corpus_mbl1 <- tm_map(corpus_mbl1, stripWhitespace)
111
112 chunk <- 500
113 n <- length(stopwords)
114 r <- rep(1:ceiling(n/chunk), each=chunk)[1:n]
115 d <- split(stopwords, r)
116
117 for (i in 1:length(d)) {
118   corpus_mbl1 <- tm_map(corpus_mbl1, removeWords, c(paste(d[[i]])))
119 }
120
121 # M todo 1: transformando novamente em dataframe ----
122 df_corpusmbl1 <- data.frame(text = get("content", corpus_mbl1))
123
124 #-----
125 #
126
127 ## Novo
128 nfo_pd <- readRDS("nmgfo_data.Rda")
129
130 n_c75 <- nfo_pd[,75]
131
132 n_c75 <- n_c75 %>%
133   mutate(description_2 = rm_accent(description),
134           description_2 = str_replace_all(description_2, "[[:punct:]]", "_"),
135           description_2 = str_replace_all(description_2, "[^[:alnum:]]", "_"),
136           description_2 = rm_emoticon(description_2),
137           description_2 = rm_non_words(description_2),
138           description_2 = replace_emoji(description_2),
139           description_2 = removeNumbers(description_2),
140           description_2 = removeWords(description_2, stopwords("portuguese")))
141   ↪ %>%
142   select(description_2)
143 ## Tentanto tirar urls, pontua es, etc com o pacote tm ----
144 corpus_n1 <- Corpus(VectorSource(n_c75))
145
146 corpus_n1 <- tm_map(corpus_n1, removePunctuation)
147 corpus_n1 <- tm_map(corpus_n1, removeNumbers)
148 corpus_n1 <- tm_map(corpus_n1, tolower)
149 corpus_n1 <- tm_map(corpus_n1, removeURL)
150 tt <- function(x) gsub("RT_|via", "", x)
151 corpus_n1 <- tm_map(corpus_n1, tt)
152 emlPat <- function(x) gsub("\\b[A-Za-z0-9._-]*@[.*?]{1,3}\\b", "", x)
153 corpus_n1 <- tm_map(corpus_n1, emlPat)
154 corpus_n1 <- tm_map(corpus_n1, stripWhitespace)

```

```

155
156 chunk <- 500
157 n <- length(stopwords)
158 r <- rep(1:ceiling(n/chunk),each=chunk)[1:n]
159 d <- split(stopwords,r)
160
161 for (i in 1:length(d)) {
162   corpus_n1 <- tm_map(corpus_n1, removeWords, c(paste(d[[i]])))
163 }
164
165 # M todo 1: transformando novamente em dataframe ----
166 df_corpusn1 <- data.frame(text = get("content", corpus_n1))
167
168 #-----
169 #
170
171 ## Vem pra rua
172 vpr_pd <- readRDS("vprfo_data.Rda")
173
174 vpr_c75 <- vpr_pd[,75]
175
176 vpr_c75 <- vpr_c75 %>%
177   mutate(description_2 = rm_accent(description),
178           description_2 = str_replace_all(description_2, "[[:punct:]]", "_"),
179           description_2 = str_replace_all(description_2, "[^[:alnum:]]", "_"),
180           description_2 = rm_emoticon(description_2),
181           description_2 = rm_non_words(description_2),
182           description_2 = replace_emoji(description_2),
183           description_2 = removeNumbers(description_2),
184           description_2 = removeWords(description_2, stopwords("portuguese")))
185   ↪ %>%
186   select(description_2)
187
188 ## Tentanto tirar urls, pontua es, etc com o pacote tm ----
189 corpus_vpr1 <- Corpus(VectorSource(vpr_c75))
190
191 corpus_vpr1 <- tm_map(corpus_vpr1, removePunctuation)
192 corpus_vpr1 <- tm_map(corpus_vpr1, removeNumbers)
193 corpus_vpr1 <- tm_map(corpus_vpr1, tolower)
194 corpus_vpr1 <- tm_map(corpus_vpr1, removeURL)
195 tt <- function(x) gsub("RT_|via", "", x)
196 corpus_vpr1 <- tm_map(corpus_vpr1, tt)
197 emlPat <- function(x) gsub("\\b[A-Za-z0-9._-]*[@](.*?)[.]{1,3}\\b", "", x)
198 corpus_vpr1 <- tm_map(corpus_vpr1, emlPat)
199 corpus_vpr1 <- tm_map(corpus_vpr1, stripWhitespace)
200
201 chunk <- 500
202 n <- length(stopwords)
203 r <- rep(1:ceiling(n/chunk),each=chunk)[1:n]
204 d <- split(stopwords,r)
205
206 for (i in 1:length(d)) {
207   corpus_vpr1 <- tm_map(corpus_vpr1, removeWords, c(paste(d[[i]])))
208 }
209
210 # M todo 1: transformando novamente em dataframe ----
211 df_corpusvpr1 <- data.frame(text = get("content", corpus_vpr1))

```

```

211
212 #-----
213 #
214
215 cea_pd <- readRDS("ceafo_data.Rda")
216
217 cea_c75 <- cea_pd[,75]
218
219 cea_c75 <- cea_c75 %>%
220   mutate(description_2 = rm_accent(description),
221          description_2 = str_replace_all(description_2, "[[:punct:]]", "␣"),
222          description_2 = str_replace_all(description_2, "[^[:alnum:]]", "␣"),
223          description_2 = rm_emoticon(description_2),
224          description_2 = rm_non_words(description_2),
225          description_2 = replace_emoji(description_2),
226          description_2 = removeNumbers(description_2),
227          description_2 = removeWords(description_2, stopwords("portuguese")))
228   ↪ %>%
229   select(description_2)
230
231 ## Tentanto tirar urls, pontua es, etc com o pacote tm ----
232
233 corpus_cea1 <- Corpus(VectorSource(cea_c75))
234
235 corpus_cea1 <- tm_map(corpus_cea1, removePunctuation)
236 corpus_cea1 <- tm_map(corpus_cea1, removeNumbers)
237 corpus_cea1 <- tm_map(corpus_cea1, tolower)
238 removeURL <- function(x) {
239   gsub("http[[:alnum:]][[:punct:]]*", "", x)
240 }
241 corpus_cea1 <- tm_map(corpus_cea1, removeURL)
242 tt <- function(x) gsub("RT␣|via", "", x)
243 corpus_cea1 <- tm_map(corpus_cea1, tt)
244 emlPat <- function(x) gsub("\\b[A-Za-z0-9._␣-]*[@](.)*[.]{1,3}␣\\b", "", x)
245 corpus_cea1 <- tm_map(corpus_cea1, emlPat)
246 corpus_cea1 <- tm_map(corpus_cea1, stripWhitespace)
247
248 chunk <- 500
249 n <- length(stopwords)
250 r <- rep(1:ceiling(n/chunk), each=chunk)[1:n]
251 d <- split(stopwords, r)
252
253 for (i in 1:length(d)) {
254   corpus_cea1 <- tm_map(corpus_cea1, removeWords, c(paste(d[[i]])))
255 }
256
257 # M todo 1: transformando novamente em dataframe ----
258 df_corpusce1 <- data.frame(text = get("content", corpus_cea1))
259
260 #-----
261
262 mi_pd <- readRDS("mifo_data.Rda")
263
264 mi_c75 <- mi_pd[,75]
265
266 mi_c75 <- mi_c75 %>%
267   mutate(description_2 = rm_accent(description),
268          description_2 = str_replace_all(description_2, "[[:punct:]]", "␣"),

```

```

267     description_2 = str_replace_all(description_2, "[^[:alnum:]]", " "),
268     description_2 = rm_emoticon(description_2),
269     description_2 = rm_non_words(description_2),
270     description_2 = replace_emoji(description_2),
271     description_2 = removeNumbers(description_2),
272     description_2 = removeWords(description_2, stopwords("portuguese"))
    ↪ %>%
273   select(description_2)
274
275   ## Tentanto tirar urls, pontua es, etc com o pacote tm ----
276   corpus_mi1 <- Corpus(VectorSource(mi_c75))
277
278   corpus_mi1 <- tm_map(corpus_mi1, removePunctuation)
279   corpus_mi1 <- tm_map(corpus_mi1, removeNumbers)
280   corpus_mi1 <- tm_map(corpus_mi1, tolower)
281   removeURL <- function(x) {
282     gsub("http[[:alnum:]][:punct:]]*", "", x)
283   }
284   corpus_mi1 <- tm_map(corpus_mi1, removeURL)
285   tt <- function(x) gsub("RT_|via", "", x)
286   corpus_mi1 <- tm_map(corpus_mi1, tt)
287   emlPat <- function(x) gsub("\\b[A-Za-z0-9._-]*[@](.*?)[.]{1,3}\\b", "", x)
288   corpus_mi1 <- tm_map(corpus_mi1, emlPat)
289   corpus_mi1 <- tm_map(corpus_mi1, stripWhitespace)
290
291   chunk <- 500
292   n <- length(stopwords)
293   r <- rep(1:ceiling(n/chunk), each=chunk)[1:n]
294   d <- split(stopwords, r)
295
296   for (i in 1:length(d)) {
297     corpus_mi1 <- tm_map(corpus_mi1, removeWords, c(paste(d[[i]])))
298   }
299
300   # M todo 1: transformando novamente em dataframe ----
301   df_corpusmi1 <- data.frame(text = get("content", corpus_mi1))
302
303   #-----
304
305   bras_pd <- readRDS("brasfo_data.Rda")
306
307   bras_c75 <- bras_pd[,75]
308
309   bras_c75 <- bras_c75 %>%
310     mutate(description_2 = rm_accent(description),
311            description_2 = str_replace_all(description_2, "[[:punct:]]", " "),
312            description_2 = str_replace_all(description_2, "[^[:alnum:]]", " "),
313            description_2 = rm_emoticon(description_2),
314            description_2 = rm_non_words(description_2),
315            description_2 = replace_emoji(description_2),
316            description_2 = removeNumbers(description_2),
317            description_2 = removeWords(description_2, stopwords("portuguese")))
    ↪ %>%
318   select(description_2)
319
320   ## Tentanto tirar urls, pontua es, etc com o pacote tm ----
321   corpus_bras1 <- Corpus(VectorSource(bras_c75))

```

```

322
323 corpus_bras1 <- tm_map(corpus_bras1, removePunctuation)
324 corpus_bras1 <- tm_map(corpus_bras1, removeNumbers)
325 corpus_bras1 <- tm_map(corpus_bras1, tolower)
326 removeURL <- function(x) {
327   gsub("http[[:alnum:][:punct:]]*", "", x)
328 }
329 corpus_bras1 <- tm_map(corpus_bras1, removeURL)
330 tt <- function(x) gsub("RT_|via", "", x)
331 corpus_bras1 <- tm_map(corpus_bras1, tt)
332 emlPat <- function(x) gsub("\\b[A-Za-z0-9._-]*@[.(*)]{1,3}\\b", "", x)
333 corpus_bras1 <- tm_map(corpus_bras1, emlPat)
334 corpus_bras1 <- tm_map(corpus_bras1, stripWhitespace)
335
336 chunk <- 500
337 n <- length(stopwords)
338 r <- rep(1:ceiling(n/chunk), each=chunk)[1:n]
339 d <- split(stopwords, r)
340
341 for (i in 1:length(d)) {
342   corpus_bras1 <- tm_map(corpus_bras1, removeWords, c(paste(d[[i]])))
343 }
344
345 # M todo 1: transformando novamente em dataframe ----
346 df_corpusbras1 <- data.frame(text = get("content", corpus_bras1))
347
348 #-----
349
350 sb_pd <- readRDS("sbfo_data.Rda")
351
352 sb_c75 <- sb_pd[,75]
353
354 sb_c75 <- sb_c75 %>%
355   mutate(description_2 = rm_accent(description),
356           description_2 = str_replace_all(description_2, "[[:punct:]]", "_"),
357           description_2 = str_replace_all(description_2, "[^[:alnum:]]", "_"),
358           description_2 = rm_emoticon(description_2),
359           description_2 = rm_non_words(description_2),
360           description_2 = replace_emoji(description_2),
361           description_2 = removeNumbers(description_2),
362           description_2 = removeWords(description_2, stopwords("portuguese")))
363   ↪ %>%
364   select(description_2)
365
366 ## Tentanto tirar urls, pontua es, etc com o pacote tm ----
367 corpus_sb1 <- Corpus(VectorSource(sb_c75))
368
369 corpus_sb1 <- tm_map(corpus_sb1, removePunctuation)
370 corpus_sb1 <- tm_map(corpus_sb1, removeNumbers)
371 corpus_sb1 <- tm_map(corpus_sb1, tolower)
372 removeURL <- function(x) {
373   gsub("http[[:alnum:][:punct:]]*", "", x)
374 }
375 corpus_sb1 <- tm_map(corpus_sb1, removeURL)
376 tt <- function(x) gsub("RT_|via", "", x)
377 corpus_sb1 <- tm_map(corpus_sb1, tt)
378 emlPat <- function(x) gsub("\\b[A-Za-z0-9._-]*@[.(*)]{1,3}\\b", "", x)

```

```

378 corpus_sb1 <- tm_map(corpus_sb1, emlPat)
379 corpus_sb1 <- tm_map(corpus_sb1, stripWhitespace)
380
381 chunk <- 500
382 n <- length(stopwords)
383 r <- rep(1:ceiling(n/chunk),each=chunk)[1:n]
384 d <- split(stopwords,r)
385
386 for (i in 1:length(d)) {
387   corpus_sb1 <- tm_map(corpus_sb1, removeWords, c(paste(d[[i]])))
388 }
389
390 # M todo 1: transformando novamente em dataframe ----
391 df_corpusb1 <- data.frame(text = get("content", corpus_sb1))
392
393 #-----
394
395
396 ##### Ideological Scaling: wordfish #####
397
398
399 # N o usar brasfo e sbfo nessa an lise , porque eles t m pouco texto ou n o
    ↪ s o movimentos
400 x3 <- data.frame(df_corpusce1, df_corpusdm1,
401                 df_corpusmbl1, df_corpusvpr1, df_corpusmi1)
402
403 # Transpose: colunas viram linhas, pra isso deve-se transformar o df em matriz
    ↪ antes
404 x_t <- as.data.frame(t(as.matrix(x3)))
405
406 # Dando nome   colunas ----
407 colnames(x_t) <- c("word")
408
409 # Dando nome s  linhas ----
410 #rownames(x_t) <- c("cea", "dm", "mbl", "vpr", "novo", "mi")
411
412 #x_corp <- corpus(x_t)
413
414 # Transformando em Corpus usando o comando do pacote dm ----
415 x_corp <- Corpus(VectorSource(x_t$word))
416
417
418 # Tranformando em corpus com o comando do Quanteda, para a usar a
419 # fun   o dfm do Quanteda ----
420 x_corpq <- corpus(x_corp)
421
422 # Tansaformando em dfm com o Quanteda ----
423 x_dfm <- dfm(x_corpq)
424
425 # Aplicando o Wordfish ----
426 modwf_x2 <- textmodel_wordfish(x_dfm, dir = c(3,2))
427
428 summary(modwf_x2)
429
430 textplot_scale1d(modwf_x2)
431
432 textplot_scale1d(modwf_x2, margin = "features",

```

```

433         highlighted = c("bolsonaro", "conservador", "liberalismo", "
↳ liberdade",
434         "privatiza o", "pai", "m e",
435         "direita", "crist o", "familia", "cerim nia",
↳ "posse",
436         "liberal", "olavo", "mbltraidor",
437         "bolsonaropresidente", "ulstravive", "
↳ empreendedor",
438         "anticomunista", "antiesquerda",
439         "antipt", "antifeminista", "lavajato", "
↳ anticorrupt o",
440         "mbl", "mblivre", "bolsonarista", "brasil", "
↳ cristao", "catolico",
441         "olavista", "bolsonaronossopresidente", "livre"
↳ , "corrupt o",
442         "conservadora", "coordenador", "mblminas", "
↳ mblmg", "moro",
443         "catolica", "libera", "esposa", "marido", "
↳ casada",
444         "coordenador", "ativista", "crime", "deus", "
↳ olavotemrazao", "temrazao",
445         "olavodecarvalhotemrazao", "direitaunida"))
446
447 textplot_scaleid(modwf_x2, margin = "features",
448         highlighted = c("bolsonaro", "conservador", "liberalismo", "
↳ liberdade",
449         "privatiza o", "escolasempartido", "pai", "
↳ m e",
450         "direita", "crist o", "fam lia", "cerim nia"
↳ , "posse",
451         "olavotemraz o", "olavo", "mbltraidor",
452         "bolsonaropresidente", "ulstravive", "
↳ empres rio",
453         "economista", "advogado", "m dico", "
↳ empreendedor",
454         "patriota", "anticomunista", "antiesquerda",
455         "antifeminista", "lavajato", "anticorrupt o",
↳ "moro", "anti"))
456
457 ##### An lise de frequ ncia para construir nova STOPWORDS #####
458
459 #x_dfm_p2 <- x_dfm
460
461 #tstat_freq_p2 <- textstat_frequency(x_dfm_p2, n = 40000)
462
463 #tstat_freq_fea_p2 <- tstat_freq_p2[, "feature"]
464
465
466 # Construindo nova stopwords ----
467
468 # Usando fun o filter do pacote abaixo ----
469 #install.packages("stringr")
470 #library(stringr)
471
472 #tstat_freq_fea_p3 <- tstat_freq_fea_p2 %>%
473 # filter(str_detect(feature, "uf"))
474

```

```

475 #tstat_freq_fea_p4 <- tstat_freq_fea_p2 %>%
476 # filter(str_detect(feature, "kk"))
477
478
479 #new_stop_p3 <- rbind(tstat_freq_fea_p3, tstat_freq_fea_p4)
480 #colnames(new_stop_p3) <- c("word")
481
482
483 # Carregando stopwords ----
484 #load("C:\\Users\\alexandre pichilinga\\Documents\\curso text as data\\dados2\\
  ↪ stopWordsPTBRA.RData")
485
486 #stopWptBR <- stopW %>% str_trim() %>% tibble(word = .)
487
488 #new_stop <- data.frame(word = c(" ", "|", "voc ", "s ", "s o", "aqui", "pra
  ↪ ",
489 # "favor", " ", "and", "the", "i", "est ", "dia", "of",
490 # "in", "to", "is", "at ", "on", "d", "https", "t.co", "2",
491 # "4", "at", "ir", "n", "/n", "ufeuff", "uf"))
492
493 #stopWptBR <- rbind(stopWptBR, new_stop)
494
495
496 #stopWptBR2 <- rbind(stopWptBR, new_stop_p3)
497
498 #stopwords <- as.character(stopWptBR2$word)
499
500 #stopwords <- c(stopwords, stopwords())
501
502 #setwd("C:\\Users\\alexandre pichilinga\\Documents\\1_tese de doutorado\\twitter
  ↪ ")
503 #saveRDS(stopwords, file = "stopwords_ideoscal_seguidores.Rda")
504
505 ##### An lise de dist ncia
  ↪ #####
506
507 tstat_dist <- as.dist(textstat_dist(x_dfm))
508 user_clust <- hclust(tstat_dist)
509 plot(user_clust)
510
511
512 ##### An lise de frequ ncia
  ↪ #####
513
514 x_dfm %>%
515   textstat_frequency(n = 50) %>%
516   ggplot(aes(x = reorder(feature, frequency), y = frequency)) +
517   geom_point() +
518   coord_flip() +
519   labs(x = NULL, y = "Frequency") +
520   theme_minimal()
521
522 #
523 ## Frequ ncia para cada movimento ----
524 #
525
526 ##### CEA:

```

```
527 # Transformando com tm ----
528 cea_freq <- Corpus(VectorSource(df_corpusce1$text))
529
530 # Transformando em corpus com o comando do Quanteda, para a usar a
531 # fun o dfm do Quanteda ----
532 cea_freq2 <- corpus(cea_freq)
533
534 # Tansaformando em dfm com o Quanteda ----
535 cea_dfm <- dfm(cea_freq2)
536
537 cea_dfm %>%
538   textstat_frequency(n = 50) %>%
539   ggplot(aes(x = reorder(feature, frequency), y = frequency)) +
540   geom_point() +
541   coord_flip() +
542   labs(x = NULL, y = "Frequency") +
543   theme_minimal()
544
545 ##### DM:
546 # Transformando com tm ----
547 dm_freq <- Corpus(VectorSource(df_corpusdm1$text))
548
549 # Transformando em corpus com o comando do Quanteda, para a usar a
550 # fun o dfm do Quanteda ----
551 dm_freq2 <- corpus(dm_freq)
552
553 # Tansaformando em dfm com o Quanteda ----
554 dm_dfm <- dfm(dm_freq2)
555
556 dm_dfm %>%
557   textstat_frequency(n = 50) %>%
558   ggplot(aes(x = reorder(feature, frequency), y = frequency)) +
559   geom_point() +
560   coord_flip() +
561   labs(x = NULL, y = "Frequency") +
562   theme_minimal()
563
564 ##### MBL:
565 # Transformando com tm ----
566 mbl_freq <- Corpus(VectorSource(df_corpusmbl1$text))
567
568 # Transformando em corpus com o comando do Quanteda, para a usar a
569 # fun o dfm do Quanteda ----
570 mbl_freq2 <- corpus(mbl_freq)
571
572 # Tansaformando em dfm com o Quanteda ----
573 mbl_dfm <- dfm(mbl_freq2)
574
575 mbl_dfm %>%
576   textstat_frequency(n = 50) %>%
577   ggplot(aes(x = reorder(feature, frequency), y = frequency)) +
578   geom_point() +
579   coord_flip() +
580   labs(x = NULL, y = "Frequency") +
581   theme_minimal()
582
583
```

```

584
585 ##### VPR:
586 # Transformando com tm ----
587 vpr_freq <- Corpus(VectorSource(df_corpusvpr1$text))
588
589 # Transformando em corpus com o comando do Quanteda, para a usar a
590 # fun o dfm do Quanteda ----
591 vpr_freq2 <- corpus(vpr_freq)
592
593 # Transformando em dfm com o Quanteda ----
594 vpr_dfm <- dfm(vpr_freq2)
595
596 vpr_dfm %>%
597   textstat_frequency(n = 50) %>%
598   ggplot(aes(x = reorder(feature, frequency), y = frequency)) +
599   geom_point() +
600   coord_flip() +
601   labs(x = NULL, y = "Frequency") +
602   theme_minimal()
603
604
605 ##### novo:
606 # Transformando com tm ----
607 n_freq <- Corpus(VectorSource(df_corpusn1$text))
608
609 # Transformando em corpus com o comando do Quanteda, para a usar a
610 # fun o dfm do Quanteda ----
611 n_freq2 <- corpus(n_freq)
612
613 # Transformando em dfm com o Quanteda ----
614 n_dfm <- dfm(n_freq2)
615
616 n_dfm %>%
617   textstat_frequency(n = 50) %>%
618   ggplot(aes(x = reorder(feature, frequency), y = frequency)) +
619   geom_point() +
620   coord_flip() +
621   labs(x = NULL, y = "Frequency") +
622   theme_minimal()
623
624 ##### mulheres da inconfidncia:
625 # Transformando com tm ----
626 mi_freq <- Corpus(VectorSource(df_corpusmi1$text))
627
628 # Transformando em corpus com o comando do Quanteda, para a usar a
629 # fun o dfm do Quanteda ----
630 mi_freq2 <- corpus(mi_freq)
631
632 # Transformando em dfm com o Quanteda ----
633 mi_dfm <- dfm(mi_freq2)
634
635 mi_dfm %>%
636   textstat_frequency(n = 50) %>%
637   ggplot(aes(x = reorder(feature, frequency), y = frequency)) +
638   geom_point() +
639   coord_flip() +
640   labs(x = NULL, y = "Frequency") +

```

```
641   theme_minimal()
642
643 ##### Nuvem de palavras
644   ↪ #####
645 library(wordcloud)
646 pal <- brewer.pal(8,"Dark2")
647
648 set.seed(132)
649 textplot_wordcloud(x_dfm, max_words = 100, colors=pal)
650 #
651 ## Nuvem de palavra por movimento ----
652 #
653
654 set.seed(132)
655 textplot_wordcloud(cea_dfm, max_words = 100, colors=pal)
656
657 set.seed(132)
658 textplot_wordcloud(dm_dfm, max_words = 100, colors=pal)
659
660 set.seed(132)
661 textplot_wordcloud(mbl_dfm, max_words = 100, colors=pal)
662
663 set.seed(132)
664 textplot_wordcloud(vpr_dfm, max_words = 100, colors=pal)
665
666 set.seed(132)
667 textplot_wordcloud(n_dfm, max_words = 100, colors=pal)
668
669 set.seed(132)
670 textplot_wordcloud(mi_dfm, max_words = 100, colors=pal)
671
672 ##### Diversidade lexical
673   ↪ #####
674 tstat_lexdiv <- textstat_lexdiv(x_dfm)
675 tail(tstat_lexdiv, 5)
676
677 plot(tstat_lexdiv$TTR, type = 'l', xaxt = 'n', xlab = NULL, ylab = "TTR")
678 grid()
679 axis(1, at = seq_len(nrow(tstat_lexdiv)))
```

# APÊNDICE D – Questionário com perguntas para guiar entrevista semi-estruturada

## D.0.1 Roteiro com perguntas orientadoras:

**A - Entrada no ativismo e percepção sobre a própria condição de ativista:**

1. Você se considera um ativista político?
2. Como você se tornou um ativista político?
3. Você participou dos protestos de Junho de 2013?
4. Qual era sua experiência de ativismo ou como era seu envolvimento com a política antes de 2013?
5. Você participou de comunidades de debate político no Orkut? Quando você conheceu figuras como Olavo de Carvalho e Bolsonaro?

**B - Participação política e trajetória de afiliação a grupos e eventos de ativismo após 2013:**

1. De quais grupos de ativismo ou movimentos sociais você participou desde 2013?
2. Fale um pouco dos eventos de protesto que você participou desde 2013?
3. As pessoas com quem você costuma se relacionar para tratar de assuntos políticos participam de algum movimento ou grupo de ativismo?

**C - Engajamento on-line:**

1. Você usa muito as mídias sociais para organizar protestos, divulgar suas ideias políticas e fazer ativismo de uma forma geral?
2. Você já criou páginas, grupos ou perfis em mídias sociais com a finalidade de expressar sua opinião política ou de fazer campanha por alguma causa política?

3. Quais páginas e perfis de cunho político você mais acompanha no Facebook atualmente? Em 2013, quais eram as páginas que você mais acompanhava?
4. E em 2016, durante os protestos pelo impeachment, quais páginas você mais acompanhava?
5. Você acha que houve uma mudança nos tipos de páginas com conteúdo político que você vem acompanhando nos últimos anos?

**D - Percepção sobre a dinâmica e o posicionamento dentro do "campo patriota":**

1. De quais movimentos e grupos políticos você se sente mais próximo? Quais mais representam sua forma de enxergar a política brasileira hoje?
2. Quais páginas de Facebook ou canais de YouTube mais representam sua ideologia ou opinião política?
3. E quais movimentos ou páginas de direita que menos te representam?
4. Como você se sente em relação ao governo Bolsonaro? Acha que vai dar certo?

**E - Discursos, pautas políticas e enquadramentos interpretativos:**

1. Você se considera de direita? Por que?
2. Para você, quais são os maiores problemas do Brasil hoje? E como resolvê-los?
3. Para você, o que significa ser liberal e ser conservador? E se fosse para se encaixar em um desses dois termos, quais deles você escolheria?

# APÊNDICE E – Questionário Sociométrico

## E.0.1 1 - Geradores de nomes:

São três geradores, o primeiro é voltado para o movimento do qual a liderança entrevistada faz parte; já o segundo e terceiro geradores são voltados para outros movimentos.

- **Gerador 1:**

Você é um militante político e participa ativamente de movimentos sociais, correto? Pensando no movimento do qual você mais participa, gostaria que pensasse nas pessoas desse movimento com as quais você mais interagiu diariamente nos últimos 5 anos para tratar de assuntos relacionados à sua militância política. Liste de 2 a 4 nomes.

- **Gerador 2:**

Agora gostaria que você falasse sobre o quanto você interagiu com ativistas de outros movimentos. Sabemos que quando é preciso construir grandes protestos é sempre bom e, às vezes, necessário estabelecer relações com lideranças e ativistas de outros movimentos para facilitar a coordenação das atividades a serem realizadas no dia dos protestos. Bem, pensando nos grandes protestos que você e seu movimento ajudaram a organizar nos últimos 5 anos em BH, quem foram as lideranças e ativistas de outros movimentos que você mais procurou para conversar, buscar apoio e coordenar as atividades nos dias dos protestos? Liste de 4 a 8 nomes.

- **Gerador 3:**

Nos últimos anos você participou de muitos protestos em Belo Horizonte, não é verdade? Alguns desses protestos foram tão grandes que vários movimentos participaram de sua organização, movimentos como o Vem Pra Rua, o MBL, o Direita Minas, dentre muitos outros. Gostaria que você me falasse quem foram os ativistas de outros movimentos que você considera que foram os mais importantes para tornar possível a construção desses protestos. Liste de 5 a 10 nomes.

## **E.0.2 2 - Questão para obter informações sobre as relações entre os alteres**

A pergunta foi aplicada a cada par de alteres:

Pergunta: Pensando nos últimos 5 anos, o quanto “A” interagia com “B” visando organizar protestos ou outras iniciativas que tinham como objetivo defender seus ideais políticos (por exemplo, reuniões ou ações nas mídias sociais)? Interagia...

1. muito
2. pouco
3. nada

## **E.0.3 3 - Interpretador de nomes**

Pergunta: Agora, gostaria que você me respondesse algumas questões sobre essas pessoas.

1. Qual o nome e sobrenome de X?
2. X é ligada a algum movimento, grupo de ativismo ou partido político? Quais?
3. X ocupa algum cargo oficial nesse movimento ou partido? Qual?
4. Desde que ano X se envolve com política, ou seja, desde quando ele participa de movimentos sociais, ajuda a organizar protestos, etc?
5. Você sabe qual é a profissão de X?
6. Qual a idade de X?
  - menos de 18 anos
  - entre 18 e 30 anos
  - entre 30 e 45 anos
  - entre 45 e 60 anos
  - mais de 60 anos

# Índice

sinopse de capítulo, 63, 96, 200, 214, 219,  
227, 240, 242